



Universidade do Algarve

Portugal vs Cabo Verde, uma experiência de vida.

Comparação entre a Realidade Escolar em Cabo Verde e Portugal.

Paula Alexandra Correia Felícia

Relatório de Atividade Profissional

Mestrado em Ensino de Matemática no 3º Ciclo do Ensino Básico e no
Ensino Secundário

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Professora Doutora Maria da Graça Marques

2013



Universidade do Algarve

Portugal vs Cabo Verde, uma experiência de vida.

Comparação entre a Realidade Escolar em Cabo Verde e Portugal.

Paula Alexandra Correia Felícia

Relatório de Atividade Profissional

Mestrado em Ensino de Matemática no 3º Ciclo do Ensino Básico e no
Ensino Secundário

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Professora Doutora Maria da Graça Marques

2013

Portugal vs Cabo Verde, uma experiência de vida.

Comparação entre a Realidade Escolar em Cabo Verde e Portugal.

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

A handwritten signature in blue ink that reads "Paula Alexandra Correia Felícia". The signature is written in a cursive style with some capital letters.

© Paula Felícia 2013

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

Este relatório, embora seja referente à minha experiência como professora, corresponde na verdade a um trabalho onde muitas pessoas se encontram envolvidas e sem elas o mesmo não faria sentido. Daí querer aproveitar para prestar os meus sinceros agradecimentos a todos os que tornaram possível este projeto.

Em primeiro lugar um grande Obrigada à Professora Doutora Maria da Graça, pelo seu profissionalismo, inteligência, disciplina e também amizade pois sem ela este projeto seria sem dúvida muito mais difícil de realizar.

Gostaria também de agradecer a todos os meus alunos, tanto da Ribeira Brava como de Portugal, bem como ao Senhor Diretor da Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva, Amílcar Barreto Ramos, pela ajuda fundamental e pelo tempo que trabalhamos e convivemos juntos.

Queria agradecer aos meus pais, pois sem eles os meus estudos nunca teriam atingido este nível, mais a compreensão e ajuda em todos os momentos que precisei.

Um grande obrigada ao meu avô José António Rebelo Felícia, um avô muito especial.

Um beijinho de agradecimento ao Professor João Costa que me ajudou a ultrapassar as dificuldades sentidas aquando da tradução do resumo.

Não poderia esquecer de agradecer ao Hugo Sousa, namorado e amigo, que tanto me apoiou e incentivou nesta nova etapa da minha vida.

Por fim, queria agradecer aos meus amigos, cabo-verdianos e portugueses, em especial à Ana Couto e Elsa Ferreira, pelos bons e maus momentos, pelo apoio em horas difíceis e pela compreensão mútua que tivemos umas pelas outras num período “diferente” da nossa vida e principalmente pela amizade que sempre durará.

RESUMO

Professora. Foi uma profissão que apareceu na minha vida sem muito pensar. Os anos de universidade foram passando e o estágio pedagógico foi chegando. Sempre pensei que fosse relativamente fácil lidar com crianças e que ensinar não seria difícil. No entanto, quando ingressei na realidade escolar, descobri que um professor é mais do que um profissional de ensino capaz de transmitir conhecimentos.

O sentido de ser professor foi-se revelando ao longo da minha vida mas foram os anos que lecionei em Cabo Verde que me desvendaram outra realidade. Como professora, tive que me adaptar a uma nova cultura, no tempo e no espaço, nos comportamentos e nas atitudes, respeitando não só a individualidade e o contexto sócio cultural de cada aluno bem como de toda a comunidade. E foi em torno desta experiência profissional fora do país que surgiu o tema deste relatório. É inevitável não falar da experiência em São Nicolau (uma pequena ilha de Cabo Verde). E sempre que este tema emerge vem na sequência de uma comparação com a escola de Portugal ou com alguma situação que apareceu no momento.

Início o relatório com uma secção introdutória onde, numa primeira fase, irei fazer uma descrição da minha pessoa seguindo-se o contexto do meu concurso, toda a logística relativa à seleção de candidatos bem como a chegada a Cabo Verde. Seguidamente, irei abordar vários temas relativos à experiência de lecionar fora do país, tais como a caracterização do meio envolvente, caracterização das turmas, preparação do ano letivo, planificação de aulas e avaliação, tanto dos alunos como dos professores, estabelecendo sempre uma conexão com a nossa realidade em Portugal.

Palavras-chave: São Nicolau, Alunos, Turma, Planificação de Aulas, Atividades Extra Curriculares, Avaliação.

ABSTRACT

Teacher. Was a profession that appeared in my life without much thinking. The University years were passing and pedagogic stage was coming. Always thought it was relatively easy to deal with children and teach would not be difficult. However, when I actually joined the school, I discovered that a teacher is more than a professional education capable of transmitting knowledge.

The sense of being a professor was revealing in my life but were the years that I taught in Cape Verde that I unveiled another reality. As a teacher, I had to adapt to a new culture in time and space, in behavior and attitudes, respecting not only individuality and socio cult perspective of each student as well as the entire community. And it was around this professional experience outside the country which emerged the theme of this report. Is inevitable doesn't speak from experience on São Nicolau (a small island of Cape Verde). And whenever this theme emerges comes following a comparison with the school of Portugal or any situation which appeared at the time.

The report with an introductory section where, as a first step, I will make a description of my person followed by the context of my contest, all the logistics concerning the selection of candidates as well as the arrival in Cape Verde. Then, I will address various topics relating to the experience of teaching abroad, such as the characterization of the surroundings, characterization of classes, preparation of the academic year, planning and evaluation, both students and teachers, establishing a connection with our reality in Portugal.

Keywords: São Nicolau, Students, class, planning of lessons, Extra Curricular Activities, evaluation.

ÍNDICE

| | |
|---|------|
| AGRADECIMENTOS | I |
| RESUMO | II |
| ABSTRACT | III |
| ÍNDICE | IV |
| LISTA DE FIGURAS | V |
| LISTA DE TABELAS | VII |
| LISTA DE ANEXOS..... | VIII |
| LISTA DE ABREVIATURAS | X |
| CAPITULO 1 – INTRODUÇÃO..... | 1 |
| CAPÍTULO 2 – CARATERIZAÇÃO DO MEIO | 5 |
| 2.1 – CABO VERDE VS PORTUGAL | 5 |
| 2.2 – SÃO NICOLAU E VILA DA RIBEIRA BRAVA VS PORTIMÃO | 7 |
| 2.3 – ESCOLA VS ESCOLA | 15 |
| CAPITULO 3 – AO LONGO DO ANO LETIVO | 22 |
| 3.1 – CARATERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO NO ENSINO SECUNDÁRIO | 22 |
| 3.2 – PREPARAÇÃO DO ANO LETIVO..... | 24 |
| 3.3 – CARGO DE DIRETOR DE TURMA | 38 |
| 3.4 – CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS | 43 |
| 3.5 – PLANIFICAÇÃO DAS AULAS DIÁRIAS..... | 45 |
| 3.6 – ATIVIDADES EXTRA CURRICULARES | 51 |
| CAPÍTULO 4 – AVALIAÇÃO | 65 |
| 4.1 – AVALIAÇÃO DOS ALUNOS | 65 |
| 4.2 – AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES..... | 73 |
| CAPÍTULO 5 – RELAÇÃO COM A COMUNIDADE ENVOLVENTE | 83 |
| CAPÍTULO 6 – EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL..... | 85 |
| CAPÍTULO 7 – CONCLUSÃO | 87 |
| CAPITULO 8 – BIBLIOGRAFIA | 89 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1 – AVIÃO PRAIA – SÃO NICOLAU..... | 3 |
| FIGURA 2 – ILHAS DE CABO VERDE..... | 5 |
| FIGURA 3 - BANDEIRA DE PORTUGAL | 6 |
| FIGURA 4 – BANDEIRA DE CABO VERDE..... | 6 |
| FIGURA 5 – ILHA DE SÃO NICOLAU | 7 |
| FIGURA 6 – BRASÃO MUNICÍPIO DA RIBEIRA BRAVA | 7 |
| FIGURA 7 – VILA DA RIBEIRA BRAVA – “STANXA” | 8 |
| FIGURA 8 – SEMINÁRIO - LICEU..... | 8 |
| FIGURA 9 – IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO | 8 |
| FIGURA 10 – ESTAÇÃO DE CORREIOS | 9 |
| FIGURA 11 – BIBLIOTECA MUNICIPAL | 9 |
| FIGURA 12 – CONCELHO DE PORTIMÃO | 9 |
| FIGURA 13 – BRASÃO DA CIDADE DE PORTIMÃO | 10 |
| FIGURA 14 – PENSÃO JARDIM – SÃO NICOLAU | 10 |
| FIGURA 15 – HOSPITAL DE SÃO NICOLAU | 12 |
| FIGURA 16 – ESCOLA SECUNDÁRIA BALTAZAR LOPES DA SILVA..... | 15 |
| FIGURA 17 – EXEMPLO DAS MÁQUINAS DE CALCULAR USADAS | 47 |
| FIGURA 18 – UMA SALA DE AULA NA ESBLs..... | 47 |
| FIGURA 19 - EXEMPLO DE UMA FICHA DE TRABALHO ESBLs | 49 |
| FIGURA 20 - EXEMPLO DE UMA IMAGEM PARA COLAR NO CADERNO DIÁRIO..... | 49 |
| FIGURA 21 – EXEMPLO DE UM CARTÃO DE ELEMENTO | 53 |
| FIGURA 22 – EXEMPLO DE UM CARTÃO DE EQUIPA..... | 54 |
| FIGURA 23 – EXEMPLO DO JOGO PARA O 1º CICLO | 55 |
| FIGURA 24 – “OS NÚMEROS” PARA O 1º CICLO | 56 |
| FIGURA 25 – EXEMPLO DE UM GRUPO DE PROVÉRBIOS PARA ORDENAR | 57 |
| FIGURA 26 - TANGRAM | 57 |
| FIGURA 27 – PUZZLE GEOMÉTRICO..... | 58 |
| FIGURA 28 – JOGO DO COPO | 58 |
| FIGURA 29 – JOGO CORRIDA DE SACOS | 58 |
| FIGURA 30 – JOGO DA BOLACHA/FARINHA | 58 |
| FIGURA 31 - PÚBLICO..... | 58 |
| FIGURA 32 – COLABORAÇÃO DOS COLEGAS | 59 |
| FIGURA 33 – AJUDAR NO QUESTIONÁRIO | 59 |
| FIGURA 34 – QUESTIONÁRIO 2005/2006 | 61 |
| FIGURA 35 – ATORES GRUPO “ZÉ PAKOFI” | 62 |
| FIGURA 36 - BASTIDORES..... | 62 |

| | |
|---|----|
| FIGURA 37 – MAQUILHAGEM 1 | 62 |
| FIGURA 38 – MAQUILHAGEM 2 | 62 |
| FIGURA 39 – “COMERÁS OVOS” | 63 |
| FIGURA 40 – “ARCO-ÍRIS” | 63 |
| FIGURA 41 – “A MÍMICA” | 63 |
| FIGURA 42 - PÚBLICO..... | 63 |
| FIGURA 43 – FRENTE DO ROSTO DA ATA ESPAA | 69 |
| FIGURA 44 – EXEMPLO DE UMA ATA ESBLs | 71 |
| FIGURA 45 – EXEMPLO DA PAUTA APENAS PARA A DISCIPLINA DE MATEMÁTICA | 72 |
| FIGURA 46 – DOCUMENTO DE AVALIAÇÃO DOCENTE EM VIGOR EM CABO VERDE | 77 |
| FIGURA 47 – DECLARAÇÃO DE AVALIAÇÃO E TEMPO DE SERVIÇO - ESBLs | 79 |
| FIGURA 48 - CARTA DE RENOVAÇÃO DE CONTRACTO ESBLs..... | 80 |
| FIGURA 49 – RAINHA/DAMAS E CARRO ALEGÓRICO DE CARNAVAL | 83 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| TABELA 1 - ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A DIREÇÃO DAS DUAS ESCOLAS | 16 |
| TABELA 2 - ORGANOGRAMA DO SISTEMA EDUCATIVO EM CABO VERDE..... | 18 |
| TABELA 3 – TABELA COMPARATIVA DO NÚMERO DE ALUNOS | 19 |
| TABELA 4 – ESTUDO COMPARATIVO DO SISTEMA EDUCATIVO E SUA ORGANIZAÇÃO..... | 23 |
| TABELA 5 – COMPARAÇÃO CALENDÁRIO ESCOLAR | 25 |
| TABELA 6 – EXEMPLO DE UMA TABELA E GRÁFICO - PERCENTAGEM DE NEGATIVAS DO 3º TRIMESTRE POR ANO E TURMA NA DISCIPLINA DE MATEMÁTICA | 26 |
| TABELA 7 - EXEMPLO DE UMA TABELA E GRÁFICO - PERCENTAGEM DE NEGATIVAS DO 3º TRIMESTRE NO 11º ANO E POR TURMAS NAS VÁRIAS DISCIPLINAS..... | 27 |
| TABELA 8 - PLANIFICAÇÃO ANUAL DE MATEMÁTICA DAS UNIDADES TEMÁTICAS..... | 30 |
| TABELA 9 – PLANIFICAÇÃO POR UNIDADE..... | 31 |
| TABELA 10 – DOSEAMENTO SEMANAL PARA O 1º CICLO | 34 |
| TABELA 11 – PLANIFICAÇÃO 1º PERÍODO ESPAA | 37 |
| TABELA 12 – QUESTIONÁRIO APLICADO NA ESBLs | 39 |
| TABELA 13 – FALTAS INJUSTIFICADAS ESBLs..... | 40 |
| TABELA 14 – COMPARAÇÃO DAS PERCENTAGENS ATRIBUÍDAS AOS DIFERENTES DOMÍNIOS | 65 |
| TABELA 15 – FICHA DE AVALIAÇÃO INTERCALAR ESBLs | 67 |
| TABELA 16 – FICHA DE INFORMAÇÃO INTERCALAR ESPAA | 68 |

LISTA DE ANEXOS

| | |
|--|-----|
| ANEXO 1 – REGULAMENTO INTERNO DA ESCOLA SECUNDÁRIA BALTAZAR LOPES DA SILVA | 90 |
| ANEXO 2 – HORÁRIOS ESBLs PROF. PAULA FELÍCIA 2005/2006 E 2006/2007 | 101 |
| ANEXO 3 – HORÁRIO ESPAA PROF. PAULA FELÍCIA 2010/2011 | 102 |
| ANEXO 4 – CALENDÁRIO ESCOLAR CABO VERDE 2010/2011 | 103 |
| ANEXO 5 – PLANIFICAÇÃO ANUAL ATÉ AO TESTE INTERMÉDIO JANEIRO 2011, ESPAA | 104 |
| ANEXO 6 – PLANO ANUAL DE ATIVIDADES ESBLs | 108 |
| ANEXO 7 – FICHA ESTATÍSTICA DE TURMA – ENSINO SECUNDÁRIO, ESBLs..... | 113 |
| ANEXO 8 – ESTUDO DA TURMA 7ºE, ESBLs..... | 116 |
| ANEXO 9 – GRELHA DE FALTAS – MENSAL, ESBLs | 122 |
| ANEXO 10 – REGISTO FALTAS DE ATRASO E MATERIAL, ESBLs | 124 |
| ANEXO 11– ESTUDO DA TURMA 10ºI, ESPAA | 127 |
| ANEXO 12 – GRELHA DOS TEMPOS LETIVOS SEMANAIS, ESPAA | 133 |
| ANEXO 13 – OPERACIONALIZAÇÃO DO PIT, ESPAA | 134 |
| ANEXO 14 – PIT - PLANIFICAÇÃO, ESPAA..... | 135 |
| ANEXO 15 – PIT - ACOMPANHAMENTO, ESPAA..... | 136 |
| ANEXO 16 – PIT - AVALIAÇÃO, ESPAA | 137 |
| ANEXO 17 – EXEMPLO DE UM GUIÃO PARA REUNIÃO EE, ESPAA..... | 138 |
| ANEXO 18 – RELATÓRIO CRÍTICO DE DT – ESPAA..... | 140 |
| ANEXO 19 – EXEMPLO DE LISTAS DE ALUNOS, ESBLs..... | 147 |
| ANEXO 20 – EXEMPLO DO JOGO, ESBLs | 148 |
| ANEXO 21 – EXEMPLO DE FICHAS DE TRABALHO, ESBLs | 149 |
| ANEXO 22 – EXEMPLO DE UMA APRESENTAÇÃO EM MICROSOFT POWER POINT, ESBLs | 151 |
| ANEXO 23 – REGULAMENTO DO PEDDY PAPER 2005/2006, ESBLs | 156 |
| ANEXO 24 – SOLUÇÃO DO QUESTIONÁRIO 2005/2006, ESBLs | 158 |
| ANEXO 25 – JOGOS PARA O 2º E 3º CICLOS 2005/2006, ESBLs | 160 |
| ANEXO 26 – JOGOS PARA O 2º E 3º CICLOS 2005/2006, ESBLs | 161 |
| ANEXO 27 – JOGO DOS PROVÉRBIOS, ESBLs | 163 |
| ANEXO 28– IMAGENS DO TANGRAM, ESBLs..... | 169 |
| ANEXO 29– CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO, ESBLs | 172 |
| ANEXO 30– EXEMPLO DE UMA FICHA DE AVALIAÇÃO GLOBAL – 10º ANO – ESBLs..... | 173 |
| ANEXO 31 – EXEMPLO DE UM MINI TESTE – 10º ANO – ESBLs | 175 |
| ANEXO 32 – EXEMPLO DE UMA ATA INTERCALAR – ESPAA..... | 176 |
| ANEXO 33 – EXEMPLO DE UMA FICHA DE INFORMAÇÃO – ESPAA..... | 180 |
| ANEXO 34– EXEMPLO DE UMA PAUTA DE AVALIAÇÃO – ESPAA | 182 |
| ANEXO 35– EXEMPLO DE UMA PAUTA DE AVALIAÇÃO – ESBLs | 183 |
| ANEXO 36– FICHA DE OBJETIVOS INDIVIDUAIS – ESPAA | 184 |

| | |
|---|-----|
| ANEXO 37 – REQUERIMENTO PARA AULAS ASSISTIDAS – ESPAA | 187 |
| ANEXO 38 – PLANO DE AULA ASSISTIDA – ESPAA | 188 |
| ANEXO 39 – FICHA DE AUTO AVALIAÇÃO – ESPAA | 189 |
| ANEXO 40 – FICHA PADES..... | 195 |

LISTA DE ABREVIATURAS

UTAD: Universidade de Trás os Montes e Alto Douro
DGRHE: Direção Geral dos Recursos Humanos da Educação
PALOPS: Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PADES: Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Economia Social
EUR/€: Euro
CVE: Escudos Cabo-verdianos
IPAD: Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento
BCA: Banco Comercial do Atlântico
ESBLS: Escola Secundaria Baltazar Lopes da Silva
ESPAA: Escola Secundária Poeta António Aleixo
DT: Diretora de Turma
EE: Encarregado (s) de Educação
LBSE: Lei de Bases do Sistema Educativo
PIT: Plano Individual de Trabalho
Km: Quilómetros
KM²: Quilómetros quadrados
WINGA: Programa Informático Certificado pelo Ministério da Educação
CEF: Cursos de Ensino e Formação
PIEF: Programa Integrado de Educação e Formação

CAPITULO 1 – INTRODUÇÃO

Justes. Uma pequena aldeia do norte de Portugal, situada na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, mais concretamente no concelho de Vila Real. Terra onde nasci, cresci e tomei decisões que influenciaram a minha vida tanto pessoal como profissional. Fui estudante da UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, no curso de Matemática (Ensino de) e realizei estágio pedagógico numa pequena escola do interior e relativamente perto de casa, a Escola Básica e Secundária D. Sancho II, em Alijó. Difícil foi aceitar que no ano seguinte não seria colocada, aliás, nem sequer poderia concorrer: mudanças bruscas na logística do concurso nacional impediram os alunos estagiários de ingressar nas listas do concurso de pessoal docente. Foi um ano difícil e resolvi dar continuação aos estudos, ingressando no curso de Matemática Financeira; dei explicações e frequentei algumas formações contínuas que ampliaram as minhas perspetivas profissionais.

Finalmente a data do tão esperado concurso em Portugal chegou! A ansiedade de ingressar no mundo do trabalho era tanta que nem hesitei nas opções: concorri a todos os horários e a todo o país, incluindo Madeira e Açores. Era só esperar. Enviei currículos até não poder mais... mas sentia que ainda não era o suficiente. Todos os dias procurava ofertas de emprego e num dia de férias, em pleno Agosto, um novo concurso apareceu na página oficial da Direção Geral dos Recursos Humanos da Educação (DGRHE). Sinceramente, não conhecia bem o significado da sigla PALOPS (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) nem quais os países com vagas a concurso. Li o aviso de abertura e no mesmo instante, sem pensar em nada, preparei os documentos e enviei a candidatura.

As férias terminaram e apareceu a colocação em Rio de Mouro – Lisboa, com apenas seis horas por semana, uma única turma onde lecionava as disciplinas de Matemática e Área de Projeto. Mais um período difícil (pensava para mim), em que os custos eram maiores que o vencimento.

Eram meados de Outubro, uma quarta-feira, quando o meu telemóvel recebe a inesperada chamada. Uma senhora muito simpática convocava-me para a entrevista de seleção de candidatos para os PALOPS na sexta-feira da mesma semana! Já nem sequer me lembrava desse concurso. No mesmo dia, uma antiga colega da faculdade liga-me a perguntar se eu também tinha sido selecionada para a entrevista. Coincidência, também foi contactada. Combinámos imediatamente comparecer juntas.

Incrível! Os restantes candidatos tinham feito imensas pesquisas sobre os países em causa, sabiam capitais e regiões e tinham noção dos melhores locais. Eu, nada sabia. Um grupo de onze candidatos, sentados em frente a um júri composto por três elementos, todos do sexo feminino. Escutávamos, atentos, todas as informações que nos eram debitadas à velocidade da luz. Fomos então submetidos a duas provas, inicialmente uma composição com duração de trinta minutos sobre “Metodologias de Ensino em Países Africanos” e, em seguida, uma entrevista individual. A composição não intimidou ninguém mas a entrevista... Eu e a minha colega combinámos para, caso fôssemos selecionadas, e uma vez que já nos conhecíamos, ficarmos juntas no mesmo país e/ou na mesma ilha. Uma entrevista muito simples, pequena conversa de quinze minutos (que para mim pareceram uma eternidade), sobre os motivos que me levaram a concorrer, as expectativas da viagem, a falta de bens que para nós são fundamentais, a saudade da família, perguntas às quais fui respondendo com a maior sinceridade. Nunca fui pessoa de sentir falta de bens materiais e, quanto à família, claro que as saudades iriam aparecer mas a vontade de trabalhar era enorme, era a minha independência financeira e o projetar dos meus sonhos. Prontamente fiz o pedido para ficar junto da Ana e surpreendentemente a resposta foi positiva mas, para que isso se tornasse possível, teríamos que ficar em Cabo Verde e em São Nicolau. As expectativas eram imensas e extravasavam o imaginário, mas a resposta final seria apenas comunicada mais tarde por telefone, após uma reunião entre a equipa de seleção.

A incerteza, a dúvida e a ansiedade instalavam-se. Todos os dias falava com a minha colega ao telefone para saber se tinha sido contactada novamente. Até que finalmente o telefone voltou a tocar e a resposta era positiva, selecionada para lecionar em São Nicolau, partida dia 21 de Novembro de 2005. A azáfama começou. Era preciso passaporte, vacinas e preparar a bagagem, a qual poderia ser até sessenta quilos, na qual imediatamente comecei a colocar roupa, produtos de higiene, livros e computador.

O dia da partida chegou e a mistura de emoções deu lugar à insegurança face ao que iríamos encontrar – o desconhecido. A saída foi de Lisboa e com destino a Santiago, mais concretamente Praia, capital de Cabo Verde, onde seríamos recebidos pela responsável da Cooperação Portuguesa, Doutora Helena Castro. Finalmente chegámos. O avião sobrevoava a ilha de Santiago preparando a aterragem e as vistas transformavam-se numa mistura de castanho e cinzento. Assim que a porta do avião se abriu, um sopro de calor embateu na minha cara. Tínhamos saído de Lisboa em pleno Inverno e mudado bruscamente de estação, um calor abrasador e húmido, que dificultava a respiração.

O choque inicial foi a paisagem, um misto de gosto e espanto, confusão entre o bonito e feio que não sabíamos muito bem distinguir. Após uma reunião de boas vindas com a equipa portuguesa de cooperação na Embaixada de Portugal, seguiu-se a reunião com a Ministra da Educação de Cabo Verde e seus adjuntos. Algumas informações sobre o Sistema Educativo e principalmente sobre as regras de entrada e saída do país. Para viajarmos para fora do país era necessário um pedido por escrito sujeito a uma autorização do Diretor da Escola e com conhecimento e aval do Ministério de Educação.

Dia 24 de Novembro de 2005, quinta-feira. Viagem com destino a São Nicolau. Um pequenino avião, apenas para dezoito passageiros, aguardava autorização para descolar.



Figura 1 – Avião Praia – São Nicolau

Amílcar Barreto Ramos, Diretor da Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva (ESBLS), recebeu-nos na chegada ao aeroporto. Após as boas-vindas, conduziu-nos numa visita guiada pela Vila da Ribeira Brava seguindo-se a escola e por fim a Pensão Jardim, o nosso alojamento.

Uma noite de descanso e sexta-feira foi o dia da apresentação ao serviço, visitámos as instalações, recebemos o horário, conhecemos as turmas a lecionar e colegas de escola. Numa primeira impressão, que se viria a consolidar posteriormente, pessoas muito simpáticas, afáveis e acolhedoras, muito sorridentes e entusiasmadas com a nossa chegada.

Seguiram-se dois anos a lecionar em São Nicolau, um conjunto de experiências inesquecíveis, enriquecedoras e que mudaram para sempre a minha visão enquanto professora. Depois, numa das visitas durante as férias de Agosto, sou colocada no meu país e o cordão umbilical que me unia a São Nicolau corta-se abruptamente. Aceito o lugar (caso não aceitasse o lugar ficaria castigada em Portugal, não podendo concorrer durante dois anos) e seguem-se mais cinco anos de lecionação, concretamente, dois anos em Alvor e três anos em Portimão. E quase todos os dias, desde o meu regresso, dou por mim a falar em experiências vividas em terras de São Nicolau. Assim surgiu o tema deste relatório, que para

além de partilhar situações pessoais e profissionais, tem como objetivo fazer um estudo comparativo entre as duas realidades escolares. Desde a caracterização do meio envolvente, da escola e das turmas à preparação do ano letivo e planificação de aulas, referindo as atividades extra curriculares e o impacto que elas têm nas duas realidades escolares, terminando com o sistema de avaliação dos alunos e breve referência à avaliação dos docentes, os temas serão sempre apresentados como uma partilha da prática letiva ao longo do meu percurso.

CAPÍTULO 2 – CARATERIZAÇÃO DO MEIO

2.1 – CABO VERDE VS PORTUGAL

A República de Cabo Verde é composta pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (não habitada), São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo e Brava, e pelos ilhéus e ilhotas que também fazem parte do arquipélago de Cabo Verde, abrangendo uma área de cerca 4033 km², formadas por acumulação de rochas, resultantes de erupções sobre as plataformas submarinas. Algumas ilhas são áridas mas noutras a vegetação é tropical. O relevo da maior parte das ilhas é acidentado e o clima é temperado graças à ação moderadora que o oceano e os ventos alísios exercem sobre a temperatura, onde as médias anuais estão situadas entre os 20°C a 25°C. É de salientar a falta de recursos naturais e as escassas chuvas no arquipélago.



Figura 2 – Ilhas de Cabo Verde

A capital é a cidade da Praia, situada na ilha de Santiago, e a língua oficial é o Português; no entanto, o estado continua a promover as condições necessárias para a oficialização da língua materna cabo-verdiana, Crioulo, em paridade com a língua portuguesa.

A taxa anual de crescimento demográfico e a de mortalidade são baixas, quando comparadas às taxas médias de outros países com rendimento médio. A esperança média de vida é de 62 e 65 anos, respetivamente para homens e mulheres e a população residente no país é estimada em 434 263 habitantes, sendo uma população jovem com média de idade de 23 anos. A moeda utilizada é o Escudo Cabo-Verdiano (CVE) que está atualmente indexada ao euro (EUR), sendo 1 EUR = 110,265 CVE¹.

¹ Informação baseada em http://pt.wikipedia.org/wiki/Escudo_cabo-verdiano Julho 2011



Figura 3 - Bandeira de Portugal



Figura 4 – Bandeira de Cabo Verde

A República Portuguesa é composta por duas Regiões Autónomas (Açores e Madeira) e 18 distritos no Continente, abrangendo uma área aproximada de 92.152 km². No Continente, é formado por terrenos antigos, anteriores à deriva continental meso-cenozoica. São conhecidas rochas metamórficas, sedimentares e magmáticas com idades compreendidas entre o Pré-Câmbrico e o final do Paleozoico. Portugal é um prolongamento das formações montanhosas da Península Ibérica. Na sua fisionomia distinguem-se dois tipos de relevo: a Sul e a Norte do rio Tejo. A Norte, o relevo é mais acidentado, sendo o terreno escarpado e cortado por vales profundos. A Sul do Tejo, aparecem as terras mais uniformes, de escasso relevo e pantanosas. A vegetação predominante nesta região limita-se a plantas e arbustos (charnecas) ou a árvores mediterrâneas (sobreiros, azinheiras, figueiras e oliveiras).

Em geral, o clima tende a ser temperado durante todo o ano, com Verões longos e quentes, Primaveras e Outonos amenos e Invernos relativamente suaves, embora as temperaturas e condições climáticas sejam marcadas por fortes diferenças locais.

A capital do país é Lisboa e as línguas oficiais são o português e mirandês. O português é ainda língua oficial noutros sete países (incluindo Cabo Verde) e é falado por mais de 200 milhões de pessoas. A população residente é, aproximadamente, de 10 617 milhares e a esperança média de vida é de 81 anos para as mulheres e de 74 para os homens. A população de Portugal está cada vez mais envelhecida e a taxa anual de crescimento natural é praticamente nula.

A moeda utilizada é o Euro desde que o escudo português foi substituído no início de 2002, tendo o valor de 1 euro sido fixado em 200,482 escudos².

² Informação baseada em http://pt.wikipedia.org/wiki/Escudo_portugu%C3%AAs Julho 2011

2.2 – SÃO NICOLAU E VILA DA RIBEIRA BRAVA VS PORTIMÃO

A ilha de São Nicolau fica situada no lado Barlavento de Cabo Verde, com uma população aproximada de 14 mil pessoas e uma área aproximadamente de 346 km².



Figura 5 – Ilha de São Nicolau

Há muitos anos atrás, foi considerada o principal centro cultural de todas as ilhas de Cabo Verde e das mais importantes de todas as colónias portuguesas de então. Foi a primeira ilha de Cabo Verde a ter o ensino secundário “Liceu”. Em 1851, São Nicolau era considerada a principal comarca de Barlavento.

De acordo com a história, foi descoberta em Dezembro de 1461 por Diogo Afonso e camaradas, mas só veio a ser povoada a partir de 1510, com gentes vindas da ilha da Madeira e outras pessoas, criando uma pequena aldeia no Porto de Lapa. Em 1653, para fugir aos constantes ataques dos piratas que vinham da Europa à procura do ouro, os habitantes de Porto de Lapa fugiram em direção ao então verdejante Vale da Ribeira Brava, situado no centro da ilha.



Figura 6 – Brasão Município da Ribeira Brava

Hoje é a capital do município, um vale quente e húmido, abrigado pelas montanhas de arribas rochosas e de acentuada inclinação, mais conhecida por Stanxa (do português Estância), tem cerca de 4.892 habitantes e o seu nome deve-se ao aspeto impetuoso em alturas de chuva (embora a precipitação tenha vindo a diminuir com o passar dos anos).

Ficou famosa na história porque foi precisamente nas suas águas que navegaram os navios da armada de Pedro Álvares Cabral em viagem para o famoso e épico descobrimento do grande Brasil. E foi do Brasil que adveio o milho que se adaptou na perfeição às condições climatéricas e dos solos, revolucionando a agricultura, originando a cachupa, o prato mais conhecido e saboroso de Cabo Verde, feito à base de milho.



Figura 7 – Vila da Ribeira Brava – “Stanxa”

A vila da Ribeira Brava, ocultada entre duas montanhas, possui uma elegância e um charme rústicos do mundo antigo.



Figura 8 – Seminário - Liceu



Figura 9 – Igreja Nossa Senhora do Rosário

Historicamente, um grande centro de aprendizagem em Cabo Verde, Ribeira Brava acolhia antigamente o seminário assim como o Arcebispo Católico de toda África Ocidental e é onde se situa ainda a maior igreja de Cabo Verde. Como resultado, muitos dos poetas, artistas e pensadores mais conhecidos de Cabo Verde são originários de São Nicolau.

Ao nosso dispor e da comunidade local, Ribeira Brava conta ainda com a estação de correios e a biblioteca municipal - antiga Escola Central Mouzinho de Albuquerque - construída em 1947, que hoje é um dos principais patrimónios culturais do município da Ribeira Brava. Foi remodelada mantendo a sua traça arquitetónica exterior.



Figura 10 – Estação de Correios



Figura 11 – Biblioteca Municipal

Portimão, cidade situada no Barlavento Algarvio, é atualmente um município de referência no Algarve. Distingue-se pelo turismo e por uma diversidade de atividades tanto culturais como de lazer, possuindo aproximadamente uma área geográfica de 182,08 Km² e 50.454 habitantes.



Figura 12 – Concelho de Portimão

A área já era povoada em tempos pré-históricos. Os Conii, com influência dos Tartessos e Celtas, viveram no Algarve durante muitos séculos. A boca do Rio Arade era um porto natural e seguro e, por isso, era um pequeno ponto comercial dos Fenícios, Gregos e Cartagineses. Os Cartagineses fundaram aqui Portus Hanibalis - Portimão - cerca 550 a.C. No século V o Algarve estava habitado pelos Visigodos até à invasão dos Mouros, passando a chamar-se "Burj Munt".

A localização geográfica criou condições para um desenvolvimento económico forte e determinado, obtendo Portimão o estatuto de vila em 1453.

Em 1463, rei Dom Afonso V, a pedido de um grupo de habitantes de Portimão, deu autorização para fundar uma povoação nova, com o nome S. Lourenço Barrosa. Ai começa a construção de centro urbano de Portimão. Vinte anos depois do terramoto de 1755, o Marquês de Pombal pretendeu fazer de Portimão um bispado e elevou Portimão a cidade. Infelizmente, D. Maria I vetou as intenções dele. O estatuto de cidade só será concedido a Portimão em 1924, por seu filho ilustre Manuel Teixeira Gomes, enquanto Presidente da República.



Figura 13 – Brasão da Cidade de Portimão

Os factos relatados atrás não são mais do que números e história aos quais, depois de uma pequena pesquisa, qualquer pessoa pode ter acesso. Nunca poderia terminar este capítulo sem enumerar algumas das experiências vividas no terreno, aspetos importantes e que influenciaram a minha vivência e modo de agir.

Aquando da chegada a São Nicolau e durante o primeiro mês deparei-me com várias dificuldades, algumas que já eram aguardadas mas outras que me encontraram completamente desprevenida. O alojamento já estava combinado e a primeira impressão foi satisfatória: dois quartos, uma casa de banho e uma cozinha pequena com mesa de jantar para quatro pessoas. A primeira tarefa foi limpar a casa e deparei-me com algo cómico, um enorme bicho que andava a passear pelos meus aposentos. Mas que animal seria aquele? Não fazia a menor ideia. Apressei-me a perguntar e a resposta foi “barata”. Não pode ser, pensei, as baratas são pequeninas e não voam! Engano. Essas são as baratas do norte de Portugal. As baratas de Cabo Verde são gigantes e voam! É uma espécie que predomina bastante por terras de São Nicolau e que faz parte da fauna. Além destas, as osgas também são animais que coabitam constantemente connosco e se tornam vulgares e inofensivas. Segundo a tradição local, cada casa deve ter uma osga para comer os mosquitos e afastar outros animais indesejáveis.



Figura 14 – Pensão Jardim – São Nicolau

A primeira refeição foi oferecida pela senhora dona Vá, a nossa senhoria. Inicialmente pensámos fazer as nossas refeições diárias na pensão mas os preços eram tão altos que rapidamente decidimos cozinhar em casa.

A primeira aventura estava prestes a ter início, as compras. Precisava de uma mercearia e de um talho. Aventurei-me, juntamente com a minha colega, pela vila e chegadas ao centro, percorremos algumas lojas e mercearias. Além de continuar com a sensação de que era tudo exageradamente dispendioso, a oferta era muito limitada. Entrei numa das mercearias e pedi dois quilos de batatas, pedido este que obteve a resposta “cá tem” seguida de um voltar de costas e dirigindo-se para o interior da loja. Fiquei à espera na entrada da porta pensando que a menina tinha ido buscar o pedido. Depois de cinco minutos sem ninguém me responder, voltei a perguntar pelas batatas! A resposta chegou em português, “não temos”. Tinha aprendido a primeira palavra em crioulo, “cá” significa não!

A compra dos primeiros alimentos foi difícil: arroz e massa, cebolas, sal e batatas, iogurtes e leite. Mercado de vegetais só à quinta-feira e de manhã bem cedo. A questão que se levantou foi onde comprar carne e peixe, uma vez que não encontrei nenhum talho ou peixaria. Não encontrei porque não havia. Para comprar peixe precisava manter-me atenta às buzinas dos carros dos pescadores que duas a três vezes na semana passavam pela vila para vender o peixe fresco acabado de pescar, atum e serra³. A noção de que em Cabo Verde se consome lagosta e peixe de várias qualidades está completamente errada quando nos afastamos das ilhas turísticas. De quando em vez aparecia um pequenino polvo com um preço exageradamente grande. Quanto à carne, tinha que aguardar que alguém da vila abatesse um animal e pedir por favor para reservar alguns quilos. As dificuldades eram imensas tendo em consideração de que não conhecia ninguém. Relativamente à roupa, apenas uma loja se abastecia uma vez por mês com vestuário vindo do Brasil. Esta realidade em Portugal é completamente distinta, um país que está repleto de centros comerciais e onde o consumismo predomina.

Depois de algum tempo como consumidora habitual e de travar conhecimentos nas diversas lojas, os comerciantes passaram a ligar para me informar dos produtos novos que chegavam.

Ao nível de saúde a preocupação era enorme. Embora existisse um hospital, não tinha médico permanente, apenas duas ou três enfermeiras de serviço. As condições das instalações eram muito precárias e os instrumentos muito escassos.

³ Peixe comprido e achatado, com focinho em forma de serra, característico da região.

Numa primeira visita ao hospital, por motivo de doença, fui atendida por uma funcionária administrativa que efetuou o meu registo de entrada e recebeu a taxa moderadora de cem escudos cabo-verdianos, o equivalente aproximadamente a um euro. Imediatamente fui recebida pela enfermeira de serviço que me perguntou qual o motivo da minha presença. Após a minha resposta, e sem nenhum teste para confirmar o meu diagnóstico, a enfermeira prontamente pegou numa folha normal de papel, escreveu o nome do medicamento e pediu para me dirigir à farmácia.

Quando cheguei à farmácia e efetivei o meu pedido, a farmacêutica imediatamente me perguntou quantos comprimidos queria. Quantos? Fiquei confusa e numa contagem rápida pedi dez comprimidos sem realmente saber o que fazer. Estava habituada a comprar uma caixa completa, nunca à unidade. Depois de refletir, faz todo o sentido este método de racionalização. Para além das vantagens monetárias e controlo de custos, não existe desperdício de medicamentos. O facto é que os medicamentos não fizeram efeito e no dia seguinte precisei de regressar ao hospital para os substituir. A mesma enfermeira que me tinha atendido informou-me que não era necessário ter voltado ao hospital, precisava apenas de voltar à farmácia e trocar os medicamentos que me restavam por alguns mais fortes, medicamentos esses que a farmacêutica indicasse e que existissem em *stock* na farmácia. A simplicidade com que aquele povo encara algumas situações da vida fizeram-me várias vezes pensar se não somos nós que complicamos demais e damos importância a procedimentos morosos e burocráticos sem necessidade.



Figura 15 – Hospital de São Nicolau

No entanto, a situação de não existirem médicos disponíveis todos os dias importunava-me. Fui posteriormente informada que a solução prática para situações mais graves era a evacuação dos doentes para a ilha mais próxima, São Vicente. Mas essa resposta não era viável todos os dias nem estava monetariamente ao alcance de todos. Para sair da ilha de São Nicolau de avião era apenas possível à segunda, quarta e sexta-feira de manhã e de barco à terça-feira

à noite. Fora destes horários habituais, era necessário alugar um avião, o que é muito dispendioso e só possível para famílias com algumas posses.

Poucos dias depois da minha chegada à ilha, presenciei uma “inauguração da luz”. Sentia-me a regressar ao passado, muitos e muito anos atrás, fazendo-me lembrar as histórias que os meus avós recordavam e que os meus bisavós paternos (com quem tive o privilégio de conviver) contavam inúmeras vezes. Ainda existiam localidades onde a luz não fazia parte do dia-a-dia. As ruas e as casas não tinham iluminação, as famílias não possuíam frigoríficos e à noite algumas das casas eram iluminadas por escassas horas usando um pequeno gerador. No dia da inauguração, ao pôr-do-sol, a central elétrica, composta por três enormes geradores, foi ativada. A alegria e emoção da população eram ao mesmo tempo contagiantes e comoventes. Gritavam, choravam, tocavam e dançavam de alegria. Nunca pensei ter possibilidade de assistir a eventos desta natureza. Para mim era completamente impensável não ter eletricidade em casa.

Mais impensável ainda era o facto de não existir água canalizada na rede camarária. Fui alertada pela senhora dona Vá que a poupança de água em casa era uma prioridade. A maioria das casas tinha um depósito de água no terraço e, para que fosse cheio, era necessário pedir a uma carrinha, preparada para o efeito, que efetuasse o abastecimento. A carrinha ia até ao cimo da montanha, à nascente, buscar água para depois a transportar até à casa das pessoas. E a despesa era considerável. Nas outras casas em que não havia um depósito, as pessoas iam todas as manhãs à fonte, onde a água corria apenas durante duas horas, das 6 às 8 da manhã, encher bidões de 50 litros, carregando-os à cabeça até casa, subindo as íngremes ladeiras. A racionalização da água era uma constante preocupação em casa, preocupações que só surgem quando realmente se convive com essa escassez. Nem queria imaginar o facto de um dia acordar e não ter água para a minha higiene pessoal, com aquele clima húmido e quente, ou mesmo para cozinhar. Na realidade, tive muita sorte em ter ficado alojada numa pensão pois a senhoria tratava desses assuntos e como tinha que se preocupar com os turistas que recebia pontualmente, existia sempre água no depósito. Era doloroso ver as crianças, às seis e meia da manhã, antes de se deslocarem para a escola, a tomar banho na rua, numa grande bacia, com água fria, e apenas com dois litros de água para o efeito. O problema de água manteve-se sempre ao longo dos dois anos de estadia, a chuva teimava em não aparecer, a ribeira estava seca e a paisagem cada vez mais castanha.

Uma das minhas grandes preocupações, ainda em Portugal, foi saber como e onde iria receber o meu ordenado, uma vez que era cooperante e o ordenado era parcialmente pago pelo estado cabo-verdiano e complementado com um subsídio

pelo IPAD (Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento) a fim de igualar o ordenado que receberia se lecionasse em Portugal. Esse complemento era depositado na conta de Portugal à qual só teria acesso quando me encontrasse por terras lusas. O banco em São Nicolau era o BCA (Banco Comercial do Atlântico) onde abrimos conta para que o pagamento do ordenado principal fosse depositado. A movimentação do dinheiro podia ser efetuada de duas maneiras, a primeira seria deslocar-me ao banco e depositar ou levantar consoante o necessário e a segunda era requisitar um livro de cheques. Só mais tarde, um ano depois, é que foi inaugurada a primeira caixa multibanco na vila. Todas as transações eram efetuadas em dinheiro com exceção da renda de casa para a qual passava um cheque todos os meses. Com os pagamentos efetuados em dinheiro a consciencialização do que possuímos é muito maior e os gastos tornam-se mais controlados. Um dos muitos amigos cruzou-se comigo na praça numa manhã e perguntou-me, com um ar muito sério, porque é que aos vinte dias do mês eu ia às compras. “Porque preciso, estão a faltar alguns alimentos em casa, fruta e legumes”, respondi. Voltou a questionar-me: “Mas tens dinheiro? A meio do mês?” Respondi que sim, mas, enquanto caminhava até casa, as perguntas dele davam voltas no meu pensamento. Em Cabo Verde não existe salário mínimo nacional, embora exista, de há muito, a discussão para o seu estabelecimento. Os salários são estabelecidos por acordo com a empresa. Algumas empresas atribuem os Subsídios de Férias e de Natal. Não se encontra instituído o subsídio de refeição. Algumas famílias sobrevivem com 5000 CVE por mês (o equivalente a 50€ aproximadamente) e eu recebia perto de 88000 CVE. Agora sim, as perguntas dele faziam sentido.

Além da saída da ilha ser complicada, a circulação dentro desta também não era fácil. O facto da ilha ser montanhosa e os recursos financeiros serem escassos implicava estradas estreitas, de calçada, com um traçado sinuoso e íngreme. A maioria da população usava as famosas “Hiaces”, em Portugal as chamadas Toyota Hiace⁴, para fazer pequenas deslocações até à vila e efetuar as suas compras ou mesmo para sair à noite até às várias festas que existem durante o fim-de-semana. Funcionam como táxis comuns, mas com 13 lugares e, por vezes, chegavam a levar 20 passageiros.

⁴ Modelo Hiace da marca Toyota

2.3 – ESCOLA VS ESCOLA

O facto de ter lecionado em São Nicolau e de ter convivido com uma nova realidade faz com que a relevância de certos pormenores atinjam dimensões maiores. Quando estamos afeitos com algumas comodidades nem lhe atribuímos a devida importância.

Aquando da lecionação em Alijó, uma pequena cidade do interior norte, onde o frio durante a estação do Inverno se torna insuportável, o aquecimento central foi o nosso maior aliado. Uma escola recente e com instalações renovadas, sem muitos recursos tecnológicos, mas com mobiliário adequado. Esta era a realidade que conhecia e à qual estava familiarizada. A chegada à ESBL (Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva) foi, no mínimo, diferente. Um misto de sentimentos e de pensamentos que se tornam difíceis de descrever.



Figura 16 – Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva

Começámos a visita à escola pela Secretaria: um balcão e umas mesas apinhadas de papéis, um computador e uma impressora a preto e branco, onde trabalhavam apenas duas funcionárias. Os registos dos alunos eram praticamente todos efetuados manualmente e em livros próprios para o efeito. Inevitavelmente as comparações com a realidade que conheço hoje em dia começaram: as secretarias com muitos funcionários; um computador para cada um e onde os registos são praticamente todos preenchidos informaticamente.

O gabinete do Diretor foi a divisão que se seguiu, tinha uma secretária, um computador e uma impressora lazer a cores, a única da escola, em que o Diretor controlava meticulosamente as impressões efetuadas. Em frente, uma secretária para o Subdiretor Administrativo e Financeiro e o seu computador pessoal. Numa pequena sala ao lado encontrava-se o gabinete do Subdiretor Pedagógico, também este com uma secretária e um computador pessoal. Todas as decisões passavam por estes elementos, principalmente assuntos relacionados com os professores. A Direção da escola era ainda composta por um Subdiretor para os assuntos Sociais e Comunitários, um secretário e um representante dos pais e encarregados de educação. Existe também a Assembleia de Escola composta por 20 elementos dos quais, 8 representantes do pessoal docente, 3 representantes dos alunos, 1

representante do pessoal não docente, 3 representantes dos pais e encarregados de educação, 1 representante da autarquia local, 1 elemento da sociedade civil, 1 representante da polícia local, 1 representante dos serviços de saúde e 1 representante de organizações representativas da juventude.

Neste momento, nas escolas portuguesas, a Direção é composta pelo Diretor, Subdiretor e mais três adjuntos que dividem tarefas entre si. Cada um tem uma área específica de trabalho, funções bem definidas e tarefas divididas. Na secretaria, duas das administrativas ocupam-se dos assuntos dos professores, férias, ordenado, assuntos relativos a despesas e afins. No entanto, na escola portuguesa não existe apenas a Direção mas também o Conselho Geral, formado por 21 elementos, dos quais 7 representantes do pessoal docente, 2 representantes do pessoal não docente, 4 representantes dos pais e encarregados de educação, 2 representantes dos alunos, 3 representantes do município e 3 representantes da comunidade local; o Conselho Pedagógico, formado por 12 elementos, 4 Coordenadores dos vários departamentos, 2 coordenadores dos diretores de turma, 4 coordenadores de outras estruturas e coordenação, 1 coordenador ao serviço de Psicologia, Orientação e Apoio Sócio educativo, 1 Professor bibliotecário e o Conselho Administrativo, formado por 3 elementos, a referir, o Diretor, o Subdiretor e um coordenador técnico. Como seria de supor, os nomes aplicados não são os mesmos, o equivalente ao Conselho Geral é a Assembleia de Escola e em São Nicolau não existem os restantes conselhos.

| ESPAA | | ESBLS | |
|-------------------------------|---|--|---|
| Conselho Geral – 21 elementos | | Assembleia de Escola – 20 elementos | |
| 7 | Representante Pessoal Docente | 8 | |
| 2 | Representante Pessoal Não Docente | 1 | |
| 4 | Representante Pais e Encarregados de Educação | 3 | |
| 2 | Representante Alunos | 3 | |
| 3 | Representante Município | Representante da Autarquia Local | 1 |
| 3 | Representante Comunidade Local | Elemento da sociedade Civil | 1 |
| | | Representante da Polícia Local | 1 |
| | | Representante dos Serviços de Saúde | 1 |
| | | Representante de Organizações Representativas da Juventude | 1 |

Tabela 1 - Estudo comparativo entre a Direção das duas escolas⁵

⁵ Dados segundo os regulamentos internos das duas escolas, ESPAA disponível em www.espaa.pt em Julho 2011 e ESBLS facultado pelo Diretor da escola e enviado por correio eletrónico em **Anexo 1 – Regulamento Interno ESBLS**.

Os cargos de Coordenadores de Departamento também existem na ESBLs, bem como o cargo de Diretor de Turma (DT), no entanto todas as decisões e reuniões são efetuadas em conjunto com o Diretor ou Subdiretor Pedagógico.

A visita continuou até à sala dos professores, enorme, com uma mesa no centro e algumas cadeiras. Num dos cantos, um frigorífico, cujo objetivo vim mais tarde a descobrir que era o de guardar garrafas de água, partilhadas entre os professores por um copo comum. No outro canto, uma pequenina mesa com dois computadores. Tem ligação à internet, perguntei mas num tom mais afirmativo do que interrogativo. “Claro que não!”, respondeu o Diretor com um ar muito espantado, “internet só no meu computador e dos subdiretores mas, caso necessitem mesmo de usar, podem pedir-nos autorização”. No ano seguinte essa desejada ligação à internet foi expandida aos computadores na sala dos professores.

Numa das paredes, um quadro de giz, onde se escreviam os eventos da semana e, casualmente, alguns avisos urgentes. Uma sala simples que não é comparável com as salas da maioria das escolas em Portugal: bar dos professores, mesas e sofás para convívio e trabalho, paredes amontoadas de papéis com avisos e convocatórias de reuniões em que cada grupo disciplinar tem um lugar específico para afixar; uma sala exclusiva para os diretores de turma com computadores livres para trabalhar e impressora sempre disponível; uma sala exclusiva para os restantes docentes com vários computadores e impressora; internet sem fios com uma rede específica para os professores.

Seguiu-se o espaço mais importante, a sala de aula. Fiquei sem reação ao entrar numa das salas, grande e pequena ao mesmo tempo, tendo em consideração a quantidade de carteiras que continha. Mais grave era o estado em que se encontrava todo o material: as carteiras, antigas de madeira, riscadas e partidas com a maioria dos tampos soltos; as cadeiras tinham grandes fendas e algumas estavam mesmo partidas (nas que tinham apenas a armação em ferro, para poderem ser reaproveitadas, foram colocados tampos improvisados nessa armação, utilizando um pouco de madeira); os quadros pretos de giz encontravam-se num estado caótico, cheios de buracos e fendas, que nos forçavam todas as aulas a contorná-los para que se tornasse legível o que tencionávamos partilhar. Mesmo o giz era escasso e era gasto até ao último milímetro. A solução encontrada pela Direção foi a de pintar alguns quadros (os mais danificados) com tinta preta para poderem ser usados por mais algum tempo. Hoje em dia, na realidade escolar portuguesa, as salas estão adequadas ao número de alunos e o material encontra-se em bom estado de conservação, mesas e cadeiras fabricadas em material que

facilita a sua limpeza e os quadros são predominantemente verdes de giz ou mesmo os brancos, já para não falar em quadros interativos.

O ensino em Cabo Verde classifica os níveis de ensino ligeiramente diferente do considerado em Portugal. O Ensino Básico é constituído por seis anos de escolaridade, desde o 1º ao 6º ano e o Secundário desde o 7º ao 12º ano. Sendo assim, ao longo do documento, quando referir ensino básico em Cabo Verde será sempre tendo em conta esta classificação.

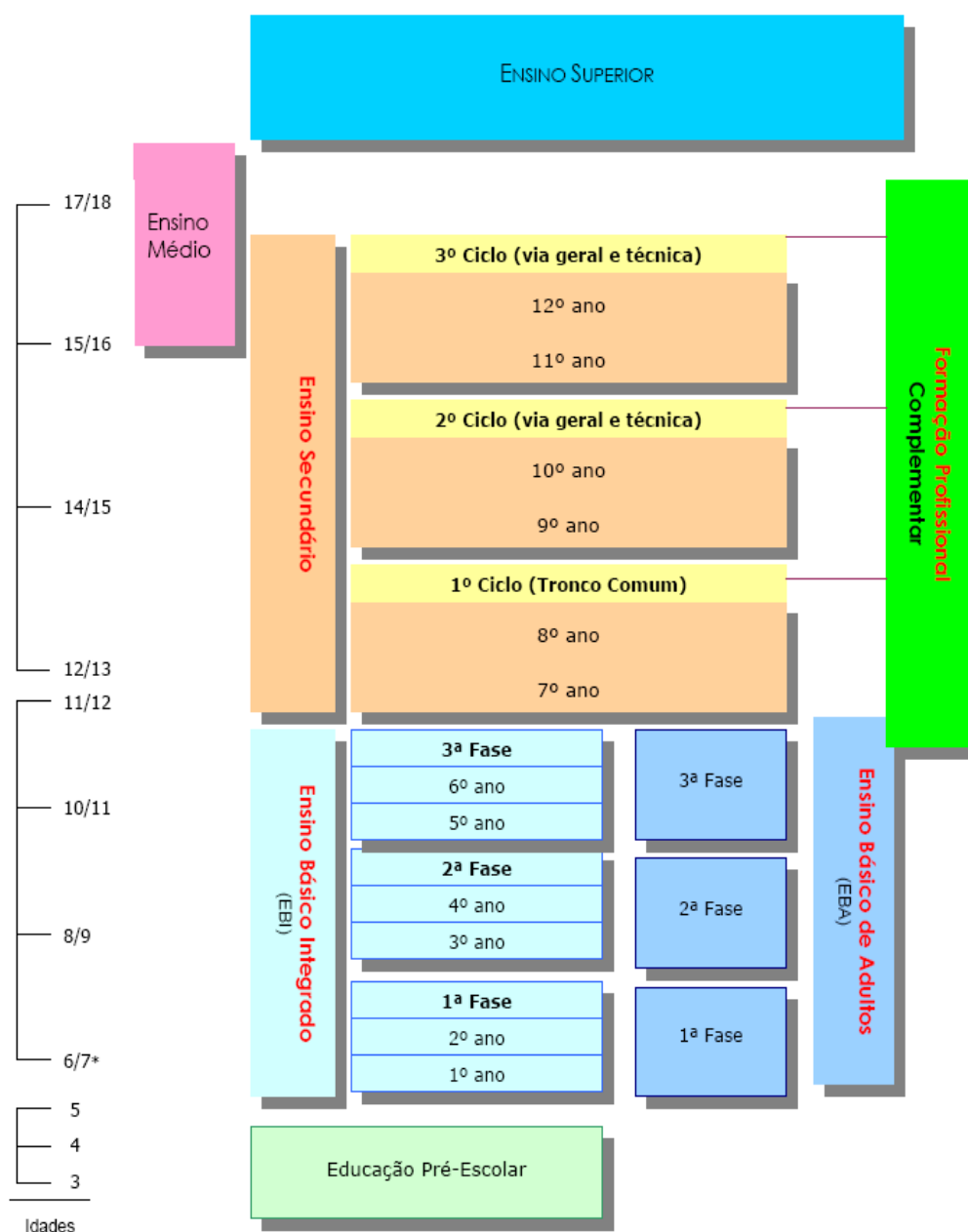


Tabela 2 - Organograma do Sistema Educativo em Cabo Verde

Em Portugal o Ensino Básico é considerado desde o 1º ao 9º ano e o Ensino Secundário do 10º ao 12º ano.

A ESBLs era uma realidade escolar com 1690 alunos, 404 do 7º ano, 455 do 8º ano, 306 do 9º ano, 162 do 10º ano, 184 do 11º ano e 179 do 12º ano.

Abrangia alunos não só da vila como das aldeias circundantes, num raio de aproximadamente 26 km. O problema não se encontrava nas distâncias mas sim na estrada, já descrita anteriormente, onde para percorrer 20 km se demorava perto de 45 minutos. Relativamente à ESPAA esta comporta 1045 alunos em regime diurno, mais especificamente, 399 alunos no 10º ano, 364 alunos no 11º ano e 282 no 12º ano, abrangendo ainda 5 turmas em regime noturno com 65 alunos a frequentar.

| Anos Escolas | 7º | 8º | 9º | 10º | 11º | 12º | Noturno | Total |
|-----------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|---------|-------|
| ESBLS | 404 | 455 | 306 | 162 | 184 | 179 | | 1690 |
| ESPAA | | | | 399 | 364 | 282 | 65 | 1110 |

Tabela 3 – Tabela Comparativa do Número de Alunos⁶

As realidades são obviamente diferentes, não só no número de alunos e níveis de escolaridade como nas instalações disponíveis. O espaço físico da ESBLS estava completamente desajustado ao número de alunos que a frequentavam. A ESBLS tinha disponíveis 15 salas, uma destinada exclusivamente às aulas de informática, contendo 13 computadores, dos quais 12 estavam operacionais, enquanto a ESPAA dispõe de mais de 55 salas, das quais várias com computadores e laboratórios.

As poucas salas obrigavam a Direção da ESBLS a gerir os horários em dois períodos, o período da manhã para os alunos do 10º até ao 12º anos e metade das turmas do 9º ano, com início às 7h30m e término às 12h30m e o período da tarde, para os alunos do 5º ao 8º anos e as restantes turmas do 9º ano, das 13h00m às 18h00m. Também os professores tinham apenas um período de trabalho, ou de manhã ou de tarde⁷. Mesmo otimizando o espaço e tempo contando com todas as restrições, a escola ainda tinha que recorrer às salas da Escola Básica (com instalações em anexo à ESBLS, tendo turmas desde o 1º ao 6º ano) com condições ainda mais desajustadas ao nível de ensino em questão. As aulas tinham uma duração de 50 minutos com intervalos de 10 e 20 minutos, duração que se torna ideal tendo em consideração o clima quente e húmido da região. Na ESPAA os horários são sempre mistos⁸, tanto para os alunos como para os professores e a duração das aulas é de 90 minutos, extensas e cansativas na perspetiva dos alunos, que acham que é demasiado. As aulas de Educação Física eram no período contrário a todas as disciplinas, ou seja, se as aulas restantes eram no período da

⁶ Números relativos aos anos letivos: ESBLS: 2005/2006 ESPAA: 2010/2011

⁷ Consultar **Anexo 2 – Horários da ESBLS 2005/2006 e 2006/2007**

⁸ Consultar **Anexo 3 – Horário ESPAA 2010/2011**

manhã, as aulas de educação Física eram no período da tarde, pelo que nem todos os alunos tinham possibilidades de assistir/realizar. Apenas os alunos da vila ou com possibilidades de transporte é que usufruíam dessas aulas, uma vez que para os restantes alunos, como não existia cantina na escola e as distâncias, mesmo as pequenas, eram tão morosas de percorrer, tornava-se impossível fazerem o trajeto escola-casa-escola.

O facto de os horários na ESBLs serem sempre em dois períodos distintos implica que a escola não necessite de cantina, apenas um diminuto bar.

Na sala dos professores o mesmo não existia e sempre que necessário tinha que recorrer ao bar dos alunos. Tão diferente do habitual, pizza a meio da manhã, doces e salgadinhos, gelados caseiros e sumos feitos de um pó misturado num garrafão de 5 litros de água. Pão, só da parte da tarde, pois não existe o hábito de comer pão pela manhã. O pequeno-almoço é, quase sempre, cachupa guisada⁹ com meia de leite e “chouriça di terra” grelhada. Na ESPAA e em praticamente todos os bares dos alunos do nosso país a principal preocupação é a de implementar e promover hábitos alimentares saudáveis.

O grupo de pessoal docente era constituído por 57 professores, entre os quais 10 de Matemática. Como Cabo Verde ainda não tinha professores suficientes que dessem resposta às necessidades das escolas, estabeleceu protocolos com outros países, como por exemplo Portugal (para o ensino de Português, Matemática, Físico-Química, Filosofia, Biologia), Guiné (para o ensino de História, Estudo do Mundo Contemporâneo), Estados Unidos da América (para o ensino de Inglês e ajuda no desenvolvimento da sociedade envolvente, integrando outros projetos externos à escola), Mauritânia (ensino de Francês) e Nigéria (ensino de Inglês). Todos nos conhecíamos e formávamos um grupo não só de trabalho como de amigos. Na ESPAA existem cerca de 153 professores, dos quais 13 de Matemática. Criam grupos de trabalho, mas a convivência resume-se quase ao grupo disciplinar.

As disciplinas em Cabo Verde não divergem muito do nosso país. Há algumas diferentes mas que, na minha opinião, são as que estão mais ligadas à cultura de Cabo Verde: Homem e Ambiente, Estudos Contemporâneos, Estudos Científicos, Formação Social e Pessoal e Cultura Cabo-Verdiana.

Na ESBLs existiam apenas três áreas de opção, Humanística, Ciências e Tecnologia e Económica e Social. Os alunos da ilha de São Nicolau estão muito limitados na escolha que irá delinear o seu futuro. Não existe comparação com a quantidade de escolhas em Portugal, mais concretamente na ESPAA: Área de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Humanísticas e Artes Visuais e

⁹ Refogado de cebola com o que sobrou da cachupa do dia anterior, sem molho.

ainda outros percursos alternativos como os Cursos Profissionais (6 disponíveis), Cursos de Ensino e Formação (2 disponíveis) e Ensino e Formação de Adultos¹⁰. No entanto, os alunos de São Nicolau encaram a escola com uma perspetiva de futuro melhor. Apesar de poucas escolhas, têm a consciência que precisam agarrar a oportunidade de estudar para melhorar a sua qualidade de vida e, quem sabe, no futuro ajudar o seu país. A escola não é encarada apenas como um meio de adquirir conhecimentos, mas também como um local de fuga à vida dura que estão sujeitos em casa e no campo, trabalhando de sol a sol em condições extremas, debaixo de um calor húmido e difícil de suportar.

¹⁰ Informação disponível em www.espaa.pt no separador Oferta Formativa em Julho 2011

CAPITULO 3 – AO LONGO DO ANO LETIVO

3.1 – CARATERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO NO ENSINO SECUNDÁRIO

Como referido atrás, o Ensino Básico em Cabo Verde compreende um total de seis anos de escolaridade e é organizado em três fases, cada uma com dois anos de duração. É administrado em escolas básicas e assegurado em regime de professor único.

Segundo dados do Ministério de Educação e Desporto de Cabo Verde “o Ensino Secundário contempla seis anos e encontra-se estruturado em três ciclos, com a duração de dois anos cada. Está implementado em 33 Escolas Secundárias oficiais (das quais 4 oferecem cursos de Ensino Técnico) e em 22 Escolas Secundárias privadas. A maioria destas escolas privadas utiliza instalações e professores das escolas oficiais recrutando, sobretudo, alunos que ultrapassaram os limites de idade para frequentar o ensino secundário oficial. Segundo dados disponíveis, no ensino oficial, o primeiro ciclo de Ensino Secundário (tronco comum) era frequentado por 50% do total dos alunos e funcionava em todos os concelhos do país. O segundo ciclo que funcionava em 25 escolas, era frequentado por 33% dos alunos e no terceiro ciclo, a funcionar em 19 escolas, estavam inscritos os restantes 17%.”¹¹

Na década de noventa registou-se uma forte expansão do Ensino Secundário em Cabo Verde. Apesar desta expansão, o Ensino Secundário não dispõe ainda de uma estrutura adequada de modo a responder às necessidades do desenvolvimento socioeconómico e do mercado de trabalho. O Ensino Secundário Técnico foi recentemente criado e funciona apenas em 4 Escolas Secundárias. O próprio ministério tem consciência de que a criação de opções é uma mais-valia, tanto para os alunos como para o desenvolvimento do país: “a formação oferecida ainda é bastante deficiente, quer devido à falta de professores especializados, quer devido aos constrangimentos materiais que afetam a organização e o funcionamento das formações profissionalizantes.”¹²

Relativamente aos dados sobre o aproveitamento escolar dos alunos “do Ensino Secundário é um dos indicadores que melhor caracteriza a eficiência do sistema. Em 1998/99 o aproveitamento escolar, ao nível de todos os concelhos, oferecia para cada ciclo algumas diferenças. No 1º ciclo, a taxa média de aprovação rondava os 66%, a taxa média de reprovação era de 24% e a taxa de abandono ao longo do ano era de 10%. Para o 2º ciclo, as taxas médias de aprovação eram

¹¹ In http://www.minedu.gov.cv/index.php?option=com_content&view=article&id=79&Itemid=29 em Julho 2011

¹² In http://www.minedu.gov.cv/index.php?option=com_content&view=article&id=80&Itemid=29 em Julho 2011

superiores às do 1º ciclo, rondando os 69%, a reprovação baixava para 19% e o abandono situava-se ao nível dos 12%. Para o 3º ciclo, a situação voltava a inverter-se, com taxas de aprovação inferiores às do 1º ciclo, rondando os 62%, a reprovação situava-se nos 20% e o abandono voltava a aumentar para os 18%.”¹³

O Ensino Secundário destina-se a jovens com idades compreendidas entre 12 a 17 anos, embora no ensino público, tendo em consideração a limitação de recursos, é permitida a frequência de jovens na idade entre 12 e 20 anos.

Em Portugal, a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) estabelece que os Ensino Básico e Secundário são universais e gratuitos. O Ensino Básico tem uma duração de nove anos escolares. Constitui a primeira parte da educação escolar, à qual se seguem os Ensino Secundário e Superior. No 1.º ciclo, o ensino é globalizante, da responsabilidade de um único professor, que pode ser coadjuvado em áreas especializadas; no 2.º ciclo, o ensino organiza-se por áreas interdisciplinares de formação básica e desenvolve-se predominantemente em regime de professor por área; no 3.º ciclo, o ensino organiza-se segundo um plano curricular unificado, integrando áreas vocacionais diversificadas, e desenvolve-se em regime de um professor por disciplina ou grupo de disciplinas. O ensino secundário é ministrado normalmente a jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos e organiza-se segundo formas diferenciadas, contemplando cursos orientados para a vida ativa e cursos orientados para o prosseguimento de estudos. Os cursos têm a duração de três anos, compreendendo o 10.º, o 11.º e o 12.º ano de escolaridade.

| Portugal | | Ano Escolar | Cabo Verde | |
|---|----------|-------------|------------|---|
| Ensino Básico (professor único) | 1º Ciclo | 1º | 1º Ciclo | Ensino Básico (professor único) |
| | | 2º | | |
| | | 3º | 2º Ciclo | |
| | | 4º | | |
| Ensino Básico (vários professores) | 2º Ciclo | 5º | 3º Ciclo | |
| | | 6º | | |
| | 3º Ciclo | 7º | 1º Ciclo | Ensino Secundário (vários professores) |
| | | 8º | | |
| Ensino Secundário (vários professores) | | 9º | 2º Ciclo | |
| | | 10º | | |
| | | 11º | 3º Ciclo | |
| | | 12º | | |

Tabela 4 – Estudo Comparativo do Sistema Educativo e sua Organização

¹³ In http://www.minedu.gov.cv/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=29 em Julho 2011

3.2 – PREPARAÇÃO DO ANO LETIVO

O calendário escolar da ESBLs tem início, para o corpo docente, em meados de Setembro, próximo do dia 15 e no final do mês para os alunos.

Centenas de crianças e jovens dirigem-se para as escolas, levando com eles a esperança de que estas permitirão às novas gerações ter uma vida gratificante e de um dia poder prestar serviços sociais no seu país e ter uma economia sustentável. Juntamente com estes desejos levam também vontade de justificar os sacrifícios feitos pelos pais e encarregados de educação, sacrifícios que por esta época são maiores: muitas procuras de cadernos, canetas e mochilas que fazem com que os que não tenham essas possibilidades não participem nesta educação. Tanto para os alunos como para os professores, a preparação do ano letivo é feita com muito rigor e é-lhe atribuída imensa importância.

O Calendário Escolar é um documento uniforme e específico para o ensino secundário, elaborado pela Direção do Ensino Básico e Secundário e homologado pela Ministra da Educação e Ensino Superior, especificando todas as atividades a serem desenvolvidas no ensino secundário ao longo do ano letivo com o objetivo de colocar os pais, alunos, professores e encarregados de educação a par das atividades a serem realizadas¹⁴.

No nosso país, o procedimento é muito semelhante, o calendário é proposto pelo Ministério da Educação e aprovado em Assembleia da República¹⁵.

¹⁴ Consultar **Anexo 4 – Calendário Escolar Cabo Verde 2010/2011**

¹⁵ Informação baseada no texto da página da Internet

http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Governo/Ministerios/MEd/Notas/Pages/20100708_ME_Com_Calendario_Escolar_2_010_2011.aspx em Julho 2011

O quadro seguinte compara as datas previstas para o ano letivo 2010/2011 dos dois países em questão.

| Ensino Básico e Secundário - Portugal | | Total de Dias | Ensino Secundário - Cabo Verde | |
|--|--|---|---|------------------|
| --- | | | Início do Ano Escolar 1 Setembro 2010 | Total de Dias |
| 1.º Período | | | 1º Trimestre | |
| Início | Entre 8 e 13 de Setembro de 2010 | ≈ 66 | 20 de Setembro de 2010 | ≈ 66 |
| Termo | 17 de Dezembro de 2010 | | 21 de Dezembro de 2010 | |
| 2.º Período | | | 2º Trimestre | |
| Início | 3 de Janeiro de 2011 | ≈ 67 | 5 Janeiro de 2011 | ≈ 58 |
| Termo | 8 de Abril de 2011 | | 31 Março de 2011 | |
| 3.º Período | | | 3º Trimestre | |
| Início | 26 de Abril de 2011 | ≈ 33 para 9.º, 11.º e 12.º ≈ 41 restantes | 13 Abril de 2011 | ≈ 45 |
| Termo | 9 de Junho de 2011 para o 9.º, 11.º e 12.º anos e 22 de Junho de 2011 para os restantes anos de escolaridade | | 10 Junho de 2011 (aulas) 15 Julho de 2011 (Entrega de Exames) | |
| --- | | --- | Fim do Ano Escolar 25 de Julho de 2011 | |
| Total | | ≈ 166 ≈ 174 | Total | 189 |

Tabela 5 – Comparação Calendário Escolar

O ano letivo é iniciado na ESBLs com uma reunião geral durante o período da manhã onde a Direção reúne o pessoal docente e não docente a fim de dar as boas vindas a todos, em especial aos elementos que integram pela primeira vez o grupo de trabalho.

Após as apresentações, é mostrado e analisado um documento onde constam várias tabelas e gráficos elaborados pela Direção, tendo como objetivo mostrar e comparar entre turmas, anos e disciplinas, a percentagem de negativas.

| Turmas | A | B | C | D | E | TOTAL |
|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Anos | 3ºT | 3ºT | 3ºT | 3ºT | 3ºT | 3ºT |
| 7º | 25,9% | 29,0% | 33,3% | 37,0% | | 31,3% |
| 8º | 67,9% | 69,0% | 5,9% | 11,8% | 65,6% | 42,0% |
| 9º | 52,2% | 20,0% | 57,1% | 2,9% | | 31,1% |
| 10º | 69,7% | 46,7% | 54,5% | | | 57,3% |
| 11º | 12,1% | 54,3% | | | | 33,8% |
| 12º | 8,0% | 55,6% | 50,0% | | | 38,8% |

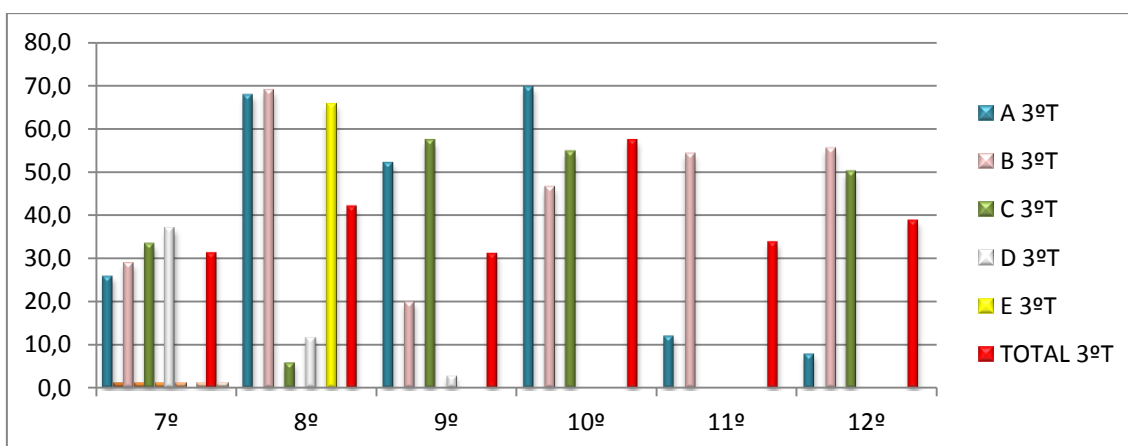


Tabela 6 – Exemplo de uma Tabela e Gráfico - Percentagem de Negativas do 3º Trimestre por Ano e Turma na disciplina de Matemática

| 11º Ano | A | B | C | D | TOTAL |
|------------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Português | 9,52% | 0,00% | 4,76% | 8,30% | 5,62% |
| Inglês | 4,76% | 21,74% | 0,00% | 16,70% | 11,24% |
| Filosofia | 19,05% | 13,04% | 23,81% | 37,50% | 23,60% |
| E. Física | 0,00% | 0,00% | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| Mat. | 28,57% | 30,43% | 42,86% | | 33,85% |
| Física | 47,62% | | | | |
| Química | 20,00% | | | | |
| Psicologia | 0,00% | | | | |
| Biologia | 4,76% | | | | |
| Economia | | 30,43% | 14,29% | | 22,73% |
| Sociologia | | 0,00% | 9,52% | | 4,55% |
| Geografia | | 17,39% | 33,33% | | 25,00% |
| História | | | | 4,17% | |
| Direito | | | | 0,00% | |
| Latim | | | | 8,33% | |
| Francês | | | | 25,00% | |

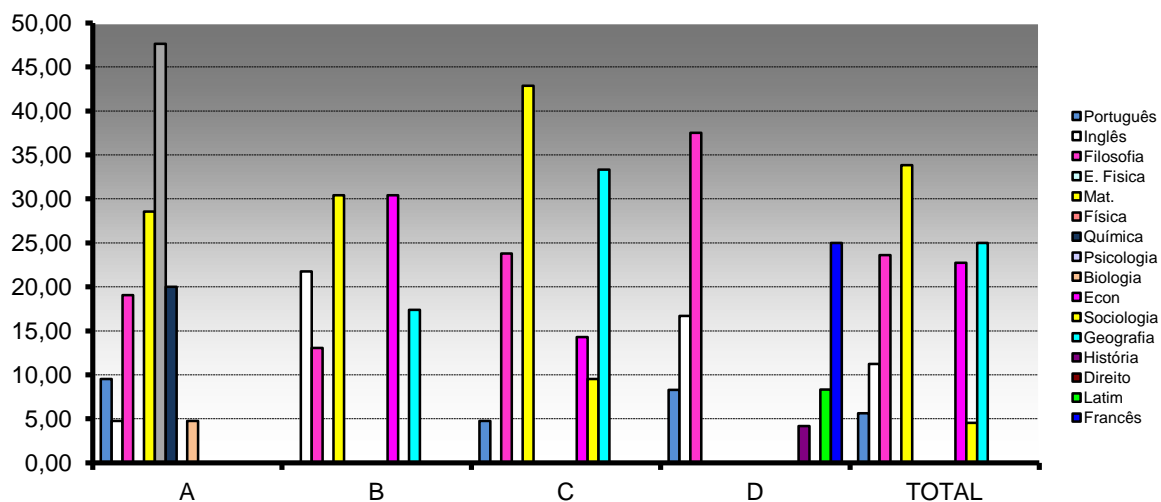


Tabela 7 - Exemplo de uma Tabela e Gráfico - Percentagem de Negativas do 3º Trimestre no 11º Ano e por Turmas nas várias disciplinas

Seguidamente são distribuídos e analisados os horários dos docentes¹⁶ onde, além das turmas a lecionar, estão marcadas mais duas horas de coordenação, comuns a todos os professores do grupo disciplinar, com objetivo de se poderem reunir, de duas em duas semanas, para partilhar materiais elaborados, preparar

¹⁶ No **Anexo 2** exemplos dos horários relativos ao ano de 2005/2006 e 2006/2007 na ESBLs.

materiais e atividades, estabelecer o ponto da situação e, o mais importante de tudo, partilhar experiências e/ou ideias e esclarecer dúvidas que eventualmente possam surgir. São duas horas muito importantes pois, para além da partilha/conversa, permitem que todos os elementos do grupo reúnam sem ser necessário efetuar uma convocatória com 48h de antecedência para reuniões que têm que ser no final do dia, como acontece habitualmente na maioria das escolas portuguesas.

Quem fosse nomeado para o cargo de DT deveria, *a posteriori*, marcar uma hora de atendimento aos pais e encarregados de educação. O horário era composto pelas duas horas de coordenação referidas anteriormente e as restantes 20 contempladas para a docência. Tão simples. O povo cabo-verdiano e o seu governo ainda valorizam muito os professores e reconhecem que a principal atividade destes é lecionar. Em Portugal, cada vez que recebo o meu horário, tenho sempre que esclarecer algumas dúvidas que surgem de imediato: siglas das quais não sei o significado; horas que estão destinadas a apoio pedagógico acrescido; horas destinadas a clubes ou substituição; horas de trabalho de escola; horas de Direção de turma, etc.

A carga horária semanal na ESBLs, no caso da minha disciplina, Matemática, é de 4 horas por semana por turma e cada docente é responsável por cinco turmas. Em Portugal, dependendo do ano letivo, a carga horária semanal varia; por exemplo, nos cursos profissionais é de 3 horas semanais e nos cursos científicos e humanísticos de 4 horas e 30 minutos e cada docente é responsável por 4 a 5 turmas, dependendo dos cursos a que leciona.

Depois da entrega e análise dos horários segue-se um almoço convívio oferecido pela escola. Também simples: uma grande panela de arroz com salsicha, milho, ervilha, pimentos e alguma carne de porco, da qual todos se servem, vão comendo e conversando, deambulando pela sala dos professores, com o prato numa das mãos e um copo de sumo na outra, aproveitando para socializar e sentir-se mais em casa.

No período da tarde tem lugar a primeira e única reunião de Departamento, que se prolonga por mais dois dias, período de tempo em que os professores organizam todo o ano letivo.

Inicialmente é elaborada a planificação anual, para cada ano, da disciplina (mesma estrutura para os três ciclos) que inclui a distribuição do número de aulas para a Apresentação, Reuniões de Avaliação, Atividades Extra Curriculares, Fichas de Avaliação, Aulas e Preparação para Exames. Inclui também a descrição das unidades temáticas por trimestre, bem como os temas dentro de cada unidade e o número de aulas previstas. Segue-se um exemplo de uma destas planificações:

Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva
Planificação Anual de Matemática das Unidades Temáticas

10º Ano

2006/2007

| | 1º Trimestre | 2º Trimestre | 3º Trimestre |
|-------------------------------|--------------|--------------|--------------|
| Apresentação | 1 | | |
| Reuniões de Avaliação | 4 | 4 | |
| Atividades Extra Curriculares | 2 | 3 | 2 |
| Fichas de Avaliação | 6 | 6 | 3 |
| Aulas | 36 | 32 | 19 |
| Preparação para Exames | | | 8 |
| Total de Aulas | 49 | 45 | 32 |

| | Unidade | Temas | Nº de Aulas |
|-----------------------|-----------------------------|--|-------------|
| 1º Trimestre | Trigonometria | Razões Trigonométricas num triângulo retângulo; Seno, Cosseno e Tangente de um ângulo agudo; Ângulos Complementares; Relações entre razões trigonométricas; Fórmula Fundamental da Trigonometria e suas derivadas; Tabelas trigonométricas; Resolução de triângulos. | 10 |
| | Equações do 2º Grau | Equações de 2º Grau incompletas e Completas; Lei do anulamento do produto e factorização de polinómios; Fórmula resolvente. | 12 |
| | Operações com Números Reais | Os números reais. O conjunto \mathfrak{R} ; Raiz de índice n de um número real; Radicais e potências de expoente fracionário; Racionalização de expressões fracionárias com denominador irracional. | 14 |
| Total de Aulas | | | 36 |

| | Unidade | Temas | Nº de Aulas |
|----------------|--|--|-------------|
| 2º Trimestre | Operações com Números Reais (Continuação) | | 6 |
| | Volume da Esfera e Área da Superfície Esférica | Área da Superfície Esférica; Volume da Esfera. | 5 |
| | Funções Reais de Variável Real | Noção de função; Definição gráfica e analítica de uma função; Noções gerais de uma função; Gráfico, expressão analítica e propriedades da função afim; Análise da expressão $y = ax + b$; Definição de função quadrática, gráfico e sinal. | 16 |
| | Inequações do 2º Grau | Inequações 2º grau. | 5 |
| Total de Aulas | | | 32 |

| | Unidade | Temas | Nº de Aulas |
|----------------|---------------------------|--|-------------|
| 3º Trimestre | Função Definida por Ramos | Gráficos de funções definidas por ramos. | 8 |
| | Função Modular | Gráficos de funções modulares; Equações e Inequações com módulos. | 5 |
| | Estatística | Estudo de dados Simples e Agrupados em Classes; Gráficos. | 6 |
| Total de Aulas | | | 19 |

Tabela 8 - Planificação Anual de Matemática das Unidades Temáticas

Seguidamente, é elaborada uma planificação por unidade (mesma estrutura para os três ciclos), especificando os conteúdos e objetivos da mesma e quais as estratégias que irão ser usadas ao longo da unidade temática. O exemplo seguinte refere uma unidade do 10º ano:

Planificação da Unidade Equações

| Pré Requisitos | Conteúdos | Objetivos | Estratégias |
|--|---|---|--|
| Casos Notáveis da multiplicação; Factorização de Polinómios; Lei do anulamento do Produto; Resolução de Equações do primeiro grau. | Equações de 2º Grau incompletas e Completas; Lei do anulamento do produto e factorização de polinómios; Fórmula resolvente. | <p>Verificar se dados alguns valores são soluções ou não;</p> <p>Identificar equações incompletas e completas;</p> <p>Resolver equações do 2º grau incompletas e completas, procurando utilizar o processo mais adequado a cada situação (lei do anulamento do produto, fórmula resolvente, noção de raiz quadrada).</p> <p>Traduzir o enunciado de um problema da linguagem corrente para linguagem matemática.</p> <p>Interpretar e analisar as soluções ou a impossibilidade de uma equação, no contexto de um problema.</p> | <p>Insistir na utilização correta dos equivalentes;</p> <p>Escrever Conjunto Solução no final de cada resolução;</p> <p>Resolver exercícios e problemas;</p> <p>Terminar a resolução de um problema com a resposta adequada;</p> <p>Discutir oralmente ou por escrito o processo utilizado na resolução do problema;</p> <p>Os problemas a propor devem ser de natureza geométrica ou de situações da vida real;</p> <p>Insistir com os alunos na utilização do esquema: Dados, Desenho, Resolução, Resposta; na resolução de problemas.</p> |

Tabela 9 – Planificação por Unidade

No 1º Ciclo, além das planificações anteriores, é elaborado um doseamento¹⁷ por trimestre e semana:

| |
|---|
| <p>Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva</p> <p>Disciplina de Matemática</p> <p>7º Ano de Escolaridade I Trimestre 2005/2006</p> |
|---|

| |
|---|
| Semana de 27 a 30 de Setembro |
| 1ª Aula – Apresentação. Considerações gerais sobre a disciplina. |
| 2ª Aula – Avaliação diagnóstica. |
| 3ª Aula – Avaliação diagnóstica – conclusão. |

| |
|--|
| Semana de 3 a 7 de Outubro |
| 1ª Aula – Noção de conjuntos. Representação de conjuntos. |
| 2ª Aula – Classificação de conjuntos quanto ao número de elementos |
| 3ª Aula – Relação entre conjuntos. Uso dos símbolos $\in, \notin, \subset, \supset, \not\subset, \not\supset$ |
| 4ª Aula – Operações com conjuntos (reunião e intersecção). Uso dos símbolos \cup, \cap . |

| |
|--|
| Semana de 10 a 14 de Outubro |
| 1ª Aula – Introdução ao estudo dos números: jogos com números |
| 2ª Aula – Divisores e múltiplos de um número. |
| 3ª Aula – Abundantes e deficientes. |
| 4ª Aula – m.d.c. e m.m.c. |

| |
|---|
| Semana de 17 a 21 de Outubro. |
| 1ª Aula – Exercícios sobre m.d.c. e m.m.c. |
| 2ª Aula – Decomposição de um número em fatores primos. |
| 3ª Aula – Decomposição de um número em fatores primos: continuação |
| 4ª Aula – Noção de Potências – Cálculo de potências. |

| |
|--|
| Semana de 24 a 28 de Outubro |
| 1ª Aula – Potências: regras. |
| 2ª Aula – Exercícios. |
| 3ª Aula – Revisões. |
| 4ª Aula – Representação de números de notação decimal em fracionária. Números mistos fracionários. Números decimais. |

¹⁷ Termo usado na ESBLs para planificação aula a aula.

| |
|--|
| Semana de 31 de Outubro a 4 de Novembro |
| 1ª Aula – Redução de frações à dízima. Redução de dízima a fração. Classificação das dízimas. |
| 2ª Aula – Adição de frações. Transformação em notação de vírgula. |
| 3ª Aula – Multiplicação de frações. Divisão de frações. |

| |
|---|
| Semana de 7 a 11 de Novembro |
| 1ª Aula – Revisões. |
| 2ª Aula – Resolução de exercícios |
| 3ª Aula – Ficha de Avaliação Sumativa. |
| 4ª Aula – Correção da Ficha de Avaliação Sumativa. |

| |
|--|
| Semana de 14 a 18 de Novembro |
| 1ª Aula – Valores aproximados. |
| 2ª Aula – Arredondamentos, estimativas, truncatura. |
| 3ª Aula – Exercícios. |
| 4ª Aula – Consolidação da Unidade. |

| |
|--|
| Semana de 21 a 24 de Novembro |
| 1ª Aula – Introdução ao universo Z. |
| 2ª Aula – Universo Z: continuação |
| 3ª Aula – Representação dos números inteiros relativos na reta orientada. |
| 4ª Aula – Números simétricos. Módulo ou Valor absoluto de um número. |

| |
|---|
| Semana de 28 de Novembro a 2 de Dezembro |
| 1ª Aula – Exercícios de aplicação |
| 2ª Aula – Ordenação em Z. |
| 3ª Aula – Universo Q. |
| 4ª Aula – Relação entre os universos estudados. Uso dos símbolos $\in, \notin, \subset, \supset, \not\subset, \supsetneq$ |

| |
|-------------------------------|
| Semana de 5 a 9 de Dezembro |
| 1ª Aula – Exercícios. |
| 2ª Aula – Adição em Q. |

| |
|---|
| Semana de 12 a 16 de Dezembro |
| 1ª Aula – Adição em Q -Continuação. |
| 2ª Aula – Exercícios |
| 3ª Aula – Preparação para a Ficha de Avaliação Sumativa. |
| 4ª Aula – Ficha de Avaliação Sumativa |

| |
|--|
| Semana de 19 a 22 de Dezembro |
| 1ª Aula – Correção da Ficha de Avaliação |
| 2ª Aula – Propriedades da adição em Q. |
| 3ª Aula – Balanço e avaliação do trimestre. |

Tabela 10 – Doseamento Semanal para o 1º Ciclo

Ainda durante as reuniões de departamento que se realizam intensivamente no início do ano letivo, é preenchida a grelha de planificação anual de atividades descrevendo a data a realizar, o nome da atividade, os objetivos a alcançar, as estratégias a utilizar e material necessário¹⁸. O objetivo principal do preenchimento desta grelha é reunir todas as propostas dos diferentes grupos disciplinares para, mais uma vez, otimizar. Estando a falar de uma realidade onde os recursos materiais, monetários e mesmo humanos são escassos, a otimização¹⁹ é uma ferramenta essencial para melhorar a qualidade e praticabilidade das atividades. A Direção irá confrontar as propostas, datas e afins, informando posteriormente a sua decisão.

E depois de dois dias e meio de trabalho intensivo o ano letivo está pronto a começar.

Em Portugal o início do ano letivo é ligeiramente atribulado. A Diretora da ESPAA marca uma reunião geral para receber os docentes e em breves minutos descreve a estrutura organizacional da escola, apresenta os elementos da Direção, faz uma breve referência ao método de trabalho do órgão de gestão, informa que cada docente tem um endereço de correio eletrónico criado pela escola a fim de receber convocatórias e informações importantes e deseja um bom ano letivo. Seguidamente é realizada uma reunião com os docentes do Departamento respetivo onde são dadas as informações relativas aos procedimentos e atitudes, discutem-se os critérios gerais e colocam-se eventuais dúvidas. Também esta reunião é muito simples e de curta duração. Mas a manhã de reuniões (nada produtivas) está longe de acabar. Posteriormente, e depois de uma pequena pausa

¹⁸ Consultar **Anexo 6 – Plano Anual de Atividades**

¹⁹ *Aperfeiçoar um método para obter máxima qualidade.* (Definição retirada de <http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php?palavra=otimizar>) Julho 2011

para café, inicia-se a reunião de grupo disciplinar com a seguinte ordem de trabalhos: 1. Informações; 2. Exames dos Cursos Profissionais; 3. Calendarização das reuniões de Planificação; 4. Outros assuntos.

Quanto ao ponto um, este consiste em aferir métodos de trabalho e discutir alguns assuntos relevantes como: critérios específicos da disciplina; propostas de atividades para o plano anual de atividades; funcionamento do grupo de trabalho; local do material como calculadoras gráficas e *software* específico. De seguida é feita a distribuição para a elaboração dos exames dos cursos profissionais no segundo ponto da ordem de trabalhos da reunião, exames que decorrem durante o mês de setembro. Só no ponto três da ordem de trabalhos é que se começa efetivamente a falar de planificações: agendar o dia e hora respetiva a cada ano para a elaboração da planificação anual.

A estruturação das planificações é, em muito, semelhante ao que se pratica na ESBLs, à exceção do doseamento apresentado anteriormente. A planificação por unidade é fornecida pelos manuais escolares adotados, não se justificando assim a sua elaboração. Além disso, analisa-se criticamente o currículo e os programas, facultados pelo Ministério da Educação, bem como os seus princípios orientadores e os seus objetivos. É ainda competência dos docentes do grupo disciplinar discutir as opções metodológicas e a gestão dos programas. A planificação anual é basicamente uma planificação aula a aula, moldada ao manual adotado e que sugere tarefas a realizar. É elaborada ao longo do ano letivo, implicando a realização de várias reuniões de grupo disciplinar, muitas delas apenas para os professores serem informados de decisões ou tarefas a realizar. A planificação do ano letivo é constituída apenas por uma planificação anual que é realizada em três momentos, um em cada período, à medida que se desenrola o ano letivo.

Seguidamente é apresentado um excerto de um exemplar da planificação utilizada durante no ano letivo 2010/2011 na ESPAA.

ESCOLA SECUNDÁRIA POETA ANTÓNIO ALEIXO

PLANIFICAÇÃO 11º ANO Matemática A

ANO LETIVO 2010/2011

TEMA 1 – GEOMETRIA NO PLANO E NO ESPAÇO II

| Nº de aula/Conteúdos | Tarefas (Aula/TPC) | Objetivos |
|--|--------------------|---|
| 1ª Aula Apresentação. Razões trigonométricas de um ângulo agudo. | | - Análise e levantamento das dificuldades dos alunos. - Definir as razões trigonométricas de um ângulo agudo |

| | | |
|--|---|--|
| <p>2ª e 3ª aulas Resolução de problemas que envolvam triângulos.</p> | <p>Ficha de trabalho nº 1 Exercícios 2 – 6 das págs. 11, 12, 13</p> | <p>-Resolver problemas geométricos em contexto real, determinando ângulos e comprimentos usando as razões trigonométricas de um ângulo agudo.</p> |
| <p>4ª aula Razões trigonométricas dos ângulos 30°, 45° e 60°. Resolução de exercícios.</p> | <p>Exercícios 13 e 14 da pág. 18 Ficha de trabalho nº 2 (extra)</p> | <p>- Conhecer e deduzir as razões trigonométricas de 30°, 45° e 60°.</p> |
| <p>5ªe 6ª aulas Relação Trigonométrica $tgx = senx / cosx$. Relação fundamental da trigonometria. Exercícios de demonstração Resolução de exercícios</p> | <p>Exercícios 7-10 das págs. 14 e 15 Exercícios propostos das págs. 26 -29 do manual Ficha de trabalho nº 3</p> | <p>- Estabelecer relações entre senos, cossenos e tangente de um mesmo ângulo agudo. - Verificar igualdades usando as fórmulas trigonométricas: $\tan x = \frac{\sin x}{\cos x} ; .$</p> |
| <p>7ª aula Unidades de medida de ângulos e arcos Generalizações das noções de ângulo e de arco</p> | <p>Exercício 21 e 22 da pág. 46</p> | <p>$\sin^2 x + \cos^2 x = 1$ - Generalizar a noção de ângulo e arco. -Fazer a equivalência entre ângulos e radianos.</p> |
| <p>8ª e 9ª aulas Representação de um ângulo num referencial ortonormado O Círculo Trigonométrico. Razões trigonométricas de um ângulo generalizado. Sinal e variação do seno e cosseno e tangente. Mini Teste de avaliação</p> | <p>Exercícios 29 e 30 da pág. 47 Exercícios 17-18 da pág. 34 - 35 Exercícios 23-25 da pág. 46 Exercícios 31 da pág. 47 Ficha de Trabalho nº 4</p> | <p>- Generalizar as razões trigonométricas a um ângulo qualquer. - Estudar a variação e o sinal das razões trigonométricas no círculo trigonométrico. - Estabelecer relações entre senos, cossenos e tangentes. - Resolver equações e inequações trigonométricas elementares</p> |
| <p>10ª, 11ª e 12ª aulas Entrega e correção do mini teste de avaliação Relações trigonométricas no</p> | <p>Exercícios 19-23 da pág. 36-41 Exercícios 26-28 da pág. 46</p> | |

| | | |
|---|---|--------------------------------|
| círculo. Resolução de exercícios. | Exercícios 32 e 33 da pág. 47 | |
| 13ª, 14ª e 15ª aulas Equações trigonométricas. | Ficha de trabalho nº5 Exercícios 24-30 da pág. 49-53 Exercícios 34 e 35 da pág. 74 | |
| 16ª , 17ª e 18ª aulas Resolução de problemas. | Exercícios 40-43 da pág. 75 Exercícios 31-34 da pág. 55-59 Exercícios 44-46 da pág. 75-76 Exercícios 47-48 da pág. 76-77 | |
| 19ª aula - Revisões | Ficha de trabalho nº 6 (com exercícios adaptados de exames nacionais) | - Esclarecer eventuais dúvidas |
| 20ª aula Ficha de Avaliação. | | |
| 21ª aula ▪ Correção da ficha de avaliação. | | |

Tabela 11 – Planificação 1º Período ESPAA²⁰

As propostas de atividades também são colocadas no início do ano letivo à subcoordenadora de departamento, a qual leva a informação à coordenadora que por sua vez faz chegar a informação à Direção.

²⁰ Planificação até ao teste intermédio – **Anexo 5**

A planificação das aulas fica a cargo dos respetivos professores, agrupados por ano e curso, que fazem uma enorme ginástica para se encontrarem e planificar em conjunto. O facto de não estar contemplado no horário dos professores um momento livre e comum dificulta a partilha de experiências e de trabalho.

3.3 – CARGO DE DIRETOR DE TURMA

O cargo de DT na ESBLs é por nomeação direta do Diretor da escola. Como referido anteriormente, o cargo não prevê qualquer redução no horário e a hora destinada para receber os Encarregados de Educação (EE) é marcada *a posteriori*, ficando à consideração do docente. Relativamente a tarefas inerentes e obrigatórias ao cargo do DT apenas o controle de faltas (justificadas e injustificadas) faz parte da obrigatoriedade, no entanto a forma como esse controle é feito fica a cargo do DT. Além disso, como consta no Regulamento Interno na Escola, o DT deve manter informado os seus alunos acerca de qualquer regra regulamentar ou legal que lhes diga respeito; comunicar ao Conselho de Disciplina os casos de indisciplina que não puderem ser resolvidos a nível do Conselho de Turma e recolher, junto dos professores, informações sobre os alunos e, prestá-las, quando solicitado, aos pais e ou encarregados de educação.

Quando soube que iria ser Diretora de turma, cargo que nunca tinha exercido, comecei por bombardear o subdiretor pedagógico com perguntas direcionadas no sentido de conhecer os documentos que eram utilizados. Para meu espanto, os documentos eram quase inexistentes. Apenas o “Livro de Termo” onde se registam as avaliações dos alunos no final de cada trimestre e as respetivas faltas e uma grelha de nome “Ficha Estatística de Turma – Ensino Secundário”²¹ elaborada em Microsoft Excel e a ser preenchida no início e concluída no final do ano letivo. Resolvi, de imediato, elaborar um questionário para aplicar aos alunos a fim de conhecê-los melhor. Gostava de ter podido usar o questionário que possuía aquando do ano de estágio, mas imediatamente fui alertada para a necessidade de economizar papel e ser objetiva. Reduzi ao mínimo as questões, eliminei algumas menos importantes e que me pareciam não estarem adequadas ao contexto e dividi uma folha A4 em quatro partes iguais.

²¹ Consultar **Anexo 7 – Ficha Estatística de Turma – Ensino Secundário, ESBLs**

| Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva | | | |
|--|----------|--------------------|-----------|
| Vila de Ribeira Brava - S. Nicolau | | | |
| Nome: | | | |
| Idade: | | Sexo: | |
| Morada: | | | |
| Encarregado de Educação: | | | |
| G. Parentesco | | | |
| Agregado familiar: | | | |
| | Nome | Grau de Parentesco | Profissão |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| Se alguém do agregado familiar estudar, indicar local: | | | |
| Número de reprovações: | 1º Ciclo | 2º Ciclo | 3º Ciclo |
| Qual a tua disciplina preferida? | | | |
| Qual (quais) a (s) tua (s) disciplina (s) com maior dificuldade? | | | |
| Tens algum problema de saúde? | | | |
| Se sim, qual (quais)? | | | |
| Como ocupas os teus tempos livres? | | | |
| Qual a profissão que gostarias de ter? | | | |

Tabela 12 – Questionário aplicado na ESBS

Depois de elaborado o questionário, e seguindo as obrigações que me foram inculcadas em Portugal, efetuei o seu estudo²² e partilhei-o com os colegas do conselho de turma. Usando a minha máquina fotográfica, consegui obter as fotos individuais para completar o meu trabalho, pois a lista que constava no livro de ponto era apenas constituída pelo nome, número e idade. Esse estudo foi analisado na primeira reunião que presidi como Diretora de turma e os colegas ficaram admiradíssimos com o trabalho que tinha tido a elaborar tal documento.

Para registar e controlar as faltas da turma elaborei, em conjunto com as minhas colegas portuguesas, uma tabela em Microsoft Excel a fim de sistematizar

²² Consultar **Anexo 8 – Estudo da Turma 7ºE, ESBS**

esse controle, à qual demos o nome de “Grelha de Faltas – Mensal”²³ e que cuidadosamente preenchíamos, como o próprio nome indica, mensalmente. Para justificar as faltas os alunos compravam um boletim na secretaria e entregavam diretamente ao DT.

Ao longo das primeiras semanas sentimos necessidade de elaborar mais alguns registos relativos às faltas de material e de atraso²⁴, construindo, mais uma vez, algumas tabelas para registo pessoal. Apenas à terceira falta de material é que o aluno tem falta de presença e o mesmo acontece quanto às faltas de atraso.

Relativamente às faltas injustificadas, no sistema educativo cabo-verdiano, o limite legal de faltas injustificadas é o triplo de tempos semanais da disciplina em questão.

| Disciplinas | Número de Aulas por Semana | Número máximo de Faltas Injustificadas |
|---|----------------------------|--|
| Matemática | 4 | 12 |
| Português | 4 | 12 |
| Inglês | 4 | 12 |
| Homem Ambiente * Prova Geral Interna | 4 | 12 |
| Educação Visual e Tecnológica | 3 | 9 |
| Estudos Científicos | 3 | 9 |
| Formação Pessoal e Social | 2 | 6 |

Tabela 13 – Faltas Injustificadas ESBSL

Caso o aluno atinja metade do limite legal de faltas injustificadas o DT deve convocar o aluno e o EE, via telefone, pois é o meio mais rápido e com mais eficácia, para uma reunião com o objetivo de alertar para a possibilidade de exclusão por faltas do seu educando (via carta seria um processo mais moroso, sem certezas de que a carta seria recebida e envolvia custos para a escola que esta não pode suportar). Caso o aluno ultrapasse o limite legal de faltas injustificadas, é de imediato excluído pelo Diretor do Estabelecimento.

Não existem reuniões gerais de EE e estes são convocados individualmente caso seja necessário, sempre por via telefónica. Podem, no entanto, deslocar-se à escola sempre que o considerarem pertinente no horário definido previamente pelo DT. É de salientar que as faltas injustificadas por parte dos alunos são muito

²³ Consultar **Anexo 9 – Grelha de Faltas Mensal, ESBSL**

²⁴ Consultar **Anexo 10 – Registo de Faltas de Atraso e Material, ESBSL**

poucas. Todos eles preferem a escola aos trabalhos pesados a que são sujeitos em casa e, por isso, evitam faltar pois correm o risco de serem excluídos por faltas.

Só quando o ano letivo estava a terminar em Cabo Verde é que fui alertada para a situação da reprovação: os alunos apenas têm direito a reprovar uma vez no ciclo. Se a reprovação for no 1º ciclo o aluno pode reprovar a segunda vez mas não terá hipóteses de seguir para o 2º ciclo. Caso surja a segunda reprovação no 2º ou no 3º ciclo o aluno é excluído do ensino público. Nesse caso a única opção é o ensino particular mas, mais uma vez, a situação financeira da maioria das famílias não o permite. Como agravante, a ilha de São Nicolau não tem nenhum estabelecimento de ensino privado. Sendo assim, a única solução é a integração no mundo do trabalho, quer seja acompanhando os pais na agricultura, quer seja na pesca ou limpeza, pois não existe muita oferta nem diversidade de emprego.

Na ESPAA, o cargo de DT implica uma redução no horário de duas horas letivas semanais, marcadas no horário, uma destinada a assuntos de Direção de turma e outra destinada à receção dos EE. Além destas duas horas existe mais uma terceira hora, integrada no trabalho de escola, para manter uma relação mais próxima com os alunos da turma e debater assuntos do seu interesse.

No início do ano letivo todos os DT assistem a uma reunião, com o objetivo de apresentar os deveres de tal cargo, as tarefas a realizar e os impressos que já estão previamente elaborados.

Nesta escola, a Psicóloga elaborou um questionário para aplicar em todas as turmas que, depois de preenchido, é-lhe entregue para que esta elabore um estudo estatístico, do qual deverá dar conhecimento ao DT. Como seria de esperar, os resultados do questionário nunca foram entregues aos DT, uma vez que a escola tem imensos alunos e seria impossível uma pessoa só fazer um estudo tão intensivo e moroso. Assim, como DT, fiz um levantamento dos dados mais importantes dos alunos, consultando os seus registos biográficos disponíveis na secretaria da escola, elaborei um pequeno resumo²⁵ e enviei uma cópia, via correio eletrónico, aos elementos do Conselho de Turma antes da primeira reunião. No livro de ponto os alunos aparecem identificados não só pelo nome e número mas também pela fotografia, sendo muito fácil fotocopiar esse registo fotográfico e distribuir pelos professores da turma.

O sistema de ensino em Portugal está cada vez mais informatizado e os processos em papel dos alunos tendem a desaparecer. Todas as informações sobre os alunos são lançadas num programa para o efeito, WINGA – Gestão de Alunos. O mesmo acontece com o sistema de controlo de faltas. Na ESPAA existem duas administrativas responsáveis pelo levantamento e lançamento informático das

²⁵ Ver **Anexo 11 – Estudo da Turma ESPAA**

faltas, recebendo ainda as justificações de faltas e efetuando o respetivo registo. Semanalmente dão conhecimento ao DT do mapa de faltas, que colocam num separador para o efeito, na sala de DT. Por um lado, retira imenso trabalho ao DT, mas, por outro, este fica muito distante da turma e por vezes fica mesmo perdido no meio de tantas faltas. Quanto às faltas de material, aquando da terceira será marcada uma falta de presença, mas essa tarefa é controlada individualmente pelos professores da disciplina. Não existem faltas de atraso e, caso o aluno efetivamente chegue atrasado à sala de aula, compete ao professor decidir se marca ou não falta de presença.

Relativamente ao número máximo de faltas injustificadas por disciplina, na ESPAA o DT é obrigado a preencher e entregar um documento com essa informação às administrativas responsáveis pelas faltas, denominado "Grelha de Tempos Letivos Semanais"²⁶. No sistema educativo em Portugal os alunos apenas podem faltar injustificadamente ao dobro dos tempos semanais da disciplina em questão. Cada falta injustificada tem que ser comunicada ao EE, via telefone ou carta, como o DT preferir. A escola suporta o custo das cartas, do registo e do aviso de receção, caso seja necessário, sendo estes custos muito elevados tendo em conta a quantidade de alunos da escola e a quantidade de faltas que os mesmos têm. Caso o aluno atinja metade do limite legal de faltas injustificadas, o procedimento é semelhante ao da ESBL: o DT deve convocar o EE para uma reunião com o objetivo de o alertar para a possibilidade de exclusão por faltas do seu educando. Caso o aluno ultrapasse esse limite, a convocatória do EE é obrigatória. No ano letivo 2009/2010 o aluno tinha de realizar provas de recuperação elaboradas pelos professores da disciplina em questão (informados pelo DT) e, caso obtivesse aproveitamento, eram retiradas metade das faltas injustificadas para efeitos de ultrapassagem de limites. Se o aluno voltasse a ultrapassar o limite realizava uma nova prova de recuperação. Só no caso de o aluno não obter aproveitamento na referida prova, é que o Conselho de Turma efetuará uma reunião e decidirá pela exclusão. Este processo era interminável e as provas poderiam ser realizadas sucessivamente e sem limite por disciplina.

No ano letivo de 2010/2011 o procedimento foi alterado. Se o aluno ultrapassar o limite a qualquer disciplina será sujeito à elaboração de um PIT (Plano Individual de Trabalho). A operacionalização do PIT²⁷ consiste em o DT informar a Direção que o aluno ultrapassou o limite de faltas à(s) disciplina(s) e esta agenda uma reunião de Conselho de Turma para a elaboração do referido PIT. Nessa reunião, os professores envolvidos sugerem atividades para o aluno realizar,

²⁶ Ver **Anexo 12 – Grelha de Tempos Letivos Semanais**

²⁷ Ver **Anexo 13 – Operacionalização do PIT**

preenchendo um documento "PIT – Planificação"²⁸. O Diretor de turma fica responsável pela implementação, acompanhamento e recolha do trabalho realizado pelo aluno, preenchendo mais um documento "PIT – Acompanhamento"²⁹. Caso o aluno não cumpra o PIT, falte sem motivo de força maior ou volte a ultrapassar o limite de faltas injustificadas, quer na disciplina em questão, quer numa outra disciplina, o DT informa a Direção e a Diretora do estabelecimento de ensino decreta a exclusão do aluno. Se o aluno cumprir o PIT e não voltar a faltar injustificadamente, o Conselho de Turma irá analisar a situação no final do ano letivo, preenchendo mais um documento "PIT – Avaliação"³⁰.

Quanto às reuniões com os EE, na ESPAA está tudo muito sistematizado e organizado. Existem várias reuniões gerais de EE ao longo do ano, a primeira reunião no início do ano letivo e, obrigatoriamente, uma em cada final de período para entrega das fichas de informação do educando e informações gerais da turma. Estas reuniões têm um guião³¹ que é elaborado e facultado pela coordenadora dos DT's. Durante a reunião, os EE assinam a sua presença num rosto de ata fornecido pela escola e o DT, no final da reunião, elabora o corpo da ata resumindo e registando todos os assuntos debatidos.

Embora em Portugal esteja tudo muito mais definido e sistematizado, a burocracia com preenchimento de documentos sem parar (pois tudo tem que ficar registado), de procedimentos obrigatórios e de atas para realizar, além do relatório final do ano letivo³², torna o processo muito longo e cansativo, principalmente para o DT.

3.4 – CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS

No ano letivo de 2005/2006, na ESBLs, o meu horário contemplava turmas do 7º e 8º anos. O meu maior espanto aconteceu quando recebi a listagem das turmas. Quase fiquei sem falar, nem sabia o que dizer. Além de tentar ler os nomes dos alunos (tentar é mesmo o termo, devido à complexidade dos nomes) fiquei completamente chocada pela quantidade de alunos por turma, entre 40 a 45! O primeiro pensamento foi de imediato: "Como vou conseguir ensinar e ajudar todos estes alunos?" Em Portugal, as turmas rondam os 28/30 alunos no máximo e é complicado dar aulas, como seria se o número de alunos aumentasse em mais 15?

²⁸ Ver **Anexo 14 – PIT Planificação**

²⁹ Ver **Anexo 15 – PIT Acompanhamento**

³⁰ Ver **Anexo 16 – PIT avaliação**

³¹ Ver **Anexo 17 – Exemplo de um Guião para Reunião EE**

³² Ver **Anexo 18 – Relatório Crítico de DT**

No primeiro ciclo do ensino secundário, o número de alunos por turma na ESBLs é de 30 a 45 alunos e no segundo e terceiro ciclos esse número diminui para os 25 a 40 alunos³³.

Estava nervosa! A primeira aula é sempre muito importante, não só pelo estabelecer de regras, métodos de trabalho e material necessário, como pelo primeiro contacto direto com a turma. Quando entrei na sala pela primeira vez e depois de todos os alunos se instalarem, estes ficaram a olhar para mim, à espera de uma palavra, de um gesto. Boa tarde fica sempre bem, pensei. Reponderam todos em uníssono, e de imediato se voltou a fazer silêncio na sala. Foi uma primeira aula exatamente igual a qualquer primeira aula que lecionei em Portugal. No mesmo dia o Diretor da ESBLs pediu a minha comparência para uma pequena reunião. Não fazia a mínima ideia do que seria e rapidamente correspondi à chamada. Qual o meu espanto quando ele me disse que os alunos, após a minha aula, se dirigiram à respetiva Diretora de turma aterrorizados pois “*a professora branca é má.*”³⁴ Sorri, mas não considerei uma piada. Em conversa informal com o Diretor, este explicou-me que são raros os casos de indisciplina na escola, que os alunos são bem comportados no geral e muito educados, não havendo necessidade de impor tanto respeito. Com o passar do tempo, fui obrigada a render-me às evidências e a concordar que a minha postura na primeira aula foi exagerada. Os alunos têm um comportamento exemplar, uma autonomia digna de ser distinguida e uma vontade de apreender enorme. As realidades são tão diferentes que a minha postura nunca deveria ter sido a mesma: tentei impor respeito e regras muito rígidas, mostrei uma cara séria e “de poucos amigos”, como se costuma dizer no norte de Portugal; falei muito alto e num tom forte e ligeiramente arrogante.

A média das idades por turma na ESBLs não varia muito de ano para ano uma vez que os alunos não podem reprovar mais do que uma vez por ciclo (ou serão excluídos do sistema educativo público, como referido anteriormente). No entanto, o nível socioeconómico é bastante heterogéneo. Para minorar essa diferença de *status* a escola impõe o uso de uniforme, camisa branca com riscas verdes, calças verdes (rapazes ou raparigas) ou saia verde (raparigas). Esses uniformes são capazes de percorrer vários familiares, no caso de famílias com maiores dificuldades. Inúmeros são os alunos que se apresentam na sala de aula com uniformes gastos e mesmo rasgados, calças com remendos e pés descalços. Os alunos estavam tão habituados a andar descalços que, mesmo quando traziam sapatilhas ou chinelos, retiravam-nos para jogar futebol ou brincar no recreio.

³³ Ver **Anexo 19 – Exemplos de listas de alunos**

³⁴ Expressão exata usada pelos alunos para me descrever.

Apesar de no início a relação com os alunos ter sido um pouco difícil, ao longo do ano letivo esta relação foi melhorando por vários motivos: adequação ao meio, conhecimento da turma, atividades extra curriculares desenvolvidas, métodos de ensino, etc. Os alunos demonstravam um carinho pelos professores que eu nunca tinha sentido e que, na realidade portuguesa atual, continuo sem sentir. Entravam sempre de forma ordeira na sala, sentavam-se e abriam a lição, muitas vezes primeiro do que eu, raramente conversavam durante as aulas, prestavam atenção à exposição da matéria e quando a aula era de resolução de exercícios, ficavam concentrados na sua resolução, elaborando sempre as tarefas pedidas. A autonomia dos alunos, como foi referido anteriormente, era sublime, sempre tentaram resolver os problemas sozinhos e ultrapassar as suas dificuldades. Só mesmo em último caso é que pediam a minha ajuda. Quase todos os dias tinha um "miminho" em cima da minha carteira. Os alunos, embora muitos deles não tenham posses financeiras, adoravam trazer prendas aos professores, uma *laranja di terra*, um *drops*³⁵, uma flor, entre outros. As meninas preferiam pentear-me com trancinhas e trancinhas, pediam para ser as próximas só para poderem mexer no "cabelo das brancas que não é igual".

Em Portugal, e principalmente no ensino secundário, alguns professores (a maioria) mantém uma certa distância com os alunos e estes também encaram isso como ser tratado como um adulto. Durante o corrente ano letivo, uma aluna entrou na sala de aula e deu um beijinho de bom dia na colega, e eu, numa de brincadeira disse "também quero um." Qual o espanto da aluna, que prontamente respondeu, "também quer? Um beijinho? A sério? Posso?". Tento estabelecer uma relação de amizade e respeito com todos os meus alunos, mas em Portugal, nem sempre consigo. A sociedade é demasiado crítica e impõe regras que têm de ser cumpridas, se não queremos ser alvo de censura.

3.5 – PLANIFICAÇÃO DAS AULAS DIÁRIAS

A missão mais importante de um professor é efetivamente lecionar, ou pelo menos deveria ser. E em Cabo Verde ser professor é apenas ser professor.

Aquando da entrevista para a seleção de professores, no IPAD, fui informada de que em Cabo Verde não existiam manuais escolares. No entanto, não sabia qual ou quais os níveis que iria lecionar. Sem muita informação, escolhi um manual de cada ano de escolaridade para me acompanhar na jornada e liguei para a outra candidata selecionada, minha amiga, com o intuito de combinar outros manuais para não suceder repetição de livros, mesmo porque a bagagem a que tínhamos

³⁵ Em português: rebuçado.

direito e o peso dos manuais eram incompatíveis. No IPAD, a solução que concederam foi a de juntar todo o material que precisássemos, levar até Lisboa e ser enviada num contentor até à embaixada de Portugal, em Santiago, Praia e seguidamente enviada por barco para a ilha respetiva de cada cooperante. A solução seria ótima se esse contentor conseguisse chegar à nossa ilha em tempo útil, no entanto, o conteúdo deste apenas conseguiria chegar até nós no final do mês de Janeiro (e sem certezas, pois dependia da restante carga, o contentor só seria enviado quando estivesse com a carga completa). Rapidamente desistimos da ideia.

Foi uma luta organizar a bagagem. Na primeira viagem tinha direito a 60kg no porão e 12kg de bagagem de mão. As regras de segurança apertadas nos aeroportos ainda não tinham sido implementadas e por isso conseguíamos sempre levar mais bagagem do que a permitida. Além dos manuais referidos anteriormente, o computador portátil e a impressora multifunções foram dois bens essenciais e que, para mim, eram obrigatórios. Mas a consciência efetiva das necessidades apareceu com a lecionação.

Uma das barreiras naturais, a língua, que embora oficialmente fosse o Português, foi das primeiras dificuldades sentidas. Os alunos, desde a primeira aula que não conseguiam acompanhar o meu ritmo e tinha que voltar atrás várias vezes ao longo das aulas. Desde logo perguntei o porquê de tantos atrasos e a resposta foi óbvia depois de a ouvir: *"a professora usa palavras diferentes, tem o sotaque diferente e fala muito rápido!"*. Só depois de parar para pensar na situação é que tomei consciência de que, provavelmente, os alunos tinham razão. A partir desse momento comecei a falar mais devagar e usar palavras que, embora tendo em conta o rigor científico, fossem claras na exposição da matéria. Mesmo assim, na altura da entrega do primeiro teste, ocorreu outra situação bastante desagradável. A primeira ficha de avaliação não correu muito bem, as notas estavam fracas e os erros ao longo do teste eram tantos que acabei por proferir uma frase infeliz: *"Os testes estão uma desgraça!"*. Senti um silêncio que ao mesmo tempo era ensurdecador na sala. Só no final da aula é que uma aluna, muito triste e com um ar de zangada, veio ter comigo e disse: *"A professora chamou-nos desgraçados e isso é um termo muito feio."* Senti-me obrigada a explicar aos alunos que não tinha sido esse o intuito da frase e que não eram eles os desgraçados mas sim os testes, estavam uma desgraça, com muitos erros e com resoluções que nem sempre tinham *"pés e cabeça"*. Foi um período de adaptação tanto para mim como para os alunos, um ajuste de ambas as partes. Ficou desde logo acordado que qualquer situação desagradável, tanto para mim como para os alunos, deveria ser imediatamente esclarecida.

A preparação das aulas tinha vários condicionalismos. Os alunos não tinham manual escolar e o estudo destes baseava-se nos seus apontamentos das aulas e por isso precisava de ter muito cuidado na introdução da matéria e na diversidade dos exercícios apresentados. Além disso o rigor científico precisava, mais do que nunca, estar presente em cada exposição de matéria. Fotocópias eram muito escassas e limitadas e os recursos informáticos quase inexistentes. Todos os recursos que em Portugal eram de fácil uso e acesso, em Cabo Verde eram uma realidade difícil de alcançar. Por isso, o meu método de ensino nada se assemelhava ao do ano de estágio ou mesmo ao de qualquer escola em Portugal. Quanto a calculadoras gráficas, “o que é isso?”. As calculadoras que eram usadas eram umas “pequenitas” com as operações simples e algumas com a operação de raiz quadrada.



Figura 17 – Exemplo das máquinas de calcular usadas

A sala de aula era um amontoado de carteiras e cadeiras, nem sempre em bom estado de conservação. O quadro preto de giz, além de mal colocado, estava completamente esburacado e cheio de falhas. Para escrever era preciso andar a desviar as palavras dos buracos e das zonas onde a claridade e o sol não permitiam a visualização da matéria.



Figura 18 – Uma sala de Aula na ESBLs

A nível de conteúdos lecionados, e comparativamente com Portugal, não existem grandes diferenças, ou pelo menos não são significativas. Talvez a mais significativa seja a ordem pela qual são lecionados os conteúdos e a importância que os conceitos mais básicos têm no primeiro ciclo. A dificuldade de preparar as

aulas não se prendeu de todo com os conteúdos. Adotei “o meu caderno diário” como se de um caderno diário de um aluno se tratasse e preparava sempre todas as aulas com a preocupação de, se precisasse de estudar, me entender naquele caderno. O meu objetivo principal era o de proporcionar aos alunos uma seqüência de apontamentos organizados e cientificamente corretos e rigorosos. As aulas consistiam basicamente em introduzir a matéria com uma atividade inicial, normalmente um problema, a fim de prender a atenção dos alunos e suscitar possíveis questões, aproveitando a discussão para mostrar qual o caminho mais eficaz ou o método mais adequado. Tudo era escrito no quadro para que os erros fossem minimizados. O ritmo dos alunos, no início, era muito lento mas foi melhorando consideravelmente ao longo do ano letivo. Todos os alunos tinham caderno diário mas nem sempre material de escrita adequado. Alguma da lentidão ao copiar os apontamentos do quadro prendia-se com o facto de um lápis e uma caneta serem partilhados por dois alunos, muitas das vezes familiares. Enquanto um escrevia o outro esperava e depois trocavam. A primeira reação foi ligar para a minha mãe, para Portugal, e pedir que ela comprasse algum material escolar e me enviasse pelo correio urgente. Sempre que a situação era de partilha ou de mesmo inexistência desse material, emprestava ou oferecia, dependendo dos casos, o material que levava comigo em excesso.

Uma das primeiras estratégias adotadas para que os alunos melhorassem o seu desempenho foi criar jogos rápidos e de fácil aplicação na sala de aula, proporcionando a aprendizagem e a concentração e ao mesmo tempo motivando-os para os conteúdos. Todo o material que usei foi sempre na tentativa de não acrescer gastos à escola nem mesmo de fotocópias. Usava as minhas próprias folhas brancas e imprimia tudo em casa. Quando estamos inseridos numa sociedade com tantas dificuldades, damos valor a certos pormenores que em Portugal não passam mesmo disso, pormenores. Os gastos que tinha com a elaboração de material não significavam nada para mim: apenas uma pequena quantia de dinheiro que facilmente recuperava e que para eles era extremamente importante.

Por exemplo, depois de apresentado o conteúdo de operações com frações, e de serem treinadas essas operações, resolvi testar se a aprendizagem tinha sido adquirida. Dividir uma folha A4 em 15 partes com três operações, soma, multiplicação e divisão³⁶. Imprimi a quantidade necessária e recortei-a em quadradinhos. Quando cheguei à sala de aula, distribuí o “papelinho”, voltado de costas, pedi para escreverem o nome nas costas e para efetuarem as contas propostas e contabilizei trinta segundos pelo relógio. No final do tempo os alunos

³⁶ Ver **Anexo 20 – Exemplo de um jogo de Rapidez**

voltavam a colocar o papelinho de costas na mesa a fim de os recolher para os corrigir. A primeira vez foi de gargalhada geral. Riram-se imenso e disseram que não tinham conseguido terminar, que o tempo era pouco, mas que queriam muito repetir o jogo. Na aula seguinte fiz a repetição do jogo e para meu espanto, todos concluíram antes do tempo e obtive cem por cento de respostas certas. Ao longo do ano repeti muitas vezes este jogo com outros conteúdos e a euforia na sala de aula instalava-se.

No início ainda preparei algumas fichas de trabalho³⁷, em que cada folha A4 dava para três exemplares. Mas rapidamente desisti. Além das impressões serem muitas (5 turmas com 40 alunos cada uma, implicava 200 exemplares), os alunos não tinham onde guardar as fichas e soltas no caderno diário facilmente se perderiam. Segue-se um exemplar de uma ficha de trabalho utilizada no sétimo ano de escolaridade:

| Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|---------------------------|-------------------------------|-------------------------------|-------------------|--------|---------|---|---|----|----|----|------------------------|-----|-----|-----|-------|-------|-------|-------|-------|--|
| 7º Ano | | | | | | | | | | | | Ficha de Trabalho nº 1 | | | | | | | | | |
| Disciplina de Matemática | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1. Escreve o conjunto resultante das seguintes operações: | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| a) $\{1,2,3,4,5\} \cap \{3,6,8\}$ | b) $N \cap \{0,1,4\}$ | c) $\{3,6,9\} \cap \{2,4,6\}$ | d) $\{1,2,3\} \cup \{4,5,6\}$ | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| e) $\{4,6,8,10\} \cup \{1,2,3\}$ | f) $\{ \} \cup \{2,4,6\}$ | g) $\{3,4,5\} \cap N$ | h) $\Phi \cap \{3,4,5\}$ | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 2. Completa com os sinais \in, \notin: | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| a) $2 _ N$ | b) $0 _ N$ | c) $5 _ \{1,2,3,4,5,6\}$ | d) $4 _ \{1,2,3\}$ | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 3. Completa com os sinais $\subset, \not\subset, \supset, \supsetneq$: | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| a) $\{1,2,3\} _ N$ | b) $N _ \{2,3\}$ | c) $\{5\} _ \{1,4,9\}$ | d) $N _ \{0\}$ | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 4. Assinala com um x onde pensares ser verdade: | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 10 | 11 | 13 | 350 | 495 | 522 | 720 | 1 022 | 3 330 | 4 000 | 5 365 | 6 999 | |
| Divisível por 2 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Divisível por 3 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Divisível por 5 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Divisível por 10 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Primo | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Composto | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 5. Descompõem em factores primos: | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| a) 30 | b) 36 | c) 210 | d) 286 | e) 630 | f) 858 | g) 1050 | | | | | | | | | | | | | | | |
| 6. Calcula: | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| a) m.m.c. (15,12) | b) m.m.c. (6,9,36) | c) m.d.c. (12,18) | e) m.d.c. (6,8,20) | f) m.d.c. (28,30) | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Figura 19 - Exemplo de uma Ficha de Trabalho ESBLs

Quando o conteúdo solicitava imagens ou desenho, muitas das vezes imprimia uma série de figuras, recortava-as e eles colavam no caderno diário. Veja-se o exemplo das translações:

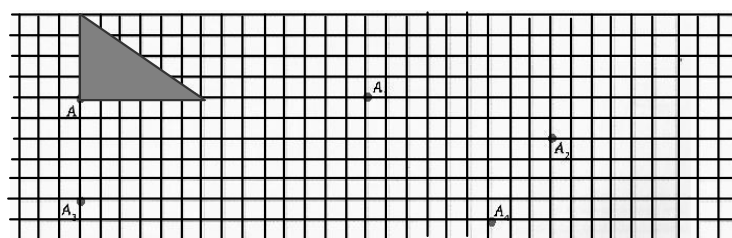


Figura 20 - Exemplo de uma imagem para colar no caderno diário

³⁷ Ver Anexo 21 – Exemplo de uma Ficha de Trabalho

Outra ferramenta, nem sempre disponível, devido ao facto de apenas existir um projetor multimédia, era elaborar uma apresentação em Microsoft Power Point³⁸. Os alunos adoraram. Ficavam maravilhados com as animações e com as figuras. Mas, no entanto, queriam copiar e não conseguiam. Em Portugal o problema seria facilmente resolvido, enviando para o correio eletrónico da turma e cada um ficaria com a apresentação disponível em casa para ver e rever quantas vezes fosse necessário. Uma vez que a realidade não permitia tal facto, a solução foi imprimir seis diapositivos por folha e fotocopiar (fotocópias a meu cargo).

No décimo ano, aquando da lecionação das funções, transformações geométricas, e dado que os alunos não possuíam máquinas de calcular gráficas, usei o programa Geogebra³⁹ para mostrar a construção de funções e as várias transformações que esta pode sofrer ao alterar alguns parâmetros. Esta ferramenta mostrou-se muito útil e uma imagem por vezes vale mais do que mil palavras. Foi usada várias vezes ao longo do conteúdo para confirmar os gráficos elaborados pelos alunos. Infelizmente, devido à falta de salas equipadas com computadores, não foi possível os alunos trabalharem diretamente com o programa. No entanto existiam alguns alunos na sala de aula com mais posses financeiras que tinham acesso em casa ao computador. Todos eles queriam experimentar. Facultei o programa (uma vez que o software é livre) e eles instalaram no computador de casa.

Quanto a trabalhos de casa, como professoras, tivemos que nos consciencializar de que tinham que ser poucos e esporádicos. Os alunos têm outra forma de vida, não chegam a casa depois das aulas e ficam a ver televisão, até porque não existe na maioria das casas, nem mesmo eletricidade para estudarem depois do sol se pôr. O período que não estão na escola estão a trabalhar e à noite, sem luz, é impossível elaborar trabalhos de casa.

Apesar de todas as dificuldades sentidas, uma vez que estava habituada a outra realidade, o ensino da Matemática não foi tão difícil como pensava, o programa foi sempre cumprido sem grandes correrias (como é na maioria dos casos em Portugal) e as aulas de exercícios e resolução de problemas eram uma constante sendo muito apreciadas e aproveitadas pelos alunos. Adoravam resolver desafios e como foi referido anteriormente, a autonomia que demonstravam era notória, sempre a tentar ultrapassar as suas dificuldades por si sós ou com a ajuda do companheiro de carteira, consultando os apontamentos do caderno e tentando adaptar o método ao problema em questão.

³⁸ Ver **Anexo 22 – Exemplo de uma Apresentação - Isometrias**

³⁹ www.geogebra.org

Em Portugal, o número de alunos por turma é de, aproximadamente, 30 alunos no máximo. Aparente e comparativamente à ESBLs, a tarefa parece simplificada. Apoiar 30 alunos seria muito mais fácil do que apoiar 45. Engano. Os alunos em Portugal não são nada, ou quase nada, autónomos. Desde muito cedo as explicações ou salas de estudo são um ritual comum entre os alunos. Qualquer dificuldade é imediatamente apoiada pelo professor que auxilia o seu estudo e este facto implica que o aluno esteja sempre a necessitar de aval em todas as tarefas que realiza. Sempre que solicito a realização de alguns exercícios a primeira reação é solicitarem a minha ajuda. Muitas das vezes ainda nem sequer leram o enunciado. É um dos maiores problemas que temos no ensino em Portugal, a maioria dos alunos não lê o enunciado e quando isto acontece apresentam imensas dificuldades na sua interpretação. No teste intermédio de Janeiro de Matemática A, 11º ano, numa das questões sobre Geometria, era pedido aos alunos que escrevessem uma equação cartesiana do plano. Só o facto de estar escrito “equação cartesiana” fez com que a maioria dos alunos a nível de escola escrevesse a equação cartesiana de uma reta. Nos apontamentos da aula, no seu caderno diário, estava explícito como título “Equação do Plano” e entre parênteses “equação cartesiana do plano, equação geral do plano”, dois dos possíveis nomes que, como sabemos, variam de professor para professor ou de manual para manual. Quando os alunos foram questionados sobre o erro, as respostas foram diversas mas as que mais se destacaram foram duas: primeiro que não leram que dizia plano e como viram cartesiana pensaram imediatamente que era reta; segundo que não sabiam o que era equação cartesiana do plano e por isso escreveram a da reta.

Na ESPAA, foi ano de mudanças e de requalificação dos espaços (ano letivo 2011/2012). A escola encontrou-se em obras de melhoramento, estando metade das salas a funcionar em Monoblocos. As condições de trabalho não foram das melhores e os equipamentos disponíveis também escassearam, embora não se comparasse à realidade da ESBLs.

3.6 – ATIVIDADES EXTRA CURRICULARES

A nossa missão na ESBLs era simples, ensinar e partilhar conhecimentos tanto com os alunos como com os colegas de trabalho. Mas nós, cooperantes, estávamos cheias de vontade de trabalhar. E como a receção foi tão agradável e a imposição de mostrar trabalho extra⁴⁰ foi nula, a vontade de proporcionar outras atividades foi crescendo. As ideias eram imensas, mas tínhamos que adaptar as ideias à realidade tanto escolar como económica.

⁴⁰ Ver **Anexo 6 – Plano Anual de atividades**

A primeira atividade que surgiu foi a criação do Clube de Matemática. Éramos duas cooperantes do mesmo grupo disciplinar e podíamos repartir as tarefas entre nós. O Regulamento já estava elaborado (adaptado do regulamento do ano de estágio em Portugal) mas a implementação da atividade foi um fracasso. A vontade era muita mas os recursos necessários não estavam disponíveis. Quando a lista de material necessário foi apresentada a resposta foi imediatamente negativa. Um computador, preferencialmente com ligação à Internet, impossível. Cartolina, marcadores, material de escrita e de desenho implicava despesas. Precisávamos de um orçamento. Dominó e baralho de cartas onde comprar? Nem sequer existia uma papelaria onde adquirir este material e mesmo para o elaborar era necessário comprar o material e por isso voltávamos ao mesmo, despesas. Outro condicionalismo foi o espaço. O Clube de Matemática necessitava de uma sala específica para guardar o material e/ou para construção do mesmo, mesas e cadeiras para que os alunos pudessem ajudar e usufruir dos jogos. A principal dificuldade da escola era o espaço e, como referido anteriormente, já eram utilizadas algumas salas da escola em anexo. Esta atividade não chegou a sair do papel.

Uma das atividades clássicas dos grupos disciplinares de Matemática em Portugal é "O Problema do Mês". Nem sempre é um sucesso e em São Nicolau não resultou. Os alunos não estão motivados para este tipo de atividade, o horário é muito condensado num dos períodos, manhã ou tarde. Depois da escola, como referido anteriormente, as atividades são outras. Poucos alunos participaram e se mantiveram fiéis até ao final do ano letivo.

As Olimpíadas da Matemática também foram planificadas, mas como já existiam muitas atividades a direção achou por bem ficarem para ser implementadas no ano letivo seguinte.

Mas a vida é mesmo assim, cheia de altos e baixos, de tentativas e erros que ajudam a melhorar o nosso desempenho e que nos obrigam a pensar em alternativas mais viáveis.

Uma das atividades com maior sucesso e que se repetiu nos dois anos de lecionação em São Nicolau foi o Peddy Paper.

No primeiro ano o espaço utilizado foi o recinto escolar e realizou-se no último dia de aulas antes da interrupção letiva do Carnaval. Como responsáveis do concurso, a cooperante Ana Isabel Couto e eu. Todos os professores da escola participaram como júris das várias provas apresentadas ao longo do percurso. Os alunos que não estavam inscritos foram recrutados para apoiar em alguns postos de controlo. Os restantes alunos tinham a função de apoiar a equipa da sua turma, tentando solucionar alguns desafios propostos.

A logística da atividade era um pouco complexa para a organização mas resultou na perfeição. Todo o material necessário foi elaborado por nós e sem custos para a escola, excetuando-se as folhas brancas para a impressão. Os alunos foram esclarecidos quanto ao regulamento do concurso⁴¹.

As equipas reuniam-se todas no campo de futebol em anexo à escola, partiam com a diferença de cinco minutos entre elas e tinham em sua posse vários documentos. A parte mais interessante é que os alunos da escola do Tarrafal⁴² também participaram na atividade.

Em primeiro lugar todos estavam identificados com o nome da sua equipa e o seu nome, número, ano e turma.

| | |
|---------------------------|-------|
| Cartão de Elemento | |
| Peddy Paper 25 / 02 / 06 | |
| Ano | Turma |
| Equipa: | |
| Elemento: | |

Figura 21 – Exemplo de um cartão de elemento

O capitão de equipa tinha um “cartão de equipa” onde eram registados os resultados das provas realizadas ao longo do percurso bem como a hora de chegada e de partida para que no final do concurso se contabilizasse o tempo de jogo, excluindo o tempo que as equipas perderam nos jogos intermédios.

⁴¹ Ver **Anexo 23 – Regulamento do Peddy Paper**

⁴² Escola situada na outra vila da ilha, sob a mesma direção da ESBS

Cartão de Equipa

Peddy Paper 25 / 02 / 06

Equipa:

Ano:

Capitão de Equipa:

Turma:

1

Hora de Saída:

Hora de Chegada:

| | | | | |
|------------------------------------|------------------------------------|------------------------------------|------------------------------------|--|
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| | Hora de Chegada Hora de Partida | | Hora de Chegada Hora de Partida | |
| 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| Hora de Chegada Hora de Partida | | | Hora de Chegada Hora de Partida | |
| 12 | 13 | 14 | 15 | 16 |
| | | Hora de Chegada Hora de Partida | | Volta ao Ponto de Partida |

Figura 22 – Exemplo de um cartão de equipa

Os jogos ao longo do percurso eram cinco, como se pode verificar pelo cartão de equipa, onde se registava a hora de partida e chegada e cada jogo estava elaborado por ciclo, aumentando a sua dificuldade do 1º ao 3º ciclo. O primeiro jogo "Os Cubos" tinha por objetivo mostrar uma sequência de cubos que rodavam e os elementos da equipa tinham uma tentativa para adivinhar o cubo seguinte.

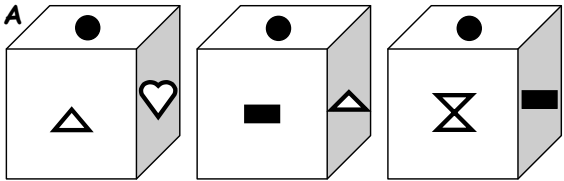
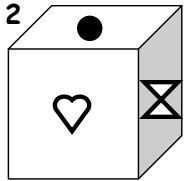
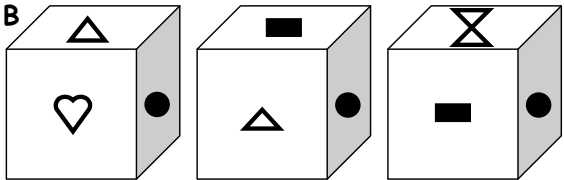
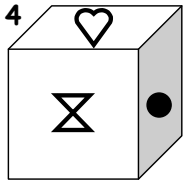
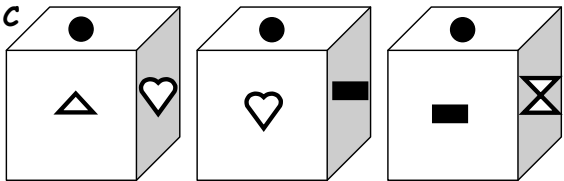
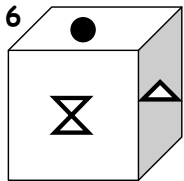
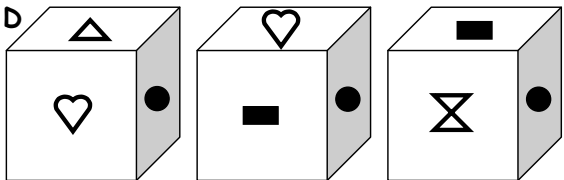
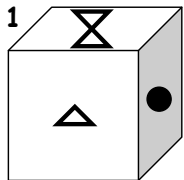
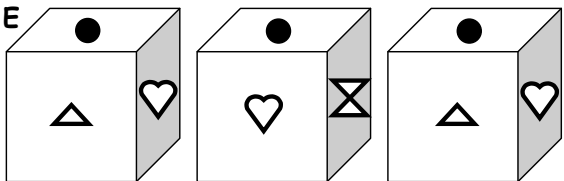
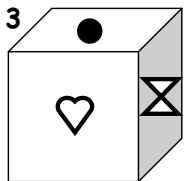
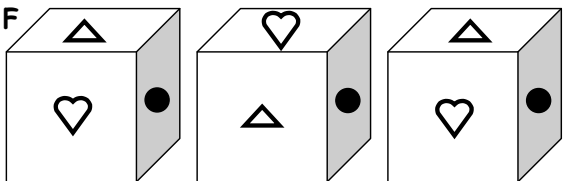
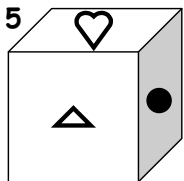
| | |
|---|---|
| <p>A</p>  | <p>2</p>  |
| <p>B</p>  | <p>4</p>  |
| <p>C</p>  | <p>6</p>  |
| <p>D</p>  | <p>1</p>  |
| <p>E</p>  | <p>3</p>  |
| <p>F</p>  | <p>5</p>  |
| <p>Soluções</p> <p>A - 2 B - 4 C - 6 D - 1 E - 3 F - 5</p> | |

Figura 23 – Exemplo do jogo para o 1º Ciclo⁴³

⁴³ Ver Jogos para o 2º e 3º ciclo no Anexo 25

O segundo jogo era "Os Números" onde cada equipa tinha que colocar os sinais das operações de modo a acertar as contas.

| | | | |
|---|---|---|---|
| <p>A</p> <p>6 2 1 = 11</p> | x | x | x |
| <p>B</p> <p>15 6 1 = 9</p> | + | + | + |
| <p>C</p> <p>4 3 6 = 6</p> | - | - | - |
| <p>D</p> <p>7 3 2 = 1</p> | | | |
| <p>E</p> <p>2 9 8 = 10</p> | | | |
| <p>F</p> <p>9 4 2 = 1</p> | | | |

Soluções

A) $6 \times 2 - 1 = 11$

B) $15 - 6 \times 1 = 9$

C) $4 \times 3 - 6 = 6$

D) $7 - 3 \times 2 = 1$

E) $2 \times 9 - 8 = 10$

F) $9 - 4 \times 2 = 1$

Figura 24 – "Os Números" para o 1º Ciclo⁴⁴

⁴⁴ Ver Jogos para 2º e 3º Ciclo no **Anexo 26**

O jogo seguinte "Os Provérbios" consistia em juntar cartões dois a dois de modo a completar os provérbios (provérbios portugueses).

| | |
|--------------------------------------|----------------------------------|
| Mais vale 1 pássaro na mão... | ...que 2 a voar. |
| Sem ovos... | ...não se fazem omeletes. |
| A cavalo dado... | ...não se olha a dente. |
| Quem boa ou má cama fizer... | ...nela se deitará. |
| Entre marido e mulher... | ...não se mete a colher. |

Figura 25 – Exemplo de um grupo de provérbios para ordenar⁴⁵

Não poderíamos deixar de proporcionar aos alunos o contacto com o "Tangram", o jogo de elaborar as imagens com as suas peças.

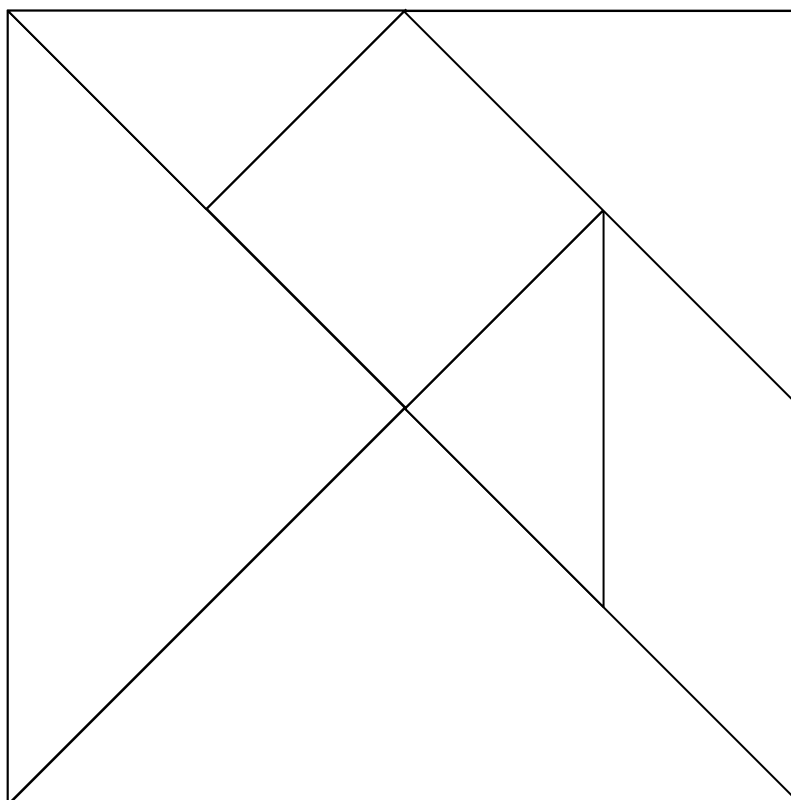


Figura 26 - Tangram⁴⁶

⁴⁵ Ver os restantes provérbios no **Anexo 27**

Por último, um "Puzzle Geométrico" para construir e voltar a formar um quadrado com as suas peças.

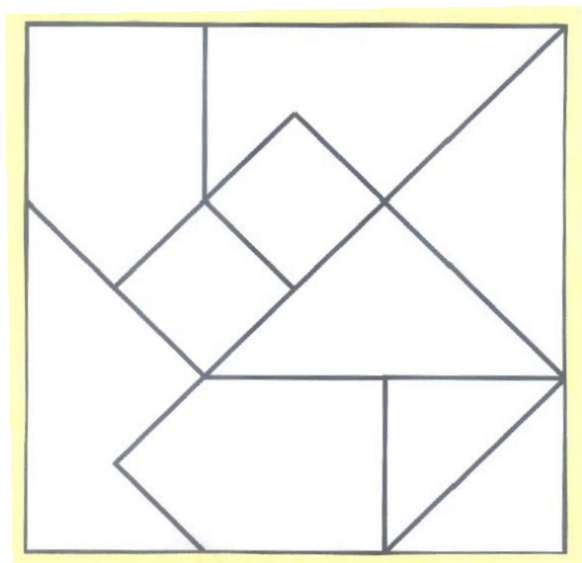


Figura 27 – Puzzle Geométrico

Sempre em conjunto com um jogo de raciocínio, um jogo de destreza física proporcionou momentos de grande diversão.



Figura 28 – Jogo do Copo



Figura 29 – Jogo Corrida de Sacos



Figura 30 – Jogo da Bolacha/Farinha



Figura 31 - Público

⁴⁶ Ver Imagens e Soluções no **Anexo 28**



Figura 32 – Colaboração dos Colegas



Figura 33 – Ajudar no questionário

O documento mais importante era o mapa⁴⁷ da escola onde estava assinalado o percurso da atividade e todos os postos por onde tinham que passar.

Por último, cada equipa tinha um questionário com 30 questões às quais tinha que responder até ao final do percurso.

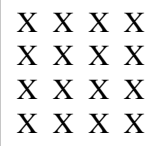
Questionário

1- Qual o primeiro e último nome do Sr. Director?

R: _____

2- Qual é o próximo número? 2, 10, 12, 16, 17, 18, 19, _____

3- Um terreno com forma quadrada tem 16 árvores. Como dividir o terreno com 5 linhas rectas para que cada uma das partes tenha o mesmo número de árvores?



4- Se um tijolo pesa $1 \text{ Kg} + \frac{1}{2}$ tijolo, quanto pesam dois tijolos?

R: _____

5- Que números faltam nesta frase?

Se uma senhora _____ num café e _____ sair _____ pagar, vai presa.

6- Quantos professores de Matemática existem na escola?

_____ Vila _____ Tarrafal

7- Encontrei um homem com sete mulheres e cada mulher tinha sete sacos e cada saco tinha sete gatos e cada gato tinha sete gatinhos. Quantos eram?

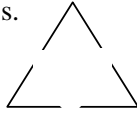
R: _____

8- A minha mãe tem dois filhos, mas o seu filho não é meu irmão. Quem é ele?

R: _____

⁴⁷ Documento não disponível uma vez que a planta da escola foi fornecida pelo diretor da escola e a digitalização do documento não foi efetuada.

9- Põe três fósforos e forma cinco triângulos.



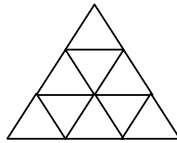
10- Quais são os dois números que vêm a seguir? 2; 5; 4; 7; 6; 9; 8; ____; ____

11- Quantas janelas existem no bloco das salas 6, 7, 8, e 9?

R: _____

12- Quantos triângulos vêm?

R: _____



13- Vais numa corrida e ultrapassas o corredor que vai em segundo lugar... Em que lugar ficas?

R: _____

14- Qual o primeiro e último nome do Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Brava?

R: _____

15- Um pastor tem 17 ovelhas. Morreram todas, menos 9. Quantas sobreviveram?

R: _____

16- Identifica as várias nacionalidades dos professores estrangeiros que existem na escola.

R: _____

17- Um prédio tem mais portas de entrada ou de saída?

R: _____

18- Um médico dá-te 3 comprimidos e diz-te para tomares um a cada meia hora. Para quanto tempo duram os comprimidos?

R: _____

19- Estavam 3 pombas numa árvore. Um caçador matou a tiro uma delas. Quantas pombas lá ficaram? Porque?

R: _____

20- Quantas pintas existem num dado normal?

R: _____

21- Não se deve poluir o ambiente. Quantos caixotes do lixo se encontram dentro do recinto escolar?

R: _____

22- O que significa a sigla FPS?

R: _____

- 23- Quantos e quais são os concelhos da ilha de S. Nicolau?
R: _____
- 24- Qual a localidade mais famosa no fabrico de Grogue?
R: _____
- 25- Qual o número de telefone da tua escola?
R: _____
- 26- Qual foi a primeira povoação da Ilha de S. Nicolau?
R: _____
- 27- Quantos cocos deu uma palmeira sabendo que todos tinham caído e que estavam no chão dez cocos?
R: _____
- 28- Qual é o ponto mais alto de S. Nicolau?
R: _____
- 29- Quantos meses do ano têm 28 dias?
R: _____
- 30- Com as letras que encontraste forma-se um nome. Qual é esse nome?
R: _____

Figura 34 – Questionário 2005/2006⁴⁸

Logo após o reinício das aulas, depois da interrupção do carnaval, foram anunciados os vencedores por ciclos. Todos os participantes tiveram direito a um certificado de participação⁴⁹ e os vencedores receberam com prémio máquinas de calcular científicas (oferecidas pelo projeto PADES - Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Economia Social, programa esse em que estávamos inseridas). Esta atividade foi muito elogiada pelo diretor da escola e ficou de imediato prometido a realização da atividade no ano seguinte, alargando ainda mais a atividade à população da Vila. A logística foi parecida mas o percurso não se limitou apenas ao recinto escolar. O mapa do percurso foi elaborado sobre toda a Vila de Ribeira Brava e os jogos ao longo do percurso tornaram-se visíveis para a população assistir e divertir-se também. Como o percurso estava marcado fora do recinto escolar, as equipas eram constituídas por mais um elemento adulto, professor ou mesmo encarregado de educação, amigo ou conhecido, desde que responsável pela equipa e maior de idade. Foi muito interessante ver a comunidade a participar numa atividade da escola.

Uma outra atividade desenvolvida por mim e com ajuda da cooperante de Inglês, Elsa Ferreira, foi a constituição de um grupo de teatro "Zé Pakofi". Embora

⁴⁸ A solução encontra-se no **Anexo 24 – Solução do Questionário**

⁴⁹ Ver **Anexo 29 – Certificado de Participação Peddy Paper**

não tenha formação específica na área, sempre representei no teatro amador da minha aldeia em Portugal, sou de uma família que sempre esteve relacionada com a representação e adoro a liberdade que o teatro me proporciona.

Mais uma atividade de sucesso e que se prolongou pelos dois anos letivos. Os alunos nunca tinham representado nenhum tipo de peça, pequena ou grande, comédia ou drama. Foram umas autênticas aulas de teatro, explicando tudo desde o mais elementar à representação. Os ensaios decorriam uma a duas vezes por semana, fora do horário escolar, num teatro antigo particular, espaço cedido pelo respetivo dono, sem qualquer problema. As instalações não tinham muitas condições mas com vontade tudo se compõe. A nossa primeira atuação ocorreu no último dia de aulas no final do ano letivo, dezasseis de Julho, no período da tarde. Os meninos estavam muito ansiosos pois estavam com medo que o público não aderisse. Qual o nosso espanto quando a sala se encheu de espectadores, alunos, professores e mesmo encarregados de educação e amigos. A sala que era enorme rapidamente se tornou pequenina para tanta gente! O "teatro" já não era usado há imensos anos e a euforia de voltar a ver uma representação empolgou toda a gente. Até eu me senti emocionada ao ver que a adesão foi em "peso".



Figura 35 – Atores Grupo "Zé Pakofi"



Figura 36 - Bastidores



Figura 37 – Maquilhagem 1



Figura 38 – Maquilhagem 2



Figura 39 – “Comerás Ovos”



Figura 40 – “Arco-íris”



Figura 41 – “A Mímica”



Figura 42 - Público

As atividades extra curriculares desenvolvidas, principalmente o Peddy Paper e o Clube de Teatro, proporcionaram momentos de muito trabalho, mas muito divertidos e gratificantes. As atividades que não tiveram tanta aceitação pela comunidade educativa foram substituídas.

O “Sudoku” era um jogo que estava muito na moda em Portugal no ano em que viemos de férias e a ideia depressa surgiu: um campeonato de Sudoku na ESBLs. Mas o jogo era completamente desconhecido pelos alunos. Sendo assim, a estratégia foi ensinar o jogo aos professores (nos intervalos na sala dos professores) e estes ensinarem aos alunos nos 5 minutos finais de cada aula durante uma semana. Depois facultámos cópias de várias grelhas de “Sudoku” aos alunos a fim de treinarem em casa. Facilmente o jogo se tornou popular entre os alunos. O campeonato desenrolou-se em duas eliminatórias e foi organizado por dificuldade/ciclos. Mais uma vez o Pólo do Tarrafal também participou na atividade e os alunos aderiram em massa.

As atividades levadas a cabo na ESBLs foram maioritariamente coordenadas pelas cooperantes portuguesas com exceção das atividades desportivas, como por exemplo, campeonatos de futebol de sete, andebol e voleibol. Tivemos sempre um espírito de entreaajuda entre nós, cooperantes e colegas da escola. Os outros professores não estavam habituados a tantas atividades e muito menos a fazerem parte integrante delas mas, depois de participarem, gostaram muito. Um pequeno

senão, toda a organização tinha que ser elaborada por nós cooperantes pois a disponibilidade dos colegas para trabalhar era muito reduzida, ou melhor dizendo, inexistente. O reconhecimento e aceitação por parte de toda a comunidade educativa e principalmente da direção foram o melhor incentivo que poderíamos ter tido.

Na ESPAA, entrei com o mesmo espírito de trabalho. Criar um grupo de teatro era a minha prioridade. E, com muito esforço, consegui. Pensava que seria mais fácil a criação em Portugal de um clube, mas a burocracia é imensa e quase que fiquei sem vontade de trabalhar só de pensar na quantidade de papéis que tinha que preencher. Elaborar um regulamento para o clube de teatro, os encarregados de educação têm que assinar autorizações para que os alunos possam frequentar o clube, após cada representação os responsáveis do clube, neste caso eu e mais um colega de Filosofia, têm que preencher um relatório de atividade e no final do ano letivo temos que elaborar um relatório final. Além disto, os ensaios têm que ser dentro da escola, numa sala comum que nada tem de igual a um palco assim como as representações. Temos que pedir autorização para tudo, até para mudar a disposição da sala no dia do espetáculo e afixar uns cartazes. Tudo tem que passar pela direção e ser assinado antes de afixar o que quer que seja. O trabalho que nos é incumbido nas escolas portuguesas é muito, muitas reuniões, apoios, cargos e o tempo que nos resta para nos dedicar a outras atividades fica muito reduzido. Além disso, a comparência e participação dos colegas de trabalho nas atividades existentes na escola é muito pouca, atitude que percebo perfeitamente, pois as horas que se passam na escola são tantas que estamos sempre desejosos por regressar a casa. Até os elementos da direção não comparecem ao espetáculo e nenhuma palavra de incentivo nos é dirigida. É preciso gostar muito do que estamos a fazer para continuarmos ano após ano a lutar contra as adversidades e burocracias que tendem a aumentar.

CAPÍTULO 4 – AVALIAÇÃO

4.1 – AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

Ao longo do ano letivo os alunos são sujeitos a vários momentos e diversas formas de avaliação.

No início do ano letivo, na ESPAA é aplicada uma ficha de avaliação formativa com o intuito de avaliar os conhecimentos anteriores adquiridos, conhecimentos que serão essenciais na aquisição de outros futuros. São muitos os alunos que, percebendo que “não interessa para nada o que fazem ou deixam por fazer”, encaram-na com desprezo e nem sequer se esforçam para responder. Para mim, enquanto professora, faz mais sentido avaliar antes de cada unidade. Mas essa avaliação não é necessariamente escrita, pode ser oral e tem como função lembrar ou mesmo adquirir conteúdos necessários para a unidade em questão. É esta a realidade na ESBLs, o professor tem liberdade para optar pelo método com que melhor se identificar.

Quanto à avaliação quantitativa, em ambas as realidades escolares existe uma percentagem para o Domínio Cognitivo e uma percentagem para o Domínio Atitudinal. No entanto, na ESPAA ainda existem subdivisões que têm pesos e percentagens pré definidas enquanto na ESBLs essa divisão fica a cargo do professor. Na tabela seguinte pode-se observar as diferentes percentagens:

| Domínios | ESPAA | | ESBLs | | |
|------------|--|----|-------|-----|--|
| Cognitivo | Fichas de Avaliação (ou mini testes) P1 – 30 minutos P2 – 60 minutos P3 – 90 minutos | | 85% | 80% | Fichas de Avaliação |
| Atitudinal | Responsabilidade, participação e interesse | 5% | 15% | 20% | Outros elementos de avaliação |
| | Trabalhos de Casa | 5% | | | |
| | Comportamento | 5% | | | |

Tabela 14 – Comparação das percentagens atribuídas aos diferentes domínios

Na ESPAA os critérios específicos são iguais ao longo do ano letivo e o domínio Cognitivo é sempre avaliado continuamente, alterando apenas o domínio Atitudinal. Na ESBLs os diferentes trimestres têm pesos diferentes na avaliação do 3º trimestre. Por exemplo, para uma turma de 10º ano, na avaliação do 3º

trimestre, o 1º trimestre tem peso de 25%, o segundo trimestre de 35%, e o terceiro trimestre de 40%.

Os alunos na ESBLs não estavam habituados a realizar testes⁵⁰, mini testes e/ou questões aula e/ou chamadas⁵¹, que não fossem de uma hora ou duas consoante as disciplinas em causa. Foi uma novidade quando introduzi este novo elemento de avaliação. No início mostraram alguma resistência e descontentamento mas rapidamente perceberam que era apenas para melhorar o seu interesse/desempenho e ao mesmo tempo ajudá-los no estudo. Este tipo de avaliação foi apenas implementado no 2º ciclo onde o número de alunos era menor pois voltávamos ao problema financeiro e de fotocópias. Quanto aos testes ao longo do ano letivo, estes foram sempre globais e foi um outro aspeto novo ao qual os alunos não estavam habituados. Todos os professores da escola elaboravam as fichas de avaliação incluindo unicamente a última matéria lecionada, sendo apenas uma vez avaliada ao longo do ano. Na disciplina de Matemática sempre achei fundamental os testes englobarem a totalidade da matéria lecionada até ao momento tendo como vantagem para os alunos a possibilidade de melhorar o seu rendimento em certas questões nas quais tenham apresentado dificuldades na ficha anterior.

Outro momento de avaliação surge a meados de cada um dos períodos/trimestres, a avaliação intercalar. Faz todo o sentido este tipo de avaliação na medida em que, em primeiro lugar, permite ao DT obter informação do aluno nas várias disciplinas para depois ter a possibilidade de informar o EE da situação escolar do seu educando. A diferença é mesmo o documento que é estabelecido pelas duas escolas. A simplicidade do documento da ESBLs consegue conter exatamente a mesma informação do que o documento da ESPAA.

⁵⁰ Ver **Anexo 30 - Exemplo de uma Ficha de Avaliação Global**

⁵¹ Ver **Anexo 31 - Exemplo de um Mini teste**

REPÚBLICA DE CABO VERDE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E VALORIZAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS
Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva - São Nicolau

| Nº | Nome | Aproveitamento | Participação | | | | Comportamento | | | TPC | | | |
|----|-------------|----------------|--------------|----------|-------|------|---------------|----------|-----|--------|-----------|-----------|-------|
| | | | Boa | Razoável | Fraca | Nula | Bom | Razoável | Mau | Sempre | Por Vezes | Raramente | Nunca |
| 1 | António | 14 | | | X | | X | | | | | X | |
| 2 | Audino | 17 | X | | | | X | | | X | | | |
| 3 | Celestina | 19 | | | X | | X | | | X | | | |
| 4 | Cristienne | 19 | X | | | | X | | | X | | | |
| 5 | Deivy | 17 | | X | | | X | | | | X | | |
| 6 | Delcileisa | 19 | | X | | | X | | | X | | | |
| 7 | Dórica | 18 | | X | | | X | | | X | | | |
| 8 | Elton | 20 | X | | | | X | | | | X | | |
| 9 | Elton | 17 | X | | | | X | | | X | | | |
| 10 | Elton do F | 7 | | | | X | X | | | | | X | |
| 11 | Emaculada | 16 | | X | | | X | | | | X | | |
| 12 | Emilian dos | 20 | | X | | | X | | | X | | | |
| 13 | Erlisio | 17 | | X | | | X | | | X | | | |
| 14 | Eydira | 15 | X | | | | X | | | X | | | |
| 15 | Gilson | 12 | | X | | | X | | | | | | X |
| 16 | Jefferson | 16 | | | | X | X | | | | | X | |
| 17 | Kelly | 18 | X | | | | X | | | X | | | |
| 18 | Leíça | 17 | | | X | | X | | | X | | | |
| 19 | Lenira | 18 | | X | | | X | | | | | X | |
| 20 | Leonildo | 19 | X | | | | X | | | | X | | |
| 21 | Loriana | 10 | | | | X | X | | | | X | | |
| 22 | Mircia | 8 | | | X | | X | | | X | | | |
| 23 | Nilza | 13 | | X | | | X | | | | | X | |
| 24 | Odair | 16 | X | | | | X | | | | X | | |
| 25 | Ramila | 13 | | | | X | X | | | | | X | |
| 26 | Romina | 19 | | X | | | X | | | | | X | |
| 27 | Ronildo | 16 | | X | | | X | | | X | | | |
| 28 | Ronize | 13 | | X | | | X | | | X | | | |
| 29 | Sandir | 17 | X | | | | | X | | | X | | |
| 30 | Yannick | 19 | | X | | | X | | | | X | | |

Tabela 15 – Ficha de Avaliação Intercalar ESBLs⁵²

⁵² Os nomes de família dos alunos foram apagados (ao longo de todo o documento) a fim de manter o anonimato dos mesmos.

Disciplina: Matemática A

Data: 11 Novembro 2009

| Nº | Nome do aluno | Domínio Cognitivo | | Domínio sócio-afectivo/psicomotor | Observações |
|----|---------------|----------------------|-------|---|---|
| | | Instrumentos e pesos | Teste | | |
| 1 | Alina | 9.2 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Suf. (deve melhorar) | |
| 2 | Ana | 9.05 | | Comportamento – Bom (conversadora) Participação – Mto Bom | |
| 3 | Ana | 6.4 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Suf. (deve melhorar) | |
| 4 | Brigitte | 11.9 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Bom (pode melhorar) | |
| 5 | Catarina | 14.6 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Bom (pode melhorar) | |
| 6 | Chloe | 10.3 | | Comportamento – Bom (conversadora) Participação – Bom (pode melhorar) | |
| 7 | Chistopher | 3.8 | | Comportamento – Bom (conversador) Participação – Suf. (deve melhorar) | Dependendo do lugar onde está sentado. |
| 8 | Claudia | 16 | | Comportamento – Bom (conversadora) Participação – Bom (pode melhorar) | |
| 9 | David | 18.3 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Suf. (deve melhorar) | Mto pouco participativo na aula, apenas quando solicitado |
| 10 | Diogo | 12.3 | | Comportamento – Bom (deve melhorar) Participação – Suf. (deve melhorar) | Muito conversador e brincalhão |
| 11 | | | | | |
| 12 | Fábio | 8.9 | | Comportamento – Bom (conversador) Participação – Suf. (deve melhorar) | Deve participar mais na aula, apenas quando solicitado |
| 13 | Guilherme | 4.9 | | Comportamento – Bom (conversador) Participação – Bom (pode melhorar) | |
| 14 | Inês | 8 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Bom (pode melhorar) | |
| 15 | Kevin | 9.15 | | Comportamento – Suf. (mto conversador) Participação – Suf. (deve melhorar) | Fala muito e trabalha pouco |
| 16 | Magda | 10.6 | | Comportamento – Bom (faladora) Participação – Mto Bom | |
| 17 | Mariana | 14.8 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Suf. (deve melhorar) | Mto pouca participação, apenas quando solicitada |
| 18 | Maua | 7.5 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Mto Bom | |
| 19 | Roberto | 8.95 | | Comportamento – Bom (conversador) Participação – Mto Bom | |
| 20 | Roman | 16.2 | | Comportamento – Bom (conversador) Participação – Mto Bom | |
| 21 | Stephanie | 5.9 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Insuf. (tem que melhorar) | Nunca participa na aula a não ser quando solicitada |
| 23 | Tamar | 1.6 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Insuf. (tem que melhorar) | Nunca participa na aula a não ser quando solicitada |
| 24 | Telma | 6.1 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Mto Bom | |
| 25 | Manuel | 19.8 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Mto Bom | |
| 26 | Marta | 9.2 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Mto Bom | |
| 27 | Miguel | 4.8 | | Comportamento – Mto Bom Participação – Insuf. (tem que melhorar) | Nunca participa na aula a não ser quando solicitado |

Tabela 16 – Ficha de informação intercalar ESPAA

Na ESPAA há ainda as reuniões intercalares que se realizam a meados do 1.º e 2.º período, nas quais o conselho de turma faz uma apreciação global da turma e regista em ata⁵³ todos os assuntos tratados. Na primeira reunião intercalar do 1.º período estão ainda presentes o representante dos EE e o Delegado de Turma.

No final de cada período chega o momento da atribuição de uma classificação quantitativa e para isso realizam-se as longas reuniões de Conselho de

⁵³ Ver Anexo 32 - Exemplo de uma ata intercalar

Turma onde, por vezes, muito se fala e pouco se diz. Na ESPAA, os professores entregam uma proposta de avaliação com uma semana de antecedência na direção, procedimento que tem como único objetivo obrigar o professor a efetuar uma reflexão prévia dos níveis, propostas estas que podem ser alteradas no início da reunião. Esta inicia-se com o lançamento informático das classificações obtidas pelo aluno nas diversas disciplinas, seguindo-se uma reflexão por aluno sobre o desempenho bem como do seu comportamento e atitude. Estas reflexões/conselhos são registados numa ficha de informação⁵⁴ que serão entregues aos EE numa reunião próxima. Essa ficha, além do referido, contém ainda a informação das classificações obtidas e a situação de faltas do aluno bem como outros campos que poderão ter interesse preencher, dependendo da situação do aluno. Depois de percorrer todos os alunos da turma, é solicitada a impressão da pauta⁵⁵ e das referidas fichas de informação, preenche-se o rosto da ata e inicia-se a elaboração do corpo da ata.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DO ENSINO SECUNDÁRIO

ANO LECTIVO
2010-2011
3º PERÍODO
ANO 11.º
TURMA G

**Acta da sessão do Conselho de Turma para apuramento da frequência
FINAL DE PERÍODO**

Aos treze dias do mês de Junho do ano de dois mil e onze, pelas oito horas e trinta minutos, sob a presidência do(a) Professor(a) Paula Felícia, reuniu-se o Conselho da Turma acima indicada para a execução das disposições vigentes.

Aprovadas, e registadas na pauta, as classificações respeitantes à frequência dos alunos, elaborou-se o mapa do rendimento da turma:

| Disciplinas | Nº Alunos | CLASSIFICAÇÕES | | | | | | TOTAIS | | % | Professores |
|-----------------|--------------|----------------|-----------|-----------|------------|------------|-----------|------------|------------|------|-------------|
| | | 0-4 | 5-7 | 8-9 | 10-13 | 14-16 | 17-20 | (-) | (+) | | |
| Português | 20 | 0 | 1 | 2 | 11 | 5 | 1 | 3 | 17 | 85% | |
| Inglês 6/7 | 20 | 0 | 1 | 0 | 11 | 7 | 1 | 1 | 19 | 95% | |
| Filosofia | 16 | 0 | 0 | 1 | 9 | 5 | 1 | 1 | 15 | 94% | |
| Educação Física | 20 | 0 | 0 | 0 | 6 | 11 | 3 | 0 | 20 | 100% | |
| Matemática A | 18 | 0 | 1 | 2 | 11 | 1 | 3 | 3 | 15 | 83% | |
| Economia A | 17 | 0 | 0 | 6 | 9 | 1 | 1 | 6 | 11 | 65% | |
| Geografia A | 17 | 0 | 0 | 1 | 7 | 8 | 1 | 1 | 16 | 94% | |
| TOTAIS | 128 | 0 | 3 | 12 | 64 | 38 | 11 | 15 | 113 | | |
| % | | 0% | 2% | 9% | 50% | 30% | 9% | 12% | 88% | | |


Figura 43 – Frente do Rosto da ata ESPAA

⁵⁴ Ver Anexo 33 - Exemplo de uma Ficha de Informação

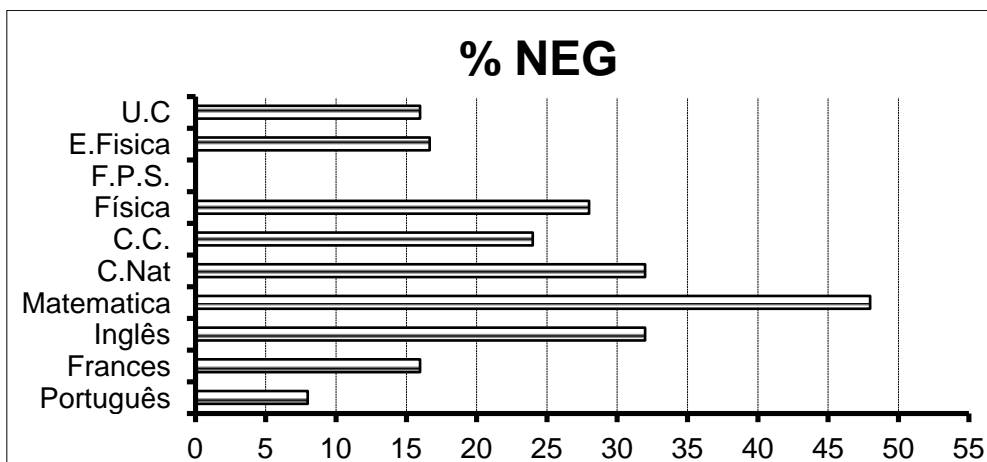
⁵⁵ Ver Anexo 34 - Exemplo de uma Pauta de Avaliação

O corpo da ata é mais uma vez um extenso texto em que os assuntos abordados são: 1- Análise do comportamento global da turma; 2- Análise do aproveitamento global dos alunos; 3- Justificação da atribuição de mais de cinquenta por cento de classificações inferiores a dez valores; 4- Justificação de todas as classificações de frequência que impliquem uma subida ou descida igual ou superior a três valores relativamente à classificação atribuída no 2º Período; 5- Alíneas constantes da pauta; 6- Registo dos itens do programa eventualmente não lecionados das diferentes disciplinas; 7- Aproveitamento dos alunos que frequentam atividades de apoio pedagógico; 8- Pedidos de apoio pedagógico para o próximo ano letivo; 9- Análise dos alunos que realizaram PIT ou excederam o limite legal de faltas injustificadas. 10- Análise da existência de comportamentos meritórios por parte dos alunos; 11- Outros assuntos. Tudo tem que ser registado, justificado e analisado. Até as classificações dos alunos são por vezes votadas em conselho de turma e podem mesmo chegar a subir um valor. Depois de tudo concluído, procede-se à verificação de todos os documentos e classificações, uma vez ainda no conselho de turma e, posteriormente, a verificação final na direção.

Na ESBLs o procedimento é muito mais simples. Os professores também entregam as propostas de classificação com uma semana de antecedência mas com outros objetivos. Além da reflexão, o objetivo principal é proporcionar ao DT o lançamento prévio destas classificações. Sendo assim, no momento da reunião, apenas se efetua a verificação e alguma alteração que o professor considere necessária. A elaboração da ata é extremamente simples, concisa e suficiente. A pauta e a ata estão elaboradas num documento em Microsoft Excel, proporcionando assim que, uma vez inseridas as classificações na pauta, automaticamente o rosto da ata e o gráfico com as percentagens de negativas nas diversas disciplinas ficam elaborados e concluídos. No corpo da ata apenas são registados os assuntos: 1- alunos avaliados, reprovados, aprovados ou excluídos por faltas; 2- Professores ausentes.

| | |
|--|------------------------------|
| REPÚBLICA DE CABO VERDE  Ministério de Educação e Desporto Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva <i>Tel./Fax -2 351114 - Vila da Ribeira Brava</i> | |
| ACTA N.º 3 | |
| 2.º CICLO | Ano Lectivo 2009/2010 |
| ANO 10.º | 3.º TRIMESTRE |
| TURMA: E | |
| Aos doze dias do mês de Julho de 2010 reuniu-se o conselho de professores da turma E do 10.º ano sob a presidência do Director de turma Victor Silva e secretariado por Lisandra Ramos para classificar o aproveitamento e comportamento dos alunos desta turma e registar a sua assiduidade respeitante ao 3.º trimestre lectivo. | |
| Depois de classificado todos os alunos, elaborou-se o seguinte quadro com números de classificações positivas, negativas e suas percentagens. | |

| Disciplinas | Professor(a) | Rubrica | N.º Al | 0/9 | | | 10 a 13 | | | 14 a 16 | | | 17 a 20 | | | % Neg | | |
|-------------|---------------------|---------|--------|-----|---|---|---------|----|----|---------|----|----|---------|---|---|-------|------|------|
| | | | | T | A | C | T | A | C | T | A | C | T | A | C | T | A | C |
| Português | Indira Costa | | 25 | 2 | 1 | 0 | 14 | 14 | 17 | 7 | 6 | 6 | 2 | 4 | 2 | 8,0 | 4,0 | 0,0 |
| Frances | Estevão Nascimento | | 25 | 4 | 0 | 0 | 15 | 16 | 16 | 6 | 8 | 8 | 0 | 1 | 1 | 16,0 | 0,0 | 0,0 |
| Inglês | Simonídio Viana | | 25 | 8 | 1 | 2 | 11 | 16 | 14 | 2 | 4 | 4 | 4 | 4 | 5 | 32,0 | 4,0 | 8,0 |
| Matematica | Ana Maria | | 25 | 12 | 9 | 8 | 8 | 8 | 9 | 4 | 5 | 4 | 1 | 3 | 4 | 48,0 | 36,0 | 32,0 |
| C.Nat | Imanuela Figueiredo | | 25 | 8 | 3 | 0 | 10 | 14 | 17 | 5 | 6 | 6 | 2 | 2 | 2 | 32,0 | 12,0 | 0,0 |
| C.C. | Paulo Mota | | 25 | 6 | 6 | 6 | 13 | 11 | 11 | 5 | 6 | 6 | 1 | 2 | 2 | 24,0 | 24,0 | 24,0 |
| Fisica | Victor Silva | | 25 | 7 | 2 | 2 | 11 | 15 | 15 | 4 | 5 | 5 | 3 | 3 | 3 | 28,0 | 8,0 | 8,0 |
| F.P.S. | Lisandra Ramos | | 25 | 0 | 0 | 0 | 9 | 6 | 5 | 11 | 17 | 18 | 5 | 2 | 2 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| E.Fisica | Jandira Silva | | 6 | 1 | 0 | 0 | 3 | 4 | 4 | 1 | 2 | 2 | 1 | 0 | 0 | 16,7 | 0,0 | 0,0 |
| U.C | Antónia Fonseca | | 25 | 4 | 3 | 0 | 17 | 13 | 14 | 4 | 8 | 10 | 0 | 1 | 1 | 16,0 | 12,0 | 0,0 |



As classificações e o comportamento foram registados no respectivo livro de termos.

Foram ainda tratados os seguintes assuntos:

Dos trinta alunos que constam na lista, vinte e cinco foram avaliados, quatro desistiram, um perdeu o ano por faltas, dois vão para recurso, vinte e quatro aprovaram.

As professoras Imanuela Figueiredo e Antónia Fonseca estiveram ausentes.

E para constar onde convier se lavrou a presente acta, que vai ser assinada pelo presidente e pelo secretário do conselho de turma.

O PRESIDENTE _____

O SECRETÁRIO _____

Visto por

Figura 44 – Exemplo de uma ata ESBLs

A pauta de final de período é ligeiramente diferente, na medida em que além da classificação do respetivo ano (CA), apenas as faltas injustificadas (F) aparecem. No caso do ano em questão ser um ano de final de ciclo existe ainda uma coluna para a nota do ano anterior (CT) e uma coluna final para a média ponderada de ciclo (CC). Vejamos o exemplo para a disciplina de Matemática:

| N.º | Nome | Matemática | | | |
|-----|-------------|------------|---|----|----|
| | | CT | F | CA | CC |
| 1 | Adriano | 9 | | 10 | 12 |
| 2 | Alesandro | 16 | | 17 | 17 |
| 3 | Aracy | 5 | | 6 | 7 |
| 4 | Carlindo | 7 | | 9 | 10 |
| 5 | Carlos | | | | |
| 6 | Dilani | 5 | | 7 | 7 |
| 7 | Djaime | 13 | | 16 | 16 |
| 8 | Djalett | 15 | 1 | 16 | 17 |
| 9 | Domingos | 4 | | 9 | 10 |
| 10 | Eber | 13 | | 15 | 16 |
| 11 | Gislene | 17 | 1 | 18 | 18 |
| 12 | Hemildo | 16 | | 17 | 18 |
| 13 | Jecilinda | 4 | | 6 | 7 |
| 14 | Jennifer | | | | |
| 15 | Keily | 10 | | 11 | 11 |
| 16 | Lendy | 4 | 1 | 6 | 6 |
| 17 | Loribela | | | | |
| 18 | Luvilene | 15 | | 16 | 16 |
| 19 | Maria | 9 | | 11 | 14 |
| 20 | Miriam | 7 | | 8 | 9 |
| 21 | Neidilidia | 7 | 1 | 10 | 10 |
| 22 | Patricia | 3 | 2 | 5 | 5 |
| 23 | Patricia do | 10 | | 13 | 13 |
| 24 | Ronisia da | 6 | 1 | 7 | 8 |
| 25 | Rosário | 10 | | 10 | 9 |
| 26 | Soraia de | | | | |
| 27 | Steyci | | | | |
| 28 | Styven | | | | |
| 29 | Vanderleila | 10 | | 13 | 11 |
| 30 | Wilson Djon | 10 | | 11 | 11 |
| 31 | William | 12 | 1 | 15 | 13 |

Figura 45 – Exemplo da pauta apenas para a disciplina de Matemática⁵⁶

De salientar que, na ESBLs ainda se avalia o comportamento do aluno individualmente, constante de uma coluna na pauta, em que as menções são: InSuf (Insuficiente) quando o aluno tem mais de três faltas injustificadas, Suf (Suficiente)

⁵⁶ A pauta completa encontra-se no **Anexo 35**

quando o aluno tem três faltas injustificadas, Bom quando o aluno tem até duas faltas injustificadas e MBom (Muito Bom) quando o aluno apresenta um Comportamento exemplar. Depois de confirmadas as classificações, assina-se a presença e dá-se por concluída a reunião.

A nível de resultados, é muito complicado analisar e comparar duas realidades tão distintas. Se olharmos apenas para as percentagens de negativas na disciplina de Matemática a maior fatia é na ESBL. Mas é preciso ter em conta vários fatores. A opção de escolha de cursos é muito diminuta na ilha de São Nicolau, não existe a opção de mudar de curso depois da segunda semana de aulas, não existem manuais nem adotados nem para consulta, não são usadas máquinas de calcular gráficas, muitos dos alunos trabalham no campo no período que não estão na escola, existem ainda casos que não têm eletricidade em casa e estudar é à luz da vela, entre outras, questões financeiras e pessoais que muitas das vezes, como professora, não tive conhecimento. Apesar dos resultados, tenho a certeza de que os alunos em São Nicolau dão muito valor à escola e ao professor, aproveitam ao máximo as aulas e são muito respeitadores.

4.2 – AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES

Quando selecionada para lecionar em Cabo Verde, a avaliação dos professores ainda não estava implementada em Portugal, embora já se estivesse numa fase de planeamento. Não fazia a mínima ideia que iria ser avaliada em Cabo Verde e nunca dei conta de tal facto até ao final do ano letivo. Só quando estava prestes a terminar as minhas atividades é que o Diretor me pediu que preenchesse um documento relativo à minha avaliação.

A avaliação em Cabo Verde é obrigatória para todos os docentes, independentemente do vínculo com a escola. Mas os procedimentos e fichas a preencher são muito menos e mais concretos, objetivos e simples. Não são necessários objetivos, relatórios e reflexões, nem comprovativos das minhas práticas letivas. O Diretor da escola conhece perfeitamente o trabalho de cada um dos docentes e as atividades que coordenam, até porque ele participa em todas ou quase todas (salvo raras exceções).

Segue-se o exemplar do documento a preencher na ESBLs no final do ano letivo.

Mod. I

- a) _____
- b) _____
- c) _____

FICHA DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DO PESSOAL DOCENTE

NOME _____

CARGO _____ REFERÊNCIA _____ ESCALÃO _____

PERÍODO A QUE SE REFERE A AVALIAÇÃO _____

- a) Ministério
- b) Concelho
- c) Designação do Estabelecimento de Ensino

PONTUAÇÃO DOS FACTORES

Qualidade do processo de ensino-aprendizagem _____

Aperfeiçoamento profissional _____

Inovação pedagógica _____

Responsabilidade _____

Relações humanas no trabalho _____

Actividades não lectivas _____

Pontuação total _____

Avaliação de desempenho de _____

Apreciação Geral (Comentários do avaliador)

NOME _____

FUNÇÃO _____

DATA _____

O avaliador,

ENTREVISTA COM O AVALIADO _____

CONCORDÂNCIA COM A AVALIAÇÃO

CONCORDO

NÃO CONCORDO

O avaliado,

HOMOLOGANTE

NOME _____
FUNÇÃO _____
DATA _____

Comentários

O homologante,

FACTORES OU INDICADORES DE AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES E ANIMADORES DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS EM EXERCÍCIO DE FUNÇÕES DOCENTES (FICHA MOD. 1)

| Factores | Coefficiente | 1ª Graduação | 2ª Graduação | 3ª Graduação | 4ª Graduação |
|---|--------------|---|---|--|--|
| <p>1. Qualidade do processo ensino – aprendizagem:</p> <p>Avalia a actividade lectiva, tendo em conta: a pertinência dos objectivos e das estratégias; a qualidade dos planos de aula e animação comunitária e dos materiais didácticos; o cumprimento dos programas curriculares e o domínio de conhecimentos científico – metodológicos.</p> | 3.0 | Actividades com alguns erros, quer de leccionação, quer relativos a materiais elaborados (planos de aula, fichas de avaliação e materiais concretizadores), exigindo acompanhamento e correcções frequentes. 5 | Actividades sem erros, mas que exigem aperfeiçoamentos de pormenor, tendo em vista a qualidade do ensino aprendizagem que se pretende. 10 | Actividades bem executadas: planos de aulas bem elaborados; materiais concretizadores bem organizados, sem deficiências que chamem a atenção. 15 | Actividades de excelente qualidade, muito bem organizadas e executadas. Trabalho que chama a atenção pela sua perfeição e rigor de execução 20 |
| <p>2. Aperfeiçoamento profissional.</p> <p>Avalia o interesse demonstrado em melhorar os conhecimentos profissionais e facilidade de se ajustar às novas exigências e situações relacionadas com a função.</p> | 1.0 | Mostra pouco interesse em adquirir novos conhecimentos e revela na prática resistência à mudança. Não consegue ultrapassar a rotina 5 | Mostra algum interesse em aumentar os seus conhecimentos e aperfeiçoar o seu trabalho, embora hesite perante situações menos frequentes. 10 | Revela interesse em aumentar os seus conhecimentos e em aperfeiçoar o seu trabalho. Adapta-se bem às novas exigências e a situações pouco frequentes. 15 | Revela interesse metódico e sistemático em melhorar os conhecimentos profissionais e a qualidade do trabalho. A sua adaptação à mudança é excepcional 20 |
| <p>3. Inovação pedagógica:</p> <p>Avalia a contribuição do docente na criação e implementação de métodos e técnicas educativas e na realização de estudos e trabalhos de investigação de natureza pedagógica.</p> | 1.0 | Não se esforça por desenvolver ou criar novos métodos, estudos e trabalhos de investigação 5 | Esforça-se por desenvolver ou criar novos métodos, estudos e trabalhos de investigação, embora os resultados nem sempre sejam adequados ou oportunos. 10 | Esforça-se por desenvolver ou criar novos métodos, estudos e trabalhos de investigação, apresentando sugestões normalmente adequadas e oportunas. 15 | Destacado empenhamento em desenvolver e criar métodos, estudos e trabalhos de investigação. As soluções apresentadas são sempre adequadas e oportunas. 20 |
| <p>4. Responsabilidade:</p> <p>Avalia o grau de observância das normas disciplinares e de assunção das responsabilidades inerentes ao cargo</p> | 2.0 | É normalmente pouco cumpridor das normas disciplinares, faltando-lhe a noção exacta das responsabilidades 5 | É normalmente disciplinado e responsável, inspirando no entanto alguns cuidados nestes domínios 10 | É disciplinado e assume as responsabilidades inerentes ao cargo. 15 | É muito disciplinado e assume plenamente as suas responsabilidades 20 |
| <p>5. Relações humanas no trabalho.</p> <p>Avalia a facilidade de estabelecer e manter boas relações com os alunos, pais, encarregados de educação e toda a comunidade escolar</p> | 1.0 | Estabelece fracas relações com os alunos, pais, encarregados de educação e a comunidade escolar. Pouco contribui para existência de um bom ambiente de trabalho. 5 | Estabelece relações satisfatórias com os alunos, pais, encarregados de educação e comunidade escolar. Contribui algumas vezes para a existência de um bom ambiente de trabalho. 10 | Estabelece boas relações com os alunos, pais, encarregados de educação e a comunidade escolar. Contribui sempre para manter um bom ambiente de trabalho. 15 | Em qualquer situação sabe sempre estabelecer óptimas relações com os alunos, pais, encarregados de educação e toda a comunidade escolar. A sua maneira de ser e de estar incentiva sempre um bom ambiente de trabalho. 20 |
| <p>6. Actividades não lectivas:</p> <p>Avalia o grau de empenhamento do docente na realização das tarefas que integram a componente não lectiva (actividades de complemento curricular, ligação com a família e a comunidade, reuniões de âmbito pedagógico, etc.), nos termos do nº3 do art. 51º do Estatuto do Pessoal Docente.</p> | 2.0 | Descarta a realização das tarefas que integram a componente não lectiva a que está obrigado. 5 | Dispensa alguma atenção à realização das tarefas não lectivas a que está obrigado 10 | Boa participação nas tarefas que integram a componente não lectiva a que está obrigado. 15 | Excelente participação nas tarefas da componente não lectiva a que está obrigado. 20 |

Figura 46 – Documento de Avaliação Docente em vigor em Cabo Verde

O professor coloca uma cruz (x) na graduação que considera adequada ao seu desempenho e nada mais tem que preencher. Seguidamente o Diretor reúne com o avaliado e numa pequena conversa de meia hora discute-se alguns pontos considerados relevantes ou que estejam em desacordo. Posto isto, é multiplicada a nota da graduação com o coeficiente, efetua-se a soma dos seis fatores e divide-se por 10 obtendo a classificação final do avaliado, ou seja, uma mera média ponderada e a avaliação está pronta.

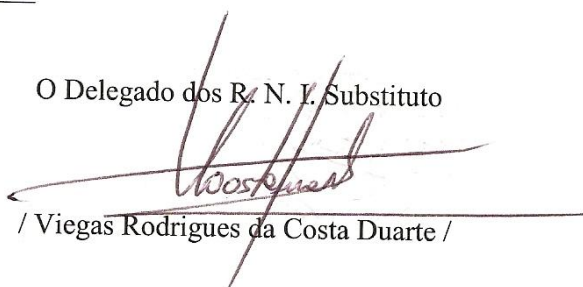
As menções e limites são: Muito Bom: de 17,5 a 20 valores; Bom: de 13,5 a 17,4 valores; Suficiente: de 9,5 a 13,4 valores; Deficiente: de 0 a 9,4 valores.

Como professoras cooperantes, o Diretor elabora ainda uma declaração não só com a avaliação mas também para efeitos de contagem de tempo de serviço, declaração que, após reconhecimento da assinatura do Diretor pela Delegação dos Registos, Notariado e Identificação da Ribeira Brava, e posteriormente pela Embaixada de Portugal em Cabo Verde (ou Consulado de Portugal em Cabo Verde), é entregue em Portugal na última escola onde o professor esteve a lecionar.

Reconhecimento

Reconheço a assinatura supra de Amílcar Barreto Ramos, portador do Bilhete de Identidade N°200023 emitido em 29 de Julho de 2004 na Ribeira Brava. –
Delegação dos Registos, Notariado e Identificação da Ribeira Brava – São Nicolau, aos 21 de Junho de 2007. -
Registado sob o N° 693 /07
Custas.....40\$00

O Delegado dos R. N. I. Substituto



/ Viegas Rodrigues da Costa Duarte /

REPÚBLICA DE CABO VERDE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E VALORIZAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos, **Amílcar Barreto Ramos**, Director da Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva, República de Cabo Verde, declaro que a professora **Paula Alexandra Correia Felícia**, de nacionalidade portuguesa, licenciada em ensino de Matemática, portadora do Bilhete de Identidade número 11931441 de 11/04/2002, do Arquivo de Identificação de Vila Real, exerce funções de professora de Matemática nesta escola, ao abrigo do Programa de Cooperação Científica e Técnica entre Portugal e Cabo Verde, mediante um contrato de prestação de serviços celebrado entre o Governo de Cabo Verde, representado pelo Senhor Encarregado de Negócios, Dr. Daniel Pereira e o Governo de Portugal, representado pela Presidente do Conselho Directivo do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, Dra. Ruth Maria de Fátima Albuquerque.

Declaro que a professora está a exercer as funções de docente da disciplina de Matemática, com a classificação final de **19 Valores (Dezanove valores)**, sendo-lhe contado, para todos os efeitos, trezentos e sessenta e cinco dias de serviço docente oficial português.

Por ser verdade e me ter sido pedido mandei passar a presente declaração que vai assinada e autenticada com o carimbo em uso nesta escola.

Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva, 21 de Junho de 2007



Figura 47 – Declaração de Avaliação e Tempo de Serviço - ESBSL

Uma vez que estamos inseridos num projeto, PADES⁵⁷, preenchamos um pequeno relatório a ser entregue no final de cada ano letivo onde se faz um resumo das condições da escola, das instalações, da distribuição das turmas e pequena caracterização, das atividades realizadas e das funções desempenhadas.

Depois de fazer parte integrante do projeto, é necessário, no final do ano letivo, elaborar uma carta onde manifestamos a nossa intenção de renovação (ou não renovação) do contrato. Normalmente, a renovação não é negada, salvo exceções quando o Diretor do estabelecimento não concorde com essa renovação, ou pela avaliação, ou pela falta de entrega do professor.

Exmo. Senhor

Director dos Recursos Humanos do Ministério da
Educação e Valorização dos Recursos Humanos

Eu, **Paula Alexandra Correia Felícia**, portadora do bilhete de identidade n.º11931441, emitido pelo Arquivo de Identificação de Vila Real em 11/04/2002, Professora Cooperante Portuguesa no âmbito do Acordo de Cooperação Científica e Técnica entre os Governos de Portugal e Cabo Verde, contratada no ano lectivo de 2005/2006 na Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva, na Ilha de São Nicolau, venho, por este meio, manifestar a V. Exa. o interesse na renovação do contrato para o próximo ano lectivo 2006/2007.

Sem outro assunto, com os melhores cumprimentos.

Vila da Ribeira Brava, 16 de Maio de 2006

Paula Alexandra Correia Felícia

Figura 48 - Carta de Renovação de Contracto ESBLs

Em Portugal é tudo bem mais complicado, difícil de preencher e demoroso. E todos os anos existem alterações e mudam os documentos. No ano letivo de 2010/2011, na ESPAA, o procedimento foi extremamente cansativo e burocrático. No início do ano letivo o professor preenche um documento intitulado "Ficha de Objetivos Individuais⁵⁸". Pretende-se que o professor consulte uma imensidão de legislação onde estão definidos as dimensões, os domínios e os objetivos e "escolha" alguns para se propor a cumprir, parecendo que o professor não sabe o

⁵⁷ Ver documento no **Anexo 40 – Ficha PADES**

⁵⁸ Ver documento no **Anexo 36 - Ficha de Objetivos Individuais**

que tem de cumprir ao longo do ano letivo. Além disso, tem a opção de escolher entre ter ou não ter aulas assistidas, preenchendo um requerimento⁵⁹ a entregar nos serviços administrativos. Caso dispense as aulas assistidas, o professor apenas alcançará a classificação de Bom. As aulas assistidas (duas e/ou três) são marcadas diretamente com o professor relator nomeado pelo estabelecimento de ensino. É necessário elaborar um plano de aula⁶⁰ a entregar com antecedência ao relator, reunir com este antes e depois da aula assistida e elaborar as respetivas atas que ficam a cargo do avaliado.

No final do ano letivo temos que preencher um “Relatório de Auto Avaliação⁶¹” que em nada tem a ver com a de Cabo Verde. No máximo seis folhas A4, de texto e texto corrido, tentando argumentar e apresentar evidências do trabalho desenvolvido ao longo do ano, usando ou tentando usar palavras bonitas e de acordo com o que está estabelecido na legislação. E depois temos os professores que levam vantagem em relação a outros, só porque conseguem, na maioria dos casos, descrever de uma forma mais sofisticada o seu trabalho. Após o preenchimento e entrega do Relatório de Auto Avaliação aguarda-se a convocatória do professor relator a fim de nos informar da avaliação obtida. Na minha opinião, as dimensões e os domínios estabelecidos foram bem conseguidos. Seria tudo tão simplificado se o documento estivesse organizado por colunas com os respetivos domínios e dimensões onde o professor indicasse o nível onde considerava encontrar-se, Excelente, Muito Bom, Bom ou Regular.

Mais uma diferença significativa entre os dois sistemas de avaliação, além de todas as outras que foram enumeradas até agora, é o facto de em Portugal as escolas terem cotas a cumprir, ou seja, apenas um grupo restrito de professores podem obter a classificação de Excelente ou Muito Bom. Caso esse número seja ultrapassado, a escola tem que desempatar, mesmo que a nota de desempenho seja a mesma.

Uma outra injustiça neste método de avaliação é o facto de contar para efeitos de concurso. E nos professores contratados o efeito pode ser catastrófico. Depende muito da escola onde o professor está inserido, das cotas, do professor relator, do Diretor e de tantos outros fatores externos que não se pode traduzir num método justo e imparcial de avaliação.

Só o facto de as aulas observadas terem plano de aula e serem rigorosamente estruturadas demonstra logo um ponto fraco da avaliação. Posso

⁵⁹ Ver requerimento no **Anexo 37 - Requerimento para Aulas Assistidas**

⁶⁰ Ver plano de Aula no **Anexo 38 - Plano de Aula Assistida**

⁶¹ Ver no **Anexo 39 - Ficha de auto avaliação**

preparar uma aula espetacular para a aula assistida e desleixar-me por completo nas restantes, serei sempre avaliada pela aula observada.

É sempre difícil avaliar alguém, a fração pessoal estará sempre envolvida e haverá sempre injustiças. No entanto, não se deve implementar algo só porque sim, é preciso fazer um estudo prévio e simplificar os documentos, sendo ao mesmo tempo sucintos e rigorosos o máximo possível.

CAPÍTULO 5 – RELAÇÃO COM A COMUNIDADE ENVOLVENTE

A minha passagem por Cabo Verde não se resumiu à entrega ao trabalho escolar. Senti que podia fazer mais por mim e pela comunidade envolvente e percebi que as minhas atitudes fora da escola interferiam no relacionamento de afetividade com os alunos. No início começamos por ser as professoras brancas e é difícil sair desse estatuto se não nos entrosarmos na comunidade envolvente.

No primeiro ano, uma vez que a nossa chegada foi em Novembro, o Natal e a Passagem de Ano foram na Ilha de São Nicolau. O Natal foi complicado devido à falta da família e da festa de tradição que tinha na minha aldeia em Portugal. Mas para a Passagem de Ano conseguimos uns convites para uma festa da comunidade. Conhecemos os nossos primeiros amigos que se mantiveram até ao final da minha estadia por São Nicolau.

E assim começou a nossa integração na comunidade, um grupo de amigos, umas festas ao fim de semana e vários passeios para conhecer a ilha e os lugares mais característicos. A população e os alunos principalmente, adoravam ver-me na sua terra, a passear e a conhecer melhor o lugar onde viviam.

O Carnaval tem muita importância para aquele povo e existem duas escolas principais de samba que preparam o desfile rigorosamente e minuciosamente. Os carros alegóricos são construídos com ferro e cobertos com papel e pasta de farinha, uma estrutura inicial aparentemente frágil mas que no final se torna bastante resistente. Fomos de imediato abordadas para participar no desfile. Como figurantes, pagávamos a confeção do fato que só era revelado no dia do desfile.



Figura 49 – Rainha/Damas e carro alegórico de Carnaval

Mas além das festas, como adoro desporto, procurei de imediato fazer parte da equipa feminina de futebol de cinco. Como toda a integração, esta também não foi fácil. As jogadoras pensavam que, por ser branca, não sabia jogar futebol. Levei algum tempo a conseguir um lugar na equipa. Mas depois desta parte inicial consegui conquistar o respeito das colegas de equipa. Além desta equipa, depois de algum tempo integrei também a equipa feminina de voleibol. Como existem poucas

atividades disponíveis na ilha, o desporto é fundamental, não só para a saúde como para ocupar o excesso de tempos livres.

Quanto à religião, a comunidade, quase na totalidade, é cristã. E por diversas vezes fui questionada pelos alunos porque não ia à Missa. Sendo cristã, porque não? Comecei a frequentar assiduamente a igreja aos domingos e os alunos mostraram-se muito entusiasmados com o facto de partilhar com eles outras atividades que não englobassem só a escola e a relação professora/aluno.

No ano seguinte fui convidada a colaborar com o clube de futebol masculino, "MAMBRAVA": ajudava na elaboração de documentos, efetuava reportagens fotográficas e planeava em conjunto com o treinador os planos de treino dos jogadores.

Por último, fiz parte da criação e desenvolvimento de uma associação de jovens, que para além de apoiarem o desporto e o desenvolvimento cultural da ilha, proporcionavam momentos de dança, teatro e jogos, além de praticarem solidariedade para com os mais desfavorecidos, principalmente famílias que viviam isoladas ou idosos que se encontravam sozinhos.

Foram dois anos muito intensos mas com experiências muito agradáveis e que me marcaram para sempre, modificando mesmo a minha maneira de ser e pensar.

CAPÍTULO 6 – EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

A minha experiência profissional começou pelo ano de estágio, em Alijó, referido em capítulos anteriores, e logo de seguida esse ano em Cabo Verde.

Após a cooperação de dois anos o regresso a Portugal foi atribulado. Além de ter sido de uma forma nada esperada, a colocação foi novamente longe de casa e da família, Alvor – Freguesia de Portimão. Os anos letivos de 2007/2008 e 2008/2009 foram novamente de adaptação a uma nova realidade, Escola Básica 2,3 D. João II. Com horário completo, foram-me atribuídas turmas de 7º e 8º ano de Matemática e duas turmas de CEF (Cursos de Ensino e Formação) no primeiro ano. Realidades completamente distintas, poucos alunos por turma, mas que ao longo do ano vim a descobrir que eram mais complicados a nível de comportamento e aproveitamento do que os meus 45 de São Nicolau. No segundo ano, após recondução na mesma escola, atendendo à continuidade pedagógica, lecionei 8º ano e as mesmas turmas de CEF, ficando ainda com uma turma de PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação), decisão tomada pela direção da escola em função do meu desempenho e perfil para este tipo de turmas. Tanto os CEF como os PIEF são turmas que são constituídas por alunos com problemas não só de aprendizagem como de vários outros tipos: sociais, familiares e sócio económicos entre outros. Nesta escola, o grupo de Matemática era composto por apenas 6 docentes, mas éramos muito unidos e dinamizadores. Durante os dois anos letivos, organizámos várias atividades, algumas propostas por mim como o Peddy Paper, o Problema do Mês e o campeonato de "Ouri" (jogo com origens em África e que foi um dos jogos escolhidos pela Associação dos Professores de Matemática para dinamizar nesses anos), outras pelas colegas, Campeonato de Sudoku e do "Jogo do 24". Além destas atividades, o meu gosto pelo teatro continua a ser mais forte e, uma vez que as experiências anteriores tinham sido excelentes, resolvi iniciar o projeto na escola, em colaboração com uma colega da Direção, Professora do 1º Ensino Básico, fundando o grupo de teatro "Pa d'quem?". Foram dois anos muito produtivos e de uma excelente partilha e colaboração entre colegas de escola.

Nos anos letivos que se seguiram estive a lecionar na ESPAA, escola esta que foi descrita nos capítulos anteriores. Em acumulação com esta escola, estive associada à Escola Profissional Gil Eanes, onde fui convidada para lecionar Matemática aos cursos profissionais de Técnico de Comunicação, Marketing e Relações Públicas e Publicidade e de Técnico de Receção. Como ainda tenho poucos anos de experiência profissional, tudo é novidade, e os cursos profissionais nesta escola foram mais uma experiência com uma dinâmica diferente, uma vez que é

um estabelecimento de ensino de natureza privada, reconhecido pelo Ministério da Educação. Foram três anos com um grande reconhecimento dentro do estabelecimento, ficando sempre convidada a ficar como docente de um ano letivo para o outro. Os alunos têm grandes dificuldades na disciplina de Matemática e por isso o método usado nas minhas aulas foi adaptado a esta realidade. Sempre que iniciei o ano letivo os alunos bombardeavam-me com frases "não gosto de Matemática", "é a minha disciplina menos preferida", "detesto matemática", "nunca tirei positiva", mas sempre terminaram, na maioria dos casos, a dizer "adorei a disciplina", "não sabia que gostava de matemática", "consegui tirar positiva", "foi a disciplina onde tive melhores notas". São frases que nos ficam no coração e que marcam a nossa vida, servindo como uma recompensa enorme pelo nosso trabalho.

Por uma questão inicialmente monetária, estive associada a explicações particulares durante estes últimos três anos letivos, tanto a nível básico como secundário. À medida que o tempo ia passando comecei a sentir-me útil para os meus alunos da explicação e a ganhar um gosto por esta atividade, senti que aprendi muito com eles uma vez que não se tratava apenas de ensinar mas de os compreender e entender as suas dificuldades, entender onde estava o problema e como resolvê-lo.

Considero-me uma pessoa bastante ativa e sempre com vontade de evoluir. Por isso aceitei também o desafio de dar explicações a alunos do ensino superior. Senti-me como que a voltar a aprender para poder explicar, recordar conceitos e conteúdos que já estavam quase esquecidos.

Apesar da minha "pouca" experiência profissional, considero que já vivi experiências muito gratificantes e, embora não tenha andado a "saltitar" de escola em escola, tenho conseguido um grande e vasto leque de experiências, umas boas e outras menos boas, que fazem parte da minha evolução enquanto docente.

CAPÍTULO 7 – CONCLUSÃO

Em primeiro lugar, espero que este trabalho possa contribuir para melhor compreender o sistema educativo em Cabo Verde e os procedimentos que é necessário manter ao longo de um ano letivo. Só quando se integra duas comunidades completamente diferentes é que se tem consciência da realidade e, inevitavelmente, as comparações surgem como que sem pensar.

A principal diferença entre as duas realidades reside principalmente na simplicidade com que as tarefas/documentos são praticados em São Nicolau, simplismo este que nunca afasta o rigor e a objetividade e a valorização do trabalho efetivo do professor que é ensinar. Em Portugal, parece que estamos cada vez mais a “empurrar” os alunos até à universidade e se algo corre mal a culpa é sempre do professor. Neste momento o professor “português” tem um papel de psicólogo, pai, mãe, irmão e amigo. São muitas tarefas para uma pessoa só. Imensas vezes os EE, em conversas comigo enquanto DT, me dizem que não sabem o que fazer com o seu filho. E eu pergunto, então se o EE não sabe, quem somos nós professores para saber? Claro que a nossa fatia na educação dos alunos é considerável e importante mas cada vez mais nos tiram a autoridade para agir e atuar em certas situações. E foi essa autoridade e importância que em São Nicolau senti e me fez orgulhar da minha profissão. Não quero com isto dizer que devemos voltar à época da “régua de madeira” na sala de aula por não saber a tabuada. Para tudo existe peso e medida. Mas modificar o estatuto do aluno de forma a quase não haver reprovações por excesso de faltas e proporcionar a todos novas oportunidades, faz com que praticamente se obrigue toda a população a ser licenciada. E atrás disto vem o facilitismo e a banalização do ensino, implicando diretamente a qualidade do ensino.

A burocracia que hoje em dia se tem que cumprir e o preenchimento e registo por escrito de tudo o que acontece está a tornar o ensino em algo bem diferente. Em vez dos professores se preocuparem com a preparação das aulas, estão preocupados em preencher grelhas e documentos, elaborar atas intermináveis e a preparar atividades, muitas delas sem fundamento, só para apresentarem trabalho. A obrigatoriedade a que os professores estão sujeitos de realizar determinadas tarefas faz com que a motivação para a escola esteja cada vez mais a diminuir. Só se é bom profissional se nos sentirmos bem no local de trabalho. Embora em Cabo Verde o ano letivo seja mais extenso, o cansaço não tem comparação com o que se faz sentir em Portugal. E no final do ano letivo, na ESPAA, são os professores que, além das vigilâncias, integram outros grupos de trabalho como, por exemplo, efetuar matrículas, a constituição das turmas,

elaborar horários dos alunos e professores, entre outras. Fazemos de tudo um pouco e, se não sabemos, aprendemos. Dizem que é para distribuir trabalho por todos e, como sempre, carrega-se no professor para aliviar os órgãos de gestão e a secretaria.

Durante todo o ano letivo, a quantidade de reuniões que são efetuadas em Portugal é imensa e, em muitas delas, uma pequena conversa de café resolvia o problema, sem serem necessárias horas de discussão e reflexão. Ninguém quer assumir a responsabilidade por si só de uma decisão, por mais banal que esta se considere, pois tudo fica registado e assinado pelo grupo de trabalho em questão.

Quanto aos recursos disponíveis para lecionar, é verdade que senti imensa falta de toda a tecnologia que está ao nosso dispor em Portugal, de todos os facilitismos de comunicação, via telemóvel e correio eletrónico. Mas por vezes, como temos estas ferramentas sempre disponíveis para usar, chega-se a cair no exagero, usa-se só porque é bonito ou porque fica bem ou porque não se preparou a aula e aproveita-se uma apresentação do colega de grupo. Em Cabo Verde, sempre que possível, é mais do que isso. É preciso usar com significado, com importância, com relevância, com necessidade, porque se não, em vez de a aula ser um sucesso pode ser um grande fracasso.

Ao longo da elaboração deste relatório fui tomando mais consciência (mais do que considerava ter) de como os anos em que lecionai em Cabo Verde foram dois dos melhores anos tanto a nível pessoal como profissional,; sentimento de missão cumprida. O professor é valorizado enquanto profissional mas também enquanto pessoa comum, que também tem família, responsabilidades exteriores à escola, tarefas de outra natureza que não seja só viver em função do trabalho.

CAPITULO 8 – BIBLIOGRAFIA

Sites visitados:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o_b%C3%A1sica#Portugal

<http://www.governo.cv/>

www.portugal.gov.pt/

<http://topicos123.com/ILHA-DE-SAN-NICOLAU.HTML>

http://www.cm-portimao.pt/portal_autarquico/portimao/v_pt-PT/menu_turista/concelho/

http://portimao.com/algarve/history/portimao/history_pt.htm

www.portugalcaboverde.com/download.php?id=22

<http://www.minedu.gov.cv/>

Anuário de Educação de Cabo Verde 2005/2006 disponível em

http://www.minedu.gov.cv/index.php?option=com_docman&Itemid=32

Projeto Educativo e Regulamento interno de ESPAA disponível em www.espaa.pt

http://www.portugal.gov.pt/pt/GC18/Governo/Ministerios/MEd/Notas/Pages/20100708_ME_Com_Calendario_Escolar_2010_2011.aspx

http://portoncv.gov.cv/portal/page?_pageid=118,188596&_dad=portal&_schema=PORTAL&p_dominio=25&p_menu=29&p_item=134&p_ent_det=862

<http://www.min-edu.pt/index.php?s=white&pid=717>

<http://www.girafamania.com.br/africano/ilhascaboverde.html>

Anexo 1– Regulamento Interno da Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva

Regulamento Interno

Com a promulgação da nova legislação sobre a organização e funcionamento das escolas secundárias, Decreto-Lei n.º 20/2002, de 19 de Agosto, que determinou no seu art. 72, n.º 2, que os regulamentos internos das escolas secundárias deveriam ser adaptadas às disposições do referido diploma, tornou-se necessário alterar o regulamento interno da Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva, de sorte a obedecer a este imperativo legal e tornar o regulamento mais consentâneo com a realidade actual.

CAPÍTULO I - PRINCÍPIOS GERAIS

Art.º 1.º (Âmbito de aplicação) - O presente regulamento rege as relações que se estabelecem dentro da Escola Secundária Doutor Baltazar Lopes da Silva, sejam quais forem os intervenientes.

CAPÍTULO II - DOS ÓRGÃOS DA ESCOLA

SECÇÃO I - DA ASSEMBLEIA DA ESCOLA

Art.2º (Composição) - A Assembleia da Escola secundária Doutor Baltazar Lopes da Silva compõe-se de 20 membros, distribuídos da seguinte forma:

- a) 8 Representantes do pessoal docente.
- b) 3 Representantes dos alunos.
- c) 1 Representantes do pessoal não docente.
- d) 3 Representantes dos pais e encarregados de educação.
- e) 1 Representante da autarquia local.
- f) 1 Elemento da sociedade civil.
- g) 1 Representante da polícia local.
- h) 1 Representante dos serviços de saúde.
- i) 1 Representante de organizações representativas da juventude.

Art.3º (Designação dos membros)

N.º1 Os representantes do pessoal docente e do pessoal não docente serão designados pelos seus pares em eleição maioritária realizada numa assembleia representativa destes.

N.º2 Os representantes dos alunos e dos pais e encarregados de educação serão designados pelas respectivas associações ou na falta, por uma assembleia representativa destes.

N.º3 O representante da autarquia local e o elemento da sociedade civil serão designados nos termos das alíneas a) e f) do artigo 17 do Decreto-lei n.º 20/2002.

N.º 4 Os representantes da polícia e dos serviços de saúde serão designados pelos respectivos serviços.

N.º5 O representante das organizações representativas da juventude será escolhido pelos membros das organizações legalmente constituídas na ilha.

Art.3ºA - O mandato dos membros da Assembleia é de 3 anos renováveis.

Art.4º (Substituição)

N.º1 Os membros da Assembleia da Escola que tenham cessado as suas funções nos termos do

N.º 2 alíneas a), b) e d) do artigo 18 do Decreto-Lei n.º 20/2002 serão substituídos por novos membros pelo período que falta para o fim do mandato

N.º3 Na substituição referida no n.º anterior observar-se-á as regras do artigo precedente e dos Art.3º e 3ºA

Art.5º (quórum e deliberação)

N.º1 A Assembleia da Escola funciona com a presença de pelo menos um terço dos seus membros, mas só pode deliberar com a presença da maioria dos membros.

Art.6º (Período antes da ordem do dia) - A duração do período antes da ordem do dia será estabelecida pelo regimento da Assembleia da Escola.

SECÇÃO II - DO CONSELHO DIRECTIVO

Art.7º (Composição) - O Conselho Directivo da Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva compõe-se de 6 elementos, distribuídos da seguinte forma:

- a) Diretor
- b) SubDiretor Pedagógico
- c) SubDiretor Administrativo e Financeiro
- d) SubDiretor para os Assuntos sociais e Comunitários
- e) O secretário
- f) 1 Representante dos pais e encarregados de educação

Art.8º (Projectos de orçamento e planos de actividade) - Os projetos de orçamento privativo e os planos de actividade serão submetidos pelo Conselho Directivo à apreciação da Assembleia com antecedência mínima de um mês antes do início do ano letivo.

Art.9º (Relatório de actividades e contas de gerência) - O relatório de actividades e as contas de gerência serão submetidas à apreciação da Assembleia da Escola no prazo máximo de 45 dias após o termo do ano letivo a que se referem.

Art.10º (Garantia da aplicação das sanções disciplinares) - O Conselho Directivo deverá garantir a efectiva aplicação das sanções disciplinares impostas aos alunos pelo Conselho de Disciplina, mediante a fiscalização do cumprimento das mesmas.

Art.11º (Informações) - O Conselho Directivo deverá, em tempo hábil colocar a disposição dos professores qualquer informação que tiver e que de alguma forma possa lhe interessar ou afectar.

Art.12º (Informações legislativas) - O Conselho Directivo devera disponibilizar ao pessoal docente, ao pessoal não docente e aos alunos toda a informação sobre a legislação que lhes diga respeito.

CAPÍTULO III - DO PESSOAL DOCENTE - DIREITOS E DEVERES

Art.13º (Direitos) - Constituem direitos do professor da Escola Secundária Doutor Baltazar Lopes da Silva, alem dos previstos no Estatuto do Pessoal Docente e nas demais leis e regulamentos:

N.º1 Usufruir de todos os serviços escolares.

N.º2 Ter acesso e ser informado sobre toda a legislação que de algum modo lhe diga respeito.

N.º3 Expressar livremente as suas posições sobre assuntos que digam respeito à vida da escola.

N.º4 Recorrer ao coordenador da disciplina sempre que tiver qualquer dúvida que possa ter influência no seu trabalho.

N.º5 Ser ouvido em todos os assuntos que lhe digam respeito.

N.º6 Ser comunicado da realização, por parte da Direcção de qualquer actividade que envolva a escola.

N.º7 Ser tratado com correcção e urbanidade por todos os membros da comunidade escolar.

Art.14º (Deveres) - Alem dos deveres legalmente impostos aos professores, estarão obrigados a:

N.º1 manter-se informado sobre a legislação em vigor que diga respeito aos professores e ao exercício das suas funções.

N.º2 Tratar com correcção e respeito todos os elementos da comunidade escolar.

N.º3 Transportar consigo, no primeiro tempo letivo, para a sala de aula, o livro de ponto e no último tempo transportá-lo de volta à sala dos professores.

N.º4 Abrir a porta da sala de aula no início de cada aula e voltar a fecha-la, após a saída de todos os alunos no final da aula.

N.º5 Anotar, em local apropriado, no livro de ponto, as faltas dos alunos que não tenham comparecido às aulas.

N.º6 Registrar os sumários no livro de ponto.

N.º7 Limpar o quadro após o termo da aula, devendo deixar a sala em condições de funcionamento para a aula seguinte.

N.º8 Comunicar ao Diretor da turma, no prazo de 48 horas, as faltas disciplinares marcadas aos alunos.

N.º9 Informar os Diretores de turma, acerca do aproveitamento dos alunos.

N.º10 Não permitir, salvo por razões justificáveis, o abandono dos alunos da sala de aula antes do toque de saída.

N.º11 Comunicar, por escrito, ao Diretor de turma, qualquer infracção de natureza disciplinar que tenha ocorrido na sua presença.

N.º12 Conhecer, respeitar e divulgar o presente regulamento junto dos alunos, principalmente da turma da qual é Diretor.

N.º13 Cumprir e fazer cumprir as decisões e directivas emanadas dos órgãos da escola.

N.º14 Ser pontual, assíduo e zeloso no cumprimento das tarefas que lhes são incumbidas.

N.º15 Contribuir para uma convivência salutar entre os membros da comunidade escolar.

N.º16 Participar em todas as reuniões do grupo de disciplina, de coordenação pedagógica, dos órgãos da escola de que é membro, ou em qualquer outra a que esteja obrigado por Lei ou regulamento.

N.º17 Marcar as provas escritas na folha de marcação que deverá estar anexa ao livro de ponto.

N.º18 Manter os telemóveis desligados durante as aulas.

N.º19 Quando por razões ponderosas o professor tiver que atrasar pedirá ao continuo que avise os alunos do atraso.

N.º 20 Dar a conhecer aos alunos os resultados da avaliação sumativa num prazo de 15 dias, mediante a entrega dos testes.

N.º 21 Não apresentar às aulas em estado de embriagues ou sob efeito de qualquer substancia psicotrópica.

N.º 22 Apresentar às aulas devidamente trajados.

N.º23 Não sentar-se nas mesas e secretárias e nem proferir ofensas ou discursos imorais, nem tão pouco convencionais com os alunos.

N.º24 Respeitar o período da duração das aulas, bem como o horário estabelecido, salvo prévia autorização da Direcção.

CAPÍTULO IV - DOS ALUNOS

SECÇÃO I - DIREITOS E DEVERES

Art.15º (Direito) - Constituem direitos do aluno além dos previstos em leis e no estatuto dos alunos os seguintes:

N.º1 Ser informado e esclarecido pelos seus Diretores de turma sobre toda e qualquer regra ou leis que lhe digam respeito.

N.º2 Ser respeitado, tratado com correcção e urbanidade por todos os elementos da escola.

N.º3 Ser assistido em caso de acidentes que ocorram dentro do estabelecimento de ensino.

N.º4 Ter cobertura pelo seguro escolar dos alunos, em caso de sinistros ocorridos dentro do estabelecimento de ensino.

N.º5 Eleger os seus representantes para os vários órgãos da escola.

N.º6 Eleger os seus delegados, subdelegados de turma, bem como os seus representantes no Conselho de turma e outro órgão a que tenha direito.

N.º7 Reclamar e recorrer aos órgão competentes da escola em caso de decisões que não esteja de acordo, ou que de algum modo possa prejudicar-lhe.

N.º8 Associar e reunir livremente para discutir e defender assuntos de interesses dos alunos.

N.º9 Ser escutado, através dos seus representantes, sobre assuntos da vida da escola.

N.º10 Conhecer o resultado das avaliações sumativas e ser lhe facultado a feitura da auto avaliação.

N.º11 Requerer a anulação da matrícula, observadas as regras legais e regulamentares e, mediante a apresentação de justificação plausível.

N.º12 Requerer e receber em tempo útil o seu certificado de habilitações literárias.

N.º13 Ver salvaguardada a sua segurança na frequência da escola e respeitada a sua integridade física.

N.º14 Ver respeitada a confidencialidade dos elementos constantes do seu processo individual de natureza pessoal ou familiar.

N.º15 Conhecer o regulamento interno.

N.º16 Eleger e ser eleito para órgãos, cargos e demais funções de representação no âmbito da escola, nos termos da legislação em vigor e do presente regulamento.

N.º17 Ser ouvido, em todos os assuntos que lhe digam respeito, pelos professores, Diretores de turma e órgãos de administração e gestão da escola.

Art.16º (Deveres) - Constituem deveres do aluno:

N.º1 Respeitar o presente regulamento

N.º2 Comparecer às aulas com: pontualidade, devidamente uniformizados e portando o material solicitado.

N.º3 Apresentar, no prazo de 48 horas após o regresso às aulas, o pedido de justificação das faltas de comparência às aulas. Caso as faltas ultrapassem 3

dias, os pais e ou encarregados de educação, deverão apresentar um atestado médico à Direcção da escola.

N.º4 Tratar com respeito, correcção e urbanidade todos os membros da comunidade escolar.

N.º5 Entrar para a sala de aula logo que se abra a porta e dirigir de imediato ao respectivo lugar, preparando de seguida o material indispensável à aula, sob pena de, conforme o caso, ser punido com uma falta de presença, de atraso ou de material.

N.º6 Permanecer correctamente sentado durante as aulas e comportar-se de forma a não perturbar os trabalhos escolares.

N.º7 Abster-se de conversar sobre assuntos estranhos à aula durante a decorrência da mesma.

N.º8 Participar nas aulas espontaneamente ou à solicitação do professor.

N.º9 Abandonar a sala de aula após o toque de saída seguido de autorização do professor.

N.º10 Trazer papel almaço para a realização dos testes sumativos.

N.º11 Acatar as instruções e directivas dos professores e dos funcionários, não manifestando contra a lei e ao presente regulamento, sem prejuízo de posterior reclamações perante os órgãos competentes da escola.

N.º12 Abster-se de permanecer nas varandas e nas escadas durante o funcionamento das aulas.

N.º13 Não praticar brincadeiras consideradas perigosas e de mau gosto, susceptíveis de por em risco a integridade física das pessoas e o bem-estar comum.

N.º14 Não mastigar pastilha elástica nem comer qualquer outra coisa durante a ocorrência das aulas.

N.º15 Não danificar o material nem o recinto escolar.

N.º16 Manter os telemóveis desligados durante as aulas.

N.º17 Exibir o cartão do aluno sempre que lhe for exigido.

N.º18 Seguir as orientações dos docentes relativamente ao seu processo de ensino/aprendizagem.

N.º19 Respeitar as instruções do pessoal docente e não docente.

N.º20 Respeitar o exercício do direito à educação e o ensino dos outros alunos.

N.º21 Participar nas actividades desenvolvidos na escola e pela escola.

N.º22 Conhecer as normas e horários de funcionamento de todos os serviços de escola.

N.º23 Aguardar, em ordem, a chegada do professor e, sempre que o professor não apareça, abandonar o local de modo ordeiro e silencioso, depois da autorização do funcionário.

N.º24 Ocupar as carteiras por ordem numérica, definidas no início do ano letivo, exceptuando os casos devidamente comprovados: deficiência visual ou auditiva e de baixa estatura.

Art.17º - O não cumprimento dos deveres e proibições impostas no artigo precedente levará o aluno a incorrer em sanções impostas pela lei de organização e funcionamento das escolas secundárias, pelo presente regulamento, pelo estatuto do aluno e pelas demais regras existentes.

CAPÍTULO V - DA TURMA

SECÇÃO I - DO CONSELHO DE TURMA

Art.18º - O conselho de turma será constituído nos termos do artigo 62 do decreto-lei n.º 20/2002 de 19 de Agosto (lei sobre a organização e funcionamento das escolas secundárias).

Art.19º - O Conselho de Turma deverá reunir-se mensalmente para apreciar a vida da turma e exercer as demais competência previstas no artigo 65º da lei de organização e funcionamento dos estabelecimentos de ensino secundário.

SECÇÃO II - DO DIRETOR DE TURMA

Art.20º - Compete ao Diretor de turma exercer as competências previstas no Artigo 59º da lei de organização e funcionamento dos estabelecimentos de ensino secundário.

Art.21º - Compete ainda ao Diretor de turma:

N.º1 Manter informado os seus alunos acerca de qualquer regra regulamentar ou legal que lhes digam respeito.

N.º2 Comunicar ao Conselho de Disciplina, os casos de indisciplina que não puderem ser resolvidos a nível do Conselho de Turma.

N.º3 Colher informações dos alunos, junto dos professores e, presta-las, quando solicitado, aos pais e ou encarregados de educação.

SECÇÃO III - DO DELEGADO DE TURMA

Art.22º

N.º 1 Cada turma terá um delegado eleito pelos seus pares em votação directa e maioritária.

N.º2 A turma terá também um subdelegado que substituirá o delegado nas ausências e impedimento deste.

Art.23º - O subdelegado de turma será eleito nos mesmos moldes do delegado

Art.24º - Compete ao delegado de turma:

N.º1 representar os seus colegas junto do conselho de turma.

N.º2 Ajudar o Diretor de turma e os demais professores na organização da turma, nomeadamente, comunicando-lhe quem são os alunos faltosos.

Art.25º - O delegado de turma será um aluno que frequenta todas as disciplinas.

Art.26º - O delegado de turma será substituído:

N.º 1 Sempre que ele solicitar.

N.º2 Sempre que for solicitado pela maioria dos alunos da turma.

N.º3 Sempre que lhe for aplicado uma sanção disciplinar que importe numa advertência escrita ou suspensão.

CAPÍTULO VI - DAS ASSOCIAÇÕES

SECÇÃO I - DA ASSOCIAÇÃO DOS ALUNOS

Art.27º - A associação dos alunos rege-se por estatuto próprio, constituindo-se como órgão privilegiado de promoção e apoio a atividades culturais, educativas, recreativas e desportivas a realizar-se na escola. Os demais órgãos da escola apoiarão, na medida do possível as realizações da associação dos estudantes e auscultá-la-á sempre que esta julgue útil ou necessário.

SECÇÃO II - DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Art.28º - A escola secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva reconhece a associação dos pais e encarregados de educação com parceiro imprescindível na acção educativa.

Art.29º - A associação dos pais e encarregados de educação rege-se por estatuto próprio.

Art.30º - É dever da associação dos pais e encarregados de educação colaborar com todos os órgãos da escola, bem como tomar acento nos mesmos conforme as regras da lei sobre organização e funcionamento das escolas secundária e o presente regulamento.

CAPÍTULO VII - DO PESSOAL ADMINISTRATIVO, DE APOIO E AUXILIAR

Art.31º - Aos funcionários são aplicáveis, no silêncio do presente regulamento, as normas constantes da lei de organização e funcionamento das escolas secundárias, bem como as normas constantes do estatuto disciplinar dos agentes da administração pública e outras legislações pertinentes.

Art.32º - Os funcionários devem:

N.º1 Tratar com correcção e urbanidade os alunos, os professores, os colegas e os utentes em geral dos serviços da escola.

N.º 2 Comparecer pontual e assiduamente ao serviço.

N.º 3 Cumprir integralmente o horário de trabalho legalmente estabelecido.

N.º 4 Executar com zelo as tarefas que lhes forem confiadas pelos superiores hierárquicos.

N.º 5 Não ausentar-se da escola durante o período de trabalho, salvo se tal for lhe autorizado pelos superiores hierárquicos.

N.º 6 Apresentar ao trabalho devidamente uniformizados.

Art.33º - Constitui dever especial do pessoal de limpeza, limpar e arrumar as salas depois de cada período diário das aulas, passando pelo menos um pano molhado no quadro.

Art.34º - Para além dos demais direitos, legal e regulamentar, o pessoal auxiliar terá direito a um espaço próprio.

CAPÍTULO VIII - BIBLIOTECA

Art.º 35º

Nº1 Tem acesso à biblioteca da escola os alunos, professores, funcionários e outros utentes autorizados pela Direcção.

Nº2 A biblioteca é um local de estudo e de trabalho, pelo que deve ser observado o máximo de silêncio.

Nº3 Não podem ser requisitados para a leitura domiciliária as obras de leitura frequente, como Dicionários, Enciclopédias, etc.

Nº4 Poderão ser requisitados livros para a leitura domiciliária através do preenchimento do respectivo impresso. O prazo máximo da requisição das obras é de uma semana.

Nº5 O requisitante fica responsável pelo deterioramento ou extravio da obra, sendo obrigado a apresentar um novo exemplar ou o pagamento do seu valor

CAPÍTULO IX - DA CANTINA

Art.36º - A cantina escolar não poderá vender bebida alcoólica, tabaco, nem qualquer produto que possa de alguma forma alterar o estado psicológico do consumidor.

Art.37º - A cantina deverá estar aberta pelo menos a partir do primeiro intervalo de cada período de aulas.

Art.38º - Os artigos vendidos na cantina deverão ter os seus preços afixados e deverão ser manipulados nas melhores condições de higiene.

Art.39º

Nº1 A concessão da exploração da cantina será feita mediante um concurso público, organizado pela Direcção da escola.

Nº2 As normas de exploração da cantina será objecto de um contrato entre a escola e o vencedor do concurso.

CAPÍTULO XI - DA SALA DOS PROFESSORES

Art.40º - A sala de professores é de uso exclusivo dos professores, e constitui lugar de encontro e convivência dos mesmos, e simultaneamente local de trabalho e reflexão profissional.

Art.41º - A sala de professores deverá reunir as condições mínimas necessárias ao exercício das atividades a que ela se destina.

Art.42º - Os professores são solidariamente responsáveis pela conservação do material existente na sala de professores.

CAPÍTULO XI - NORMAS DE FUNCIONAMENTO DA ESCOLA

Art.43º

N.º1 Não é permitida a permanência, no recinto da escola, de pessoas estranhas a ela.

N.º2 Tem acesso ao recinto escolar, o pessoal docente, não docente e os alunos matriculados na escola, desde que não se encontrem impedidos de o fazer, por via da aplicação de qualquer sanção disciplinar.

N.º3 Tem acesso condicionado, os pais e/ou encarregados de educação dos alunos que a frequentem e qualquer outra pessoa que tenha assuntos a tratar.

N.º4 Não são permitidos, na escola, a prática do jogo de azar.

N.º5 Não é permitido o consumo e venda de bebidas alcoólicas, dentro do espaço pertencente à escola.

N.º6 Recomenda-se não fumar no recinto escolar.

CAPÍTULO XII - FUNCIONAMENTO DAS AULAS

Art.º 44º

N.º1 Todos devem primar pela assiduidade e pontualidade.

N.º2 Após o toque de entrada, o aluno deve dirigir-se para a porta da sala e aguardar, disciplinadamente, a chegada dos professores.

N.º3 O primeiro toque é de entrada para os professores e alunos.

N.º4 O atraso do aluno, a qualquer tempo letivo, não pode ser impeditivo da sua participação na aula, desde que devidamente justificado.

N.º5 As faltas intercalares devem ser comunicadas ao encarregado de educação, não podendo ser justificado salvo casos excepcionais.

N.º6 O professor não pode abandonar a sala de aula antes do toque de saída, salvo por motivos devidamente justificados.

N.º7 O aluno que não fez o trabalho de casa não poderá ser impedido de assistir às aulas.

N.º8 Nas aulas duplas, os alunos que não compareceu a uma aula poderá assistir a outra.

Art.45º - Para o efeito do exposto na parte final do nº4, do Art.º precedente, o tempo limite para o aluno ser admitido à aula é de 5 minutos após o segundo toque.

CAPÍTULO XIII - DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art.46º - A proposta de símbolo da Escola Secundária Doutor Baltazar Lopes da Silva, a ser aprovado pela Assembleia de Escola, será a esta submetida por uma comissão criada para o efeito que, mediante concurso, analisará as propostas apresentadas pelos alunos, pais, professores e funcionários da escola.

Art.47º - O presente regulamento entra em vigor na data da sua aprovação pela Assembleia da Escola.

Anexo 2 – Horários ESBLs Prof. Paula Felícia 2005/2006 e 2006/2007

REPÚBLICA DE CABO VERDE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E VALORIZAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS
Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva - *São Nicolau*

Horário **Paula Felícia**

2005/2006

Horário

| | Horas | Seg. | Ter. | Qua. | Qui. | Sex. |
|-----|---------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| 6º | 13:00 – 13:50 | 7ºB Sala 3 | 7ºD Sala 5 | 8ºC Sala 8 | 8ºC Sala 8 | Coord. |
| 7º | 14:00 – 14:50 | 8ºC Sala 8 | 7ºB Sala 3 | | 7ºD Sala 5 | |
| 8º | 15:00 – 15:50 | DT | 8ºE Sala 10 | 7ºD Sala 5 | 8ºE Sala 10 | 7ºE Sala 12 |
| 9º | 16:10 – 17:00 | 8ºE Sala 10 | 8ºC Sala 8 | 7ºE Sala 12 | 7ºB Sala 3 | 7ºD Sala 5 |
| 10º | 17:10 – 18:00 | | 7ºE Sala 12 | 7ºB Sala 3 | 7ºE Sala 12 | 8ºE Sala 10 |

Coord. – Horas de Coordenação
DT – Direcção de Turma marcada pelo professor

REPÚBLICA DE CABO VERDE



Ministério da Educação e Valorização de Recursos Humanos
Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva - *São Nicolau*

Horário **Paula Felícia**

2006/2007

Horário

| | Horas | Seg. | Ter. | Qua. | Qui. | Sex. |
|----|---------------|------|------|--------|------|------|
| 1º | 7:30 – 8:20 | 10ºB | 10ºD | 9ºA | 10ºD | 9ºA |
| 2º | 8:30 – 9:20 | 10ºB | 10ºA | 10ºC | 10ºD | 9ºA |
| 3º | 9:30 – 10:20 | 10ºD | 10ºA | Coord. | 10ºC | 10ºA |
| 4º | 10:40 – 11:30 | 10ºC | 9ºA | | 10ºC | |
| 5º | 11:40 – 12:30 | 10ºA | 10ºB | | 10ºB | |

Coord. – Horas de Coordenação

Anexo 3 – Horário ESPAA Prof. Paula Felícia 2010/2011

ESCOLA SECUNDÁRIA POETA ANTÓNIO ALEIXO

Horário do professor: Paula Felícia

Horário nº: 500-12

| | |
|--|-----------------|
| Docente: Paula Alexandra Correia Felícia | Categoria: PCPR |
| Habilitações: | Grupo: 500 |

Ano lectivo: 2010 - 2011

| Tempos | Segunda | Sala | Terça | Sala | Quarta | Sala | Quinta | Sala | Sexta | Sala |
|---------------|-------------|-------|-------------|-------|-------------|-------|--------|------|-------------|------|
| 08:25 - 09:10 | 12° P / Mat | E2 | 11° G / MtA | Mi 11 | 12° O / Mat | Ms 20 | | | 11° E / MtA | Ms 7 |
| 09:10 - 09:55 | | | | | | | | | | |
| 10:10 - 10:55 | 12° O / Mat | Mi 17 | Dir | DT5 | 11° E / MtA | E5 | | | 11° G / MtA | Mi 4 |
| 10:55 - 11:40 | | | | | | | | | | |
| 11:50 - 12:35 | | | 11° E / MtA | Ms 7 | | | | | 12° P / Mat | E3 |
| 12:35 - 13:20 | | | | | | | | | | |
| 13:20 - 14:05 | 11° G / MtA | E1 | | | | | | | | |
| 14:05 - 14:50 | | | | | apo | | | | | |
| 14:55 - 15:40 | | | | | Clu | | | | | |
| 15:40 - 16:25 | | | | | | | | | | |
| 16:35 - 17:20 | | | 11° G / Dir | Mi 1 | | | | | | |
| 17:20 - 18:05 | | | | | | | | | | |
| 18:05 - 18:50 | | | | | | | | | | |
| 19:30 - 20:15 | | | | | | | | | | |
| 20:25 - 21:10 | | | | | | | | | | |
| 21:10 - 21:55 | | | | | | | | | | |
| 22:00 - 22:45 | | | | | | | | | | |
| 22:45 - 23:30 | | | | | | | | | | |
| 23:30 - 00:15 | | | | | | | | | | |

Entrada em vigor: 17/3/2011

Data de Validade: 31 de Agosto de 2011

▲ Trab. escola ▼ Crédito ● TOA: Dp. 19117 ◀ Artigo 79 ▶ Reu./Out.

| Componente não lectiva | | Totais | | Actividades do professor | |
|------------------------|----|-------------------------|----|--------------------------------|--|
| Trabalho de Escola | 2 | CL - Componente Lectiva | 22 | Dir. Turma | |
| Trabalho Individual | 11 | CNL - Comp. não Lectiva | 13 | Mat A | |
| Artigo 79 (ECD) | 0 | | | Matemática | |
| | | | | Clube | |
| | | TOTAL: CL + CNL | 35 | Dir de Turma-Direcção de turma | |
| | | | | apoio | |

TOA: Dp. 19117 = 2

O Director:

Em 17/3/2011: _____

Anexo 4 – Calendário Escolar Cabo Verde 2010/2011

Handwritten signature and date:
 Pais, 13/07/2010
 157



DIRECÇÃO GERAL DO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO
 CALENDÁRIO DO ANO ESCOLAR 2010/2011
 ENSINO BÁSICO

| | 1º Trimestre | | | 2º Trimestre | | | 3º Trimestre | | | |
|-------------------|--------------|------|------|--------------|------|------|--------------|------|------|------|
| Set. | Out. | Nov. | Dez. | Jan. | Fev. | Mar. | Abr. | Mai. | Jun. | Jul. |
| 1 | 1 | F | 1 | F | 1 | 1 | F | F | F | 1 |
| 2 | Sáb | 2 | 2 | Dom | 2 | 2 | Sáb | 2 | 2 | Sáb |
| 3 | Dom | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 | Dom | 3 | 3 | Dom |
| 4 | Sáb | 4 | Sáb | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | Sáb | 4 |
| 5 | Dom | 5 | Dom | 5 | Sáb | Sáb | 5 | 5 | Dom | F |
| 6 | Sáb | Sáb | 6 | 6 | Dom | Dom | 6 | 6 | 6 | 6 |
| 7 | 7 | Dom | 7 | 7 | 7 | 7 | 7 | Sáb | 7 | 7 |
| 8 | 8 | 8 | 8 | Sáb | 8 | 8 | 8 | Dom | 8 | 8 |
| 9 | Sáb | 9 | 9 | Dom | 9 | 9 | Sáb | 9 | 9 | Sáb |
| 10 | Dom | 10 | 10 | 10 | 10 | 10 | Dom | 10 | 10 | Dom |
| 11 | Sáb | 11 | Sáb | 11 | 11 | 11 | 11 | 11 | Sáb | 11 |
| 12 | Dom | 12 | Dom | 12 | Sáb | Sáb | 12 | 12 | Dom | 12 |
| 13 | 13 | Sáb | 13 | F | Dom | Dom | 13 | 13 | 13 | 13 |
| 14 | 14 | Dom | 14 | 14 | 14 | 14 | 14 | Sáb | 14 | 14 |
| 15 | 15 | 15 | 15 | Sáb | 15 | 15 | 15 | Dom | 15 | 15 |
| 16 | Sáb | 16 | 16 | Dom | 16 | 16 | Sáb | 16 | 16 | Sáb |
| 17 | Dom | 17 | 17 | 17 | 17 | 17 | Dom | 17 | 17 | Dom |
| 18 | Sáb | 18 | Sáb | 18 | 18 | 18 | 18 | 18 | Sáb | 18 |
| 19 | Dom | 19 | Dom | 19 | Sáb | Sáb | 19 | 19 | Dom | 19 |
| 20 | 20 | Sáb | 20 | F | Dom | Dom | 20 | 20 | 20 | 20 |
| 21 | 21 | Dom | 21 | 21 | 21 | 21 | 21 | Sáb | 21 | 21 |
| 22 | 22 | 22 | 22 | Sáb | 22 | 22 | F | Dom | 22 | 22 |
| 23 | Sáb | 23 | 23 | Dom | 23 | 23 | Sáb | 23 | 23 | Sáb |
| 24 | Dom | 24 | 24 | 24 | 24 | 24 | P | 24 | 24 | Dom |
| 25 | Sáb | 25 | Sáb | 25 | 25 | 25 | 25 | 25 | Sáb | 25 |
| 26 | Dom | 26 | Dom | 26 | Sáb | Sáb | 26 | 26 | Dom | 26 |
| 27 | 27 | Sáb | 27 | 27 | Dom | Dom | 27 | 27 | 27 | 27 |
| 28 | 28 | Dom | 28 | 28 | 28 | 28 | 28 | Sáb | 28 | 28 |
| 29 | 29 | 29 | 29 | Sáb | | 29 | 29 | Dom | 29 | 29 |
| 30 | Sáb | 30 | Dom | Dom | | 30 | Sáb | 30 | 30 | Sáb |
| 31 | Dom | | 31 | | | 31 | | 31 | | Dom |
| 9 | 21 | 21 | 15 | 17 | 21 | 20 | 12 | 22 | 21 | 10 |
| Dias Lectivos 189 | | | | | | | | | | |
| 66 | | | 58 | | | | 65 | | | |

| | |
|--|---------------------------------------|
| | Início e Fim do Ano Escolar |
| | Actividades Formativas |
| | Preparação Metodológica |
| | Início e Fim das Actividades Lectivas |
| | Férias do 1º e 2º Trimestre/Carnaval |
| | Avaliação Final da 1ª, 2ª e 3ª Fases |
| | Feriando/Dia não lectivo |

Anexo 5 – Planificação Anual até ao Teste Intermédio Janeiro 2011, ESPAA

ESCOLA SECUNDÁRIA POETA ANTÓNIO ALEIXO

PLANIFICAÇÃO 11º ANO Matemática A ANO LETIVO 2010/2011

TEMA 1 - GEOMETRIA NO PLANO E NO ESPAÇO II

| Nº de AULAS / CONTEÚDOS | TAREFAS (AULA / TPC) | Objetivos |
|--|--|---|
| 22ª, 23ª aula <ul style="list-style-type: none"> ▪ Breve abordagem às funções trigonométricas | Exercícios 35-37 da pág. 62-67 Exercícios 49-50 da pág. 76-77 | <ul style="list-style-type: none"> - Usar a calculadora gráfica para obter gráficos de funções trigonométricas e indicar as respectivas propriedades. - Resolver problemas que envolvam fenómenos periódicos, recorrendo a funções trigonométricas. |
| 24ª aula <ul style="list-style-type: none"> ▪ Actividade introdutória ao Produto Escalar. ▪ Ângulo de dois vetores ▪ Definição de produto escalar. | Actividade (Cursos de Ciências e Tecnologias) Exercícios 1 e 3 págs. 80 e 81. | <ul style="list-style-type: none"> - Determinar o produto escalar entre dois vetores. - Conhecer e aplicar as propriedades do produto escalar. - Determinar o produto escalar utilizando as coordenadas dos vetores. - Determinar a amplitude do ângulo entre dois vetores. |
| 25ª aula <ul style="list-style-type: none"> ▪ Resolução de exercícios ▪ Propriedades do produto escalar. | Exercícios 4 a 9 págs. 82-85. | |

| | | |
|--|--|---|
| <p>27ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Produto Escalar em referencial o.n. (Demonstração) | <p>Exercícios 10,14 e 15 págs. 87 e 88.</p> | |
| <p>28ª e 29ª aulas</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ângulo de duas retas. ▪ Inclinação de uma reta; ▪ Declive como tangente da inclinação de uma reta no plano. ▪ Exercícios de aplicação | <p>Exercícios 16, 17 e 18 págs. 90, 91 e 92.</p> <p>Exercícios propostos págs. 97 a 99.</p> <p>Ficha de Trabalho nº 7</p> | <p>- Determinar o ângulo entre duas retas.</p> <p>- Relacionar a inclinação de uma reta com o respectivo declive.</p> <p>- Escrever a equação da reta dados um ponto e declive.</p> |
| <p>30ª e 31ª aulas</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Perpendicularidade de vetores. Vetor normal a uma reta. | <p>Exercícios 19 a 22 págs. 100 e 101.</p> | <p>- Relacionar produto escalar e perpendicularidade de vetores.</p> <p>- Determinar coordenadas de um vetor normal a uma reta.</p> <p>- Relacionar declives de retas com a respetiva posição relativa.</p> |
| <p>32ª, 33ª aulas</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Conjuntos de pontos definidos por condições no plano e no espaço.(plano mediador, mediatriz, circunferência , reta tangente e superfície esférica) ▪ Resolução de | <p>Exercícios 23 a 26 págs. 102 e 103.</p> <p>Exercícios 27 a 30 págs. 105 e 106.</p> | <p>- Aplicar o produto escalar na trigonometria e geometria.</p> <p>- Consolidar os conteúdos abordados até ao momento.</p> <p>- Escrever as equações cartesianas de</p> |

| | | |
|---|---|---|
| <p>exercícios.</p> <p>34ª, 35ª e 36ª aulas</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Equações cartesianas da reta no espaço ▪ Posição relativas de retas <p>37ª e 38ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Equação cartesiana do plano em referencial cartesiano. ▪ Definição por um ponto e vetor normal <p>39ª aula</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Equação cartesiana do plano dados 3 pontos não colineares do plano <p>40ª e 41ª aulas</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Intersecção de planos. Interpretação geométrica. ▪ Paralelismo e perpendicularidade de planos ▪ Posições relativas entre retas e planos <p>42ª aula</p> | <p>Exercícios 36 e 37 pág. 118. e 38 pág. 120</p> <p>Exercícios 39 e 40 pág. 122 e pág. 123.</p> <p>Exercícios 31 pág. 108</p> <p>Exercícios propostos pelo professor</p> <p>Exercícios 41 a 44 pág. 126.</p> | <p>uma reta</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudar, por via vetorial, a posição de duas retas. - Determinar a intersecção entre duas retas. <p>- Escrever a equação cartesiana do plano.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estudar, por via vetorial, a posição relativa entre planos e retas e planos. - Determinar a intersecção entre uma reta e um plano. - Resolver sistemas, aplicando o método da adição ordenada. |
|---|---|---|

| | | |
|---|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Intersecção de 3 planos: método da adição ordenada na resolução de sistemas | <p>Exercícios 33 a 35 pág. 112.</p> | |
| <p>43^a, 44^a e 45^a aulas</p> | | |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Programação linear. | <p>Exercício 45 - Resolva problemas simples de pág. 130.</p> <p>Actividade</p> <p>Ficha de trabalho.</p> | <p>- Resolver problemas simples de Programação Linear.</p> |
| <p>46^a, 47^a aulas</p> | | |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Resolução de exercícios. ▪ Resolução de uma ficha de trabalho | <p>Exercícios propostos págs. 136 a 141</p> <p>Testes</p> <p>Intermédios de anos anteriores.</p> | <p>- Consolidar os conteúdos abordados até ao momento.</p> |
| <p>48.^aaula</p> | | |
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Esclarecimento de dúvidas. <p>Teste Intermédio</p> | | |

Anexo 6 – Plano Anual de Atividades ESBLs

Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva

Plano Anual de Atividades 2005/2006

| Data | Actividade | Objetivos | Estratégias | Material |
|--------------------|------------------------|--|--|---|
| Início de cada mês | Problema do Mês | <ul style="list-style-type: none"> • Criar o gosto para a aprendizagem da Matemática • Desenvolver a capacidade de raciocínio mental | <ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de um problema por cada ciclo • Divulgação do problema no placar do pátio da escola • Divulgação da solução no final de cada mês • Publicação dos resultados de cada mês | <ul style="list-style-type: none"> • Papel |

| Data | Actividade | Objetivos | Estratégias | Material |
|---|--------------------|--|---|---|
| 25 de Fevereiro Sábado (antes do Carnaval) | Peddy Paper | <ul style="list-style-type: none"> • Envolver os alunos em várias atividades interdisciplinares • Despertar no seio dos alunos o hábito de participação nas atividades extra escolares • Relacionar a Matemática com o quotidiano • Aplicar a Matemática de uma forma divertida e diferente • Aumentar a convivência Professor/Alunos | <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar o mapa da escola como orientação • Envolver a comunidade escolar nas atividades da escola • Proporcionar o contacto com materiais manipuláveis | <ul style="list-style-type: none"> • Papel • Cartolina • Marcadores • Lápis • Equipamento • Cordas • Sacos • Bolas • Prémios (patrocínios) • Material a definir para provas |

| Data | Actividade | Objetivos | Estratégias | Material |
|---|---------------------------------|--|---|---|
| 1ª Fase 2º Trimestre (data e hora a combinar com a escola do Tarrafal) 2ª Fase Local a combinar | Olimpíadas da Matemática | <ul style="list-style-type: none"> Desenvolver o aspeto lúdico da Matemática Despertar o interesse pela Matemática Desenvolver capacidades de agilidade e de raciocínio | <ul style="list-style-type: none"> Realização de uma prova escrita para cada ciclo em cada uma das fases | <ul style="list-style-type: none"> Papel Caneta |

| Data | Actividade | Objetivos | Estratégias | Material |
|-------------------------------|----------------------------|------------------|--------------------|-----------------|
| Durante os 2º e 3º Trimestres | Clube da Matemática | Anexo I | | |

Anexo I

GRUPO DISCIPLINAR DE MATEMÁTICA



ESCOLA SECUNDÁRIA

DR. BALTAZAR LOPES DA SILVA

1. OBJETIVOS QUE SE PRETENDEM ATINGIR NO CLUBE DE MATEMÁTICA

É inegável que a Matemática é uma das disciplinas que os alunos menos apreciam e aquela em que a taxa de insucesso é mais elevada.

Habitualmente, os alunos não gostam da disciplina de Matemática, pois não conseguem encontrar qualquer aplicação prática para os conteúdos estudados, considerando-os portanto inúteis e desnecessários para a sua vida futura. Quantas vezes os

alunos se dirigem ao professor de Matemática perguntando, “mas afinal para que é que isto serve?”, “mas quem é que se lembrou de inventar isto?”. Os alunos sentem necessidade de conhecer as aplicações práticas dos conceitos matemáticos que vão adquirindo e de testar os novos conhecimentos em problemas reais e concretos.

Hoje em dia a aprendizagem da Matemática não se processa por mecanismos de transmissão, absorção e repetição, já lá vai o tempo em que a matemática era vista como uma ciência do tipo “certo ou errado”, que não se questiona, e em que o aluno precisa de saber muito bem “o que é para fazer” e de ter aprendido previamente “como é que se faz”.

Pretende-se pôr os alunos em contacto com problemas reais e concretos e orientá-los no sentido de descobrirem por si soluções matemáticas para diversas situações com que vão sendo confrontados.

Com a criação de um clube de Matemática dentro da escola, pretende-se construir um espaço lúdico dedicado ao estudo e à investigação da matemática ligada a situações práticas e concretas com real significado para os alunos, com o objetivo de os motivar para o estudo desta disciplina.

Neste espaço o aluno será convidado a participar em atividades lúdicas, cujas planificações se encontram no final do anexo.

2. COMO IRÁ FUNCIONAR O CLUBE DA MATEMÁTICA

O clube de Matemática irá entrar em funcionamento em meados de Janeiro de 2006 até ao final do ano letivo.

Será necessário disponibilizar uma sala e materiais para a realização de diversas atividades (por exemplo, Laboratório de Matemática).

A frequência deste clube por parte dos discentes não terá carácter obrigatório, no entanto, a sua assiduidade será registada em registo próprio para que no final do ano letivo se possa proceder a um balanço do projeto.

Terá parte ativa neste clube o grupo de docentes de Matemática.

3. MATERIAL NECESSÁRIO PARA O CLUBE DE MATEMÁTICA

Uma vez que um projeto deste tipo exige alguma disponibilidade financeira que a escola poderá neste momento não ter, consideramos como material prioritário, para arrancar com o projeto, o seguinte:

- Computador, preferencialmente com ligação à Internet;
- Cartolinas;
- Marcadores;
- Dominó;
- Baralho de cartas;
- Material de escrita e de desenho.

FICHA DE ÁREA DE ACTIVIDADES

ANO LECTIVO 2005/2006

CLUBE DE MATEMÁTICA

TÍTULO: Jogos

JUSTIFICAÇÃO/OBJECTIVOS:

- Promover iniciativas que tornem a escola um local de trabalho e lazer
- Ocupação dos tempos livres
- Ampliar e/ou orientar a diversidade de interesses
- Desenvolver capacidades do domínio afectivo: autoconfiança, autonomia, espírito e cooperação; a capacidade de comunicar e ouvir os outros, de argumentar, de chegar a um consenso e de tomar decisões

TIPO DE INTERVENÇÕES (OU ACTIVIDADES):

1. Jogos de raciocínio

METODOLOGIAS:

2. Divulgação e explicação das regras dos jogos

EQUIPA COORDENADORA E RESPONSÁVEIS DA ACÇÃO:

1. Professores do grupo de Matemática

DESTINATÁRIOS: Alunos dos 1º, 2º e 3º ciclos

CALENDARIZAÇÃO: De Janeiro a Junho de 2006

RECURSOS: Jogos do clube

Anexo 8 – Estudo da Turma 7ºE, ESBLs



DISCIPLINA DE MATEMÁTICA








ESCOLA SECUNDÁRIA DR. BALTAZAR LOPES DA SILVA









Vila de Ribeira Brava

S. Nicolau

1. Apresentação da Turma

1.1 Alunos

| | | | | | | |
|---|---|---|---|--|---|---|
|  |  |  |  |  |  |  |
| 1. Adriano | 2. Aldair | 3. Alexandro | 4. Alicia | 5. Anice | 6. Cheila | 7. Cimiliano |
|  |  |  |  |  |  |  |
| 8. Cláudia | 9. Cláudio | 10. Djeila | 11. Domingos | 12. Elisia | 13. Elson | 14. Elvis |
|  |  |  |  |  |  |  |
| 15. Eriksson | 16. Gealinda | 17. Gilda | 18. Hélder | 19. Hermes | 20. Isabel | 21. Ivandro |
|  | | |  |  |  |  |
| 22. Janice | 23. Jenniffer | 24. Joanita | 25. Klisman | 26. Leidilena | 27. Loribela | 28. Mónica |
|  |  |  |  |  |  |  |
| 29. Nilson | 30. Ronisia | 31. Rosário | 32. Rosiana | 33. Salvador | 34. Sariana | 35. Soraia |

| | | | | | | |
|---|--|---|---|--|---|---|
|  |  |  |  |  |  |  |
| 36. Udilon | 37. Uerton | 38. Vadilene | 39. Vlademir | 40. Vandir | 41. Vandir | 42. Vânea |
|  | <p>A Turma é constituída por 43 alunos inscritos dos quais o nº 23, Jenniffer foi transferida e o nº 24, Joanita, pertence à turma 8ºE do mesmo estabelecimento de ensino. Desta forma, a turma resume-se a 41 alunos.</p> | | | | | |
| 43. Crisólita | | | | | | |

2. Professores

| Disciplinas | Professores |
|-------------------------------|----------------|
| Matemática | Paula Felícia |
| Português | Marlene Brito |
| Inglês | Anthony Okezie |
| Homem Ambiente | Arsénio Rocha |
| Educação Visual e Tecnológica | Anderson Neves |
| Estudos Científicos | Admir Spencer |
| Formação Pessoal e Social | Elsa |

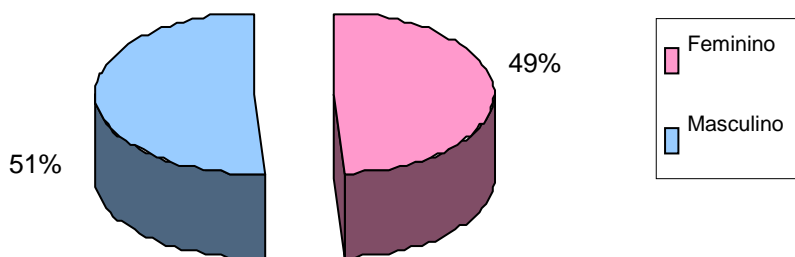
3. Horário da Turma

Diretor de Turma: Paula Felícia

| | Segunda | Terça | Quarta | Quinta | Sexta |
|--------------------------------|------------------------------|-------------------------------------|------------------------|----------------------------------|---------------------------------|
| 13h00m 13h50m | Formação Pessoal e Social | Estudos Científicos | Homem Ambiente | Educação Visual e Tecnológica | Homem Ambiente |
| 14h00m 14h50m | Homem Ambiente | Educação Visual e Tecnológica | Estudos Científicos | Educação Visual e Tecnológica | Formação Pessoal e Social |
| 15h00m 15h50m | Português | Homem Ambiente | Inglês | Estudos Científicos | Matemática |
| 16h10m 17h00m | Inglês | Inglês | Matemática | Português | Inglês |
| 17h10m 18h00m | Matemática | Matemática | Português | Matemática | Português |

4. Análise dos Inquéritos

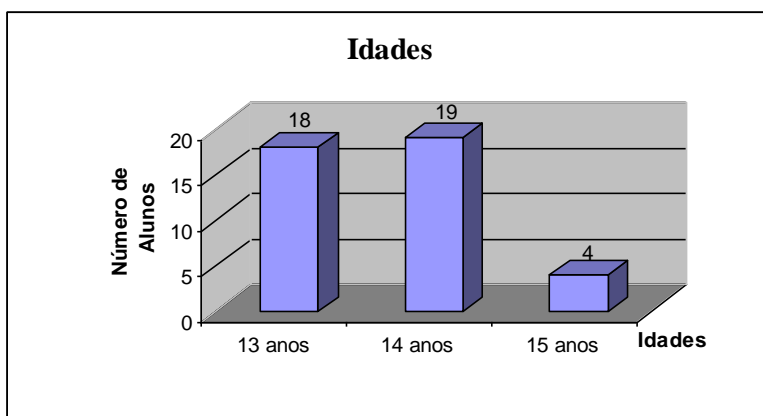
4.1 Distribuição dos alunos por Sexo



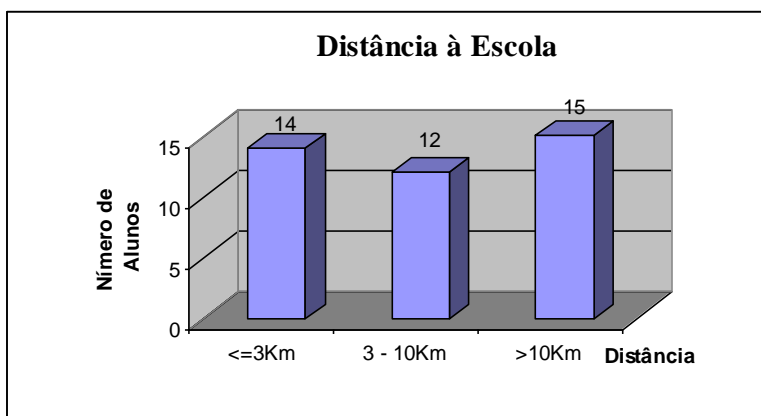
A turma apresenta uma constituição homogênea em relação ao número de meninas e meninos.

4.2 Distribuição dos alunos por Idades

Como se pode observar, as idades predominantes nesta turma são as idades de 13 e 14 anos.

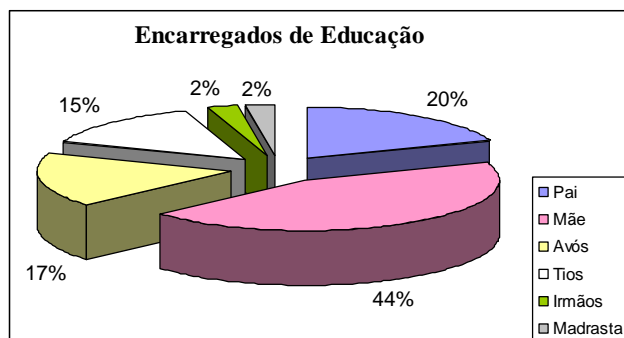


4.3 Residência dos Alunos



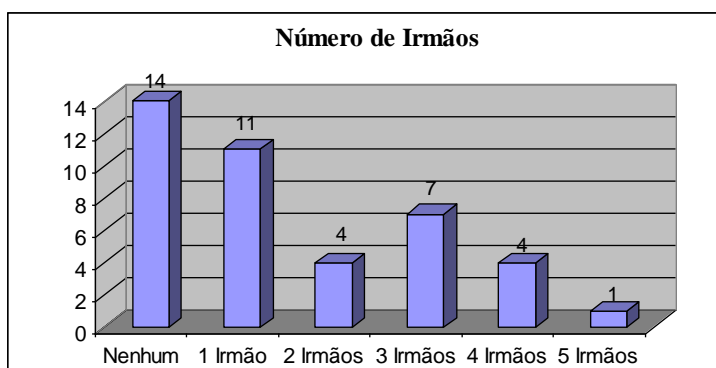
Existe uma grande parte dos alunos que fica a uma distância maior do que 10 km. Como os acessos são difíceis torna o caminho para escola maçador e cansativo.

4.4 Encarregado de Educação



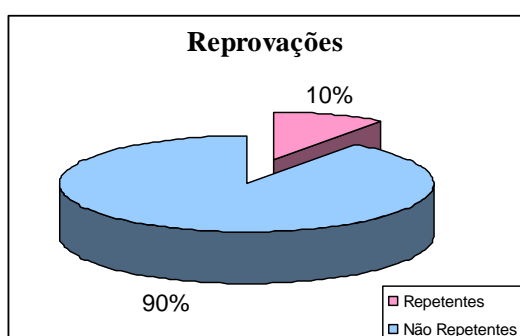
No que respeita ao acompanhamento dos alunos durante o percurso escolar, verifica-se que é a mãe que continua a ter um papel relevante e evidenciado no processo educativo.

4.5 Irmãos



Embora a tendência do meio envolvente seja de ter filhos desde cedo, a tendência é para não ter nenhum irmão ou ter apenas um. É de referir que mesmo assim, 7 alunos que têm 3 irmãos.

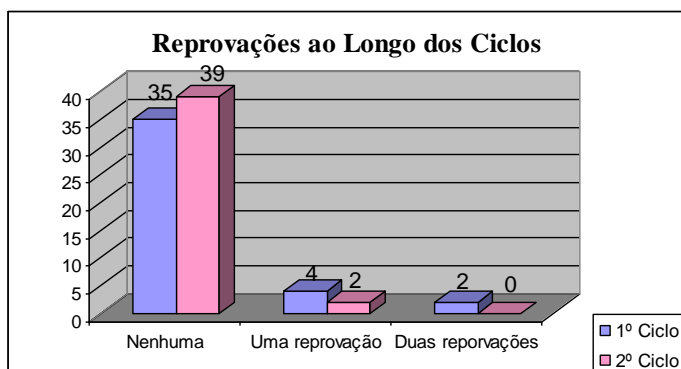
4.6 Reprovações



A turma é constituída pela maioria dos alunos a frequentar a primeira vez o 7º ano de escolaridade.

Apenas 4 alunos são repetentes num total de 41.

4.6.1 Reprovações ao longo dos ciclos

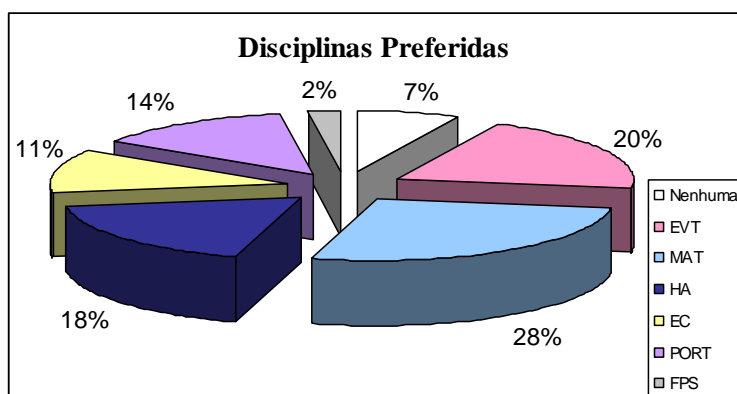


O número de alunos que reprovou durante os ciclos anteriores e no próprio ciclo não é relevante.

Deve-se ter em conta que o aluno nº41, Vандir, reprovou nos dois ciclos, uma vez em cada; os

alunos nº37, Uerton e nº21, Ivandro, reprovaram por duas vezes no 1º Ciclo.

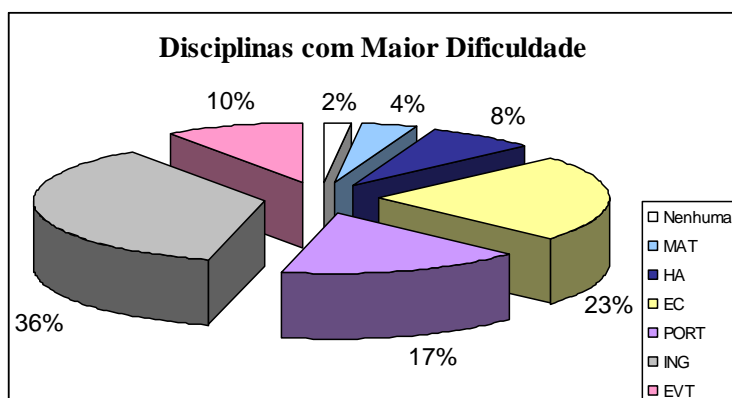
4.7 Disciplina Preferida



No top das disciplinas preferidas estão Matemática com 28%, EVT com 20% e HA com 18%.

Por incrível que pareça, Matemática lidera!

4.8 Disciplina com mais dificuldade



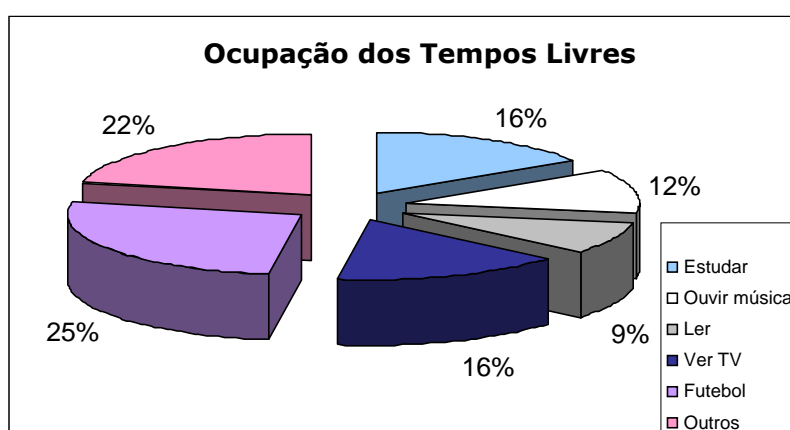
A disciplina à qual os alunos apresentam mais dificuldade é Inglês com 36%. Deve-se ao facto de os alunos terem Inglês pela primeira vez e o seu professor ter dificuldades em comunicação e expressão.

O professor não consegue falar a Língua Portuguesa nem o Crioulo (língua falante) o que dificulta bastante a comunicação e a transmissão de conhecimentos.

A segunda disciplina com maior dificuldade é Estudo Científico. É uma das disciplinas em que exige maior capacidade de memorização e compreensão por parte dos alunos.

A terceira disciplina com maior dificuldade é o Português. Como a língua falada pelos alunos é o Crioulo, existe uma barreira de comunicação. Os alunos demonstram bastantes dificuldades em entender o Português falado e escrito, estando constantemente a dar erros ortográficos.

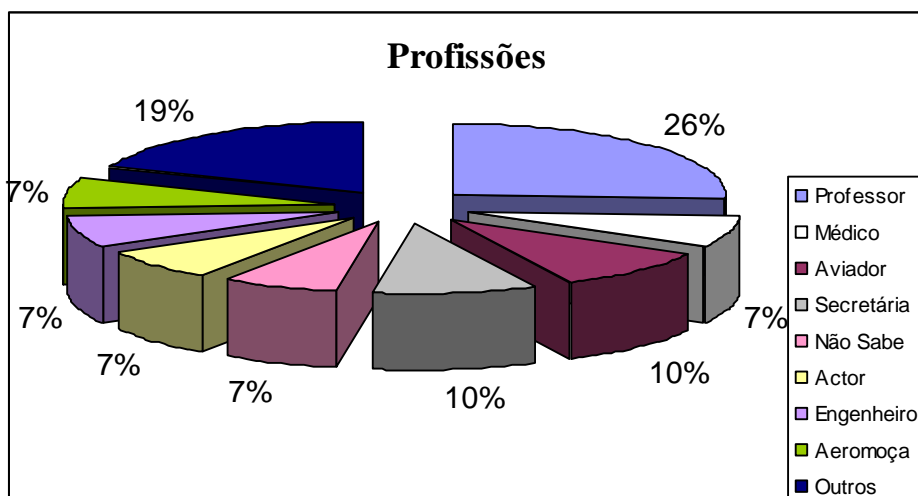
4.9 Tempos Livres



A grande parte dos alunos ocupa os tempos livres a jogar futebol, 25%, a ver TV ou a estudar, 16%.

12% costuma ouvir música, algo que em S. Nicolau é muito frequente, e 9% a Ler.

4.10 Profissão Futura



Uma das profissões mais cobiçadas pelos alunos é de um dia virem a ser Professores! Em Cabo Verde, ser professor ainda é um privilégio e uma profissão respeitada, tanto pelos alunos, como pela população em geral.

Como se trata de uma ilha, era de esperar que, uma das profissões que também é referida como preferida, é de ser Aviador, com 10.%

Ainda com 10%, Secretária é uma das profissões que, em geral, as meninas referiram como possível profissão futura.

Anexo 10 – Registo Faltas de Atraso e Material, ESBLs

Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva
Mapa de Faltas de Atraso 7º E

Ano letivo: 2005/2006

| | Alunos | MAT | PORT | ING | HA | EVT | EC | FPS |
|----|---------------|------------|-------------|------------|-----------|------------|-----------|------------|
| 1 | Adriano | | | | | | | |
| 2 | Aldair | | | | | | | |
| 3 | Alexsandro | | | | | | | |
| 4 | Alicia | | | | | | | |
| 5 | Anice | | | | | | | |
| 6 | Cheila | | | | | | | |
| 7 | Cimiliano | | | | | | | |
| 8 | Cláudia | | | | | | | |
| 9 | Cláudio | | | | | | | |
| 10 | Djeila | | | | | | | |
| 11 | Domingos | | | | | | | |
| 12 | Elisia | | | | | | | |
| 13 | Elson | | | | | | | |
| 14 | Elvis | | | | | | | |
| 15 | Eriksson | | | | | | | |
| 16 | Gealinda | | | | | | | |
| 17 | Gilda | | | | | | | |
| 18 | Hélder | | | | | | | |
| 19 | Hermes | | | | | | | |
| 20 | Isabel | | | | | | | |
| 21 | Ivandro | | | | | | | |
| 22 | Janice | | | | | | | |
| 23 | | | | | | | | |
| 24 | | | | | | | | |
| 25 | Klisman | | | | | | | |
| 26 | Leidilena | | | | | | | |
| 27 | Loribela | | | | | | | |

| | | | | | | | | |
|----|-----------|--|--|--|--|--|--|--|
| 28 | Mónica | | | | | | | |
| 29 | Nilson | | | | | | | |
| 30 | Ronisia | | | | | | | |
| 31 | Rosário | | | | | | | |
| 32 | Rosiana | | | | | | | |
| 33 | Salvador | | | | | | | |
| 34 | Sariana | | | | | | | |
| 35 | Soraia | | | | | | | |
| 36 | Udilon | | | | | | | |
| 37 | Uerton | | | | | | | |
| 38 | Vadilene | | | | | | | |
| 39 | Valdemir | | | | | | | |
| 40 | Valdir | | | | | | | |
| 41 | Vandir | | | | | | | |
| 42 | Vânea | | | | | | | |
| 43 | Crisólita | | | | | | | |

Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva
Mapa de Faltas de Material 7º E

Ano letivo: 2005/2006

| | Alunos | MAT | PORT | ING | HA | EVT | EC | FPS |
|----|---------------|------------|-------------|------------|-----------|------------|-----------|------------|
| 1 | Adriano | | | | | | | |
| 2 | Aldair | | | | | | | |
| 3 | Alexsandro | | | | | | | |
| 4 | Alicia | | | | | | | |
| 5 | Anice | | | | | | | |
| 6 | Cheila | | | | | | | |
| 7 | Cimiliano | | | | | | | |
| 8 | Cláudia | | | | | | | |
| 9 | Cláudio | | | | | | | |
| 10 | Djeila | | | | | | | |
| 11 | Domingos | | | | | | | |
| 12 | Elisia | | | | | | | |
| 13 | Elsion | | | | | | | |

| | | | | | | | | |
|----|-----------|--|--|--|--|--|--|--|
| 14 | Elvis | | | | | | | |
| 15 | Eriksson | | | | | | | |
| 16 | Gealinda | | | | | | | |
| 17 | Gilda | | | | | | | |
| 18 | Hélder | | | | | | | |
| 19 | Hermes | | | | | | | |
| 20 | Isabel | | | | | | | |
| 21 | Ivandro | | | | | | | |
| 22 | Janice | | | | | | | |
| 23 | | | | | | | | |
| 24 | | | | | | | | |
| 25 | Klisman | | | | | | | |
| 26 | Leidilena | | | | | | | |
| 27 | Loribela | | | | | | | |
| 28 | Mónica | | | | | | | |
| 29 | Nilson | | | | | | | |
| 30 | Ronisia | | | | | | | |
| 31 | Rosário | | | | | | | |
| 32 | Rosiana | | | | | | | |
| 33 | Salvador | | | | | | | |
| 34 | Sariana | | | | | | | |
| 35 | Soraia | | | | | | | |
| 36 | Udilon | | | | | | | |
| 37 | Uerton | | | | | | | |
| 38 | Vadilene | | | | | | | |
| 39 | Valdemir | | | | | | | |
| 40 | Valdir | | | | | | | |
| 41 | Vandir | | | | | | | |
| 42 | Vânea | | | | | | | |
| 43 | Crisólita | | | | | | | |

Anexo 11– Estudo da Turma 10ºI, ESPAA

























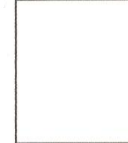
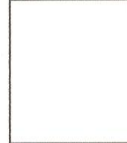
1. Identificação da Diretora de Turma

Nome: Paula Alexandra Correia Felícia

Grupo Disciplinar 500 – Matemática

Direcção de turma 10º ano Turma I

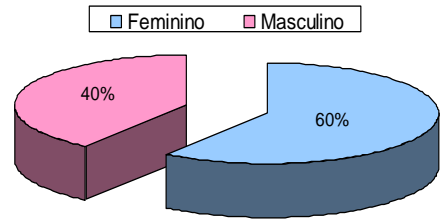
2. Lista de Alunos

| ESCOLA SECUNDÁRIA POETA ANTÓNIO ALEIXO | | | | | | 10º I |
|--|--|---|---|---|---|-------|
| Ano Lectivo - 2009/2010 | | | | | | |
| 1  ALINA | 2  ANA | 3  ANA | 4  BRIGITTE | 5  CATARINA | 6  CHLOE | |
| 7  CHRISTOPHE R | 8  CLAUDIA | 9  DAVID | 10  DIOGO | 11  ECATERINA | 12  FABIO | |
| 13  GUILHERME | 14  INES | 15  KEVIN | 16  MAGDA | 17  MARIANA | 18  MAUA | |
| 19  ROBERTO | 20  ROMAN | 21  STEFANIE | 23  TAMARA | 24  TELMA | 25. MANUEL  | |
| 26. MARTA  | 27. MIGUEL  | | | | | |

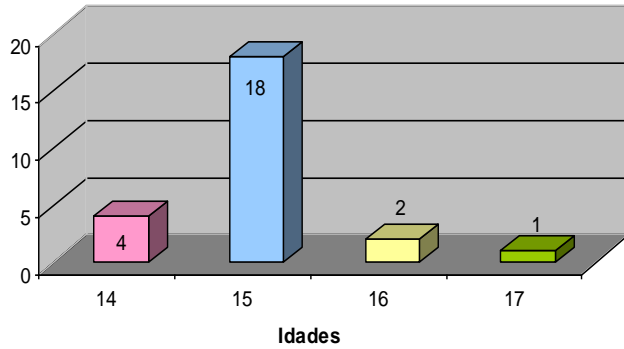
A aluna nº 11, Ecaterina, foi transferida de turma no final de Setembro. O aluno nº 25, Manuel, foi transferido para esta turma desde o início do ano letivo. Os alunos nº 26, Marta e nº27, Miguel, foram transferidos para esta turma no final de Setembro. A aluna nº8, Cláudia, é a única aluna repetente.

Total de alunos a frequentar: **25 alunos**

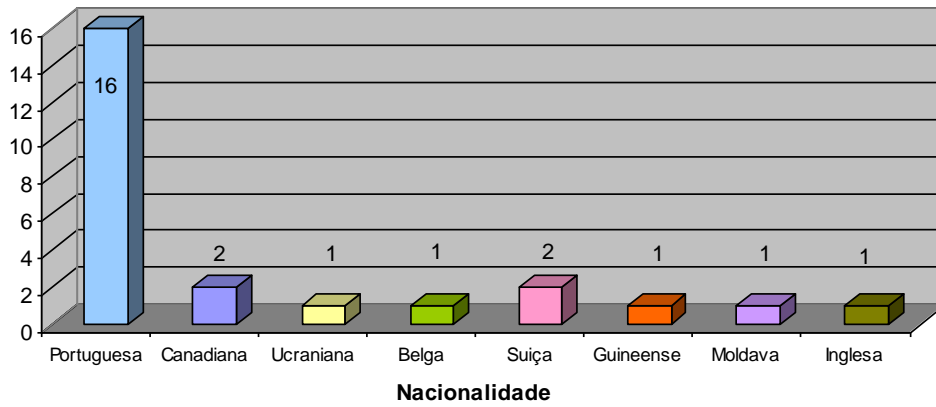
3. Distribuição da turma por Sexo



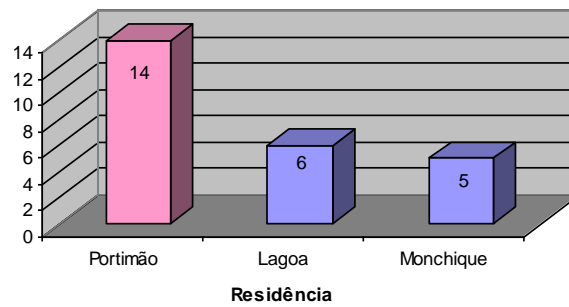
4. Distribuição da turma por Idades



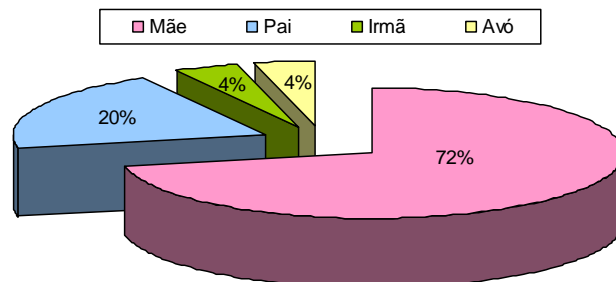
5. Nacionalidade



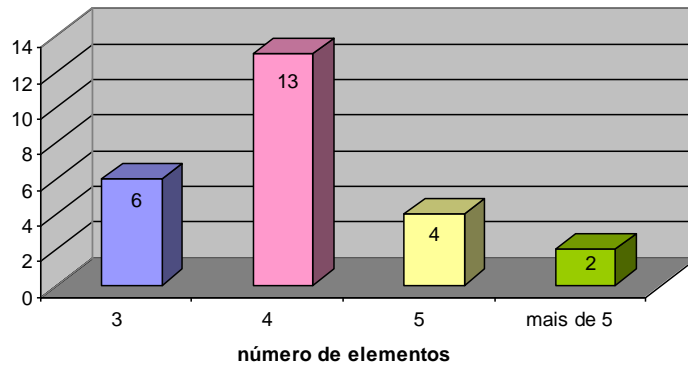
6. Local de Residência



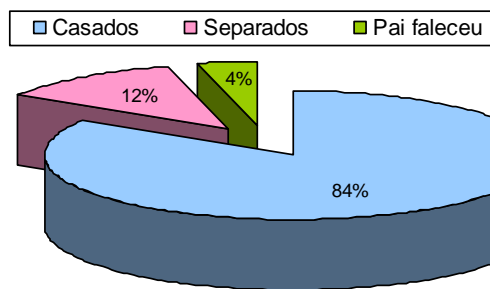
7. Encarregado de Educação



8. Agregado Familiar

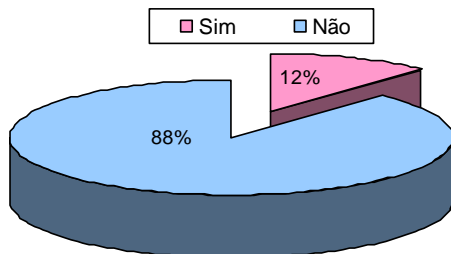
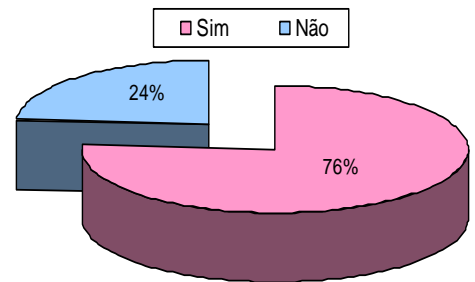


9. Situação dos Pais



10. Percurso Escolar

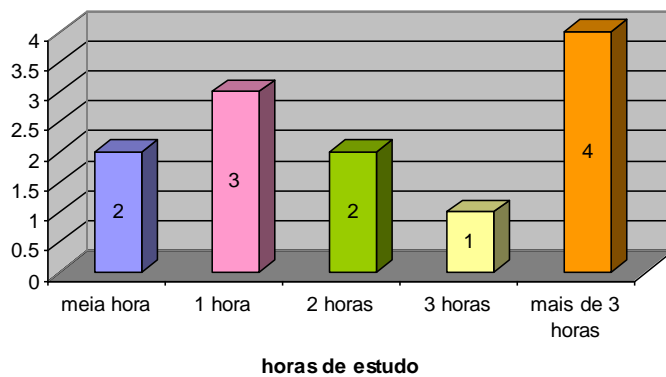
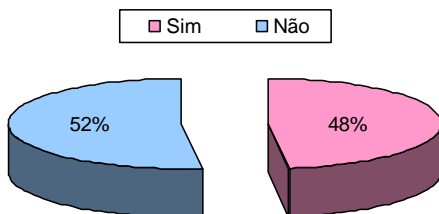
a. Frequentou o Ensino Pré-Escolar?



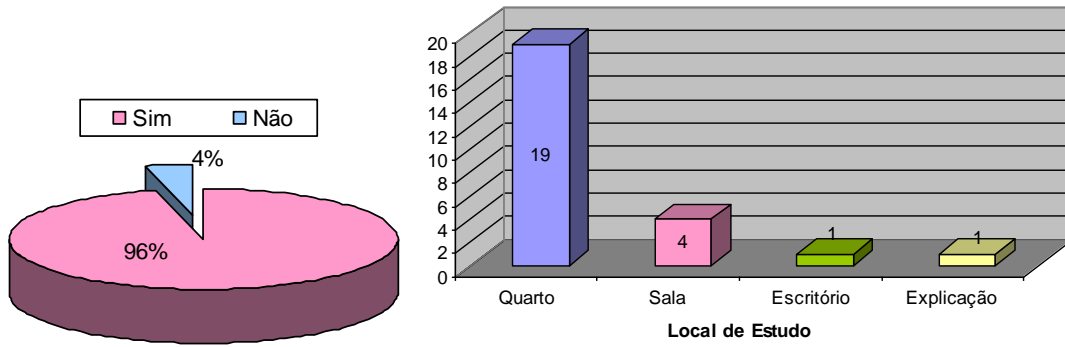
b. Retenção em algum ano? Qual (is)?

Dos três alunos que foram retidos em anos anteriores, um aluno repetiu o 8º ano, o outro repetiu o 9º ano e o outro no 10º ano.

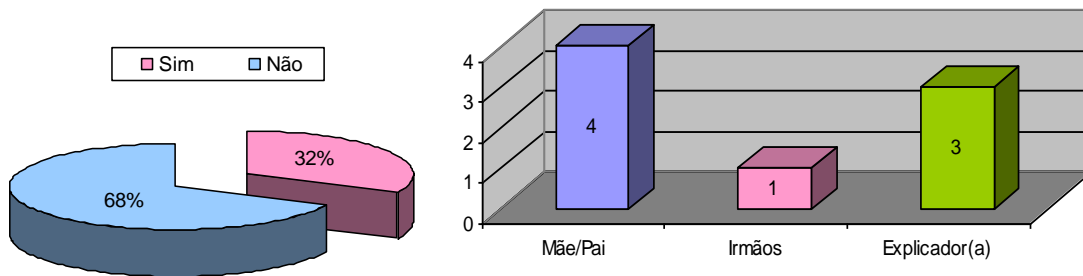
c. Estuda todos os dias? Quantas horas?



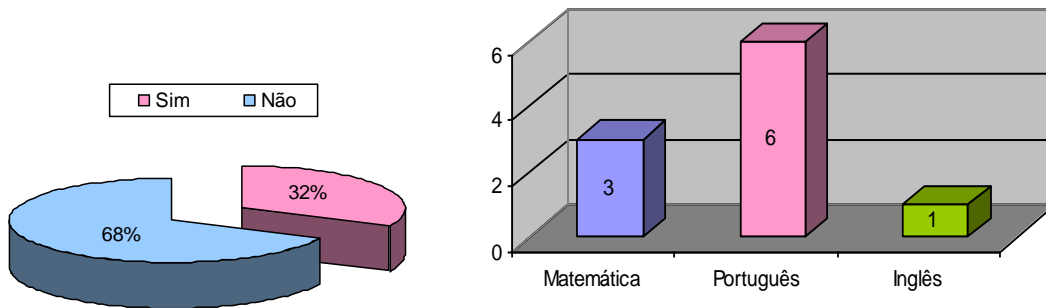
d. Estuda em casa? Local?



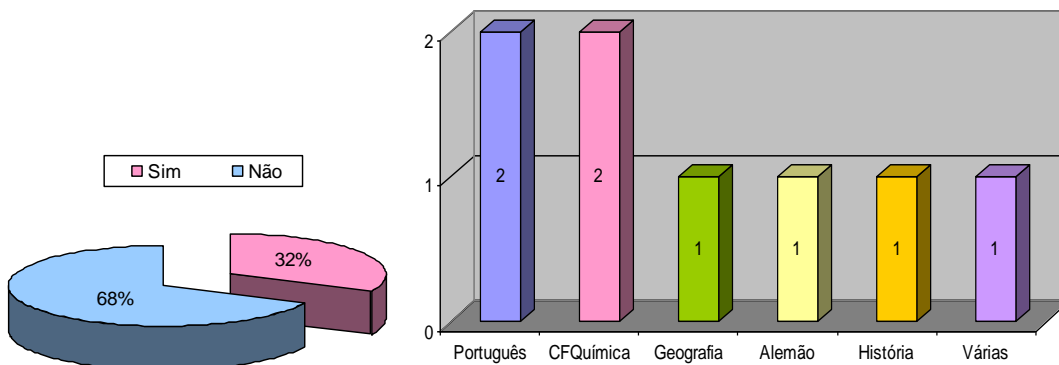
e. Ajuda no estudo? Quem?



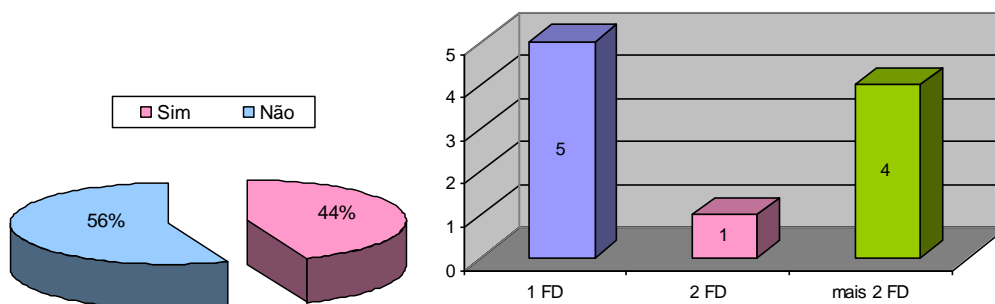
f. Apoio pedagógico em anos anteriores? Disciplinas?



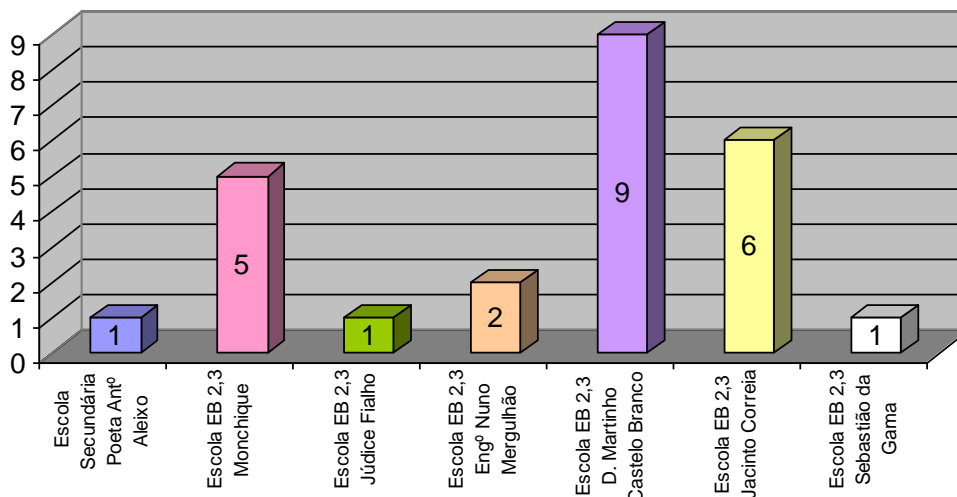
g. Negativas no ano anterior? Disciplinas?



h. Faltas disciplinares nos anos anteriores? Quantas?

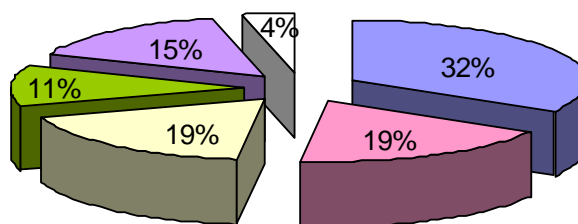
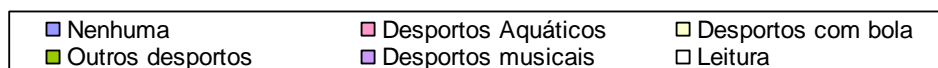


i. Escola anterior?

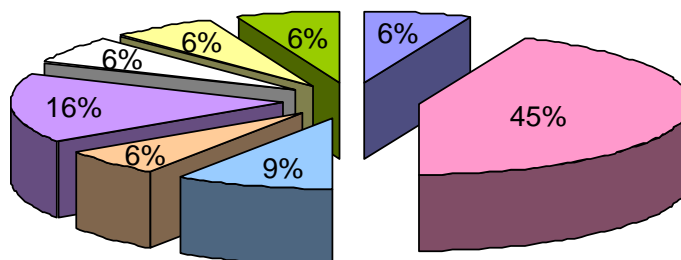
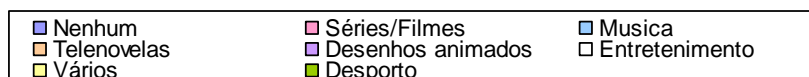


11. Ocupação de Tempos Livres

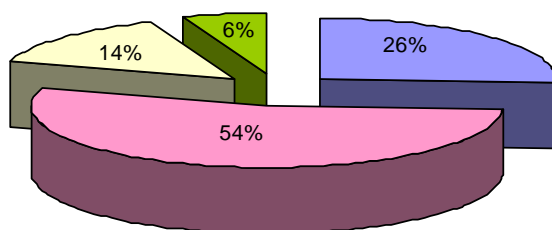
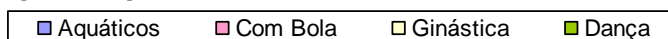
a. Atividades complementares



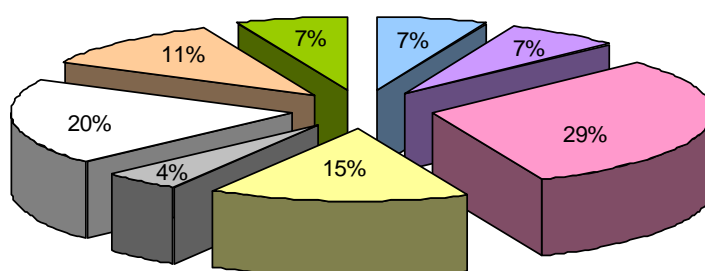
b. Programas de TV preferidos



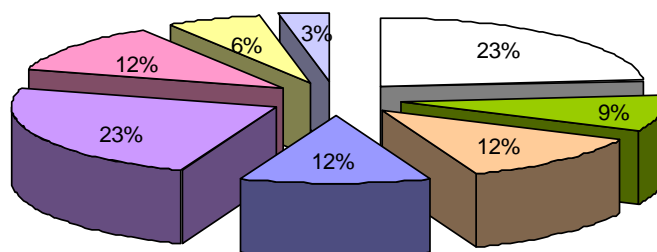
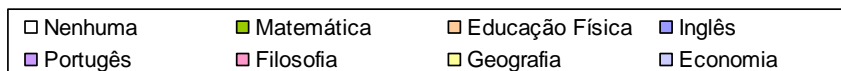
c. Desportos preferidos



12. Disciplinas preferidas



13. Disciplinas que gostas menos



Anexo 12 – Grelha dos Tempos Letivos Semanais, ESPAA



GRELHA DE TEMPOS LETIVOS SEMANAIS

Identificação da Turma

Ano: 11º Turma: G Curso Científico Humanístico de Ciências Socioeconómicas

Indicação das disciplinas/tempos semanais

| DISCIPLINAS | NTS | NTS X 2 |
|-----------------|-----|---------|
| Português | 2 | 4 |
| Inglês | 2 | 4 |
| Filosofia | 2 | 4 |
| Educação Física | 2 | 4 |
| Matemática A | 3 | 6 |
| Economia A | 3 | 6 |
| Geografia A | 3 | 6 |

Obs: NTS = Nº de Tempos Semanais

Portimão, 13 de Setembro de 2010

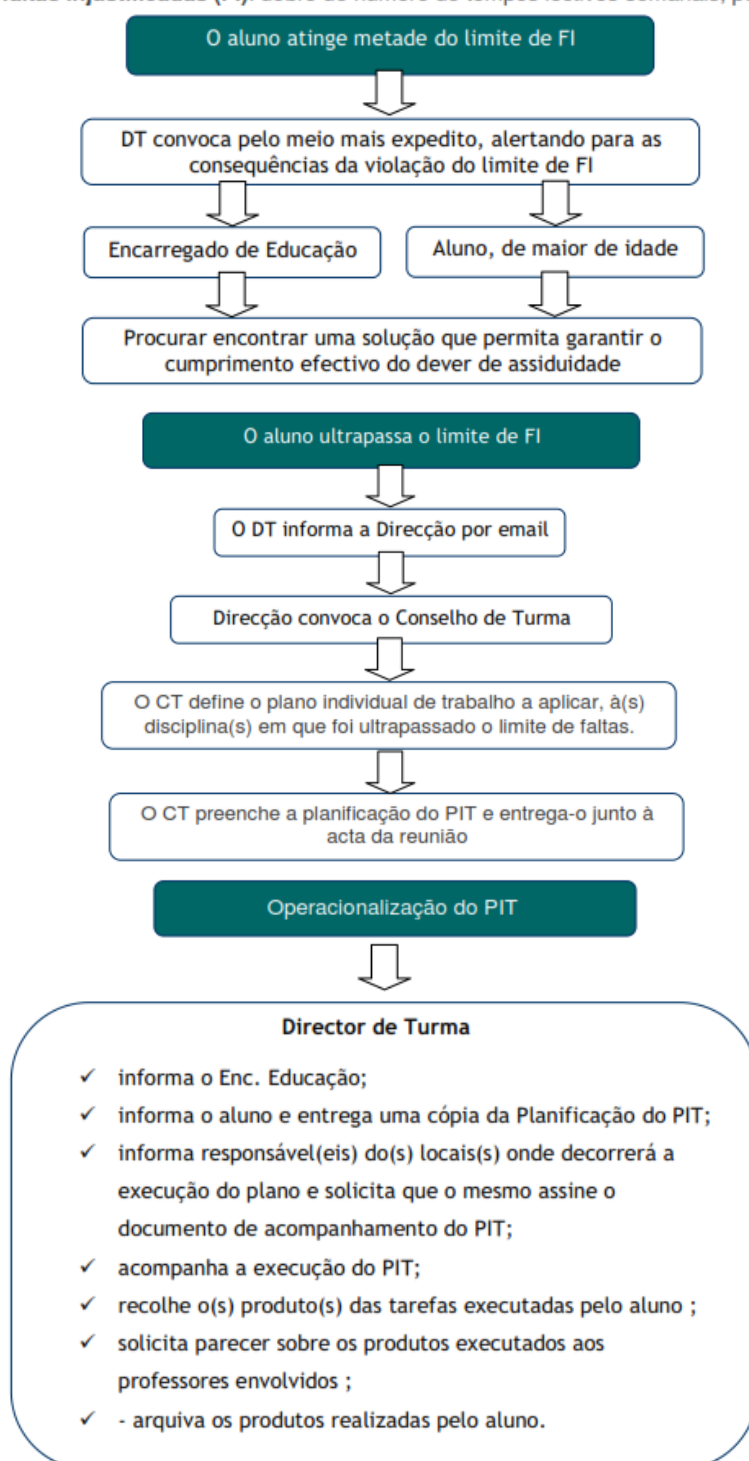
O Diretor de Turma

Anexo 13 – Operacionalização do PIT, ESPAA

Plano Individual de Trabalho (PIT)

Operacionalização

Limite de faltas injustificadas (FI): dobro do número de tempos lectivos semanais, por disciplina.



Anexo 14 – PIT - Planificação, ESPAA



Ano Letivo 2010/2011

PLANO INDIVIDUAL DE TRABALHO – PIT

Planificação

Normas gerais

- ✓ incide sobre a disciplina ou disciplinas em que o aluno ultrapassou o limite de faltas injustificadas
- ✓ deve permitir recuperar o atraso das aprendizagens
- ✓ apenas pode ocorrer uma única vez no decurso de cada ano letivo
- ✓ realiza-se em período suplementar ao horário letivo
- ✓ realiza-se assim que o aluno ultrapasse o limite de faltas injustificadas a uma disciplina
- ✓ pode operacionalizar-se através de várias modalidades, dependendo das disciplinas em causa:
 - aula dada em sala de estudo, de acordo com um plano elaborado pelo professor;
 - trabalho de pesquisa bibliográfica/temática seguido de um trabalho de reflexão;
 - Assistência, numa outra turma, a uma aula onde estejam a ser lecionados os conteúdos em falta
 - outras que o CT considere, tendo em conta as disciplinas envolvidas e as aprendizagens a recuperar.
- ✓ realiza-se num mínimo de dois blocos de noventa minutos e num máximo de doze

Aluno

Nome:

Ano:

Turma:

Nº

Disciplinas envolvidas:

Nº de horas:

Local(ais):

Calendarização:

Objetivos:

Descrição das tarefas:

Aprovado em reunião do Conselho de Turma de ____/____/____

O Diretor de Turma

Aluno _____ Data: ____/____/____

Anexo 15 – PIT - Acompanhamento, ESPAA



Ano Letivo 2010/2011

| |
|---|
| PLANO INDIVIDUAL DE TRABALHO - PIT |
| Acompanhamento |

Aluno

| | | | |
|-------|------|--------|----|
| Nome: | Ano: | Turma: | Nº |
|-------|------|--------|----|

| Local/horário | Data | Hora saída | Hora entrada | Assinatura do aluno | Assinatura do responsável |
|---------------|------|------------|--------------|---------------------|---------------------------|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

| | | |
|------------------------|------------------------|-----------------------|
| Nº de horas previstas: | Nº de horas cumpridas: | % de horas cumpridas: |
|------------------------|------------------------|-----------------------|

| | | |
|---|--|--|
| Grau de cumprimento do tempo letivo | | |
| [<input type="checkbox"/>] Não cumpriu totalidade | [<input type="checkbox"/>] Cumpriu parcialmente (____%) | [<input type="checkbox"/>] Cumpriu na totalidade |

____/____/____

O Diretor de Turma

Anexo 16 – PIT - Avaliação, ESPAA



Ano Letivo 2010/2011

| |
|---|
| PLANO INDIVIDUAL DE TRABALHO - PIT |
| Avaliação |

| | | | |
|--------------|------|--------|----|
| Aluno | | | |
| Nome: | Ano: | Turma: | Nº |

| |
|---|
| Grau de cumprimento do tempo letivo |
| <input type="checkbox"/> Não cumpriu <input type="checkbox"/> Cumpriu parcialmente <input type="checkbox"/> Cumpriu na totalidade |

| |
|---|
| Grau de cumprimento dos objetivos definidos |
| <input type="checkbox"/> Não cumpriu <input type="checkbox"/> Cumpriu parcialmente <input type="checkbox"/> Cumpriu na totalidade |

| |
|------------------------------------|
| Parecer dos professores envolvidos |
| |

| | |
|--|--|
| Assinaturas dos professores envolvidos | |
| | |
| | |
| | |
| | |

___/___/___

O Diretor de Turma

Anexo 17 – Exemplo de um Guião para Reunião EE, ESPAA

PRIMEIRA REUNIÃO COM OS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

No sentido de fornecer uma orientação para as reuniões, elaborou-se o presente memorando, que se pretende que seja adaptado à situação específica de cada turma e completado com a informação a apresentar aos pais / encarregados de educação.

1. **Apresentação e objetivos da reunião**

- 1.1. Referir as funções do Diretor de turma.
- 1.2. Referir o tipo de informações que poderão ser prestadas pelo Diretor de turma, como aproveitamento, o comportamento, a assiduidade, a integração do aluno na turma, eventuais problemas, etc.
- 1.3. Procurar saber se os E.E. desejam obter outro tipo de informações, ou se querem fornecer informações importantes para o conhecimento, compreensão e acompanhamento dos seus educandos.
- 1.4. Recordar as diferentes formas que o E.E. dispõe para contactar a escola / Diretor de turma (horário de atendimento dos pais, telefonicamente para a sala de Diretores de turma ou por escrito, através do correio eletrónico).
- 1.5. Referir a importância da colaboração entre pais e professores para particularizar e aprofundar o conhecimento dos alunos enquanto pessoas. Deste modo, será possível responder a eventuais problemas de uma forma mais centrada nas necessidades específicas de cada aluno.

2. **Participação dos E.E. no Processo Ensino-Aprendizagem.**

- 2.1. Relativamente à assiduidade (Lei nº 39/2010), informar sobre a nova lei e referir os limites de faltas e formas de justificar, assim como o plano individual de trabalho a realizar no caso de excesso de faltas (a definir e a aprovar pelo Conselho Pedagógico e Conselho Geral). Quanto às faltas de material referir os procedimentos (Regulamento Interno).
- 2.2. Fazer referência ao regime de avaliação no ensino secundário. **Distribuir folheto informativo.**
- 2.3. Referir a preocupação da escola em promover oportunidades de sucesso escolar e educativo dos seus alunos. Salientar a importância das aulas de apoio pedagógico (apoios a exame, apoios nas diferentes disciplinas e salas de estudo). Alertar para a importância dos alunos frequentarem a Biblioteca / Centro de Aprendizagem enquanto espaço alternativo para ocupação dos tempos livres.

- 2.4. Indicar que o **sucesso escolar** do aluno se faz pela **participação positiva e ativa nas atividades** desenvolvidas na escola e que as faltas **de assiduidade deverão ser uma situação de exceção**.
- 2.5. Referir que a escola poderá desenvolver atividades de complemento curricular a divulgar quando for oportuno (por exemplo: Desporto Escolar; Clube de Teatro).
- 2.6. Dizer algumas normas de funcionamento da escola, como a proibição regulamentada pelo Ministério de Educação **de fumar** dentro de toda e qualquer parte do recinto escolar, seja em espaços interiores como exteriores; o Projeto de Educação para a Saúde que estabelece apenas comidas saudáveis para venda no Bar dos alunos, suprimindo todos os alimentos que contenham demasiados açúcares, alimentos fritos, etc. e a existência de um Plano de Evacuação para situações relativas a fogo, sismo e eventuais situações de catástrofe, previsto no Projeto de Segurança da Escola e respetivas simulações.
3. **Integração dos Encarregados de Educação na vida escolar.**
 - 3.1. Recordar a organização da escola, em particular os órgãos onde os E.E. têm representação, nomeadamente no Conselho Geral (4 elementos).
 - 3.2. Eleição dos Encarregados de Educação representantes da turma. Solicitação do contacto.
 - 3.3. Realização da ata referente à eleição (imp. ID3), tirar uma fotocópia e entregar no gabinete anexo no órgão de gestão.
4. **Outros assuntos** – referir algumas atividades já previstas para a turma, como por exemplo visitas de estudo. Fazer referência a outros assuntos respeitantes à turma que ache pertinente que os encarregados de educação devam ter conhecimento.

Anexo 18 – Relatório Crítico de DT – ESPAA



Ano Lectivo 2010/2011

Relatório Crítico da Direção de Turma

O Decreto Regulamentar nº 10/99 de 21 de Julho prevê a apresentação do relatório crítico por parte dos coordenadores das estruturas educativas, entre os quais se conta o Diretor de Turma.

1. Identificação do Diretor de turma

Nome: Paula Alexandra Correia Felícia

Ano: 11º

Turma:G

2. Caracterização da turma

- **Nº de alunos no início do ano letivo:** 25 alunos
- **Nº alunos no final do ano letivo:** 22 alunos
- **Média de idades:** 16,2 anos
- **Nº de alunos retidos no ano anterior:** Nenhum
- **Caracterização socioprofissional dos pais Alunos que beneficiaram da Ação Social Escolar:**

Escalão A: maioria doméstica e empregada de cozinha

Escalão B: diversos (mecânico, contratado por conta de outrem, gerente de restaurante)

- **Alunos com necessidades educativas especiais:** Nenhum

- **Alunos com apoio educativo:**

Apoio educativo a Matemática A:

1º Período:

Nº2 Ana Filipa (assinou o compromisso pedagógico dizendo que não queria frequentar o referido apoio devido a ter explicação no mesmo horário)

Nº 3 Ana Rita (assinou o compromisso pedagógico dizendo que não queria frequentar o referido apoio devido a ter explicação no mesmo horário)

Nº10 Fábio (assinou o compromisso pedagógico dizendo que não queria frequentar o referido apoio devido a ter explicação no mesmo horário)

Nº 11 Flávia – nunca compareceu ao apoio por isso foi excluída

Nº 17 Maua – nunca compareceu ao apoio por isso foi excluída

Nº 22 Stephanie – nunca compareceu ao apoio por isso foi excluída

2º Período:

Nº1 Alina – nunca compareceu ao apoio e por isso foi excluída. No entanto a proposta para o apoio individual para o ano letivo 2011/2012 foi entregue juntamente com os documentos da direção de turma.

- **Situações especiais (referir as situações que afetaram de algum modo a turma: alunos transferidos, que anularam a matrícula ou foram excluídos por faltas, etc.):**

Nº2 – Ana Filipa – A aluna anulou a matrícula a Matemática A a 28-04-2011

Nº 8 – David – O aluno anulou a matrícula a várias disciplinas para repetir o ano letivo a 06-06-2011

Nº 10 – Fábio – O aluno anulou a matrícula a Filosofia, Economia A e Matemática A a 05-05-2011

Nº 11 – Flávia – A aluna anulou a matrícula a Matemática A a 16-05-2011

Nº 12 – Guilherme – O aluno mudou para o Curso Técnico de informática e Gestão a 30-12-2010

Nº 13 – Kevin – O aluno mudou para o Curso de Artes Visuais a 22-11-2010

Nº 14 – Magda – A aluna anulou a matrícula a Filosofia a 04-04-2011

Nº 18 – Miguel – O aluno foi transferido para a Escola Secundária do Bocage Setúbal a 07-10-2010

Nº 19 – Roberto – O aluno anulou a matrícula a várias disciplinas para repetir o ano letivo a 06-06-2011

Nº 24 – Rudolf – O aluno anulou a matrícula a todas as disciplinas a 15-11-2010

Nº 25 – Alexandra – A aluna anulou a Geografia A a 08-11-2010 e a Educação Física e Matemática A a 11-01-2011

Nº 26 – Natanael – O aluno anulou a matrícula a Filosofia, Economia A e Geografia A a 05-05-2011

A turma não sofreu grandes alterações do 10º ano para o 11º. A maioria dos alunos manteve-se e integraram de novo na turma: a aluna nº 21 Soraia que apenas estava matriculada na disciplina de Matemática A, não mostrando nenhum problema de integração ou socialização; o aluno nº 24 Rudolf que nunca compareceu às aulas acabando mesmo por anular a matrícula; a aluna nº 25 Alexandra que ingressou na turma logo no início do primeiro período, vinda transferida de uma escola de Fafe. No entanto a aluna desde o início que demonstrou dificuldade de integração, tanto a nível de colegas, de professores como de escola. Foi acompanhada por mim, DT, pela Psicóloga da escola e mesmo pela direção a fim de tentar resolver alguns problemas relacionados com essa falta de integração por parte da aluna. A situação melhorou ao longo do ano mas o estado de saúde da aluna piorou, tendo vários ataques de pânico e ficando muitas vezes em casa devido à depressão que lhe foi diagnosticada e devido a estar medicada com medicamentos muito fortes; o aluno nº 26 Natanael que não demonstrou nenhuma dificuldade de integração.

O maior problema que se detetou logo no início do ano letivo foi a falta de motivação de alguns alunos. Os principais problemas detetados relacionavam-se com a falta de motivação e ao facto de os alunos não estarem motivados para o curso. Como Diretora de turma, ao logo do ano fui tendo conversas informais com os alunos e mesmo com os encarregados de educação a fim de tentar solucionar esses problemas e tentar resolver da melhor forma para ambas as partes. Alguns dos alunos seguiram mesmo os conselhos e mudaram de área, sentindo-se mais realizados no novo curso que escolheram.

O aluno Nº 8 – David anulou a matrícula a várias disciplinas para repetir o ano letivo. Esta decisão foi extremamente planeada pelo EE e pelo aluno que depois de várias reuniões comigo, DT, e mesmo com um membro da direção, Alexandra Ferrão. É de salientar que ambas tentamos demovê-los desta decisão mas continuaram a pensar que seria o melhor para ambas as partes.

O aluno Nº 10 – Fábio anulou a matrícula a Filosofia, Economia A e Matemática A depois de ter

tentado a transferência de escola e de curso. Como DT reuni com os pais várias vezes a fim de reorientar o aluno uma vez que as suas classificações eram extremamente baixas. O EE e o aluno aceitaram a sugestão mas aquando da tentativa de transferência de escola e consecutivamente de curso o aluno não tinha vaga disponível. Sendo assim, o aluno optou por anular a matrícula às disciplinas mais preocupantes a nível de classificação a fim de poder realizar exame. Para o próximo ano o aluno e o EE ficaram de refletir melhor sobre esta situação.

O aluno Nº 12 – Guilherme foi aconselhado a mudar de curso uma vez que este não se sentia realizado no curso de Economia e juntamente com o EE tomou a decisão de mudar para o Curso Técnico de Informática e Gestão.

O aluno Nº 13 – Kevin foi aconselhado a mudar de curso uma vez que este não se sentia realizado no curso de Economia e juntamente com o EE tomou a decisão de mudar para o Curso de Artes Visuais.

O aluno Nº 19 – Roberto anulou a matrícula a várias disciplinas para repetir o ano letivo. Esta decisão foi extremamente planeada pelo EE e pelo aluno que depois de várias reuniões comigo, DT, e depois de ter tentado dissuadi-los desta decisão, continuaram a achar que seria o melhor para ambas as partes.

A aluna Nº 25 – Alexandra ingressou na turma pela primeira vez neste ano letivo e, como referido anteriormente, trouxe consigo alguns (muitos) problemas de integração no seio do meio escolar. A situação foi acompanhada de perto tanto por mim como DT como pela psicóloga e mesmo pela direção da escola a fim de melhor resolver a situação. A aluna foi confrontada com as regras e critérios da escola e das disciplinas e teve que se adaptar a estas. Mesmo assim, anulou a Geografia A logo no início do 1º período alegando que a professora dava as aulas de um modo muito infantil (a aluna sempre achou que era muito adulta comparativamente aos alunos da turma) e a Educação Física e Matemática A porque não gostava das disciplinas. Apesar de se intitular como adulta, as suas atitudes revelaram muito pouca maturidade ao longo do ano letivo e nas várias conversas com a EE, esta decidiu que a aluna é que iria definir o seu futuro e se as decisões fossem erradas não haveria problema.

O aluno Nº 26 – Natanael anulou a matrícula a Filosofia, Economia A e Geografia A a fim de possibilitar a realização dos exames das referidas disciplinas.

A nível de comportamento foi uma turma sem grandes problemas, apenas os comuns, sendo um pouco conversadores e tendo algumas atitudes infantis, fruto da idade. Depois da saída de alguns elementos (transferência de Curso) o comportamento melhorou significativamente. Quanto à assiduidade, as alunas que deram mais problemas foram a número 7, Cláudia, embora nunca tenha ultrapassado o limite legal de faltas injustificadas e nº 25, Alexandra, que devido ao estado de saúde desta (depressão) entregou imensas justificações de faltas. No entanto, nunca ultrapassou o limite legal de faltas injustificadas.

3. Relação Diretora de turma/alunos

Ao longo do ano letivo mantive um bom relacionamento com os alunos, estando sempre atenta às dificuldades cognitivas e sociais que estes pudessem manifestar. Ao longo do ano procurei incutir valores e atitudes nos alunos, tendo em conta o perfil dos mesmos. Estive sempre disponível para ouvir os alunos tentando compreender a sua situação e dando o apoio adequado.

Sempre que foi necessário tentei através do diálogo chamar os alunos à razão, mostrando-lhes que o seu comportamento não era adequado nem bem visto perante a sociedade escolar. Sempre que verificava ou tomava conhecimento de um comportamento irregular destes, falava com o aluno em questão, de modo a repreendê-lo e tentar junto com o mesmo definir estratégias para melhorar a sua atitude. Discuti com os alunos problemas que afetavam o bom funcionamento do grupo como turma e com o decorrer do

ano letivo, esses problemas foram-se atenuando na maioria das disciplinas.

Sempre que tive acesso às avaliações, tanto intermédias como finais de período, analisei com cuidado o seu aproveitamento e caso fosse relevante convocava reuniões com o EE a fim de tentar refletir sobre a situação do aluno em questão. Alguns destes alunos revelaram-se pouco assíduos ao longo do ano letivo. Tentei sempre alertá-los para a importância de estarem presentes nas aulas, e reforçar o facto de que a não comparência a uma aula deve constituir uma exceção e não uma regra. Também tive o cuidado de explicar a alunos e Encarregados de Educação as implicações da falta de assiduidade previstas no novo Estatuto do Aluno.

O comportamento da turma em geral foi bastante satisfatório, os alunos revelaram alguma dificuldade de concentração, mas foram melhorando a sua atitude ao longo do ano letivo. Surgiram algumas (poucas) questões de ordem disciplinar. De imediato foi marcada uma reunião com o EE e o respetivo aluno a fim de esclarecer o sucedido e de evitar próximas situações semelhantes. Os alunos acabaram por pedir desculpa ao professor envolvido e a situação nunca mais se repetiu. O aproveitamento foi considerado bastante satisfatório. Como DT tentei sempre cumprir o regulamento interno da escola e ao mesmo tempo fazer com que os alunos também o cumprissem. Tentei inculcar regras e métodos de trabalho que melhorassem tanto o desempenho dos alunos como a sua formação pessoal e social.

Relativamente às visitas de estudo participei, no âmbito da disciplina de Geografia A, na visita realizada à Quinta dos Vales - Estômbar.

Realizei a atividade referente a Educação Sexual e ao mesmo tempo tentei inculcar um pouco de formação dos alunos neste campo.

Participei nas ações de esclarecimento para os exames e no final do ano letivo conversei com os alunos sobre alguns procedimentos importantes que estes deviam ter durante a época de exames. Além disso apoiei sempre os alunos no que concerne à escolha das opções das disciplinas do 12º ano.

Na terceira hora de direção de turma, além das conversas informais e individuais com alguns alunos, houve também reuniões de turma importantes para a formação integral dos alunos, nomeadamente na promoção do espírito de solidariedade, respeito, convivência democrática e outros assuntos de importância para os alunos como os exames e as opções futuras.

4. Relação Diretora de turma/professores

Ao longo do ano letivo fui informando os professores acerca do comportamento, assiduidade e aproveitamento da turma em geral e informações individuais sempre que tal se justificasse. Inicialmente tais informações foram sempre dadas de um modo informal e aquando das reuniões intercalares e/ou final de período.

Sempre que algum professor detetava algum problema falava comigo, pondo-me ao corrente da situação, e em conjunto tentávamos solucionar o mesmo. A entrega dos IC4 (Documento interno da ESPAA) foi parcialmente cumprida. Sempre que este documento não chegava a mim em tempo chamado útil, falava com o professor em questão que prontamente me entregava durante a semana.

Considero que a minha relação com os restantes professores da turma foi, no geral, boa tendo sido pautada pelo diálogo e troca de informação, quer qualitativa, quer quantitativa dos alunos.

5. Relação Diretora de turma/encarregados de educação

No início do ano letivo marquei uma reunião com os Encarregados de Educação, na qual alertei para a importância da sua participação no processo ensino-aprendizagem dos seus educandos, para sensibilizar

a sua participação mais ativa na vida escolar e para esclarecer acerca do funcionamento da escola. Também expliquei minuciosamente o novo regime de faltas em vigor. Nessa reunião estiveram presentes 12 encarregados de educação, entre os quais foi eleito o seu representante.

Informei todos os Encarregados de Educação do meu horário de atendimento no qual me poderiam contactar pessoal ou telefonicamente. Disponibilizei-me ainda para os receber noutra hora caso lhes fosse impossível contactar-me no horário estipulado. Tal foi-me solicitado várias vezes, e atendi o pedido dos Encarregados de Educação.

Em média, 15 encarregados de educação estiveram presentes nas reuniões marcadas para entrega das fichas de avaliação.

Ao longo do ano letivo convoquei Encarregados de Educação sempre que tal se justificava, nomeadamente devido a situações de reorientação escolar, problemas de comportamento e quando um aluno atingia metade do limite de faltas legalmente previsto. A grande maioria dos encarregados de educação comparecia quando convocados e outros procuravam-me sem terem sido convocados. Estabeleci contacto (telefónico e/ou pessoal) com os Encarregados de Educação de todos os alunos da turma.

Ao longo do ano letivo realizei 5 reuniões gerais com os encarregados de educação, a primeira para receber os encarregados de educação referida anteriormente, uma segunda para refletir sobre assuntos relevantes do interesse da turma e sobre as aulas de apoio e as restantes 3 para entregas das fichas de informação e informação geral sobre o rendimento dos alunos bem como do projeto de educação sexual na turma.

Quanto a atendimentos pessoais aos EE, quase todas as semanas tinha EE para receber pessoalmente e muitos dos EE estabeleciam contacto comigo via telefone. Todas as semanas analisava o mapa de faltas e caso houvesse uma falta injustificada esta era comunicada de imediato ao EE. Nunca foi necessário convocar por escrito nenhum EE pois a relação que estabeleci com todos os EE foi de disponibilidade e compreensão. Desde o ano letivo anterior que os EE preferiram que o contacto fosse via telefone e mostraram-se sempre disponíveis para conversar ou mesmo comparecer na escola sempre que o caso fosse considerado mais grave. A minha relação com estes foi de extrema proximidade, proporcionando assim um melhor relacionamento escola/DT/EE.

Forneci aos pais, com regularidade e respeitando os normativos em vigor, informações sobre a assiduidade, aproveitamento e comportamento dos alunos. Estive sempre atenta a todos os pormenores relacionados com os aspetos anteriores e nunca houve nenhuma situação por esclarecer.

A fim de esclarecer melhor a situação das salas de estudo e dos apoios pedagógicos acrescidos ou apoios voluntários, foram convocados os EE (já referido) para uma reunião geral. Esta reunião foi muito importante para esclarecer vários assuntos pendentes e que incomodavam tanto os alunos como os EE, ficando várias situações completamente elucidadas.

Como sempre, existem EE que raramente comparecem às reuniões gerais e, por iniciativa própria não procuram a DT para melhor conhecer a situação do seu educando. Cada vez que essa situação era verificada entrava sempre em contacto com o EE a fim de remarcar uma hora compatível às duas partes para que o EE estivesse sempre em constante interação com a escola, Diretora de turma e situação escolar do seu educando.

6. Questões organizativas/administrativas

Semanalmente confirmava o mapa das faltas com o livro de ponto, facilitando assim o controlo das mesmas. Quando os alunos apresentavam uma falta injustificada era dada a conhecer ao EE de imediato

e atingiam metade ou o limite de faltas permitidas por lei, avisava por telefone os encarregados de educação.

Quando os alunos atingiam o número de faltas injustificadas igual ao número de aulas semanais informava tal situação aos Encarregados de Educação. Nenhum aluno ao longo do ano letivo ultrapassou o limite legal de faltas injustificadas.

Em relação à justificação de faltas estas foram aceites de acordo com o Regulamento Interno. A maioria das faltas justificadas dos alunos foi devido a atestados médicos, exames médicos, consultas médicas e participações em atividades desportivas. No entanto, recebi justificações preenchidas por Encarregados de Educação com os seguintes motivos: indisposição, ataque de pânico e perda de transporte público. Apenas duas alunas já referenciadas exageraram na quantidade de faltas justificadas, uma devido a problemas de saúde e outra já referida desde o ano letivo anterior. No entanto, esta última, revelou melhorias significativas do ano letivo anterior para este ano letivo.

A organização do dossier de turma foi feita de acordo com o índice proposto pela escola com algumas alterações que achei pertinentes.

Na minha direção de turma não houve nenhum PIT no entanto gostaria de deixar a minha opinião quanto a este procedimento, uma vez que elaborei PIT noutras turmas que lecionei. Na minha opinião não deveria existir nenhum plano de recuperação de faltas injustificadas. O aluno tem o dever de assiduidade às aulas e esse dever não deveria ser esquecido. Aquando da ultrapassagem do limite legal de faltas injustificadas o aluno deveria ser automaticamente excluído por faltas à disciplina em questão. Cada vez mais estamos a banalizar a assiduidade e quase que impomos a obrigatoriedade de o aluno chegar ao final do ano letivo.

Quanto à operacionalização do PIT, tive o conhecimento que alguns Diretores de turma levaram à risca o procedimento e outros deixaram arrastar a situação demasiado. Foi injusto para alguns alunos que foram excluídos por faltas e outros que chegaram ao final do ano letivo e por “pena” acabaram por obter aproveitamento e passar à disciplina. Outro dos problemas foi o acompanhamento do PIT. Foi esclarecido numa reunião para o efeito que o Diretor de turma é que fazia o acompanhamento. No entanto, alguns Diretores de turma não o fizeram e acabou por causar problemas durante a reunião de final de período.

Preparava com antecedência o material para os conselhos de turma de modo a estes decorrerem de modo satisfatório e as reuniões decorreram sempre dentro do previsto.

7. Serviço de Psicologia e Orientação

No início do ano letivo contactei o SPO (Centro de Apoio ao aluno na ESPAA) a fim de acompanhar o caso anterior da aluno nº 25 Alexandra e ao longo do ano letivo a aluna recorreu à conversa com a psicóloga duas vezes. Os resultados obtidos foram satisfatórios na medida em que a aluna compreendeu melhor a sua situação escolar e seguiu o conselho da psicóloga de contactar e ser

8. Aspetos positivos/negativos e sugestões

O cargo de Diretora de Turma permite estabelecer um contacto mais pessoal com os alunos e Encarregados de Educação o que possibilita ter um conhecimento mais abrangente dos alunos. Deste modo é fácil lidar com as mais diversas situações e ser o elo entre os alunos e a comunidade escolar. Tratou-se de uma turma sem grandes problemas de assiduidade e comportamento e os EE mostraram-se muito cooperativos comigo.

Continua a ser uma experiência enriquecedora, possibilitou-me ter um contacto mais próximo com os alunos e contribuir para estabelecer uma ligação entre a escola, alunos e Encarregados de Educação. Um dos objetivos a que me propus (e que atingi) foi contribuir, de alguma forma, para a formação pessoal destes alunos, não só ao nível dos conhecimentos adquiridos, mas também ao nível das atitudes e valores.

A Coordenadora dos Diretores de Turma bem como a sua assessora estiveram sempre disponíveis, esclarecendo as nossas dúvidas e ajudando-nos a resolver prontamente os problemas.

A função da funcionária D^a Hilda e D^a Maria João é fundamental para o bom desempenho do Diretor de Turma, pois o tempo que gastaríamos a registar faltas é canalizado para assuntos mais importantes tais como: apoio aos alunos, contactos com os Encarregados de Educação, comunicação com outros professores etc. O seu papel foi muita além do mero cumprimento das suas funções auxiliando sempre que necessário e disponibilizou-se para ajudar sempre que solicitada. No entanto, com tantas tarefas que estas têm, a fim de facilitar o seu trabalho e o nosso, acho que os DT's Deveriam ter acesso ao programa de alunos e das faltas. Muitas das vezes recebi encarregados de educação fora do meu horário e fora do horário de serviço das duas administrativas o que dificultou o esclarecimento quanto às datas das faltas do aluno em questão.

Portimão, 28 de Junho de 2011

A Diretor de Turma

Paula Felícia

Anexo 19 – Exemplo de listas de alunos, ESBLs

| 7ºB | | | | 8ºE | | | | 10ºC | |
|-----|------------|----|------------|-----|------------|----|----------|------|-------------|
| 1 | Adilmar | 35 | Reny | 1 | Aneli | 35 | Vera | 1 | Adilton |
| 2 | Amandia | 36 | Sepriana | 2 | Beli | 36 | Keny | 2 | Celina |
| 3 | Ana Maria | 37 | Sidney | 3 | Cristiano | 37 | Lecticia | 3 | Cláudio |
| 4 | Anivanda | 38 | Silvana | 4 | | 38 | Manuel | 4 | Denise |
| 5 | Ariana | 39 | Vadineia | 5 | Denizio | 39 | Matilde | 5 | Derri |
| 6 | Carlos | 40 | Vaneza | 6 | Divanissa | 40 | Carla | 6 | Djecic |
| 7 | Celestino | 41 | Vladimir | 7 | Eder | 41 | Joanita | 7 | Elton |
| 8 | | 42 | Willas | 8 | Elenice | | | 8 | Endy |
| 9 | Djessica | 43 | Sueli | 9 | Eli | | | 9 | Gendelson |
| 10 | Edilan | 44 | Olrlandino | 10 | | | | 10 | Ivanildo |
| 11 | Evalita | 45 | António | 11 | | | | 11 | Jacinta |
| 12 | Geovani | | | 12 | Eriksson | | | 12 | Jacqueline |
| 13 | Herman | | | 13 | Ernedy | | | 13 | Jailton |
| 14 | Ilda | | | 14 | Eunisia | | | 14 | Katelin |
| 15 | Imilson | | | 15 | Evaldo | | | 15 | Kely |
| 16 | Ivaneisa | | | 16 | Fabricio | | | 16 | Keyla |
| 17 | Ivloreana | | | 17 | Hernani | | | 17 | Leidy |
| 18 | Jandira | | | 18 | | | | 18 | Lolinda |
| 19 | Josimara | | | 19 | Imelissa | | | 19 | Lucelene |
| 20 | Justelino | | | 20 | Irinita | | | 20 | Luizete |
| 21 | Kelly | | | 21 | Ivalderson | | | 21 | Maira |
| 22 | Kleidir | | | 22 | Jael | | | 22 | Márcio |
| 23 | Leidízia | | | 23 | Josias | | | 23 | Marline |
| 24 | Leiny | | | 24 | Keri | | | 24 | Patrícia |
| 25 | Levi | | | 25 | Lucilina | | | 25 | Roseane |
| 26 | | | | 26 | | | | 26 | Vandereikan |
| 27 | Luis | | | 27 | | | | 27 | Yannik |
| 28 | Maikol | | | 28 | Neilinda | | | 28 | Yuran |
| 29 | Malick | | | 29 | Romário | | | 29 | Zenito |
| 30 | Márcio | | | 30 | Roneia | | | | |
| 31 | Maria | | | 31 | Sammly | | | | |
| 32 | Micsoline | | | 32 | Selly | | | | |
| 33 | Minerzique | | | 33 | Stivan | | | | |
| 34 | Noele | | | 34 | Tânia | | | | |

Anexo 20 – Exemplo do jogo, ESBLs

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{2}{5} \times \frac{3}{6}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

$$\frac{3}{2} \div \frac{4}{7}$$

Anexo 21 – Exemplo de fichas de trabalho, ESBLs

Disciplina de Matemática **Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva** 8º Ano **Ficha de Trabalho nº 1**

1. Resolve as seguintes equações:

- | | | |
|--------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| a) $x + 4 = 9$ | b) $x - 3 = 2$ | c) $2 - x = 4$ |
| d) $1 - x = -3$ | e) $5x = 20$ | f) $6x = 2$ |
| g) $\frac{x}{4} = 2$ | h) $\frac{x}{5} = 1$ | i) $\frac{2}{5}x = 2$ |
| j) $\frac{6}{4}x = 2$ | k) $\frac{2}{3}x = \frac{3}{2}$ | l) $\frac{4}{3}x = \frac{4}{5}$ |
| m) $3x + 2 + 3x + 4 = 0$ | n) $3x + 2 = x + 4$ | o) $4x - 2 = 5x + 3$ |
| p) $2(x + 3) = 1$ | q) $3(x - 2) = 2$ | r) $-2(x + 3) = 8$ |
| s) $4 + (x - 2) = x + 1$ | t) $5 - (4 - x) = 3$ | u) $4(x - 2) + (x + 2) = 0$ |

Disciplina de Matemática **Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva** 8º Ano **Ficha de Trabalho nº 1**

1. Resolve as seguintes equações:

- | | | |
|--------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| a) $x + 4 = 9$ | b) $x - 3 = 2$ | c) $2 - x = 4$ |
| d) $1 - x = -3$ | e) $5x = 20$ | f) $6x = 2$ |
| g) $\frac{x}{4} = 2$ | h) $\frac{x}{5} = 1$ | i) $\frac{2}{5}x = 2$ |
| j) $\frac{6}{4}x = 2$ | k) $\frac{2}{3}x = \frac{3}{2}$ | l) $\frac{4}{3}x = \frac{4}{5}$ |
| m) $3x + 2 + 3x + 4 = 0$ | n) $3x + 2 = x + 4$ | o) $4x - 2 = 5x + 3$ |
| p) $2(x + 3) = 1$ | q) $3(x - 2) = 2$ | r) $-2(x + 3) = 8$ |
| s) $4 + (x - 2) = x + 1$ | t) $5 - (4 - x) = 3$ | u) $4(x - 2) + (x + 2) = 0$ |

Disciplina de Matemática **Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva** 8º Ano **Ficha de Trabalho nº 1**

1. Resolve as seguintes equações:

- | | | |
|--------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| a) $x + 4 = 9$ | b) $x - 3 = 2$ | c) $2 - x = 4$ |
| d) $1 - x = -3$ | e) $5x = 20$ | f) $6x = 2$ |
| g) $\frac{x}{4} = 2$ | h) $\frac{x}{5} = 1$ | i) $\frac{2}{5}x = 2$ |
| j) $\frac{6}{4}x = 2$ | k) $\frac{2}{3}x = \frac{3}{2}$ | l) $\frac{4}{3}x = \frac{4}{5}$ |
| m) $3x + 2 + 3x + 4 = 0$ | n) $3x + 2 = x + 4$ | o) $4x - 2 = 5x + 3$ |
| p) $2(x + 3) = 1$ | q) $3(x - 2) = 2$ | r) $-2(x + 3) = 8$ |
| s) $4 + (x - 2) = x + 1$ | t) $5 - (4 - x) = 3$ | u) $4(x - 2) + (x + 2) = 0$ |

Disciplina de Matemática **Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva** 8º Ano **Ficha de Trabalho nº 1**

1. Resolve as seguintes equações:

- | | | |
|--------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| a) $x + 4 = 9$ | b) $x - 3 = 2$ | c) $2 - x = 4$ |
| d) $1 - x = -3$ | e) $5x = 20$ | f) $6x = 2$ |
| g) $\frac{x}{4} = 2$ | h) $\frac{x}{5} = 1$ | i) $\frac{2}{5}x = 2$ |
| j) $\frac{6}{4}x = 2$ | k) $\frac{2}{3}x = \frac{3}{2}$ | l) $\frac{4}{3}x = \frac{4}{5}$ |
| m) $3x + 2 + 3x + 4 = 0$ | n) $3x + 2 = x + 4$ | o) $4x - 2 = 5x + 3$ |
| p) $2(x + 3) = 1$ | q) $3(x - 2) = 2$ | r) $-2(x + 3) = 8$ |
| s) $4 + (x - 2) = x + 1$ | t) $5 - (4 - x) = 3$ | u) $4(x - 2) + (x + 2) = 0$ |

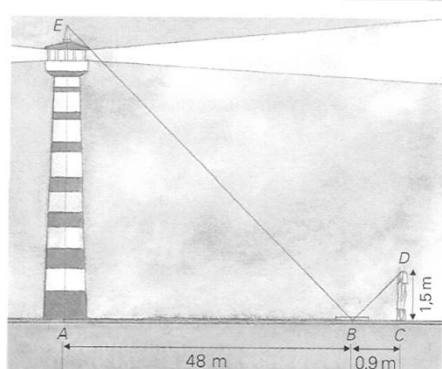
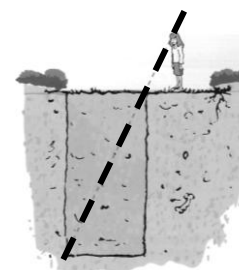
Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva

Disciplina de Matemática

8º Ano

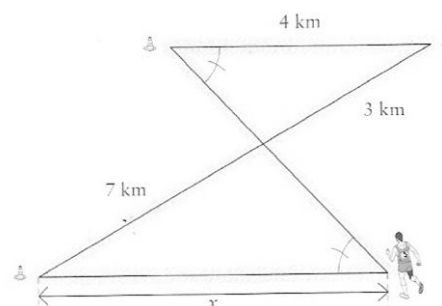
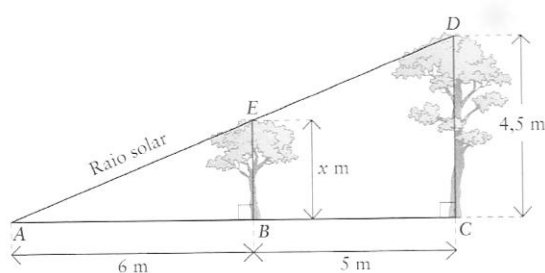
Ficha de Trabalho nº 3

Problema 1: A Ana sabe que a sua altura é de 1,5m; o poço tem 4m de profundidade e 2m de diâmetro. Qual é a distância máxima ao bordo a que a Ana pode estar, de modo a ver o fundo do poço?



Problema 2: Justifica se os triângulos [ABE] e [BCD] são semelhantes e determine a altura do Farol.

Problema 3: Determina o valor de x em cada uma das seguintes figuras.



Problema 4: Determina a altura do prédio sabendo que a altura do pau que está no meio da estrada é de 1,2m e utilizando os dados da figura.



Anexo 22 – Exemplo de uma apresentação em Microsoft Power Point, ESBLs

Isometrias
Movimento Rectilíneo
Posição Original – Posição Final

Um carro desloca-se numa recta. A sua posição inicial é aos 30m e a sua posição final é aos 100m, como mostra a seguinte figura.

O carro desloca-se numa recta, da esquerda para a direita, de acordo com a seta **d**: **Movimento Rectilíneo**.

Isometrias

Repara agora no seguinte friso:

Motivo mínimo que se repete várias vezes

Original Imagem Imagem Imagem Imagem Imagem Original

Isometrias

Observa o seguinte padrão. Tenta identificar movimentos rectilíneos.

Isometrias

Definição de Translação:

Uma **Translação** transforma uma figura (**original** ou **objecto**) numa outra figura (**imagem**), resultante de um movimento rectilíneo.

Isometrias

Exercício:

Desenha 4 figuras que possam ser obtidas da figura seguinte, mas em que o ponto A corresponda aos pontos A1, A2, A3 e A4.

Isometrias

A Translação como Função

Propriedades das Translações

Observa as figuras e alguns dos seus pontos:

A cada ponto da Figura B1 (**objecto**) corresponde um e um só ponto da Figura B2 (**imagem**) ➡ **FUNÇÃO**

Isometrias

Completa:

A figura original e a figura final são geometricamente Iguais.

Qualquer segmento de recta é transformado num segmento de recta paralelo ao primeiro e com o Mesmo comprimento.

Qualquer ângulo é transformado num ângulo geometricamente Iguais.

Isometrias

Exercício: Repete no caderno a seguinte construção.

1. Desenha um triângulo $[ABC]$ e marca um ponto A'
2. Une-se A e A'
3. Utilizando régua e esquadro, traçam-se paralelas a AA' passando por B e C
4. Utilizando o compasso de abertura igual a AA' , define-se C' e B' de modo a que os comprimentos sejam iguais.
5. Desenha-se o triângulo $[A'B'C']$, imagem do triângulo $[ABC]$ por uma translação.

Isometrias

O conceito de Vector

O vector \vec{a} (\overline{AB}) tem:

- Ponto de Aplicação (em A)
- Direcção (horizontal)
- Sentido (esq para a dir)
- Comprimento (\overline{AB})

Isometrias

Ao aplicarmos um vector \vec{v} à figura objecto obtemos a sua imagem através de uma translação.

Repara:

Objecto + Vector = Imagem

Isometrias

Soma de Vectors

Cuidado: um vector tem muitas representações.

Repara:

$\vec{a} + \vec{b} = \vec{c}$

Isometrias

Como Somar Vectors?

Exemplo 1. Mesma Direcção e Mesmo Sentido

$\vec{a} + \vec{b} = \vec{c}$

Isometrias

Como Somar Vectors?

Exemplo 2. Mesma Direcção e Sentido Oposto

$\vec{a} + \vec{b} = \vec{c}$

Isometrias

$\vec{a} + \vec{b} = \vec{0}$ Vector Nulo

$\vec{a} + \vec{b} = \vec{c}$

Isometrias

Como Somar Vectors?

Exemplo 3. Direcção e Sentido Diferentes

$\vec{a} + \vec{b} = \vec{c}$

Isometrias

Exercício:

Efectua as somas dos seguintes vectors:

a)

b)

Isometrias

c)

d)

Isometrias

Exercício:

Na figura está representado um rectângulo dividido em quatro partes iguais:

Tem-se por exemplo:

$$\vec{AB} + \vec{BC} = \vec{AC}$$

Isometrias

$$\vec{AB} + \vec{CB} = \vec{AB} + \vec{BA} = \vec{0}$$

$$\vec{IE} + \vec{CD} = \vec{IE} + \vec{EH} = \vec{IH}$$

$$\vec{AE} + \vec{GD} = \vec{AE} + \vec{EB} = \vec{AB}$$

Isometrias

Completa:

$$\vec{IH} + \vec{HG} = \vec{IG}$$

$$\vec{AC} + \vec{EH} = \vec{AD}$$

$$\vec{FE} + \vec{DC} = \vec{FB}$$

$$\vec{IF} + \vec{CD} = \vec{0}$$

$$\vec{IE} + \vec{EG} = \vec{IG}$$

$$\vec{FG} + \vec{HE} = \vec{FD}$$

Isometrias

Exercício:

Construa a figura transformada da seguinte figura pela translação associada ao vector \vec{EB} :

Isometrias

Composição de Translações

$$T_v \text{ após } T_u = T_v \circ T_u$$

Isometrias

Exercício:

Construa o transformado de um triângulo Rectângulo [ABC] pela translação composta

$$T_{\vec{CB}} \circ T_{\vec{AB}}$$

Isometrias

Movimento Curvilíneo

rotações

Sentido dos ângulos

Sentido Positivo (sentido contrário dos ponteiros dos Relógios)

Sentido Negativo (sentido dos ponteiros dos Relógios)

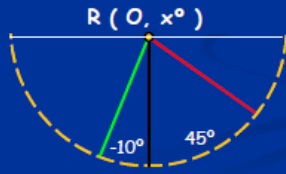
Isometrias

Para definir um movimento de Rotação precisamos de indicar:

- Um ponto que se mantém fixo a que chamamos

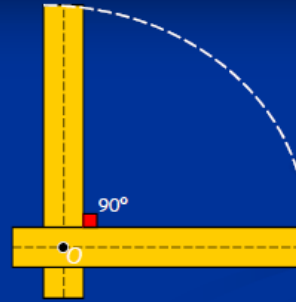
Centro de Rotação

- Uma amplitude de um ângulo



Isometrias

Observa o tabuleiro de uma ponte:



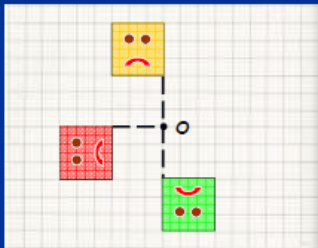
Numa Rotação:

- Os comprimentos mantêm-se
- As amplitudes dos ângulos são conservadas

Isometrias

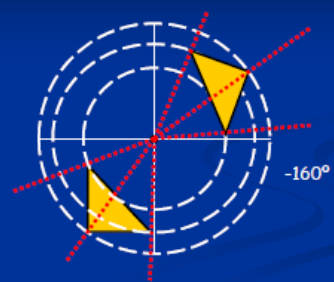
Exercício:

Constrói o transformado através das rotações de 90° e de -180° .



Isometrias

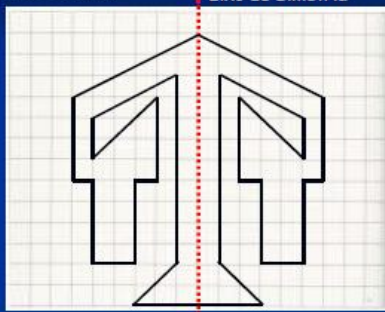
Método do compasso



Isometrias

Isometrias Centrais

Eixo de Simetria



Isometrias

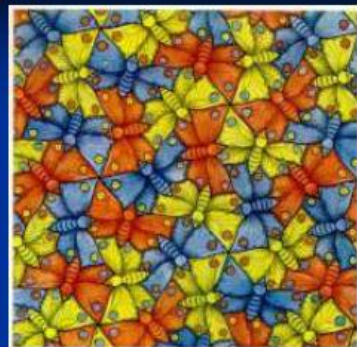
M. C. Escher



Isometrias



Isometrias



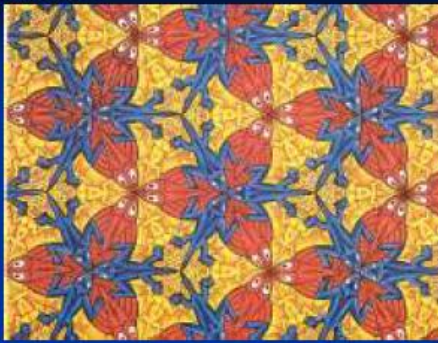
Isometrias



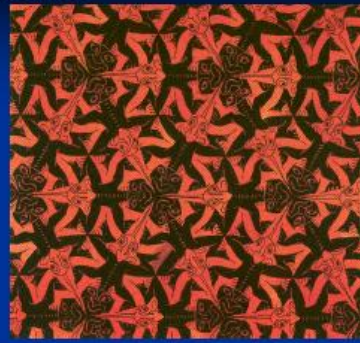
Isometrias



Isometrias



Isometrias



Isometrias



Isometrias



Isometrias



Isometrias



GRUPO DISCIPLINAR DE MATEMÁTICA



ESCOLA SECUNDÁRIA

DR. BALTAZAR LOPES DA SILVA

Regulamento Peddy Paper

- O Peddy Paper destina-se aos alunos dos **1º e 2º ciclos** do Ensino Básico da Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva e anexo do Tarrafal;
- A actividade decorrerá dia 25/02/06 durante o período da manhã: 8h30m até 12h30m;
- A concentração das equipas será no **Campo de Futebol**;
- A organização é constituída pelos elementos Grupo Disciplinar de Matemática;
- Cada turma será representada por uma **equipa mista de 4 elementos**, que terá um nome escolhido pelos seus elementos;
- O jogo desenrola-se no recinto escolar;
- O jogo é constituído por:
 - Um questionário com **30 questões**, em que uma delas é encontrar a frase escondida;
 - Um **mapa** onde estão assinalados:
 - **16 Postos de Controlo**:
 - ✓ **1 Posto** de partida/chegada;
 - ✓ **5 Postos** com jogos divertidos para resolver;
 - ✓ **10 Postos** onde se encontra uma letra;
- Para resolver cada desafio, a equipa tem de se apresentar **completa** no respectivo Posto de Controlo;
- Só poderá estar uma equipa no mesmo Posto de Controlo. Se este estiver ocupado, a equipa tem de esperar ou encontrar outro livre. Se quiser esperar deve entregar o cartão de equipa para marcar a hora de chegada ao posto;
- Cada elemento de equipa terá um "**Cartão de Elemento**" que o irá identificará no Posto de Controlo. A perda deste cartão implica a **desclassificação** da equipa;
- O capitão de equipa terá um outro cartão, "Cartão de Equipa", que terá de apresentar no Posto para poder tentar resolver o desafio. A perda deste cartão implica a desclassificação da equipa;

- Cada equipa parte com 5 minutos de diferença da anterior;
- O jogo começa e termina no mesmo posto;
 - Tiver visitado todos os Postos de Controlo;
 - Responder a todas as perguntas do questionário;
 - Descobrir a frase que está associada às letras encontradas;
- Por cada resposta certa do questionário recebe 10 pontos;
- Por cada Posto de Controlo encontrado recebe 10 pontos;
- Por cada desafio superado recebe 10 pontos;
- Por descobrir a frase mistério recebe 20 pontos;
- A equipa que terminar em menor tempo recebe 100 pontos; as restantes recebem menos 5 pontos do que a anterior;
- Ganha a equipa que conseguir obter mais pontos;
- Em caso de empate de pontos, ganha a equipa que:
 - Tenha descoberto a frase correta;
 - Mais jogos tenham resolvido;
 - Mais questões certas apresentem no questionário.

TEM PARTICIPAR CONNOSCO!

Anexo 24 – Solução do Questionário 2005/2006, ESBLs

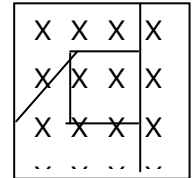
Questionário

1- Qual o primeiro e último nome do Sr. Diretor?

R: Amílcar Ramos

2- Qual é o próximo número? 2, 10, 12, 16, 17, 18, 19, 200

3- Um terreno com forma quadrada tem 16 árvores. Como dividir o terreno com 5 linhas retas para que cada uma das partes tenha o mesmo número de árvores?



4- Se um tijolo pesa 1 Kg + $\frac{1}{2}$ tijolo, quanto pesam dois tijolos?

R: Dois tijolos pesam 4 Kg

5- Que números faltam nesta frase?

Se uma senhora 60 num café e 70 sair 100 pagar, vai presa.

6- Quantos professores de Matemática existem na escola?

7 Vila 4 Tarrafal

7- Encontrei um homem com sete mulheres e cada mulher tinha sete sacos e cada saco tinha sete gatos e cada gato tinha sete gatinhos. Quantos eram?

R: Eram $1 + 7 + 7 * 7 * 7 + 7 * 7 * 7 * 7 = 2752$

8- A minha mãe tem dois filhos, mas o seu filho não é meu irmão. Quem é ele?

R: O próprio.

9- Põe três fósforos e forma cinco triângulos.



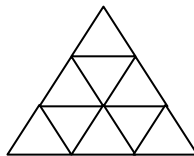
10-Quais são os dois números que vêm a seguir? 2; 5; 4; 7; 6; 9; 8; 11; 10

11-Quantas janelas existem no bloco das salas 6, 7, 8, e 9?

R: Existem 45 janelas

12-Quantos triângulos veem?

R: 13 triângulos.



13-Vais numa corrida e ultrapassas o corredor que vai em segundo lugar...Em que lugar ficas?

R: Em segundo lugar.

14-Qual o primeiro e último nome do Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Brava?

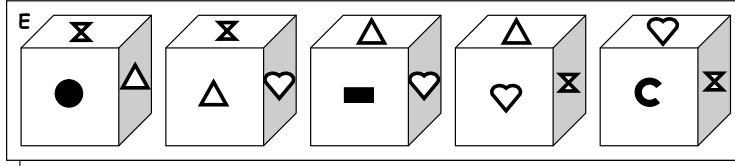
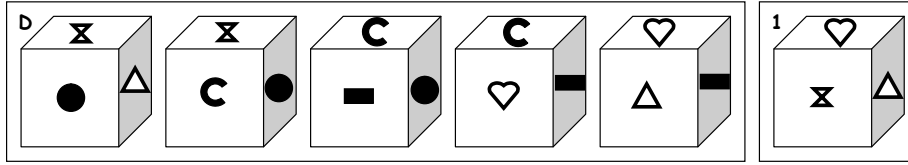
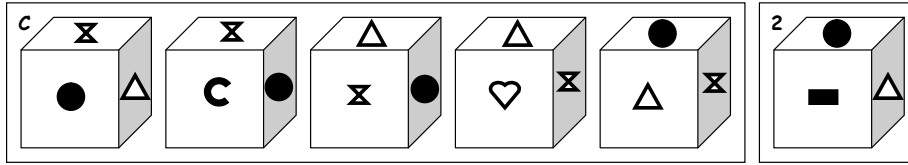
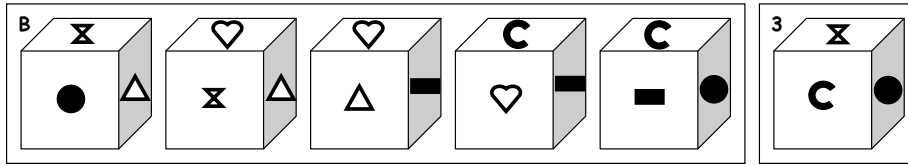
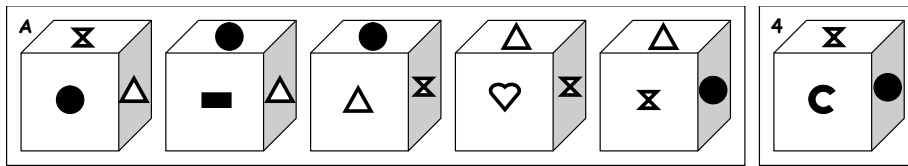
R: Amílcar Lopes.

15-Um pastor tem 17 ovelhas. Morreram todas, menos 9. Quantas sobreviveram?

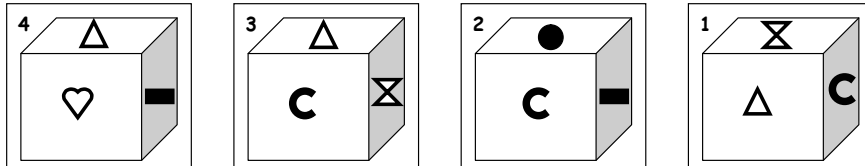
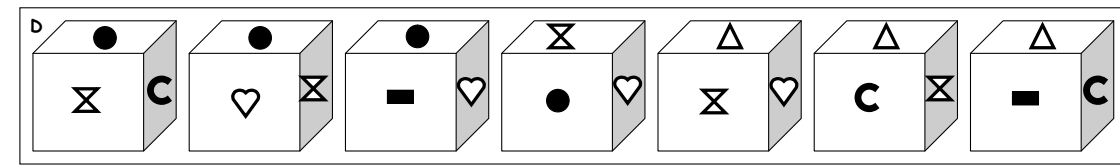
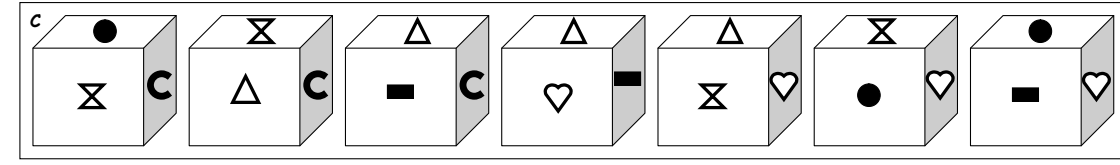
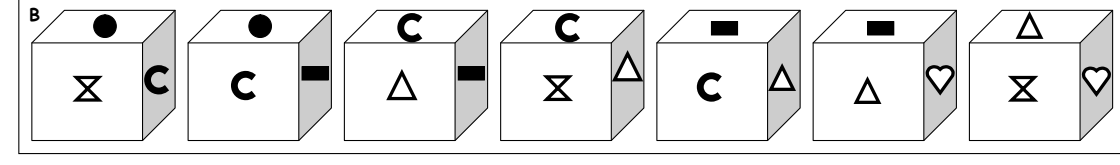
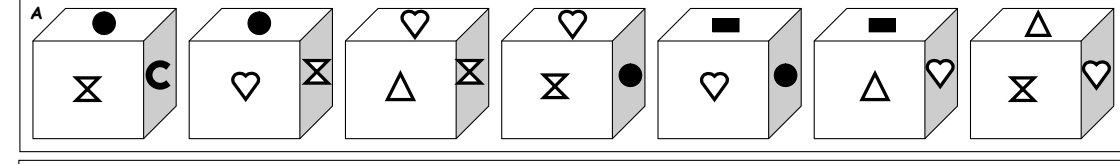
R: Sobreviveram 9 ovelhas.

- 16-Identifica as várias nacionalidades dos professores estrangeiros que existem na escola.
R: Portuguesa, Americana, Nigeriana, Senegalesa, Guineense.
- 17-Um prédio tem mais portas de entrada ou de saída?
R: Um prédio tem as mesmas portas de entrada e saída.
- 18-Um médico dá-te 3 comprimidos e diz-te para tomares um a cada meia hora. Para quanto tempo duram os comprimidos?
R: Os comprimidos duram para uma hora.
- 19-Estavam 3 pombas numa árvore. Um caçador matou a tiro uma delas. Quantas pombas lá ficaram? Porque?
R: Nenhuma porque as outras fugiram.
- 20-Quantas pintas existem num dado normal?
R: Num dado normal existem 21 pintas.
- 21-Não se deve poluir o ambiente. Quantos caixotes do lixo se encontram dentro do recinto escolar?
R: quatro caixotes do lixo
- 22-O que significa a sigla FPS?
R: A sigla FPS significa Formação Social e Pessoal.
- 23-Quantos e quais são os concelhos da Ilha de S. Nicolau?
R: São 2 concelhos, Tarrafal e Vila de Ribeira Brava.
- 24-Qual a localidade mais famosa no fabrico de Grogue?
R: A localidade mais famosa no fabrico de grogue é Água das Patas.
- 25-Qual o número de telefone da tua escola?
R: 2351114 / 2361585
- 26-Qual foi a primeira povoação da ilha de S. Nicolau?
R: Porto de Lapa
- 27-Quantos cocos deu uma palmeira sabendo que todos tinham caído e que estavam no chão dez cocos?
R: Nenhum, a palmeira não dá cocos.
- 28-Qual é o ponto mais alto de S. Nicolau?
R: O ponto mais alto de S. Nicolau é Monte Gordo.
- 29-Quantos meses do ano têm 28 dias?
R: Todos os meses têm 228 dias.
- 30-Com as letras que encontraste forma-se um nome. Qual é esse nome?
R: Dr. Baltazar.

Anexo 25 – Jogos para o 2º e 3º Ciclos 2005/2006, ESBLs



Soluções
 A - 4 B - 3 C - 2 D - 1 E - 1



Soluções
 A - 4 B - 3 C - 2 D - 1

A

$$2 \quad 9 \quad 6 \quad 7 = 17$$

B

$$3 \quad 5 \quad 4 \quad 2 = 13$$

C

$$6 \quad 3 \quad 2 \quad 7 = 7$$

D

$$9 \quad 3 \quad 2 \quad 4 = 14$$

E

$$1 \quad 5 \quad 3 \quad 6 = 10$$

Soluções

A) $2 \times 9 + 6 - 7 = 17$

B) $3 \times 5 - 4 + 2 = 13$

C) $6 - 3 \times 2 + 7 = 7$

D) $9 - 3 + 2 \times 4 = 14$

E) $1 + 5 \times 3 - 6 = 10$

A

$$3 \quad 2 \quad 5 \quad 4 = 5$$

B

$$4 \quad 3 \quad 3 \quad 5 = 10$$

C

$$6 \quad 4 \quad 2 \quad 8 = 18$$

D

$$9 \quad 3 \quad 2 \quad 5 = 8$$

Soluções

$$A) 3 \times 2 - 5 + 4 = 5$$

$$B) 4 \times 3 + 3 - 5 = 10$$

$$C) 6 - 4 + 2 \times 8 = 18$$

$$D) 9 - 3 \times 2 + 5 = 8$$

Anexo 27 – Jogo dos provérbios, ESBLs

| | |
|-------------------------|---------------------------------------|
| Quem tudo quer... | ...tudo perde. |
| A galinha do vizinho... | ...é sempre melhor do que a minha. |
| Quem ama feio... | ...bonito lhe parece. |
| Quem não arrisca... | ...não petisca. |
| Quem não deve... | ...não teme. |

| | |
|-------------------------|------------------------|
| Quem com ferros mata... | ...com ferros morre. |
| Quem cala... | ...consente. |
| Quem canta... | ...seus males espanta. |
| Quem semeia ventos... | ...colhe tempestades. |
| Quem tem boca... | ...vai a Roma. |

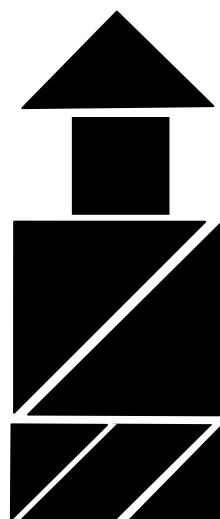
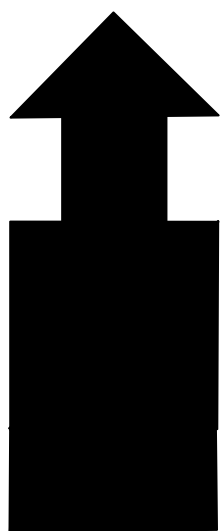
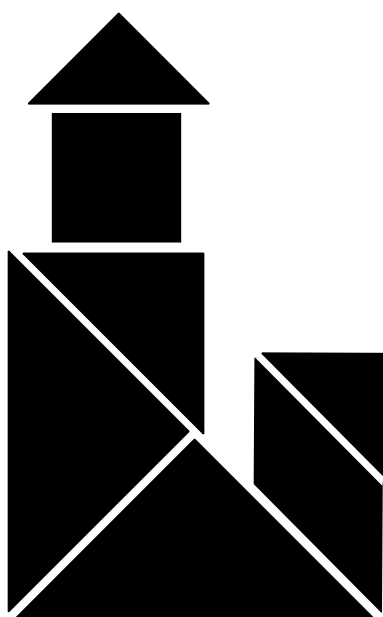
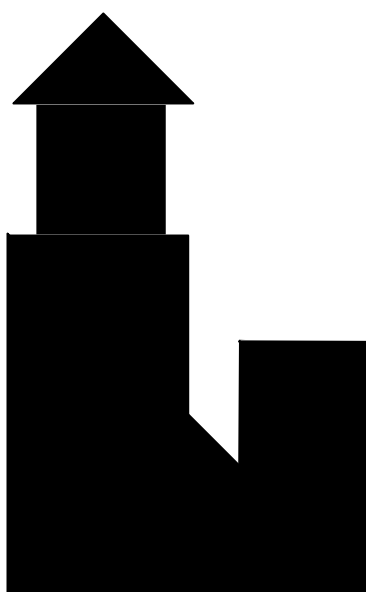
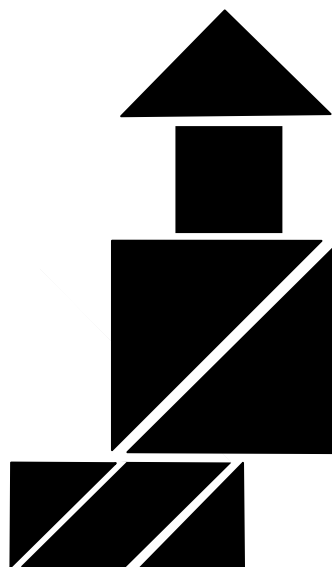
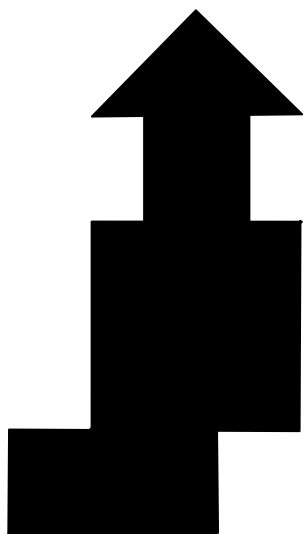
| | |
|--------------------------------|-------------------------------------|
| Quem vê caras... | ...não vê corações. |
| Cada macaco... | ...no seu galho. |
| Pela boca... | ...morre o peixe. |
| Cão que ladra... | ...não morde. |
| Quando um burro fala... | ...o outro baixa as orelhas. |

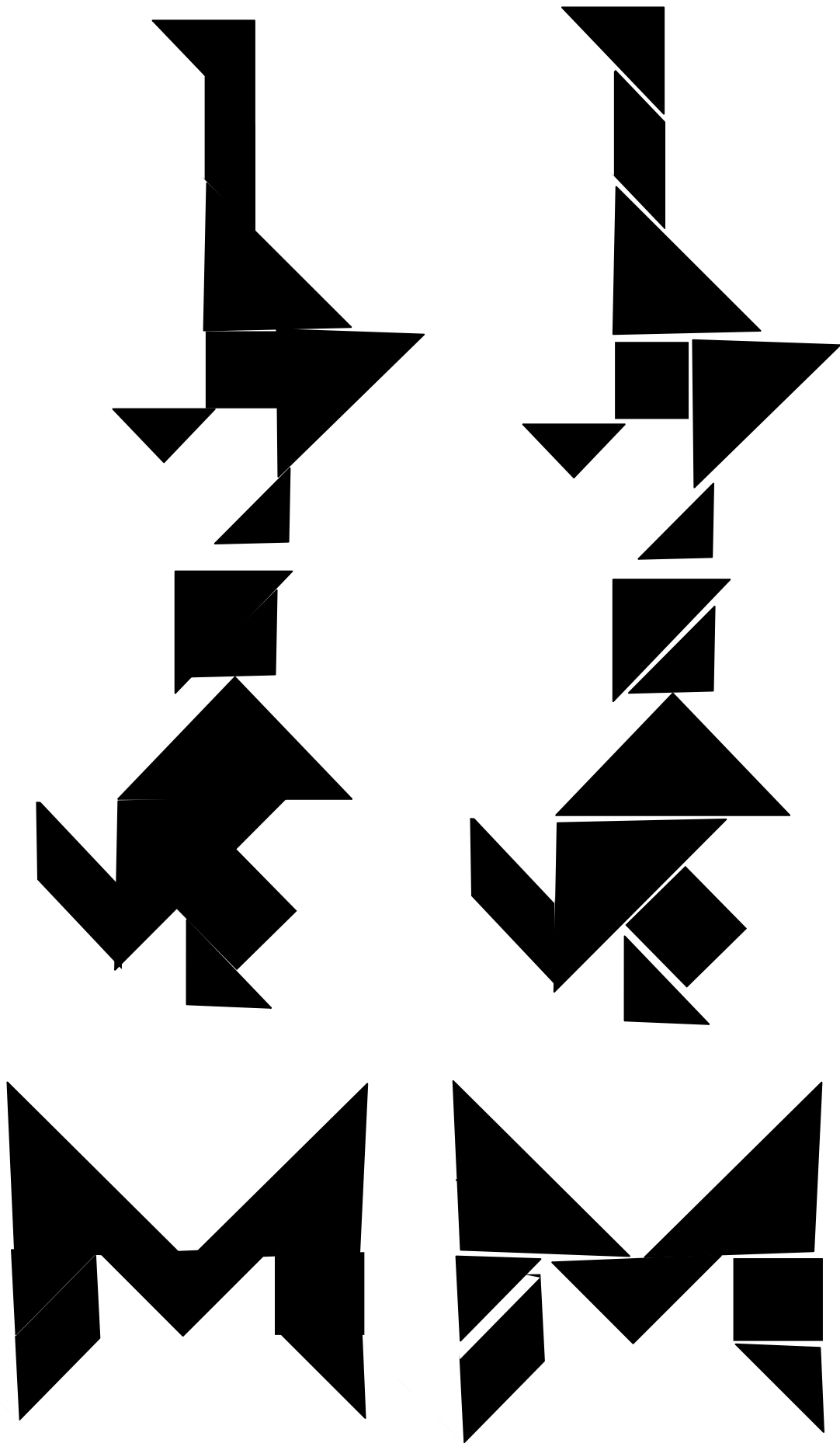
| | |
|----------------------|----------------------------|
| Filho de peixe... | ...sabe nadar. |
| Grão a grão... | ...enche a galinha o papo. |
| Quem não tem cão... | ...caça com gato. |
| Galinha velha... | ...é que dá bom caldo. |
| Em terra de cegos... | ...quem tem um olho é Rei. |

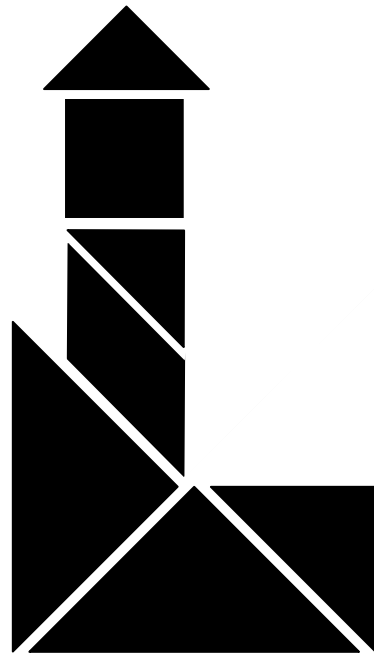
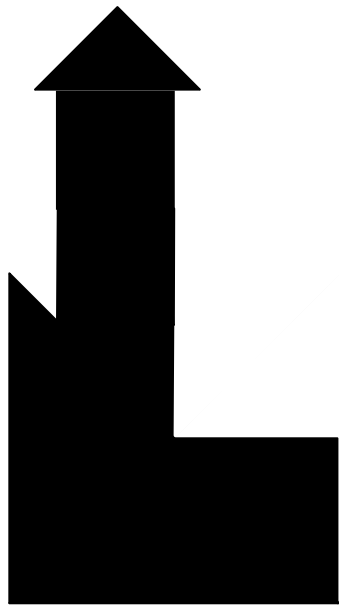
| | |
|------------------------------|-----------------------------------|
| Roma e Pavia... | ...não se fizeram num dia. |
| Quem vai ao mar... | ...avia-se em terra. |
| Quem vai à guerra... | ...dá e leva. |
| Mais vale tarde... | ...do que nunca. |
| Nem tudo o que luz... | ...é ouro. |

| | |
|--------------------------|------------------------------|
| Tristezas... | ...não pagam dívidas. |
| Amigos, amigos... | ...negócios à parte. |
| Devagar... | ...se vai ao longe. |
| Depressa e bem... | ...há pouco quem. |
| Depressa e mal... | ...é o geral. |

Anexo 28– Imagens do Tangram, ESBLs







Anexo 29– Certificado de Participação, ESBLs



GRUPO DISCIPLINAR DE MATEMÁTICA
ESCOLA SECUNDÁRIA
DR. BALTAZAR LOPES DA SILVA

Certificado

Certifica-se que o aluno _____ participou na Atividade Extra Curricular **Peddy Paper**, realizada no dia 25 de Fevereiro de 2006, na Escola Secundária Dr. Baltazar Lopes da Silva.

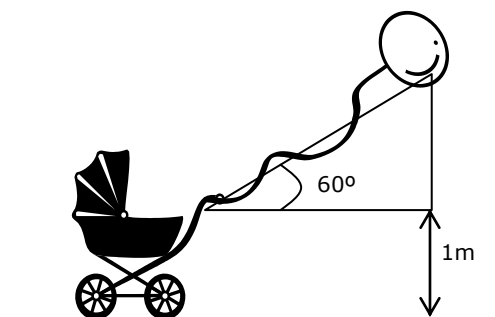
O Representante
do Grupo Disciplinar de Matemática

Anexo 30– Exemplo de uma Ficha de Avaliação Global – 10º ano – ESBLs

| Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva | | |
|---|--|---|
| Ano Letivo 2006/2007 10º Ano | Matemática Prova Global | 6ª Ficha de Avaliação 20 Valores |
| Nome _____ Ano e Turma: 10ºA Nº: _____ | | |

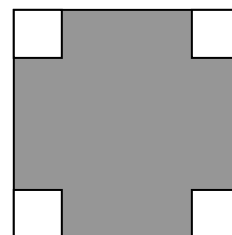
1. Sabendo que $\operatorname{sen} \alpha = \frac{3}{5}$ e, α um ângulo agudo, calcula $\operatorname{tg} \alpha$.

2. O Jorge tem um balão que está preso no seu carrinho de bebé. O comprimento do fio é de 5 m. Observa a figura e determina a que altura do solo está o balão. (Nota: $\operatorname{sen} 60^\circ = 0.87$; $\operatorname{cos} 60^\circ = 0.5$; $\operatorname{tg} 60^\circ = 1.73$)



3. Escreve um exemplo uma equação de 2º grau completa e outro de uma equação de 2º grau incompleta.

4. A figura representa um jardim quadrado, com 12m de comprimento. Em cada um dos quatro cantos tem um pequeno quadrado vazio de comprimento x metros. Calcula o valor de x , sabendo que a parte colorida (relvada) tem de área $119m^2$. (sugestão: Escreve primeiro a expressão da área da parte colorida.)



5. Simplifica a seguinte expressão até encontrares o resultado: $\frac{\sqrt{10}}{5}$

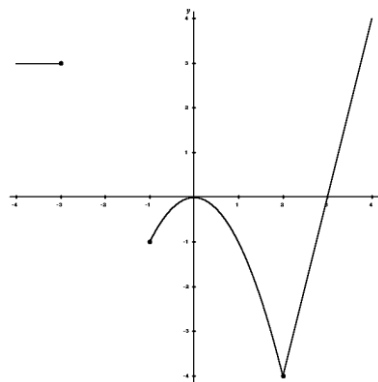
$$\frac{(\sqrt{50} - 3\sqrt{2}) \times (\sqrt[4]{3})^2 \times 2^{\frac{1}{4}}}{\sqrt{3\sqrt{32}} \cdot 5^{\frac{1}{2}}}$$

6. Indica o domínio dos seguintes radicais: $\sqrt{x-2}$ e $\sqrt[3]{x-2}$.

7. Calcula a área da superfície esférica e o volume de uma esfera, que tem de diâmetro 8cm, com uma casa decimal.

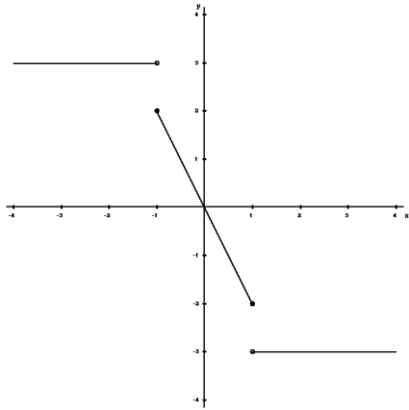
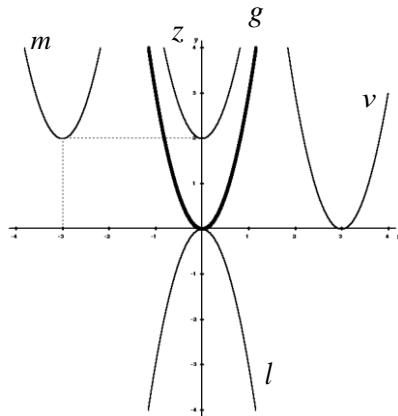
8. Observa o gráfico e identifica:

- a. Domínio
- b. Contradomínio
- c. Zeros
- d. Monotonia
 - i. Crescente
 - ii. Decrescente
 - iii. Constante



- e. Máximo Absoluto e respetivo Maximizante.
- f. Mínimo Absoluto e respetivo minimizante.

9. Observa o gráfico. Sabendo que $g(x) = 3x^2$, escreve as expressões das funções: z, v, l, m .

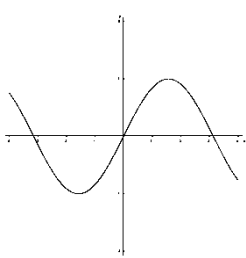
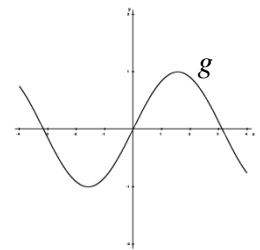


10. Observa o gráfico que representa uma função h definida por ramos. Escreve a sua expressão.

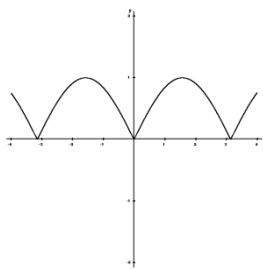
11. Seja a função $f(x) = x^2 - x - 6$.

- a. Qual o sentido da concavidade da função? Justifica.
- b. Quantos zeros tem a função? Justifica.
- c. Calcula os zeros da função, se eles existirem.
- d. Faz um esboço da função.
- e. Elabora o respetivo quadro de sinal
- f. Indica o conjunto solução das seguintes Inequações:
 - i. $f(x) > 0$
 - ii. $f(x) \leq 0$

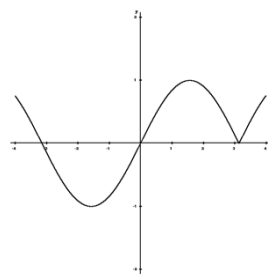
12. Observa o gráfico de g . Qual dos seguintes gráficos representa a função $|g|$?



(A)



(B)



(C)

Anexo 31 – Exemplo de um Mini teste – 10º ano – ESBLs

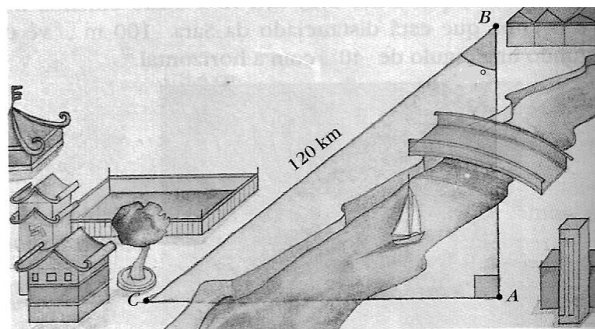
| Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva | | |
|--|---|---|
| Ano Letivo 2006/2007 10ºAno | Matemática Trigonometria | 4ª Chamada Escrita 5 Valores |
| Nome: _____ Ano e Turma: _____ Nº: _____ | | |

Resolve o seguinte **Problema**:

Duas cidades, B e C, distam 120Km.

A cidade A forma com as cidades B e C um triângulo [ABC] retângulo em A.

Sabendo que $\hat{CBA} = 60^\circ$ determina:



A distância entre as cidades A e B;

A distância entre as cidades A e C.

Paula Felícia
Bom Trabalho!

Anexo 32 – Exemplo de uma ata intercalar – ESPAA



DEPARTAMENTO DO ENSINO SECUNDÁRIO

ESCOLA SECUNDÁRIA POETA ANTÓNIO ALEIXO

11º Ano Turma G

Ano letivo 2010-2011

1º Período

ATA DE REUNIÃO DE CONSELHO DE TURMA

Aos vinte e seis dias do mês de Novembro do ano de dois mil e dez, pelas dezasseis horas e trinta minutos horas, sob a presidência da professora Paula Felícia, reuniu o Conselho acima indicado, com a presença dos seguintes elementos:

| | INTERVENIENTES | NOME | RUBRICA |
|-----------------|------------------------|------|---------|
| | Presidente da Reunião | | |
| Professores de: | Português | | |
| | Inglês 6/7 | | |
| | Filosofia | | |
| | Educação Física | | |
| | Matemática A | | |
| | Economia A | | |
| | Geografia A | | |
| Outros | Representante Enc. Edu | | |
| | Delegado de Turma | | |

ASSUNTOS TRATADOS:

- Informações: Antes de na reunião se dar início à ordem de trabalhos pré-estabelecida, a Psicóloga da escola veio ao Conselho de Turma prestar algumas informações e dar algumas sugestões sobre alguns cuidados que os professores da turma poderão ter na relação pedagógica com a aluna número vinte e cinco, Alexandra Almeida, que este ano letivo integrou a turma. A vinda e intervenção da Psicóloga neste Conselho de Turma justificou-se pela ocorrência de alguns comportamentos da aluna que mereceram essa atenção. Após a saída da Psicóloga do Conselho de Turma, passaram a estar presentes, além dos respetivos professores, o Delegado de Turma e a Representante dos Encarregados de Educação. A Diretora de Turma procedeu às respetivas apresentações, em especial da professora de Economia, na qualidade de única professora que não acompanhou a turma desde o décimo ano. Referiu ainda os alunos que já não fazem parte da turma e identificou aqueles que a passaram a integrar este ano letivo, particularmente ao aluno número vinte e quatro, Rudolf..., que nunca veio às aulas. Informou ainda que os serviços administrativos já comunicaram com este aluno e o encarregado de educação está a decidir qual a melhor opção.

2- Caraterização da turma e dos alunos da turma: Atendendo a que se trata de uma turma do décimo primeiro ano, a caracterização da turma e dos alunos foi feita no ano anterior com maior pormenor. Durante a reunião apenas se salientaram alguns aspetos relevantes e focaram-se mais os alunos que integraram a turma neste ano, fazendo uma caracterização destes. -----

3- Comportamento global da turma: Em relação a este ponto, os professores da turma consideraram não ter verificado, até ao momento, melhorias no comportamento, em relação ao ano passado, da parte dos seguintes alunos: número nove, Diogo; número doze, Guilherme; número treze, Kevin; número dezanove, Roberto; número vinte, Roman Foi o próprio delegado de turma, Kevin, a reconhecer esta situação. Instado pela Diretora de Turma, o mesmo aluno considerou que a melhor estratégia a utilizar pelos professores na sala de aula, de modo a evitar o seu comportamento desestabilizador e dos colegas referidos, passaria não tanto pela ordem de saída da sala, mas mais pela disposição destes alunos na sala, não permitindo os professores que estes alunos fiquem próximos uns dos outros. A Diretora de Turma, corroborada pela representante dos Encarregados de Educação, considerou que o aluno em causa passou a ter responsabilidades acrescidas a partir do momento em que foi eleito delegado de turma, pelo que, nesse papel, deveria transmitir aos seus colegas esse mesmo sentido de responsabilidade. O professor de Filosofia aproveitou o ensejo para se dirigir ao delegado de turma, exortando-o a ser mais estável e regular na sua participação e atenção nas aulas, uma vez que o aluno está com muita atenção e tem participações muito positivas em determinadas aulas e noutras está completamente alheio e distraído. -----

4- Aproveitamento dos alunos por disciplina: A Diretora de Turma deu a palavra aos professores para se pronunciarem sobre o aproveitamento dos alunos. O professor de Educação Física disse que alguns alunos não se empenham nas atividades; a professora de

Geografia disse que os alunos já tinham realizado um mini teste e que as classificações teriam ficado aquém das suas expectativas; o professor de Inglês referiu que os alunos que no ano passado não participavam oralmente, este ano estão a participar mais; o professor de Filosofia referiu que embora ainda não detivesse elementos de avaliação suficientemente significativos, os alunos que transitaram de ano com negativa não evidenciavam até ao momento melhorias, particularmente os alunos números dez, Fábio e doze, Guilherme; a professora de Economia referiu não possuir ainda elementos de avaliação, mas considerou que os alunos têm que trabalhar muito mais do que têm mostrado até agora; a professora de Matemática disse que os alunos já tinham realizado um mini teste e mostrou-se preocupada por ter havido muitas negativas. Considerou que a maioria dos alunos transitou para o décimo primeiro ano com baixas classificações e mostrou receio de estes alunos, que obtiveram classificações negativas no mini teste, não conseguirem níveis de aproveitamento para transitarem para o décimo segundo ano. A referida professora, dirigindo-se à representante dos Encarregados de Educação a fim de esta passar a mensagem aos outros Encarregados de Educação, afirmou que tem insistido com os alunos para estes frequentarem as salas de estudo e os apoios existentes para a disciplina de Matemática e ainda frequentar as aulas do décimo ano nesta disciplina, o que não têm feito até agora. Referiu ainda estar a lecionar mais um tempo letivo de recuperação à turma, mas que os alunos não têm estado a aproveitar. Face à preocupação manifestada pela Representante dos Encarregados de Educação relativamente à circunstância de no ano anterior os alunos não terem assimilado convenientemente a matéria na disciplina de Economia, a professora titular desta disciplina no presente ano afirmou estar a incluir em cada teste conteúdos do ano anterior, permitindo-lhe esta estratégia sinalizar o nível de domínio daqueles conteúdos por parte dos alunos e, a partir daí, orientar as aulas de apoio para a superação das deficiências detetadas. O professor de Filosofia e a professora de Geografia em particular, por esta disciplina estar sujeita a exame, manifestaram-se preocupados por o aluno número vinte e seis Natanael Queiroz, recentemente inscrito na turma, não estar a aparecer aos apoios que lhe permitiriam compensar o atraso da sua chegada à turma. Em relação aos Planos de Apoio, foram preenchidos os respetivos impressos nas disciplinas de Matemática, Inglês e Filosofia, ficando definido que em Matemática os alunos abrangidos frequentarão as salas de estudo e os apoios. Nesta disciplina os alunos poderão ainda frequentar os APA, planos esses que foram entregues pela professora no final do ano passado. Aos alunos com maiores dificuldades foi ainda proposto frequentarem a título de assistentes, as aulas de décimo ano de Matemática A, sempre que possível. Em Inglês, os alunos abrangidos frequentarão as salas de estudo e o professor incrementará apoio individualizado na sala de aula. Em Filosofia, o professor referiu ter aula de apoio logo a seguir à aula de Filosofia à turma e que os alunos não têm outra aula a essa hora, pelo que, essa aula de apoio serve para reforçar as aprendizagens através de atividades de remediação aplicadas a estes alunos. A Diretora de Turma pediu aos professores para que logo que dispusessem de informações sobre o aproveitamento dos alunos, lhe fossem comunicadas que, por sua vez, as comunicará aos Encarregados de Educação. -----

5- Educação Sexual Escolar: Foi elaborado o Projeto de Educação Sexual da Turma e preenchida a respetiva grelha. -----

6- Outros assuntos: Durante este ponto da ordem de trabalhos, foi referido que a visita de estudo a realizar dia dezasseis de Novembro no âmbito da disciplina de Geografia foi aprovada e está confirmada e ainda a visita de estudo no âmbito da disciplina de Português a Sintra a realizar-se no dia onze de Fevereiro do corrente ano letivo. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

Assinaturas

Visto em ___/___/___

A Presidente da Reunião

O Secretário

A Diretora

Anexo 33 – Exemplo de uma Ficha de Informação – ESPAA

ESCOLA SECUNDÁRIA POETA ANTÓNIO ALEIXO

3.º período - Ano Lectivo 2010/2011

11.º Ano - Turma G

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIOECONÓMICAS

Exmo(s) Senhor(es)

OTÍLIO CRISTINA COELHO

Rua João Brás,

Edif. Marte, Lote 3, 1.º Dt.

8500-720 PORTIMÃO

FICHA DE INFORMAÇÃO

Referente à aluna : CLAUDIA

Processo N.º : 20118

Matrícula N.º : 7

| Disciplinas | Aulas | | | Faltas | | Classificação | | | |
|----------------------|-------|-------|---------|--------|-------|---------------|------|------|--------|
| | Prev. | Dadas | Assist. | Inj. | Just. | C.F. | P.G. | C.I. | C.I.F. |
| PORTUGUÊS | 15 | 15 | 10 | 0 | 5 | 11 | -- | -- | -- |
| INGLÊS 6/7 | 15 | 14 | 11 | 1 | 2 | 11 | -- | -- | 11 |
| FILOSOFIA | 16 | 15 | 12 | 0 | 3 | 10 | -- | -- | 10 |
| EDUCAÇÃO FÍSICA | 15 | 15 | 11 | 0 | 4 | 15 | -- | -- | -- |
| MATEMÁTICA A | 22 | 21 | 17 | 0 | 4 | 14 | -- | -- | -- |
| ECONOMIA A (Opção1) | 23 | 23 | 16 | 0 | 7 | 8 | -- | -- | 12 |
| GEOGRAFIA A (Opção1) | 23 | 23 | 17 | 0 | 6 | 13 | -- | -- | 14 |

O DIRECTOR DE TURMA :



DATA: 13/06/11

Mod.17_S

| | | |
|--|-----------------------------------|------------|
| ESCOLA SECUNDÁRIA POETA ANTÓNIO ALEIXO | | 11º G |
| FICHA DE INFORMAÇÃO | | |
| Ano Lectivo : 2010/2011 | CURSO DE CIÊNCIAS SOCIOECONÓMICAS | 3º Período |

| | |
|----------------|----------------------|
| Nome : CLAUDIA | Processo N.º : 20118 |
|----------------|----------------------|

| | |
|--|---|
| Aspectos Relevantes Observados (1) | |
| <i>Dona trabalha mais e continua a melhorar e se mais responsável.</i> | |
| Apoio e Complemento Educativos | |
| Principais Dificuldades Diagnosticadas | |
| Medidas a Implementar | |
| Informação do Aluno | |
| Observações | As faltas consideradas reportam-se ao período compreendido entre o dia 4 de Abril e o dia nove de Junho, inclusivé. |

(1) Conhecimento, competências, capacidades, atitudes e valores

O DIRECTOR DE TURMA:



DATA: 13/06/11

Mod.19_S

Anexo 36– Ficha de Objetivos Individuais – ESPAA



ESCOLA
SECUNDÁRIA
POETA
ANTÓNIO
ALEIXO

Ministério da Educação

ANO LETIVO 2010 / 2011

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DE DOCENTES – FICHA DE PROPOSTA DE OBJETIVOS INDIVIDUAIS

| IDENTIFICAÇÃO DO AVALIADO | | SITUAÇÃO PROFISSIONAL | |
|---------------------------|---|-----------------------|---|
| NOME DO PROFESSOR | Paula Alexandra Correia Felícia | DOCENTE DE CARREIRA | |
| DEPARTAMENTO CURRICULAR | Departamento de Matemática e Ciências Experimentais | CONTRATADO | x |
| GRUPO DE RECRUTAMENTO | 500 - Matemática | TÉCNICO ESPECIALIZADO | |
| PERÍODO EM AVALIAÇÃO | 2010 - 2011 | | |

| | | | | |
|--------------------------------------|----------------------------|--|----------------------------|-------------------|
| ASSINATURA DO PROFESSOR _____ | DATA ____/____/____ | SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS ____/____/____ | Nº DE PÁGINAS _____ | DATA _____ |
|--------------------------------------|----------------------------|--|----------------------------|-------------------|

| DIMENSÃO | DOMÍNIO / OBJETIVOS | EVIDÊNCIAS |
|---------------------------------------|---|---|
| Vertente profissional, social e ética | Compromisso com a construção do conhecimento profissional | Certificado de frequência com aproveitamento em pelo menos uma ação de formação |
| | Refletir e envolver-me consistentemente na construção do conhecimento profissional e no seu uso na melhoria das práticas, participando em pelo menos numa ação de formação. | Aulas assistidas Planificações |
| | Compromisso com a promoção da aprendizagem e do desenvolvimento pessoal e cívico dos alunos | Atas de conselho de turma |

| | | |
|---|---|--|
| | Promover o desenvolvimento integral do aluno e investir na qualidade das suas aprendizagens | Informações prestadas ao Diretor de Turma Dossier de grupo |
| | Compromisso com o grupo de pares e com a escola | |
| | Promover o trabalho colaborativo e apoiar os colegas no desenvolvimento de projetos da escola e com a comunidade | |
| Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem | Preparação e organização das atividades letivas | |
| | Preparar e organizar as atividades letivas tendo em atenção o rigor científico, pedagógico e didático inerente à Matemática | |
| | Planificar com rigor usando propostas de atividades, meios e recursos inovadores | Dossier de Grupo |
| | Planificar conjuntamente com os pares adequando as estratégias aos diferentes alunos e contextos | Aulas assistidas |
| | Realização das atividades letivas | Uso de quadro interativo e calculadora gráfica nas aulas, sempre que adequado e possível |
| | Conceber e aplicar estratégias de ensino adequadas às necessidades dos alunos e comunicar com rigor e eficácia | Site do grupo de Matemática http://sites.google.com/a/espaa.pt/matematica |
| | Relação pedagógica com os alunos | Livro de Ponto |
| | Proporcionar ambientes de aprendizagem onde predomine o respeito mútuo e a interação | Testes intermédios Documentos específicos da direção de turma |
| | Processo de avaliação da aprendizagem dos alunos | |
| | Conceber e implementar estratégias de avaliação diversificadas e rigorosas, monitorizar o desenvolvimento das aprendizagens, refletir sobre os resultados dos alunos e informá-los regularmente sobre os processos e necessidades de melhoria | |
| Participação na | Contributo para a realização dos objetivos e metas do Projeto Educativo e Planos Anual e Plurianual de Atividades | Site do Grupo de Matemática |

| | | |
|--|--|--|
| escola e relação com comunidade educativa | Colaborar na elaboração e avaliação das atividades do Plano Anual de Atividades | Plano Anual de Atividades Dossier de Direcção de Turma |
| | Participação nas estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica e nos órgãos de administração e gestão | Dossier de Grupo |
| | Contribuir para a eficácia das estruturas, de coordenação educativa e supervisão pedagógica, em que participo (Conselhos de Turma e Departamento de Ciências Exatas) Manter com os Pais e Encarregados de Educação uma relação pautada pela cordialidade e respeito, respondendo a questões sobre os alunos quando solicitada | Livro de Ponto |
| | Dinamização de projetos de investigação, desenvolvimento e inovação educativa e sua correspondente avaliação | |
| | Integra o Clube de teatro Investir num maior envolvimento de pais e encarregados de educação no meio escolar | |
| Desenvolvimento e formação profissional ao longo da vida | Formação contínua e desenvolvimento profissional | Certificado de frequência com aproveitamento em pelo menos uma ação de formação Dossier de Grupo Site do grupo de Matemática |
| | Desenvolver, por iniciativa própria, processos de aquisição e atualização do conhecimento profissional | |
| | Refletir sobre as práticas e mobilizar o conhecimento adquirido na melhoria do desempenho Promover o trabalho colaborativo como forma de partilha de conhecimento e desenvolvimento profissional | |

DECISÃO DO AVALIADOR FACE AOS OBJETIVOS PROPOSTAS E APÓS NEGOCIAÇÃO COM O AVALIADO, SE NECESSÁRIO

A Diretora: _____ Data: ____ / ____ / ____

Anexo 37– Requerimento para Aulas Assistidas – ESPAA



Ano Letivo 2010/2011

Exma. Sr.^a Diretora

Eu, _____, professor(a) (categoria e situação profissional) _____, do grupo de recrutamento _____, na Escola Secundária Poeta António Aleixo, venho por este meio requerer, ao abrigo do art. 9.º do Decreto Regulamentar nº 2/2010, de 23 de Junho, a observação de aulas no presente ano letivo.

Portimão, ____ de Outubro de 2010

O Professor

Data de receção: ____/____/____

Serviços Administrativos:

Anexo 38 – Plano de Aula Assistida – ESPAA



Escola Secundária Poeta António Aleixo

| | | | |
|--|--------------------|-----------------------|--------------------------|
| Ano: 11 ^o | Turma: E | Data: 1 de Março 2011 | PLANO de AULA |
| Sala Ms7 | Hora: 11.50 | | |
| Unidade Didática: Introdução ao Cálculo Diferencial I | | | |
| Conteúdo: Variação e Taxa média de Variação. Interpretação geométrica da taxa média de variação. | | | |
| Objetivos Específicos: <ul style="list-style-type: none">- Saber calcular a variação e a taxa média de variação de uma função num intervalo;- Interpretar geometricamente o valor da taxa média de variação de uma função num intervalo; | | | |
| Estratégias: <p>A aula irá decorrer ao longo de uma apresentação em Power Point, a qual contém dois problemas que guiam o aluno para uma noção e definição da variação e taxa média de variação de uma função num intervalo. A apresentação tem ainda algumas conclusões importantes seguida de exercícios para os alunos praticarem.</p> <p>Após a resolução dos exercícios, irá ser mostrado uma aplicação dinâmica para que os alunos visualizem e interpretem geometricamente a taxa de variação de uma função f num intervalo $[a,b]$.</p> | | | |
| Recursos: Caderno, material de escrita, calculadora gráfica, quadro e respetiva caneta, projetor multimédia e computador portátil. | | | |
| Pré-requisitos: <p>Conhecimento sobre funções do 10^o ano.</p> <p>Usar a calculadora gráfica.</p> <p>Noção e cálculo do declive de uma reta.</p> | | | |

A professora

Paula Felícia

Anexo 39 – Ficha de auto avaliação – ESPAA



Ano Lectivo 2010/2011

RELATÓRIO DE AUTO-AVALIAÇÃO¹

Docente: Paula Alexandra Correia Felícia Grupo de Recrutamento: 500 Matemática
 Categoria Profissional: Professora Contratada (Recondução)
 Relator: Alexandra Ferrão Grupo de Recrutamento: 500 Matemática Data: 24 / 06 / 2011

| Dimensão | Reflexão | Domínio | Evidências |
|---------------------------------------|---|----------|------------------|
| Vertente Profissional, Social e Ética | <p>No início do presente ano lectivo, após recondução, foi-me atribuído um horário completo do grupo 500 - Matemática. Leccionei a disciplina de Matemática A (11ºG e 11ºE), com uma carga horária de três blocos semanais para cada turma. Leccionei ainda a disciplina de Matemática a duas turmas profissionais (12ºO e 12ºP), com uma carga horária de dois blocos semanais. Foi-me atribuído o cargo de Directora de turma do 11ºG, uma aula de 45 minutos de apoio pedagógico acrescido direccionada aos alunos do 11ºE e ainda integrei o Clube de Teatro (um bloco semanal).</p> <p>Como docente desta escola, trabalhei sempre com o objectivo de promover o trabalho colaborativo e apoiar os colegas no desenvolvimento de projectos da escola e com a comunidade, objectivo esse a que me propus desde o início do ano lectivo. Cumpri os meus deveres profissionais e realizei todas as tarefas que me foram propostas tanto pela Direcção, Departamento/grupo disciplinar como pelos concelhos de turma ou colegas de escola.</p> <p>No início do ano lectivo elaborei o estudo dos cursos profissionais relativos a exames, assiduidade, aprovação/reprovação e outras questões pertinentes, usando para isso a Estatística como base, elaborando gráficos que à posteriori foram apresentados aos directores de turma/Curso dos referidos cursos profissionais, tarefa esta proposta por um elemento da Direcção, que prontamente aceitei realizar.</p> <p>Fui profissional ao longo do meu percurso como docente e este ano não poderia ser diferente, cumpri sempre o meu horário, fui assídua e pontual, factor que contribuiu para cumprir todas as planificações elaboradas, fazendo sempre que necessário adaptações fundamentais à turma em questão respeitando sempre a individualidade dos alunos. Quando foi necessário, por necessidades próprias, da turma ou de colegas, fez-se a permuta de aula devidamente autorizada pelos órgãos de gestão da escola.</p> | 2º e 3.º | Dossier de grupo |

| | | | |
|---------------------------------------|---|---------|---|
| Vertente Profissional, Social e Ética | <p>No que diz respeito às aulas de apoio, foi combinado com os alunos um horário de modo a que todos pudessem frequentar as mesmas. Incentivei todos os alunos a frequentar essas aulas, mesmo aqueles que não estavam referenciados para tal. Durante todo o ano lectivo disponibilizei ainda um horário fixo para os alunos do 11ºG a fim de esclarecer eventuais dúvidas, ficando marcada como se de uma aula de apoio se tratasse, como ainda o objectivo de melhorar o desempenho dos alunos. A frequência dos alunos foi muito satisfatória, e embora o carácter fosse facultativo, os alunos compareceram assiduamente, havendo uma clara melhoria nos resultados de alguns alunos que este ano conseguiram melhorar o seu aproveitamento.</p> <p>A nível das actividades levadas a cabo nesta escola, a minha participação foi feita de acordo com o Plano Anual de Actividades elaborado a nível de departamento e aprovado em Conselho Pedagógico. Também colaborei com os meus colegas espontaneamente e/ou quando solicitada, quer na planificação quer na sua realização.</p> <p>Ao nível do Departamento, participei sempre na discussão inerente às nossas práticas lectivas (planificações, critérios de avaliação, elaboração conjunta de materiais), bem como na planificação de actividades, dando sugestões, desempenhando as tarefas que me foram confiadas, respeitando os prazos estabelecidos. Secretariei uma reunião, devido à rotatividade entre os seus membros para a função de secretário.</p> <p>Colaborei com os Directores de Turma em todas as actividades propostas, bem como na realização do Projecto Curricular de Turma, Planos de Recuperação de Módulos e Planos de Recuperação de Faltas. Nos Conselhos de Turma, mantive-me informada e partilhei o conhecimento que detinha dos alunos, colaborando na definição de estratégias conjuntas que dessem resposta aos problemas detectados e/ou surgidos com o objectivo de colmatar as suas dificuldades e a atingirem o sucesso. Ajudei sempre dentro e fora do horário lectivo e mostrei sempre disponibilidade para tal. Presidi as reuniões do 11º G nas quais preparei com antecedência o material para os conselhos de turma de modo a estes decorrerem de modo satisfatório. Cumpri com as tarefas que me foram atribuídas tanto ao nível administrativo (análise mapa faltas, contactos com os Encarregados de Educação, contagem de faltas para efeitos de PIT, comunicação aos elementos do Conselho de Turma de situações importantes), quer ao nível pedagógico (alertar os alunos para determinadas questões relacionadas com a falta de assiduidade e problemas de comportamento, diálogo com os alunos sobre o dever no cumprimento das regras constantes no Regulamento Interno da Escola, procurar saber as causas da desmotivação e, quando apropriado, encaminhá-los para outros percursos).</p> <p>Particpei activamente nas reuniões do Conselho de Directores de Turma, de acordo com a ordem de trabalhos estabelecida.</p> <p>Procurei cooperar com todos os professores de modo a contribuir para a formação académica e pessoal dos alunos.</p> <p>Assumi o compromisso de promover o desenvolvimento integral do aluno e investir na qualidade das suas aprendizagens e do desenvolvimento pessoal e cívico dos alunos. Usei sempre como referência o Regulamento Interno da Escola e todas as normas e circulares que ao longo do ano fui recebendo.</p> <p>Contribuí, juntamente com os demais professores das turmas de trabalho, ideias e opiniões para a formação dos meus alunos,</p> | 2º e 3º | Livro de Ponto (de turma e individual) |
|---------------------------------------|---|---------|---|

| | | | |
|--|--|---------|---|
| Vertente Profissional, Social e Ética | <p>proporcionando-lhes uma integração e desenvolvimento pessoal e social. Durante as horas da componente não lectiva, dialoguei com os professores das várias turmas comuns e sempre me disponibilizei para dar apoio aos alunos tanto para tirar dúvidas como no apoio informal a pequenos grupos com dificuldades.</p> <p>Procurei organizar/aplicar estratégias de ensino adequadas às necessidades e ritmos de aprendizagem dos alunos, promovendo ambientes de aprendizagem em que predominou uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento e, de igual modo, onde o aluno foi sujeito interactivo e activo no processo de construção do seu conhecimento.</p> <p>Fui concebendo e implementando estratégias de avaliação diversificadas, mantendo os alunos informados sobre os seus progressos e necessidades de melhoria, utilizando processos de monitorização do desempenho dos mesmos e reorientando as estratégias de ensino em conformidade.</p> <p>Uso uma linguagem cientificamente correcta e adequada com os alunos procurando uma comunicação rigorosa e efectiva.</p> | 2º e 3º | Relatório de Aulas Assistidas |
| | <p>A fim de reflectir e envolver-me consistentemente na construção do conhecimento profissional e no seu uso na melhoria das práticas, participei numa acção de formação designada por "A calculadora gráfica nas aulas de Matemática e Físico-Química", com a duração de 25 horas, com a classificação de 10 valores (Excelente) com a atribuição de um crédito. Esta acção de formação foi muito importante uma vez que veio colmatar algumas dificuldades no manuseamento da calculadora CASIO, calculadora esta que vários alunos das minhas turmas apresentaram na sala de aula e aos quais consegui prestar o devido apoio.</p> <p>Mantenho sempre uma posição de crítica (construtiva) quanto às práticas lectivas e mantenho-me informada face às políticas educativas, lendo todos os documentos facultados em tempo útil a fim de mobilizar o conhecimento adquirido na melhoria do meu desempenho.</p> | 1º | Anexo 1 – Cópia do Certificado da Acção de Formação |

| Dimensão | Reflexão | Domínio | Evidências |
|--|--|----------------|---------------------------------------|
| Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem | <p>Ao nível do Departamento, como foi referido anteriormente, participei sempre na discussão inerente às nossas práticas lectivas, elaborando em conjunto (como é tradição no grupo de Matemática ao longo dos anos) planificações, critérios de avaliação, materiais e fichas, bem como planificação de actividades, dando sugestões e desempenhando as tarefas que me foram confiadas, respeitando sempre os prazos estabelecidos.</p> <p>A preparação e organização das actividades lectivas tiveram sempre em atenção o rigor científico, pedagógico e didáctico inerente à Matemática, usando propostas de actividades diversificadas e meios e recursos inovadores, sempre que adequados e possíveis (quadro interactivo, calculadoras gráficas, Geogebra, Power Point). Para isso, contamos com a ajuda de todos os elementos do grupo disciplinar, em particular e com mais incidência, dos professores que leccionavam o mesmo ano, adequando as estratégias aos diferentes alunos e contextos. Foram concebidas e aplicadas estratégias de ensino adequadas às necessidades dos alunos e a comunicação foi feita com rigor e eficácia.</p> | 1º e 2º | Relatório e actas de aulas assistidas |

| Dimensão | Reflexão | Domínio | Evidências |
|---|---|---------|--|
| Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem | <p>Na preparação das actividades lectivas tive sempre em conta o facto de já conhecer três das quatro turmas destinadas e por isso saber os conhecimentos e aprendizagens anteriores dos alunos, proporcionando assim criar estratégias que foram ao encontro das necessidades específicas dos alunos e do seu ritmo de aprendizagem, da natureza dos conteúdos e das competências a desenvolver.</p> <p>Durante a componente lectiva, dei um apoio mais individualizado, sempre que possível, na sala de aula, tentei estabelecer uma relação de empatia, desinibição e motivação com os alunos, proporcionei ambientes de aprendizagem onde predominassem o respeito mútuo e a interacção, ambiente em que os alunos se sentissem respeitados e ao mesmo tempo respeitassem o professor, esclarecessem dúvidas e colocassem questões. Elaborei um conjunto de materiais para consolidar aprendizagens que permitiam colmatar dificuldades reveladas pelos alunos, disponibilizando os mesmos no correio electrónico da turma, criado para o efeito.</p> <p>Ao longo das aulas tentei proporcionar vários momentos de desenvolvimento cognitivo e criatividade dos alunos, usando actividades introdutórias (quer em formato de ficha, apresentação ou mesmo usando programas como o Geogebra) que proporcionassem não só a compreensão do conteúdo mas também obtivessem por si sós conclusões.</p> <p>Ao longo do ano lectivo, concebi e implementei estratégias de avaliação diversificadas e rigorosas, monitorizei o desenvolvimento das aprendizagens, reflecti sobre os resultados dos alunos e mantive-os regularmente informados sobre os processos e necessidades de melhoria.</p> | 1º e 2º | <p>Relatório e actas de aulas assistidas</p> <p>Site do Grupo de Matemática http://sites.google.com/a/espaga.pt/matematica</p> |
| | <p>No início do ano lectivo foi dado a conhecer aos alunos e encarregados de educação os critérios gerais de avaliação definidos pelo C.P. e os critérios específicos da disciplina.</p> <p>Ao longo de todo o ano lectivo respeitei sempre esses critérios, elaborei (em conjunto com os colegas de grupo que leccionavam o mesmo ano) documentos de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa) de forma rigorosa, analisei com os alunos, em tempo útil, os resultados das aprendizagens tendo em vista a sua melhoria, mantive os registos actualizados da avaliação dos alunos, realizei a auto e hetero-avaliação incentivando-os a uma reflexão crítica e construtiva e propus outras tarefas aos alunos em função dos erros e dificuldades identificados tendo em vista a melhoria dos resultados.</p> <p>Procedi à observação constante e directa do desempenho e envolvimento dos alunos na realização de tarefas e projectos na sala de aula. Apelei para que estes tivessem sempre uma participação activa no decorrer da aula, expondo as suas ideias, sugestões, dúvidas e dificuldades. Julguei com imparcialidade, beneficiando sempre o aluno quando tive dúvidas na atribuição da avaliação final. Estive sempre atento/a às suas dificuldades e mostrei-me disponível às suas solicitações dentro e fora da sala de aula.</p> <p>Como foi referido anteriormente, foi criado um correio electrónico destinado a todos os alunos das minhas turmas a fim de ser possível contactar alunos/professora sempre que fosse necessário.</p> | 2º e 3º | <p>Anexo 2 Exemplar de folha de avaliação usando os critérios específicos da disciplina</p> <p>Livro de Ponto (de turma e individual)</p> |

| | | | |
|--|---|--|--|
| Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem | <p>Várias fichas de apoio foram enviadas e mesmo esclarecimento de dúvidas foram efectuados. Além disso, todos os materiais elaborados foram colocados no site do grupo de Matemática para, mais uma vez, proporcionar aos alunos a sua consulta.</p> <p>A escola esteve ainda envolvida no projecto dos Testes Intermediários do GAVE, ao qual estive responsável pela organização do segundo teste intermédio em colaboração com a docente Isabel, tratando de toda a logística inerente.</p> | | |
|--|---|--|--|

| Dimensão | Reflexão | Domínio | Evidências |
|--|--|-------------|---|
| Participação na Escola e Relação com a Comunidade Educativa | <p>Como já foi referido anteriormente, a nível de departamento, participei sempre de forma activa na construção/discussão de documentos orientadores, respondi a questionários de avaliação da escola e sempre que conveniente, apresentei propostas que visavam melhorar o desempenho da escola, por exemplo a reflexão sobre assuntos como os exames dos profissionais (e o estudo que elaborei referido anteriormente) e matrículas dos respectivos alunos. Facultei ainda um documento (grelha de registo de DT) que elaborei à Coordenadora dos Directores de Turma a fim de poder ser usada pelos restantes DT's. Considero ainda que contribui para a eficácia das estruturas, de coordenação educativa em que participo, especialmente nos Conselhos de Turma e Departamento de Ciências Exactas.</p> <p>Colaborei na elaboração e avaliação das actividades do Plano Anual de Actividades, participando mais activamente nas seguintes actividades:</p> <p>Divulguei junto dos meus alunos e incentivei à participação nas "Olimpíadas da Matemática".</p> <p>Participei na organização e dinamização do "Problema do Mês".</p> <p>Integrei o Clube de Teatro dinamizando muitas actividades em conjunto com o docente Augusto, as quais estão registadas no relatório final de ano e nos relatórios das actividades que durante o ano foram entregues, participando activamente no clube de teatro e dinamizando-o, incentivando os alunos a colaborar e a integrar o grupo. O clube de teatro levou a cena mais do que uma vez peça de teatro "Ressonar sem Dormir" durante o ano lectivo. A peça de teatro foi ainda apresentada numa outra escola, Escola Profissional Gil Eanes de Portimão. O grupo de teatro criou ainda uns pequenos momentos de descontração na mostra formativa decorrida na escola.</p> <p>A fim de investir num maior envolvimento de pais e encarregados de educação no meio escolar, o grupo de teatro resolveu, no dia 9 Junho, proporcionar mais um momento de boa disposição, levando a cena mais uma vez a peça "Ressonar sem Dormir" onde o público-alvo foram em primeiro lugar os encarregados de educação, familiares e amigos inerentes aos elementos do clube de teatro, bem como os docentes e auxiliares de educação da escola. Os alunos ficam sempre mais motivados e os seus pais e amigos tomam conhecimento do trabalho ao longo do ano.</p> | 1º, 2º e 3º | Plano Anual de Actividades Relatórios de actividades |

Anexo 40 – Ficha PADES

PADES - 2005/06

| | |
|--|---------------------------|
| Nome - Paula Alexandra Correia Felícia | Disc. – Matemática |
| Escola – Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva | |
| Concelho – Vila da Ribeira Brava | Ilha – S. Nicolau |
| Anos letivos no PADES e escola onde exerceu atividade: 2005/2006 Escola Secundária Baltazar Lopes da Silva – Ribeira Brava – S. Nicolau | |
| Sobre a escola : Nº total de alunos: 1865 Níveis: 6 Nº de funcionários: 11 Nº total de professores: 57 Nº de profs. da disciplina: 10 Nº de profs. sem habilitação académica para a disciplina que leciona: 1 Nº de profs. em vias de obter formação académica p/ a disciplina que lecionam: 1 | |
| 2005/06 - Horário atribuído Docência: 20 h Direção de turma 0h Coordenação de disciplina: 2 h Outras atividades: 0h | |
| Níveis, turmas atribuídas e nº de alunos por turma: 7º ano, turma B, 41 alunos; 7º ano, turma D, 42 alunos; 7º ano, turma E, 41 alunos 8º ano, turma C, 36 alunos; 8º ano, turma E, 37 alunos | |
| Funções desempenhadas: É coordenador de disciplina? Não Tem funções diretivas? Sim, Diretora de Turma do 7º E É responsável pela biblioteca? Não Outras funções: Responsável pelo grupo de teatro “Zé Pakofi” em conjunto com a professora cooperante Elsa Ferreira. | |

Caracterização das suas turmas:

7º B - Rapazes: 18 / Raparigas: 21

Média de idades: 12 anos

Comportamento: razoável

Aproveitamento: Abaixo da média

8º C – Rapazes: 20 / Raparigas: 16

Média de idades: 14 anos

Comportamento: razoável

Aproveitamento

7º D - Rapazes: 24 / Raparigas: 18

Média de idades: 12 anos

Comportamento: razoável

Aproveitamento: Bom

8º E – Rapazes: 17 / Raparigas: 19

Média de idades: 14 anos

Comportamento: razoável

Aproveitamento: Bom

Abandono: 1 aluno

7º E - Rapazes: 20 / Raparigas: 21

Média de idades: 12 anos

Comportamento: razoável

Aproveitamento: Bom

Principais **constrangimentos** ao seu trabalho:

- ⇒ Falta de material didático disponível para uma melhor consecução das aulas, bem como as salas de aula danificadas, com bastantes carências, tendo mesmo que recorrer a salas da EBI para lecionar (estas ficam fora do recinto escolar, perto do Polivalente, o que implica um excesso de barulho no exterior da sala de aula);
- ⇒ Desorganização do grupo disciplinar, tanto a nível de coordenação, como de esclarecimentos, métodos de trabalho, cooperação nas atividades extra curriculares;
- ⇒ Falta de informação, por parte do grupo disciplinar, bem como da direção, relativamente ao tipo de trabalho que era necessário executar.

A escola tem **biblioteca** a funcionar normalmente? Sim

Está bem apetrechada? Sim

Os alunos têm acesso direto aos livros? Sim

Principais carências bibliográficas: Livros sobre História, Cultura e Literatura Cabo-verdianas.

Qual o horário de funcionamento? Manhã: 8h-12h Tarde: 14h-18h

Tem empréstimo domiciliário? Sim

Quem é o responsável pela biblioteca? Francisco Lubrano (Subdiretor Pedagógico)

Quantos alunos a frequentam, em média, por dia (aprox.)? Sem dados

Quantos professores, em média (aprox.)? Sem dados

A escola tem **sala de informática**? Sim

A sala é usada fora das aulas de informática? Não

Por quem? _____

Quantos computadores possui? 13 Qtas impressoras? 0

Os PC estão normalmente todos operacionais? 12

Quem é responsável pela sua manutenção? João Domingos Rodrigues

A escola tem **laboratórios**? De que disciplinas? Não

Está bem equipado? _____

É utilizado normalmente? _____

Os profs. estão preparados para os utilizarem? _____

Principais carências dos laboratórios

Teve oportunidade de desenvolver atividades **fora da sala de aula**? Sim

Quais?

- ⇒ Preparação das atividades de final de trimestre: Peddy Paper cujos prémios (máquinas de calcular científicas) foram oferecidos pelo projeto PADES. Os alunos adoraram participar e tiveram uma alegria enorme de ter recebido tal prémio, já que será útil durante o percurso letivo;
- ⇒ Execução de Atividades extra curriculares: Problema do Mês;
- ⇒ Criação de um grupo de teatro com alunos da escola, em conjunto com a também professora cooperante Elsa Ferreira.

Outros projetos na escola:

Tem conhecimento de outros projetos na escola? Sim

Quais? Projeto de intercâmbio/cooperação entre a escola e a Escola Secundária de Paredes (Portugal)

Quem são os executores? As Direções de ambas as escolas, por intermédio da professora cooperante Ana Couto

Em que área atuam (formação de professores, cultura, ambiente, etc.)

Dispõem de espaço próprio? _____

Desde quando? _____